

UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO

THE NEW YORKER ▲ TIME ▲ THE WASHINGTON POST ▲ ENTERTAINMENT WEEKLY

EMILY ST. JOHN MANDEL

AUTORA DE ESTAÇÃO ONZE

O HOTEL
DE
VIDRO

UM DOS LIVROS PREFERIDOS DE
BARACK OBAMA

UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO

THE NEW YORKER ▲ TIME ▲ THE WASHINGTON POST ▲ ENTERTAINMENT WEEKLY

EMILY ST. JOHN MANDEL

AUTORA DE ESTAÇÃO ONZE

O HOTEL
DE
VIDRO

UM DOS LIVROS PREFERIDOS DE
BARACK OBAMA

 EDITORIAL PRESENÇA

EMILY ST. JOHN MANDEL

O HOTEL
DE
VIDRO

TRADUÇÃO DE MARTA MENDONÇA



 EDITORIAL PRESENÇA

Título original: *The Glass Hotel*
Autora: *Emily St. John Mandel*
Copyright © 2020 by Emily St. John Mandel
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2021
Tradução: *Marta Mendonça*
Revisão: *Inês Guerreiro/Editorial Presença*
Design da capa: *Mel Four/Picador Art Department*
Fotografia © Jesse Morrow/Stocksy
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
1.^a edição em papel, Lisboa, julho, 2021

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

Para Cassia e Kevin

**PRIMEIRA
PARTE**

1

VINCENT NO OCEANO

Dezembro de 2018

1

Começar pelo fim: cair da amurada do navio em plena escuridão feroz da tempestade, a respiração cortada pelo choque da queda, a minha câmara de vídeo a voar pela chuva...

2

Arrebata-me. Palavras escrivinhadas numa janela quando eu tinha treze anos. Recuei e deixei o marcador cair-me da mão, e ainda recordo a exuberância desse instante, a sensação no peito como luz cintilando em vidro esmagado...

3

Terei vindo à superfície? O frio é aniquilador, o frio é tudo o que existe...

4

Uma estranha recordação: parada à beira-mar em Caiette, quando tinha treze anos, a câmara de vídeo novinha em folha, fria e estranha nas minhas mãos, filmando as ondas em intervalos de cinco minutos, e enquanto filmo ouço a minha própria voz sussurrar: «Quero ir para casa, quero ir para casa, quero ir para casa.» Mas onde é a minha casa senão aí?

5

Onde estou? Nem dentro nem fora do oceano, já não sinto o frio, aliás, já não sinto nada, estou ciente da existência de uma fronteira,

mas não sei de que lado estou e pelos vistos consigo deslocar-me entre recordações como se passasse de uma divisão à seguinte...

6

«Bem-vinda a bordo», disse o terceiro- imediato da primeira vez que subi a bordo do *Neptune Cumberland*. Assim que olhei para ele, percebi algo e pensei: «Tu...»

7

Está a acabar-se-me o tempo...

8

Quero ver o meu irmão. Estou a ouvi-lo falar comigo, e as minhas recordações dele provocam-me alguma agitação. Concentro-me muito e de repente estou parada numa rua estreita, na escuridão, à chuva, numa cidade estrangeira. Um homem está sentado meio curvado à entrada de uma porta, mesmo à minha frente, e não vejo o meu irmão há uma década, mas sei que é ele. O Paul ergue o olhar, e ainda tenho tempo para reparar que está com péssimo aspeto, magro e de rastos, e ele vê-me, mas depois a rua tremeluz e desaparece...

VOU SEMPRE TER CONTIGO

1994 e 1999

1

No final de 1999, Paul estava a estudar Economia na Universidade de Toronto, algo que deveria ter sentido como uma espécie de triunfo, mas a verdade era que estava tudo errado. Quando era mais novo, convencera-se de que se licenciaria em Composição Musical, mas vendera o seu teclado durante uma fase complicada há uns anos, e a mãe recusava-se a entreter a ideia de um curso pouco prático, e, depois de uma série de desintoxicações dispendiosas, não a podia censurar por isso, pelo que se matriculara num curso de Economia a pretexto de que isso representava um passo em frente prático e impressionantemente adulto — «Olhem para mim, a aprender sobre mercados e sobre as movimentações do dinheiro!» —, mas a única falha nesse plano brilhante era o facto de considerar a temática fatalmente desinteressante. O século estava a chegar ao fim, e ele tinha algumas queixas.

Esperara, no mínimo, poder introduzir-se num contexto social decente, mas o problema de desistir do mundo é que este continua sem nós, e, entre o tempo despendido com uma substância que nos absorve por completo, o tempo despendido a trabalhar em lojas desmoralizantes enquanto tentava não pensar na substância e o tempo despendido em hospitais e clínicas de reabilitação, Paul já estava com 23 anos e parecia mais velho. Nas primeiras semanas de faculdade, foi a festas, mas nunca tivera muito jeito para meter conversa com estranhos, e todos lhe pareciam incrivelmente jovens. Os exames a meio do ano correram-lhe mal, pelo que em finais de outubro passou o tempo inteiro ou na biblioteca — a ler, esforçando-se por se interessar por Economia, tentando contrariar os resultados — ou no quarto, enquanto a cidade em volta ficava cada vez mais

fria. O quarto era individual, pois uma das poucas coisas em que ele e a mãe tinham concordado era que seria um desastre se Paul tivesse um colega de quarto e este andasse metido em opioides, por isso estava quase sempre sozinho. O quarto era tão pequeno que se sentia claustrofóbico caso não se sentasse diretamente em frente à janela. As suas interações com outras pessoas eram escassas e superficiais. Havia uma nuvem negra de exames no horizonte próximo, mas estudar era absolutamente escusado. Tentava insistentemente concentrar-se na teoria da probabilidade e nas martingalas em tempo discreto, mas os seus pensamentos desviavam-se para uma composição para piano que sabia que jamais iria terminar, uma coisa em Dó Maior perfeitamente básica, mas com ligeiras flutuações de acordes menores desestabilizadores.

No início de dezembro, deixou a biblioteca ao mesmo tempo que Tim, que tinha duas cadeiras com ele e também preferia a última fila do anfiteatro.

— Vais fazer alguma coisa logo à noite? — perguntou-lhe Tim. Era a primeira vez em muito tempo que alguém lhe perguntava alguma coisa.

— Estava com esperança de encontrar música ao vivo algures. — Paul não pensara naquilo antes de o proferir, mas parecia-lhe a direção certa para essa noite. O rosto de Tim iluminou-se um pouco. A única conversa que tinham tido antes dessa fora também sobre música.

— Gostava de ir ver uma banda chamada Baltica — disse Tim —, mas tenho de estudar para os exames finais. Conheces?

— Os exames finais? Sim, estão prestes a lixar-me a vida.

— Não. Os Baltica. — Tim piscou os olhos, exibindo uma expressão confusa. Paul recordou algo que notara antes, o facto de Tim não parecer compreender humor. Era como falar com um antropólogo de outro planeta. Paul achava que esse facto deveria ter criado uma espécie de abertura para uma possível amizade, mas não conseguia imaginar como começaria tal conversa — «Não pude deixar de reparar que estás tão alienado como eu. Podemos partilhar apontamentos?» —, e, além disso, Tim já estava a afastar-

se na direção da noite escura de outono. Paul recolheu edições dos semanários alternativos das caixas de jornais junto ao refeitório e regressou ao quarto, onde pôs a tocar a Quinta Sinfonia de Beethoven para lhe fazer companhia e depois perscrutou o cartaz de espetáculos até encontrar os Baltica, que iriam dar um concerto no final dessa noite numa sala de que nunca ouvira falar, algures na esquina da Queen com a Spadina. Quando fora a última vez que ouvira música ao vivo? Paul espetou o cabelo para cima, depois baixou-o, mudou de ideias e voltou a espetá-lo, experimentou três camisas diferentes e deixou o quarto antes de poder fazer mais alterações, desgostoso com a sua indecisão. A temperatura estava a baixar, mas havia algo de purificante no ar frio, e o exercício era uma recomendação terapêutica que andava a ignorar, pelo que decidiu ir a pé.

A sala ficava numa cave por baixo de uma loja de roupa gótica, ao fundo de um lanço de escadas íngreme. Permaneceu no passeio por uns minutos assim que reparou nisso, receando poder tratar-se de um clube gótico — todos se ririam das suas calças de ganga e camisa polo —, mas o segurança mal pareceu reparar nele, e o público era composto por 50% de vampiros apenas. Os Baltica eram um trio: um tipo com um baixo, outro tipo que manuseava um sem-fim de instrumentos eletrónicos ligados a um teclado e uma rapariga com um violino elétrico. O que estavam a fazer em palco assemelhava-se mais a um rádio avariado do que propriamente a música, uma série de explosões de estática estranhas e de notas desconexas, o tipo de música eletrónica ambiente dispersa que Paul, toda a vida fanático de Beethoven, não compreendia de todo, mas a rapariga era lindíssima, pelo que não se importou. Mesmo que não gostasse da música, podia ao menos entreter-se a olhar para ela. A rapariga aproximou-se do microfone e cantou: «Vou sempre ter contigo.» Mas havia um eco — o tipo do teclado carregara num pedal —, pelo que soou

Vou sempre ter contigo, ter contigo, ter contigo

e era verdadeiramente dissonante, a voz com as notas do teclado e as explosões de estática, mas então a rapariga ergueu o violino, e este revelou ser o elemento em falta. Assim que fez deslizar o arco, a nota funcionou como uma ponte entre ilhas de estática, e Paul percebeu como tudo se ligava, o violino, a estática e o suporte indefinido do baixo; por momentos foi empolgante, mas depois a rapariga baixou o violino, e a música reverteu para os mesmos componentes dissonantes, e Paul deu por si a interrogar-se mais uma vez sobre como era possível alguém ouvir aquilo.

Mais tarde, quando a banda se encontrava a beber no bar, Paul esperou que a violinista não estivesse a conversar e aproximou-se.

— Com licença — disse-lhe —, era só para te dizer que adoro a vossa música.

— Obrigada — replicou a violinista. Sorriu, mas da típica maneira contida das raparigas incrivelmente belas que sabem o que vem a seguir.

— Foi mesmo fantástico — disse Paul ao baixista, com o intuito de baralhar as expectativas e de apanhar a rapariga desprevenida.

— Obrigado, pá. — O baixista esboçou um sorriso que fez Paul suspeitar de que estava pedrado.

— Já agora, sou o Paul.

— Theo — retorquiu o baixista. — Aqueles são o Charlie e a Annika.

Charlie, o teclista, acenou com a cabeça e ergueu a cerveja, e Annika observou Paul por cima do rebordo do copo.

— Posso fazer-vos uma pergunta um pouco estranha? — Paul queria muito voltar a ver Annika. — Sou novo aqui na cidade e não conheço nenhum sítio onde ir dançar.

— Vai à Richmond Street e vira à esquerda — respondeu-lhe Charlie.

— Não é isso, quero dizer, já fui a alguns sítios nessa zona, mas é muito difícil encontrar um lugar onde a música não seja uma treta, e queria saber se me poderiam recomendar algum...?

— Ah. Sim. — Theo bebeu o resto da cerveja de um trago. — Experimenta o System Sound.

— Mas ao fim de semana nem pensar — disse Charlie.

— Sim, meu, não vás lá ao fim de semana. As terças à noite são muito porreiras.

— As terças à noite são do melhor — concordou Charlie. — De onde és?

— Dos subúrbios mais profundos — retorquiu Paul. — Terças à noite no System. Muito obrigado, hei de experimentar. — Então virou-se para Annika e disse: — Quem sabe encontramos-nos por lá. — E depois deu meia-volta muito rapidamente para não ver o desinteresse dela, que sentiu como um vento frio nas costas durante todo o percurso até à porta da rua.

Na terça-feira após os exames — três 15 e um 14 — liberdade condicional académica —, Paul foi ao System Soundbar e dançou sozinho. Não gostou particularmente da música, mas sabia-lhe bem estar no meio de uma multidão. As batidas eram complicadas, e não tinha a certeza de como dançar ao ritmo das mesmas, pelo que se limitou a dar passos à frente e atrás com uma cerveja na mão, tentando não pensar em nada. Não era esse o objetivo das discotecas? Esbater os pensamentos com álcool e música? Esperara encontrar Annika, mas não a via na multidão, nem aos restantes membros dos Baltica. Estava constantemente à procura deles, e eles estavam constantemente ausentes, até que por fim comprou uma pequena embalagem de comprimidos com um tom azul-vivo a uma rapariga com o cabelo cor-de-rosa, porque E não era heroína e portanto não contava, mas havia algo errado com os comprimidos ou algo errado com Paul: com uma dentada, cortou um ao meio e engoliu-o, apenas uma metade. Não sentiu nada, por isso engoliu a outra metade com cerveja, mas depois a sala desatou a rodar, ele começou a transpirar, o coração deu um salto, e por breves instantes convenceu-se de que ia morrer. A rapariga do cabelo cor-de-rosa desaparecera. Paul encontrou um banco encostado a uma parede.

— Então, pá, estás bem? Estás bem? — Alguém estava ajoelhado diante dele. Decorrera uma quantidade de tempo considerável. A multidão desaparecera. As luzes estavam acesas, e essa luminosidade era terrível, essa luminosidade transformara o

System numa sala rasca com pequenas poças de um líquido não identificado a cintilarem na pista de dança. Um tipo mais velho com um olhar mortiço e uma série de *piercings* andava de um lado para o outro com um saco do lixo, a recolher garrafas e copos, e depois da intensidade da música, o silêncio soava como um verdadeiro rugido, um vazio. O homem ajoelhado diante de Paul era da gerência da discoteca, envergando calças de ganga, *T-shirt* dos Radiohead e um blazer típico da gerência das discotecas.

— Sim, estou bem — respondeu-lhe Paul. — Peço desculpa, acho que bebi de mais.

— Não sei o que tomaste, pá, mas não te caiu nada bem — disse o tipo da gerência. — Estamos a fechar, desaparece daqui. — Paul levantou-se algo cambaleante e saiu, lembrando-se já depois de estar na rua de que deixara o casaco no bengaleiro, mas a porta já fora trancada atrás de si. Sentia-se envenenado. Cinco táxis vazios passaram por ele, até que o sexto parou. O motorista era um abstémio prosélito que lhe deu uma lição de moral sobre alcoolismo durante todo o caminho de regresso ao *campus*. Paul queria tanto enfiar-se na cama que cerrou os punhos e não abriu a boca até o táxi parar finalmente junto ao passeio, altura em que pagou — nada de gorjetas — e disse ao motorista que se deixasse de moralismos de merda e voltasse para a merda da Índia.

— Ouça, quero deixar bem claro que já não sou essa pessoa — disse Paul a um dos orientadores de uma clínica de reabilitação em Utah, vinte anos depois. — Estou apenas a tentar ser sincero sobre quem era nessa altura.

— Sou do Bangladesh, seu palerma racista — respondeu-lhe o motorista do táxi, deixando Paul no passeio, onde este se ajoelhou cuidadosamente e vomitou. De seguida, cambaleou até ao edifício da sua residência, estupefacto com a dimensão do desastre. Enfrentando grandes adversidades, conseguira entrar para uma excelente universidade e agora, em dezembro do seu primeiro ano, já estava acabado. Já estava a falhar, no primeiro semestre. «Tens de te preparar para a desilusão», dissera-lhe um terapeuta em

tempos, mas não conseguia preparar-se para nada, fora sempre esse o seu problema.

Duas semanas mais tarde, após o fiasco das férias de Natal — a terapeuta da mãe aconselhara-a a afastar-se do filho, a arranjar tempo para ela e a dar a Paul a oportunidade de se comportar como um adulto, etc., pelo que fora passar o Natal com a irmã a Winnipeg e não convidara Paul; este passara o dia de Natal sozinho no quarto, tendo ligado ao pai para uma conversa algo desconfortável em que mentira sobre tudo e mais alguma coisa, tal como nos velhos tempos — até 28 de dezembro, o nadir dessa semana morta entre o Natal e o Ano Novo, altura em que se vestiu a rigor e regressou ao System Soundbar, numa terça-feira à noite, cabelo penteado para trás com gel, camisa abotoada que comprara de propósito para o efeito. Envergava as mesmas calças de ganga que usara da última vez que ali estivera e só quando chegou à discoteca se lembrou de que ainda tinha a pequena embalagem de comprimidos azuis num dos bolsos da frente.

Entrou no System, e lá estavam os membros dos Baltica, Annika, Charlie e Theo, parados junto ao bar. Provavelmente tinham terminado um concerto ali perto. Era uma espécie de sinal. Estaria Annika mais bela desde a última vez que a vira? Parecia-lhe possível que assim fosse. A sua vida universitária estava praticamente concluída, mas, quando olhava para ela, via uma nova versão da realidade, outro tipo de vida que talvez pudesse levar. Achava que não era, objetivamente, um tipo malparecido. Tinha algum talento para a música. Talvez o seu passado fizesse dele uma pessoa interessante. Havia uma versão do mundo em que namorava Annika e era, sob vários aspetos, uma pessoa de sucesso, ainda que não tivesse grande jeito para os estudos. Poderia voltar a trabalhar no comércio, levar a coisa mais a sério dessa vez e ter uma vida decente.

— Ouça — explicou ele ao orientador em Utah, vinte anos adiante, no futuro —, é óbvio que entretanto tive tempo para pensar sobre isso e é claro que reconheço que essa linha de pensamento era disparatada e egocêntrica, mas ela era tão bonita que pensei «Vai fazer-me sair disto», no sentido de me ajudar a deixar de me sentir um fracassado...

«É agora ou nunca», pensou Paul, aproximando-se do bar cheio de coragem.

— Ei — disse Theo. — És tu. O tipo da outra vez.

— Segui o teu conselho! — respondeu-lhe Paul.

— Qual conselho? — perguntou Charlie.

— O System Soundbar, às terças.

— Ah, certo — retorquiu Charlie. — Sim, claro.

— Bem aparecido sejas, pá — disse Theo, e Paul sentiu um calorzinho no corpo. Sorriu para todos, em especial para Annika.

— Olá — cumprimentou ela, não num tom desagradável, mas com a mesma prudência irritante, como se esperasse que todos os que olhavam para ela a convidassem para sair, embora, claro está, fosse exatamente o que Paul tencionava fazer.

Charlie estava a dizer algo a Theo, que se inclinou para o ouvir melhor. (Breve retrato de Charlie Wu: um tipo pequeno com óculos e um penteado típico de escritório, vestido com camisa branca abotoada e calças de ganga, as mãos enfiadas nos bolsos e a luz refletida nos óculos, o que impedia Paul de lhe ver realmente os olhos.)

— Ouve — disse Paul a Annika. Ela olhou para ele. — Sei que não me conheces de lado nenhum, mas acho-te lindíssima e queria saber se me deixas levar-te a jantar um dia destes.

— Não, obrigada — retorquiu ela. A atenção de Theo desviara-se de Charlie para Paul, e agora observava-o atentamente, como se receasse ter de intervir; e Paul compreendeu: a noite deles correra bem até ele aparecer. Paul era o problema. Charlie estava a limpar os óculos, aparentemente abstraído, acenando com a cabeça ao som da música, ao mesmo tempo que limpava as lentes.

Paul forçou um sorriso e encolheu os ombros.

— *OK* — retorquiu —, tudo bem, é na boa, só achei que não custava nada perguntar.

— Nunca custa nada perguntar — concordou Annika.

— Estão numa de tomar E? — perguntou Paul.

— Sei lá — disse ele ao orientador, vinte anos depois —, para ser sincero, não sei que ideia foi a minha. Toda a minha memória é uma

espécie de branca, não sabia o que ia dizer antes de o dizer...

— Não é nada a minha cena — justificou-se Paul, porque agora estavam todos a olhar para ele —, quer dizer, não faço juízos de valor, só nunca tive muito interesse, mas a minha irmã deu-me isto. — Exibiu a pequena embalagem na palma da mão. — Não os quero vender, também não é a minha onda, mas acho que seria um desperdício deitá-los pela sanita abaixo, por isso perguntei.

Annika sorriu.

— Acho que experimentei esses na semana passada — disse ela. — Eram exatamente da mesma cor.

— Agora percebe por que motivo nunca lhe contei esta história antes — disse Paul ao orientador, vinte anos depois do System Soundbar. — Não sabia que os comprimidos eram maus. Estava convencido de que tinha tido uma má reação, entende, como se o meu sistema estivesse lixado por ter largado os opioides ou isso, e não que os comprimidos fizessem mal a todas as pessoas que os experimentassem, quanto mais...

— Bem, podem ficar com eles, se quiserem — disse a esse grupo que, à semelhança de todos os grupos com que se cruzara ao longo da vida, iria rejeitá-lo, e Annika sorriu, enquanto lhe tirava a embalagem da mão. — Vemo-nos por aí — disse ele dirigindo-se a todos, mas em especial a ela, porque às vezes «Não, obrigada» significa «Agora não, talvez noutro dia», ainda que os comprimidos, os comprimidos, os comprimidos...

— Obrigada — agradeceu-lhe ela.

— Bem, só aquela reação dela... — disse Paul ao orientador. — O senhor está a olhar para mim com esse ar, mas fiquei mesmo convencido de que ela já tinha experimentado os comprimidos na semana anterior, como me disse, e a maneira como sorriu fez-me pensar que tinha tido uma boa reação, que tinha gostado mesmo deles, ou seja, que o que me aconteceu quando os experimentei só podia ter sido uma má reação, como já disse, não algo que também aconteceria... Ouça, sei que estou a ser repetitivo, mas preciso que compreenda que nunca poderia ter previsto, quer dizer, sei como isto soa, mas sinceramente não fazia a menor ideia de que...

Depois de Paul se ter afastado, Annika pegou num comprimido e deu os outros dois a Charlie, cujo coração parou meia hora depois, na pista de dança.

2

É fácil desvalorizar o histerismo do ano 2000 em retrospectiva — quem ainda se recorda? —, mas o risco de colapso parecia real, na altura. Ao soar a meia-noite no dia 1 de janeiro de 2000, diziam os peritos, as centrais elétricas nucleares corriam o risco de entrar em fusão quando a avaria informática fizesse disparar bandos de mísseis por cima dos oceanos, a rede colapsasse e aviões caíssem do céu. Mas, para Paul, o mundo já colapsara, pelo que, três dias depois da morte de Charlie Wu, estava parado junto a uma cabine telefónica pública, no terminal das chegadas no aeroporto de Vancouver, tentando contactar a sua meia-irmã, Vincent. Tivera dinheiro suficiente para fugir de Toronto, mas já não lhe restava quase nada para o resto, pelo que o plano consistia em submeter-se à misericórdia da tia Shauna, que, segundo a sua vaga memória de infância, tinha uma casa enorme com imensos quartos de hóspedes. Ainda que não visse Vincent há cinco anos, desde que ela tinha treze anos e ele dezoito, logo após o falecimento da mãe dela, e embora também não visse Shauna há uns, quê, onze anos? Todos esses pensamentos lhe passavam pela cabeça enquanto o telefone tocava incessantemente na casa da tia. Passou um casal que envergava camisolas idênticas onde se lia «Party Like It's 1999»¹, e só então lhe ocorreu que era Véspera de Ano Novo. As últimas 72 horas tinham tido algo de alucinatório. Não andava a dormir o suficiente. Pelos vistos, a tia não tinha atendedor de chamadas. Havia uma lista telefónica na prateleira por baixo do telefone, onde encontrou a empresa de advocacia onde ela trabalhava.

— Paul — disse a tia, depois de ter conseguido passar pela secretária dela. — Que bela surpresa. — O tom de voz era amável e cauteloso. Até que ponto estaria ela a par? Calculava que o seu nome tivesse vindo à baila ao longo dos anos. «O Paul? Ah, esse está outra vez numa clínica de reabilitação. Sim, já é a sexta vez.»

— Peço desculpa por estar a incomodá-la no local de trabalho. — Paul sentia um formigueiro atrás dos olhos. Estava extrema e infinitamente arrependido de tudo. (Tentar não pensar em Charlie Wu estendido na maca no System Soundbar, o braço a pender de lado.)

— Oh, não incomodas nada. Estás a ligar só para dizer olá ou...?

— Estou a tentar entrar em contacto com a Vincent — retorquiu Paul —, mas por alguma razão ela não me atende quando ligo para casa, por isso lembrei-me de que talvez tivesse outro número ou...?

— Ela saiu de casa há um ano. — A neutralidade calculada na voz da tia sugeria que a separação não fora amigável.

— Há um ano? Com dezasseis anos?

— Dezassete — corrigiu-o a tia, como se fizesse toda a diferença. — Foi morar com uma amiga de Caiette, uma rapariga que tinha acabado de se mudar para a cidade. Ficava mais perto do trabalho dela.

— Tem o contacto dela?

A tia tinha, sim.

— Se a vires, diz-lhe olá por mim — pediu-lhe a tia.

— Não tem falado com ela?

— Infelizmente, não nos separámos de uma forma amigável.

— Pensava que ela estaria ao seu cuidado — disse ele. — Não é a tutora legal dela?

— Ela já não tem treze anos, Paul. Não gostava de morar na minha casa nem gostava de andar no secundário, e, se tivesses passado mais tempo com ela, saberias que tentar convencer a Vincent a fazer algo que ela não quer é o mesmo que discutir com uma parede. Agora, se me dás licença, tenho de me despachar para uma reunião. Fica bem.

Paul ficou espedaçado a ouvir o sinal de toque, segurando na mão um bilhete de avião com o número de telefone de Vincent escrito no verso. Alimentara fantasias sobre ser recebido num quarto de hóspedes adicional, mas o tapete estava a ser-lhe puxado rapidamente de baixo dos pés. Tinha os fones pendurados ao pescoço, pelo que tornou a colocá-los, com mãos um pouco trémulas. Premiou a tecla PLAY no leitor de CD e deixou que os

Concertos de Brandeburgo o acalmassem. Só ouvia Bach quando estava desesperado por um pouco de ordem. «Esta é a música que me levará à Vincent», pensou, saindo à procura de um autocarro que o conduzisse à Baixa. Em que tipo de apartamento estaria Vincent a morar e com quem? A única amiga de que se lembrava era Melissa e apenas porque estava presente quando Vincent escrevera o grafíti que lhe valera uma suspensão da escola:

Arrebata-me. Palavras escritas com uma pasta fluorescente numa das janelas norte da escola, o marcador fluorescente a tremer ligeiramente na mão enluvada de Vincent. Tinha treze anos e estava em Port Hardy, na Colúmbia Britânica, uma cidade na ponta mais a norte da ilha de Vancouver, que ainda assim conseguia ser menos remota do que o sítio onde Vincent morava. Paul dobrara a esquina da escola secundária demasiado tarde para a impedir, mas a tempo de a ver fazê-lo, e agora os três — ele, Vincent e Melissa — estavam momentaneamente em silêncio, vendo rastos esguios de tinta de cor viva a escorrer de várias letras pelo vidro abaixo. Através das palavras, a sala de aula escura era uma massa de sombras, filas vazias de secretárias e cadeiras. Vincent usara uma luva de cabedal masculina que encontrara ninguém sabia onde. Agora estava a descalçá-la e a largá-la na relva de inverno calcada, onde ficou, qual ratazana morta, enquanto Paul continuava especado, de boca aberta. Melissa ria-se com nervosismo.

— Mas o que pensas que estás a fazer? — Paul queria parecer severo, mas aos seus próprios ouvidos a sua voz soou estridente e insegura.

— É só uma frase de que gosto — respondeu-lhe Vincent. Fitava a janela com uma expressão que deixou Paul pouco à vontade. Do outro lado da escola, o motorista do autocarro escolar tocou a buzina.

— Falamos melhor no autocarro — disse-lhe Paul, embora ambos soubessem que não falaria de todo, pois ele não era propriamente convincente como figura de autoridade.

Ela não se mexeu do lugar.

— É melhor irmos andando — disse Melissa.

— Vincent — disse Paul —, se perdermos o autocarro, teremos de regressar a Grace Harbour à boleia e pagar um táxi aquático.

— Quero lá saber — respondeu Vincent, mas seguiu o irmão até ao autocarro escolar que os esperava. Melissa encontrava-se sentada à frente, perto do motorista, antecipando ostensivamente a realização dos trabalhos de casa, mas ergueu furtivamente o olhar quando passaram por ela. Viajaram em silêncio de regresso a Grace Harbour, onde o barco dos Correios esperava para os levar para Caiette. A embarcação contornou a península, e Paul fitou a obra imensa onde o novo hotel estava a ser construído, as nuvens, a nuca de Melissa, as árvores na margem, tudo para evitar olhar para as profundezas da água, não havia nada lá em baixo em que quisesse pensar. Quando olhou de relance para Vincent, percebeu que também ela estava a evitar olhar para a água. Contemplava o céu, que escurecia. Na outra extremidade da península ficava Caiette, um lugar que fazia Port Hardy parecer uma metrópole, em comparação: 21 habitações entaladas entre a água e a floresta, o total da infraestrutura local consistindo numa estrada com dois becos sem saída, uma pequena igreja dos anos 50 do século XIX, uma sucursal dos Correios com um único posto, uma escola primária com uma só divisão, encerrada — desde meados dos anos 80 que não havia crianças suficientes para manter a escola aberta — e apenas um cais. Quando o barco atracou em Caiette, subiram a colina em direção a casa e depararam com o pai e a avó sentados à mesa da cozinha, à espera. Por norma, a avó morava em Victoria, e Paul morava em Toronto, mas não eram tempos normais. A mãe de Vincent desaparecera havia duas semanas. Alguém encontrara a canoa dela vazia e à deriva na água.

— Os pais da Melissa ligaram para a escola — disse o pai. — E a escola ligou para mim.

Vincent — há que gabar-lhe a coragem — permaneceu impávida e serena. Sentou-se à mesa, cruzou os braços e ficou à espera, enquanto Paul se encostou ao fogão, pouco à vontade, e ficou a observá-los. Deveria sentar-se à mesa também? Como um irmão mais velho responsável? Como de costume, não sabia o que fazer. Na forma como o pai e a avó fitavam Vincent, Paul ouvia tudo o que

estavam a conter-se para não mencionar: o novo cabelo azul de Vincent, as notas escolares a caírem a pique, o *eyeliner* preto, a sua perda dolorosa.

— Por que motivo escreveste uma coisa daquelas na janela? — perguntou-lhe o pai.

— Não sei — respondeu ela, em surdina.

— Foi ideia da Melissa?

— Não.

— Onde tinhas a cabeça?

— Não sei. Eram só palavras de que gostava. — O vento mudou de direção, e a chuva começou a bater contra a janela da cozinha. — Peço desculpa — disse. — Sei que foi uma estupidez.

O pai explicou a Vincent que fora suspensa da escola por toda a semana seguinte; e que deveria ter sido uma suspensão ainda mais longa, mas que a escola estava a ter em consideração as circunstâncias. Ela aceitou o facto sem tecer qualquer comentário, depois levantou-se e subiu ao quarto. Permaneceram em silêncio na cozinha, Paul, o pai e a avó, a ouvirem os passos dela ecoar nas escadas e a porta do quarto fechar-se silenciosamente, e depois Paul juntou-se a eles à mesa — a mesa dos adultos, ocorreu-lhe de repente —, e ninguém fez referência ao óbvio, isto é, ao facto de ele ter vindo de Toronto para olhar por ela, algo que idealmente deveria implicar não a deixar fazer grafítis permanentes nas janelas da escola. Mas quando é que alguma vez estivera em posição de olhar por alguém? Por que motivo julgara ser possível ajudar? Também ninguém fizera qualquer referência a esse facto, limitando-se a continuar em silêncio, escutando a chuva cair dentro de um balde que o pai colocara num canto da divisão, com Vincent representada por um respiradouro de teto que o pai e a avó não pareciam saber tratar-se de uma conduta direta para o quarto dela.

— Bem — disse Paul por fim, ansioso por uma mudança —, é melhor ir fazer os trabalhos de casa.

— Como é que isso está a correr? — perguntou-lhe a avó.

— A escola? Está a correr bem — replicou Paul —, está a correr bem. — Achavam que ele fizera um sacrifício nobre, deixando os amigos em Toronto e vindo terminar o secundário ali, para poder

acompanhar a irmã, mas, se tivessem prestado mais atenção ou estivessem em contacto com a mãe dele, saberiam que não estava autorizado a regressar à escola antiga e que a mãe o expulsara de casa. Mas teria uma pessoa de ser forçosamente ou admirável ou terrível? A vida tinha mesmo de ser tão binária? As duas coisas podiam coexistir, disse para si mesmo. O facto de a pessoa se ter servido da suposta morte da madrasta para recomeçar a vida não significava que não estivesse a fazer algo benéfico também, como acompanhar a irmã ou o que fosse. A avó olhava-o fixamente — seria possível que tivesse falado com a mãe dele? —, mas o pai preparava-se para dizer algo, um processo gradual que envolvia mexer-se repetidamente na cadeira, pigarrear, levar a chávena de chá quase à boca e voltar a pousá-la, pelo que Paul e a avó interromperam a troca de olhares intensa e ficaram à espera de que ele falasse. A dor conferira-lhe uma certa seriedade.

— Em breve terei de regressar ao trabalho — disse o pai. — Não a posso levar comigo para o acampamento.

— O que estás a sugerir? — perguntou-lhe a avó.

— Estou a pensar pô-la a morar com a minha irmã.

— Nunca te deste com a tua irmã. Juro que tu e a Shauna começaram a discutir quando tinhas dois anos e ela ainda era bebé.

— Ela dá-me cabo da cabeça às vezes, mas é boa pessoa.

— Ela trabalha cem horas por semana — replicou a avó. — Não seria melhor para a Vincent se arranjasses um trabalho mais perto?

— Não há trabalhos perto daqui — respondeu-lhe ele. — Pelo menos nada que nos possa sustentar.

— E o novo hotel?

— A obra do novo hotel ainda vai durar mais um ano, pelo menos, e não percebo nada de construção. Mas, ouve, não é só...

— Calou-se por instantes, olhando fixamente para o chá. — Questões financeiras à parte, não me parece que morar aqui seja o melhor para a Vincent. Sempre que olha para a água... — Não concluiu o pensamento. E Paul achava que era um ponto a seu favor o facto de ter pensado primeiro em Vincent quando o pai o disse, que o seu primeiro pensamento não tivesse sido o raio da

enseada assombrada que estava a tentar não ver pela janela da cozinha, mas a rapariga lá em cima, à escuta no respiradouro.

— Vou ver como está a Vincent — anunciou Paul. Gostou da maneira como ambos olharam para ele — «Vejam só como o Paul amadureceu!» — e admoestou-se por ter reparado nisso. No cimo das escadas, a coragem quase lhe faltou, mas avançou, bateu ao de leve à porta do quarto de Vincent e entrou quando não obteve resposta. Há tanto tempo que não entrava nessa divisão que ficou admirado por ser tão parca e depois sentiu-se embaraçado por ter reparado e embaraçado Vincent, embora ela talvez nem sequer tivesse reparado. Não tinha a certeza. A cama era mais antiga do que ela, e a cabeceira tinha a tinta a lascar; a gaveta de cima da cómoda só se abria com a ajuda de um pedaço de corda; os cortinados tinham sido lençóis numa vida anterior. Talvez nada disso a incomodasse. Estava sentada de pernas cruzadas junto ao respiradouro, tal como previra.

— Posso sentar-me aqui contigo? — perguntou-lhe. Ela assentiu com a cabeça. «Isto talvez resulte», pensou ele. «Podia comportar-me mais como irmão dela.»

— Não devias andar no décimo primeiro ano? — disse-lhe ela. — Fiz as contas.

Bolas. Havia ali uma pontada de dor para ser reconhecida, o facto de a sua meia-irmã de treze anos ter reparado em algo em que pelos vistos o pai deles não reparara.

— Estou a repetir o ano.

— Chumbaste no décimo primeiro?

— Não. Faltei a muitas aulas. Passei algum tempo numa clínica de reabilitação, no ano passado.

— Porquê?

— Tive um problema com drogas. — Sentia-se satisfeito por estar a ser sincero.

— Tens um problema com drogas porque os teus pais se separaram? — indagou ela, num tom de curiosidade genuína, e ele sentiu uma vontade imensa de fugir dela, pelo que se pôs de pé e sacudi as calças de ganga. O quarto estava cheio de pó.

— Não tenho um problema com drogas, *tive* um problema com drogas. Já passou.

— Mas fumas erva no teu quarto — disse ela.

— Erva não é heroína. São coisas completamente distintas.

— Heroína? — Ela arregalou os olhos.

— Bem, tenho imensos trabalhos de casa para fazer. «Não odeio a Vincent», disse para os seus botões, «o problema nunca foi a Vincent, nunca odiei a Vincent, o que sempre odiei foi a ideia da existência da Vincent». Uma espécie de mantra que sentia necessidade de repetir para si próprio em certos momentos, pois, quando Paul era muito pequeno e os pais ainda eram casados, o pai apaixonara-se pela jovem poetisa *hippie* que morava ao fundo da rua, que num instante ficara grávida de Vincent, e no espaço de um mês Paul e a mãe tinham deixado Caiette, «fugindo da telenovela sórdida», como a mãe dele dizia, e Paul passara o resto da infância nos subúrbios de Toronto, viajando até à Colúmbia Britânica no verão e em Natais alternados, uma infância passada a sobrevoar sozinho pradarias e montanhas, com uma etiqueta pendurada ao pescoço onde se lia «Menor Não Acompanhado», enquanto Vincent tivera a oportunidade de morar com ambos os pais, permanentemente, até duas semanas atrás.

Deixou-a no quarto e regressou à divisão onde ficara a dormir — ocupara esse mesmo quarto em criança, mas na sua ausência este passara a ser utilizado para arrumações e agora já não parecia pertencer-lhe — e reparou que tinha as mãos a tremer. Sentia uma tristeza imensa. Enrolou um charro e fumou-o cautelosamente à janela, mas o vento insistia em soprar o fumo para dentro do quarto, até que por fim se ouviu bater à porta. Quando Paul foi abrir, do outro lado estava o pai com uma expressão de desilusão profunda, e no final dessa semana Paul estava de volta a Toronto.

Só tornou a ver Vincent no último dia de 1999, quando apanhou um autocarro do aeroporto para a Baixa, com os Concertos de Brandeburgo a tocarem no seu leitor de CD, e encontrou a casa de Vincent no bairro mais duvidoso que alguma vez vira, um edifício delapidado em frente a um pequeno parque onde

toxicodependentes deambulavam de um lado para o outro como figurantes de um filme de *zombies*. Enquanto esperava que Vincent viesse à porta, Paul tentou não olhar para eles e não pensar na predileção de estar sob o efeito de heroína, não no processo sórdido de tentar arranjar mais e adoecer, mas na coisa em si, o estado em que tudo no mundo parece estar perfeitamente bem.

Melissa abriu a porta.

— Ah — exclamou ela. — Olá! Estás exatamente na mesma. Entra. — Era algo animador. Sentia-se marcado, como se os pormenores sobre a morte de Charlie Wu estivessem tatuados na sua pele. Melissa não estava na mesma. Era óbvio que aderira fortemente à cena das *raves*. Envergava calças azuis feitas de pelo falso e uma camisola arco-íris, e o cabelo, pintado de rosa-choque, exibia os mesmos totós que se lembrava de Vincent usar quando tinha 5 ou 6 anos. Melissa conduziu-o por um lanço de escadas abaixo e entraram num dos piores apartamentos em que alguma vez entrara, uma cave semiacabada com manchas de humidade nas paredes de cimento exposto. Vincent estava a fazer café na minúscula *kitchenette*.

— Olá — cumprimentou-o ela —, é bom ver-te.

— A ti também. — A última vez que vira Vincent, ela tinha o cabelo azul e estava a grafitar janelas, mas parecia ter abandonado essa onda. Não parecia ser uma *raver* ou, se era, reservava a indumentária para as *raves*. Estava vestida com calças de ganga e uma camisola cinzenta, e o cabelo escuro e comprido caía-lhe solto pelos ombros. Melissa estava a falar um pouco depressa de mais, mas não teria sido sempre assim? Lembrava-se dela como uma criança nervosa. Estudou atentamente o rosto de Vincent, em busca de sinais de problemas, mas parecia-lhe uma pessoa equilibrada e reservada, alguém que se comportava com cuidado e evitava as minas da vida. Como conseguira ficar dessa maneira e Paul continuar *assim*? A pergunta tinha todos os indícios do tipo de raciocínio circular que deveria evitar — por que razão tu és *tu*? —, mas não conseguia conter essa espiral. «Nunca odiaste a Vincent, não te esqueças disso. Ela não tem culpa de não ter os mesmos problemas que tu.» Sentaram-se numa sala de estar com montes de

cotão do tamanho de ratos, Paul e Vincent num sofá com trinta anos, e Melissa numa cadeira de plástico de jardim completamente imunda, tentando arranjar temas de conversa, mas esta insistia em não fluir, por isso continuaram a beber café instantâneo, sem nunca se entreolharem.

— Tens fome? — perguntou Vincent. — Não temos muita coisa, mas posso preparar-te uma torrada, uma sandes de atum ou algo assim.

— Não, estou bem. Obrigado.

— Graças a Deus — disse Melissa. — Estes são os últimos quatro dias antes de receber o ordenado, e a renda tem de ser paga amanhã, portanto, tem de ser literalmente pão ou atum em lata.

— Se precisas assim tanto de comida, serve-te do dinheiro para a cerveja — disse-lhe Vincent.

— Vou fingir que não te ouvi.

— Da próxima vez que receber, não me posso esquecer de comprar lâmpadas — disse Vincent. — Esqueço-me sempre, quando tenho dinheiro. — A sala de estar estava iluminada por três candeeiros de pé desirmanados, e o do canto estava a piscar. Vincent pôs-se de pé, desligou-o e voltou para o sofá. Agora a divisão estava quase às escuras, as sombras cercavam toda a periferia.

— A tia Shauna pediu-me para te dizer olá — disse-lhe Paul, ao fim de algum tempo.

— Ela não é má pessoa — disse Vincent, respondendo a uma pergunta que ele não fizera —, só que não estava preparada para acolher uma miúda de treze anos traumatizada.

— Deu a entender que tinhas abandonado o secundário.

— Sim, o secundário era uma seca.

— Foi por isso que te vieste embora?

— Basicamente — retorquiu ela. — Ao que parece, ter 20 a tudo não é o mesmo que estarmos suficientemente motivados para nos arrastarmos todas as manhãs para a escola.

Não sabia o que responder a isso. Como de costume, não sabia muito bem qual era o seu papel. Deveria aconselhá-la a regressar à escola? Não estava em posição de aconselhar fosse quem fosse a

fazer coisa alguma. O funeral de Charlie Wu seria nesse dia. Charlie Wu não estava, de modo algum, parado no canto mais escuro da sala, mas ainda assim não havia necessidade de olhar nessa direção.

— Continuas a estudar? — disse ele olhando para Melissa.

— Vou para a Universidade da Colúmbia Britânica no outono.

— Que bom para ti. É uma boa universidade.

Melissa ergueu a caneca de café.

— Um brinde a uma vida inteira a pagar o empréstimo para estudantes — disse ela.

— Viva! — Paul ergueu a caneca, mas não foi capaz de a encarar. A mãe pagara-lhe os estudos universitários.

— Temos de ir dançar esta noite! — exclamou Melissa, por fim. — Já tenho alguns sítios em mente.

— Conheço pessoas que estão enfiadas em casas de madeira remotas com mantimentos, para o caso de a civilização entrar em colapso — disse Vincent.

— Que trabalhadeira — respondeu Paul.

— Não dás por ti a desejar que a civilização entre em colapso — perguntou Melissa —, só para que aconteça alguma coisa?

Mais tarde, nessa mesma noite, entraram no carro a cair de podre de Melissa e foram a uma discoteca. Vincent não tinha idade para entrar, mas o porteiro optou por não reparar, pois, quando se tem 18 anos e se é bonita, todas as portas se abrem ou pelo menos assim parecia a Paul, vendo-a entrar à sua frente. O porteiro escrutinou a identificação de Paul com muita atenção e olhou-o com uma expressão desconfiada, levando Paul a ter vontade de dizer algo espirituoso, mas depois optou por não o fazer. Decidira que o novo século seria uma nova oportunidade. Se sobrevivessem ao ano 2000, se o mundo não acabasse, tencionava ser uma pessoa melhor. E, se sobrevivessem ao ano 2000, esperava nunca mais voltar a ouvir a expressão «ano 2000». No bengaleiro, Paul reparou que Vincent envergava uma peça de roupa reluzente que não passava de metade de uma camisa, como se a parte da frente fosse uma camisa normal mas não tivesse costas, apenas dois pedaços

de fio presos com um laço por baixo das omoplatas expostas, deixando-lhe as costas completamente vulneráveis.

— Preciso de um copo — disse Melissa, pelo que Paul a acompanhou ao bar, onde pediram uma cerveja em vez de uma bebida alcoólica mais forte, para irem com calma (adultos responsáveis, atenção), e, quando olhou para a pista de dança, Vincent já estava a dançar sozinha, de olhos fechados, ou talvez estivesse a fitar o chão, só, na verdadeira aceção da palavra: «Perdida no seu pequeno mundo» era a frase que Paul se recordava de a mãe de Vincent empregar sempre que alguém tentava despertar a atenção da filha enquanto ela lia um livro ou fitava o vazio.

— É tão aérea — disse Melissa, aliás, gritou-o, pois a música soava mais baixa junto ao bar, mas ainda assim não o suficiente para ser possível conversar.

— Sempre foi aérea — gritou Paul em resposta.

— Bem, o que aconteceu à mãe dela é suficiente para afetar qualquer um — gritou Melissa, possivelmente sem ter percebido. — Uma tragédia muito... — Paul não ouviu a última palavra, mas não precisava. Ficaram em silêncio por uns instantes, contemplando Vincent e também a Tragédia de Vincent, uma entidade por si só. Porém, Vincent não lhe parecia ser uma figura trágica, parecia-lhe alguém que tinha a vida mais ou menos orientada, uma pessoa serena com um emprego a tempo inteiro a servir à mesa no Hotel Vancouver, e por essa razão sentia-se pouco à vontade perto dela.

Depois de duas cervejas, foi juntar-se a ela na pista de dança, e Vincent sorriu-lhe. «Estou a tentar», queria dizer-lhe, «estou a tentar a sério, as coisas correram mal, mas o novo século será diferente». Bebeu apenas cerveja a noite inteira e dançou por algum tempo sob o efeito de nada — *quase* nada, as cervejas não contam —, até erguer o olhar e ver Charlie Wu entre a multidão e a noite parecer parar de repente. Paul ficou paralisado. É claro que não era Charlie, é claro que se tratava de um miúdo qualquer que se parecia ligeiramente com ele, um miúdo com um penteado semelhante e uns óculos que também refletiam as luzes, mas a visão era tão aterradora que não foi capaz de permanecer tempo suficiente para

avisar Vincent e Melissa de que se iria embora, pelo que cambaleou até à rua, e foi aí que elas o encontraram, meia hora depois, a tremer debaixo de um candeeiro de rua. Não era nada, respondeu-lhes, simplesmente não gostava da música e de repente sentira necessidade de apanhar ar fresco, talvez não lhes tivesse dito, mas às vezes sentia-se claustrofóbico no meio de multidões e, além disso, estava cheio de fome. Cerca de vinte minutos depois, encontravam-se sentados a estudar ementas num restaurante onde todos os clientes estavam embriagados. As luzes eram tão fortes que era possível ter a certeza de que não vira um fantasma. As pessoas parecem-se umas com as outras sob as luzes estroboscópicas. Há sócias por toda a parte.

— Então e por que razão vieste cá passar o Ano Novo? — perguntou-lhe Melissa. Paul fora um pouco vago sobre o tempo que tencionava ficar. — As discotecas em Toronto não são melhores do que aqui?

— Na verdade, tenciono mudar-me para cá — respondeu-lhe Paul.

Vincent ergueu o olhar da ementa.

— Porquê? — perguntou-lhe ela.

— Preciso de uma mudança de ares.

— Estás metido em sarilhos ou algo do género? — indagou Melissa.

— Sim — replicou ele. — De certa maneira.

— Então vá — disse Melissa —, tens de nos contar.

— Andavam a circular umas pastilhas de E de má qualidade. Achei que talvez viesse a ser responsabilizado por isso.

— Quer dizer, não havia razão para não ser mais ou menos sincero — disse ao orientador em Utah, em 2019. — É claro que não lhes disse mais nada, mas já sabia que me iria safar. Estava num período de suspensão académica, portanto, não era estranho ter desistido dos estudos. «Paul» deve ser um dos nomes mais vulgares no mundo inteiro, e era o único que a malta dos Baltica conhecia...

— Bolas — exclamou Melissa —, isso é terrível! — E ele pensou: «Nem te passa pela cabeça.» Não pôde deixar de reparar em quão

desinteressada Vincent lhe parecia. Voltara a atenção para a ementa sem fazer qualquer comentário. Nenhum dos motivos era propriamente agradável: ou estava a borrifar-se para Paul, ou ele estar metido em sarilhos era algo que já esperava, ou então ela própria estava habituada a estar metida em sarilhos. «Não odeio a Vincent», disse para si mesmo, «a única coisa que sempre odiei foi a sorte incrível da Vincent por ser a Vincent e não ser eu, só odeio o facto de a Vincent poder desistir do secundário e mudar-se para um bairro pavoroso e ainda assim, como que por milagre, parecer estar perfeitamente bem, como se as leis da gravidade e da desventura não se lhe aplicassem». Quando acabaram de comer os hambúrgueres, Melissa olhou para o relógio de pulso, uma coisa digital de plástico enorme que parecia pertencer a uma criança.

— São 23h14 — disse. — Ainda temos 44 minutos para empatar antes do fim do mundo.

— Temos 46 minutos — corrigiu-a Paul.

— Não me parece que o mundo vá acabar — disse Vincent.

— Seria incrível se acabasse — respondeu-lhe Melissa. — As luzes a apagarem-se todas, tipo... puf! — Abriu os dedos da mão, qual maga lançando um feitiço.

— Ui — respondeu Vincent. — Uma cidade às escuras? Não, obrigada.

— Seria algo sinistro — disse Paul.

— Tu é que és sinistro, meu — retorquiu Melissa, e ele atirou-lhe uma batata frita, o que fez com que fossem expulsos. Deixaram-se ficar na rua, trémulos e desidratados, por uns minutos, a discutir sobre onde ir, e depois Melissa lembrou-se de outra discoteca onde calculava que Vincent conseguisse entrar, outra discoteca noutra cave, não muito longe dali — pelo que lá foram eles. Perderam-se duas vezes e depois detiveram-se diante de uma porta completamente normal, através da qual um baixo emitia um pulsar surdo. Ainda era 1999. Desceram mais um lanço de escadas rumo a outra noite permanente, e Paul ouviu a letra assim que a porta se abriu:

Vou sempre ter contigo, ter contigo, ter contigo...

E por instantes não conseguiu respirar. Tratava-se de um *remix* de dança, a voz de Annika sobreposta numa batida *house* forte, mas reconheceu-a de imediato, reconhecê-la-ia em qualquer lado.

— Estás bem? — gritou Melissa ao ouvido de Paul.

— Ótimo! — gritou em resposta. — Está tudo bem!

Deixaram os casacos no bengaleiro e foram absorvidos pela pista de dança, onde a música dos Baltica dava lugar a outra canção, uma música sobre ser Azul² que tocava em todas as pistas de dança em 1999, do qual já só restavam uns minutos. «A última canção do século xx», pensou Paul, tentando dançar, mas algo estava a incomodá-lo, uma impressão de movimento na sua visão periférica, a sensação de estar a ser observado. Olhou em redor num gesto desvairado, mas viu apenas um mar de rostos anónimos, e nenhum estava a olhar para ele.

— Tens a certeza de que estás bem? — gritou-lhe Melissa.

As luzes começaram a pulsar, e por momentos Charlie Wu surgiu na multidão, as mãos enfiadas nos bolsos, a observar Paul, presente e logo depois ausente.

— Ótimo! — gritou Paul. — Estou mais do que bem! — Porque essa era a única opção nesse momento, estar bem, não obstante a certeza terrível de que Charlie Wu estava ali. Paul fechou os olhos por breves instantes e forçou-se a continuar a dançar, num fingimento desesperado. As luzes não se apagaram quando 1999 passou a 2000, as horas continuaram até ao nascer do sol, altura em que saíram para a rua fria e para o novo século e se enfiaram no carro a cair aos pedaços de Melissa, frios da transpiração, Paul no lugar do passageiro e Vincent aninhada no banco de trás, como um gato.

— Sobrevivemos ao fim do mundo — disse ela, mas, quando Paul espreitou por cima do ombro, Vincent estava a dormir, e perguntou-se se teria imaginado as palavras dela. Melissa tinha os olhos vermelhos e estava acelerada, conduzindo com demasiada velocidade e falando sobre o seu novo emprego a vender roupa na Le Château, enquanto Paul escutava apenas metade do que ela dizia, e algures durante a viagem de regresso ao apartamento foi

acometido por uma espécie de esperança estranha e frenética. Era um novo século. Se conseguia sobreviver ao fantasma de Charlie Wu, sobreviveria a qualquer coisa. Chovera durante a noite, e os passeios cintilavam, a água a refletir a primeira luz da manhã.

— Não —, disse Paul ao orientador —, essa foi só a primeira vez que o vi.

1 Refrão da canção «1999», de Prince. Em português «Festeja como se fosse 1999». (NT)

2 O tema «Blue (Da Ba Dee)», dos Eiffel 65. (NT)

O HOTEL

Primavera 2005

1

E que tal engolires pedaços de vidro? Palavras escritas em pasta fluorescente na parede de vidro virada a oriente do Hotel Caiette, rastros de branco a escorrerem de várias letras.

— Por que razão alguém escreveria uma coisa daquelas? — O único hóspede que vira o ato de vandalismo, um executivo de transportes marítimos que sofria de insónias e que chegara no dia anterior, estava sentado numa das poltronas de couro, com o uísque que o gerente do turno da noite lhe trouxera. Passava pouco das 02h30.

— Não deve ter sido um adulto — respondeu o gerente do turno da noite. Chamava-se Walter, e era o primeiro grafíti que via nos seus três anos ao serviço do hotel. A mensagem fora escrita na parte exterior do vidro. Walter tapara-a com umas folhas e estava agora a arrastar um rododendro envasado para encobrir o papel, com a ajuda de Larry, o porteiro da noite. Vincent, a empregada de bar de serviço, polia copos de vinho enquanto observava a ação detrás do balcão do bar, na outra extremidade do átrio. Walter ainda pusera a hipótese de a chamar para o ajudar a arrastar o vaso, pois dava-lhe jeito mais um par de mãos e porque o empregado da limpeza da noite estava na pausa para jantar, mas ela não lhe parecia ser uma pessoa particularmente robusta.

— É algo perturbador, não é? — perguntou o hóspede.

— De facto. Mas estou convencido — disse Walter, num tom mais confiante do que se sentia — de que só pode ter sido obra de um adolescente entediado. — Na verdade, ficara profundamente incomodado com a situação e refugiava-se na sua eficiência. Deu um passo atrás para contemplar o rododendro. As folhas cobriam

quase totalmente o papel afixado. Olhou de relance para Larry, que lhe respondeu com um encolher de ombros que parecia dizer «é o melhor que se arranja», e depois saiu com um saco do lixo e um rolo de fita-adesiva para tapar a mensagem do lado de fora.

— É a especificidade da coisa — disse o hóspede. — Inquietante, não é?

— Lamento imenso que o tenha visto, Sr. Prevant.

— Ninguém deveria ver uma mensagem daquelas. — Um tremor de angústia na voz de Leon Prevant, que este disfarçou bebendo rapidamente um trago de uísque. Do outro lado da janela, Larry dobrara o saco do lixo numa faixa direita e estava a afixá-la sobre a mensagem.

— Completamente de acordo. — Walter olhou de relance para o seu relógio de pulso: 03h00, faltavam ainda três horas para terminar o turno. Larry reocupara a sua posição junto à porta. Vincent continuava a polir copos. Walter foi falar com ela e constatou que tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Sentes-te bem? — perguntou-lhe, em surdina.

— É terrível — respondeu ela, sem erguer o olhar. — Não consigo imaginar que tipo de pessoa escreveria uma coisa daquelas.

— Eu sei — replicou ele. — Mas aposto na minha teoria do adolescente entediado.

— Acreditas que tenha sido isso?

— Sou capaz de me convencer de que sim — retorquiu ele.

Walter foi ver se o Sr. Prevant necessitava de alguma coisa — não era o caso — e depois retomou a sua inspeção à parede de vidro. Apenas mais um hóspede era esperado nessa noite, um VIP cujo voo estava atrasado. Walter deixou-se ficar junto à parede de vidro por uns minutos, contemplando o reflexo do átrio sobreposto à escuridão, e depois regressou à receção para preencher o relatório de ocorrências.

— A propriedade fica no meio do nada — dissera o diretor-geral a Walter, na primeira reunião que tiveram em Toronto, três anos antes —, mas a ideia é precisamente essa.

Essa primeira reunião tivera lugar num café perto do lago, o café construído mesmo em cima do cais, as embarcações balouçando ali perto. Raphael, o diretor-geral, morava na propriedade do Hotel Caiette, juntamente com quase todas as pessoas que lá trabalhavam, mas fora a Toronto participar numa conferência sobre hospitalidade e caçar talentos de outros hotéis. O Hotel Caiette estava aberto desde meados dos anos 1990, mas fora recentemente remodelado no que Raphael apelidava de «Estilo da Costa Oeste Grandioso», que parecia envolver vigas de cedro expostas e vidraças enormes. Walter estava a estudar as fotografias da campanha publicitária que Raphael empurrara pelo tampo da mesa, na sua direção. O hotel era um palácio de vidro e cedro no lusco-fusco, luzes refletidas na água, as sombras da floresta a envolverem-no por todos os lados.

— Aquilo que disse há pouco — disse Walter — sobre não ser possível fazer-se o acesso de carro? — Julgava ter percebido alguma coisa mal na apresentação inicial.

— É exatamente isso. O acesso ao hotel é feito de barco. Não há qualquer estrada. Porventura está familiarizado com a geografia da região?

— Mais ou menos — mentiu Walter. Nunca fora tão para ocidente. A sua ideia da Colúmbia Britânica era semelhante às imagens dos postais ilustrados: baleias a saltarem da água azul, margens verdejantes, barcos.

— Aqui está. — Raphael vasculhou uns papéis. — Espreite este mapa. — A propriedade estava representada como uma estrela branca numa enseada na extremidade norte da ilha de Vancouver. A enseada quase dividia a ilha ao meio. — Aquilo está tudo em estado selvagem — disse Raphael —, mas permita-me que lhe conte um segredo sobre essas paragens.

— Faça o favor.

— Muito poucas pessoas vão para o meio da natureza selvagem com a intenção de experienciar realmente a natureza selvagem.

Quase ninguém. — Raphael recostou-se na cadeira com um ligeiro sorriso, presumivelmente na esperança de que Walter lhe perguntasse o que queria dizer, mas Walter deixou-se ficar à espera. — Pelo menos as pessoas que se instalam em hotéis de cinco estrelas — disse Raphael. — Os nossos hóspedes de Caiette querem ir para a natureza selvagem, mas não querem *estar* na natureza selvagem. Querem apenas *vê-la*, de preferência pela janela de um hotel de luxo. Querem estar perto da natureza selvagem. A ideia aqui — tocou na estrela branca com a ponta do dedo, e Walter admirou a manicura do mesmo — é luxo extraordinário num contexto inesperado. Na verdade, há um elemento de surrealismo. Trata-se de uma experiência de cinco estrelas num lugar onde o telemóvel nem sequer funciona.

— Como recebem os hóspedes e as provisões? — Walter estava a ter alguma dificuldade em perceber o encanto do espaço. Era inegavelmente belo, mas geograficamente inconveniente, e não compreendia muito bem por que motivo o executivo típico iria querer passar férias num sítio onde os telemóveis não funcionavam.

— Numa lancha. São 15 minutos desde a aldeia de Grace Harbour.

— Estou a ver. Para além da inegável beleza natural — disse Walter, tentando outra abordagem —, o Raphael diria que existe um fator específico que distingue este hotel de propriedades semelhantes?

— Estava com esperança de que me fizesse essa pergunta. A resposta é sim. A sensação de estarmos do lado de fora do tempo e do espaço.

— Do lado de fora...?

— No sentido figurado, mas não está muito longe da realidade. — Raphael adorava o hotel, Walter percebia-o. — A verdade é que existe um grupo demográfico definido disposto a pagar muito dinheiro para se evadir temporariamente do mundo moderno.

Mais tarde, enquanto caminhava em direção a casa sob a noite de outono, uma evasão temporária do mundo era um conceito que Walter não conseguia afastar da sua mente. Nessa altura morava num minúsculo T1 arrendado numa rua que por alguma razão

parecia estar situada entre bairros. Era o apartamento mais deprimente que alguma vez vira, por isso o escolhera, embora se recusasse a explicitar esses motivos. Algures na cidade, a bailarina de quem Walter estivera noivo até há dois meses estava a montar casa com um advogado.

Nessa noite, Walter parou no minimercado habitual a caminho de casa, e a ideia de parar novamente nessa loja no dia seguinte, e no dia a seguir a esse, e no outro, passeios lentos pelo corredor dos congelados intercalados com turnos no hotel onde trabalhava há já dez anos, cada dia que passava um dia mais velho, com a cidade a fechar-se sobre ele, bem, na verdade, era insuportável. Colocou a embalagem de milho congelado dentro do cesto. E se fosse essa a última vez que o fazia, nessa loja em particular? Era um pensamento agradável.

Vivera doze anos com a bailarina. O fim da relação apanhara-o de surpresa. Concordara com os amigos que não deveria fazer grandes mudanças para já. Mas nessa altura o que queria era desaparecer e, quando por fim chegou à caixa registadora, percebeu que já tinha tomado uma decisão. Aceitou o cargo; fizeram-se os preparativos; no dia marcado, um mês depois, apanhou um avião para Vancouver e depois um voo de ligação para Nanaimo, numa pequena aeronave com 24 lugares, que, assim que alcançou as nuvens, começou logo a descer; passou a noite num hotel e no dia seguinte partiu em direção ao Hotel Caiette. Poderia ter poupado muito tempo se tivesse voado para um dos pequenos aeroportos mais a norte, mas quisera ver um pouco mais da ilha de Vancouver.

Estava um dia frio, em novembro, e as nuvens pairavam baixas. Conduziu rumo a norte num carro alugado cinzento, por entre uma série de cidades cinzentas, com um mar cinzento intermitentemente visível à sua direita, uma paisagem de árvores escuras, de *MacDrives* e de lojas imensas sob um céu plúmbeo. Chegou por fim à cidade de Port Hardy, cujas ruas pareciam sombrias sob a chuva, onde andou perdido durante algum tempo até encontrar o local onde deveria entregar o carro alugado. Telefonou para o único serviço de

táxis da cidade e esperou meia hora, até aparecer um idoso numa carrinha a cair aos pedaços e a tresandar a fumo de cigarro.

— Vai para o hotel? — perguntou-lhe o motorista quando Walter lhe pediu que o levasse a Grace Harbour.

— Vou, sim — retorquiu Walter, percebendo que não estava com grande disposição para conversas depois de tantas horas a viajar sozinho. Seguiram em silêncio por entre a floresta, até alcançarem a aldeia de Grace Harbour, que fazia jus ao nome: meia dúzia de casas aqui e ali ao longo da estrada e depois costa, barcos de pesca no ancoradouro, uma loja junto às docas e um parque de estacionamento com alguns carros antigos. Vislumbrou uma mulher através da janela da loja, mas de resto não se via ninguém por perto.

As instruções de Walter eram para ligar para o hotel a solicitar uma embarcação. O telemóvel não funcionava ali, como já lhe fora indicado, mas havia uma cabine telefónica junto ao cais. O hotel prometeu enviar alguém dentro de meia hora. Walter desligou e saiu para o ar fresco. Era o início da noite, e o mundo começava a assumir uma tonalidade monocromática, a água pálida e vítrea sob o céu que escurecia, sombras a acumularem-se na floresta. Foi até à extremidade do cais, saboreando o silêncio em redor. Esse lugar era o oposto de Toronto, e não era exatamente isso que pretendia? O oposto da sua vida antiga? Algures na cidade ocidental, a bailarina e o advogado estavam num restaurante ou a passear pelas ruas de mão dada ou na cama. «Não penses nisso. Não penses nisso.» Walter esperou, à escuta, e por algum tempo só ouviu a água bater delicadamente contra o cais e o ocasional grito de uma gaivota, até que na distância soou a vibração de um motor exterior. Uns minutos depois avistou o barco, um ponto branco entre as margens escuras de floresta, uma miniatura que foi crescendo até parar junto ao cais, o motor obscenamente ruidoso no meio de tanto silêncio, a esteira a embater nos pilares. A mulher na popa parecia estar na casa dos vinte e envergava uma farda nova em folha com um estilo vagamente náutico.

— É o Walter, certo? — Desembarcou num movimento único e fluido, amarrando o barco à doca com gestos firmes. — Sou a

Melissa, do hotel. Posso ajudá-lo com as malas?

— Obrigado — agradeceu ele. Havia algo de inquietante nela, um ar de aparição. Apercebeu-se de que experienciava uma certa felicidade enquanto o barco se afastava do cais. Um vento frio soprava-lhe no rosto, e sabia que se tratava de uma viagem de pouco mais de 15 minutos, mas tinha a sensação absurda de estar a embarcar numa aventura. Avançaram velozmente, a escuridão a instalar-se em redor. Apetecia-lhe perguntar a Melissa sobre o hotel, sobre há quanto tempo trabalhava lá, mas o motor era proibitivamente alto. Quando olhou de relance por cima do ombro, a esteira era um rasto prateado que se estendia até às luzes dispersas de Grace Harbour.

Melissa contornou a península, e o hotel surgiu adiante, um palácio iluminado improvável a contrastar com a escuridão da floresta, e pela primeira vez Walter compreendeu o que Raphael quisera dizer quando falara sobre um elemento de surrealismo. O edifício seria considerado belo em qualquer parte, mas nesse contexto era incongruente, e essa incongruência fazia parte do seu encanto. O átrio estava exposto, qual aquário, atrás de uma parede de vidro, todo ele pilares de cedro e pisos de ardósia. Uma fileira dupla de luzes iluminava o caminho até ao cais, onde um porteiro — Larry — os recebeu com um carrinho porta-malas. Walter apertou a mão de Larry e seguiu a bagagem, subindo o caminho em direção à grandiosa entrada do hotel, até ao balcão, onde Raphael se encontrava à sua espera com um sorriso típico de rececionista. Após as apresentações, o jantar e toda a papelada, Walter deu finalmente por si numa *suite* no último piso do edifício reservado aos funcionários, cujas janelas e varandas davam para o arvoredo. Fechou as cortinas à escuridão e pensou no que Raphael lhe dissera, sobre o hotel existir do lado de fora do tempo e do espaço. Há muita felicidade numa fuga bem-sucedida.

No final do seu primeiro ano em Caiette, Walter percebeu que era mais feliz ali do que alguma vez fora noutro lugar qualquer, mas nas horas que se seguiram ao incidente com o grafíti a floresta lá fora pareceu-lhe mais sombria do que o normal, as sombras densas e carregadas de ameaça. Quem teria emergido da floresta para

escrever a mensagem no vidro? «A mensagem estava escrita ao contrário no vidro», escrevera Walter no relatório de ocorrências, «o que sugere que o intuito era que fosse lida do átrio».

— Agradeço a clareza do relatório — disse Raphael quando Walter entrou no gabinete dele, na tarde seguinte. Raphael vivera vinte anos na região anglófona do Canadá, mas ainda possuía uma forte pronúncia da cidade de Quebeque. — Alguns dos seus colegas, quando lhes peço um relatório, entregam-me uma salganhada de erros ortográficos e especulações.

— Obrigado. — Walter valorizava esse emprego acima de tudo o resto e ficava sempre imensamente aliviado quando Raphael elogiava a sua prestação. — O grafiti é preocupante, não é?

— Sem dúvida. Quase a roçar a ameaça.

— Apareceu alguma coisa nas câmaras de videovigilância?

— Nada de útil. Posso mostrar-lhe, se quiser. — Raphael virou o ecrã para Walter e premiu a tecla PLAY num clipe de vídeo a preto e branco. Imagens captadas pelas câmaras de segurança do terraço dianteiro à noite, com uma luminescência fantasmagórica criada pelo modo de visão noturna: uma figura emerge das sombras ao fundo do terraço, vestida com calças escuras e uma camisola muito larga com capuz. O homem tem a cabeça baixa — ou será uma mulher? É impossível perceber — e segura algo na mão enluvada: o marcador fluorescente que estraga o vidro. O fantasma sobe graciosamente para um banco, escreve a mensagem e desaparece novamente nas sombras, sem nunca erguer o olhar, com toda a cena a dissipar-se em menos de dez segundos.

— É como se já tivesse ensaiado — comentou Walter.

— Como assim?

— Escreveu-a com uma rapidez extraordinária. E estava a escrever ao contrário. Ele ou ela. Não se consegue perceber.

Raphael acenou com a cabeça.

— Há mais alguma coisa que me possa dizer sobre ontem à noite — perguntou ele — e que talvez não tenha incluído no relatório?

— Como assim?

— Qualquer coisa fora do normal no átrio. Algum pormenor estranho. Algo que talvez achasse não ser relevante.

Walter hesitou.

— Conte-me.

— Bem, não gosto de fazer queixa dos meus colegas — respondeu-lhe Walter —, mas tive a sensação de que o empregado da limpeza da noite estava a comportar-se de uma forma estranha.

O empregado da limpeza da noite, Paul, era irmão de Vincent — não, Vincent explicara que era seu meio-irmão, mas Walter não tinha a certeza de qual dos progenitores partilhavam — e estava no hotel há três meses. Vivera em Vancouver durante cinco ou seis anos, mas crescera em Toronto, contara ele a Walter, o que deveria ter criado um laço entre ambos, mas não foi o caso, em parte porque ele e Paul eram de Torontos diferentes. Tentaram comparar discotecas e restaurantes favoritos em Toronto, mas Walter nunca ouvira falar do System Soundbar, e Paul nunca ouvira falar do Zelda's. A Toronto de Paul era mais jovem, mais anárquica, uma Toronto que dançava ao som da batida de um estilo de música de que Walter não gostava e que não compreendia, uma Toronto que vestia modas peculiares e consumia drogas de que Walter nunca ouvira falar. («Bem, mas sabe por que motivo a malta das *raves* usa uma chupeta ao pescoço, não sabe?», dissera-lhe Paul. «Não é só uma moda foleira, é porque a K faz ranger os dentes.» E Walter acenara com a cabeça num gesto entendedor, sem fazer a menor ideia do que era «K».) Paul nunca sorria. Fazia o seu trabalho com correção, mas tinha tendência para se entregar a pequenos devaneios enquanto limpava o átrio à noite, fitando o vazio quando lavava o chão ou polia os tampos das mesas. Às vezes era necessário chamá-lo duas ou três vezes, mas um tom mais severo à segunda ou terceira repetição provocava sempre uma expressão magoada e reprovadora. Walter considerava-o uma presença irritante e algo deprimente.

Na noite do grafíti, Paul regressara da pausa do jantar às 03h30. Entrara pela porta lateral, e Walter erguera os olhos a tempo de ver a maneira como o olhar de Paul incidira de imediato no rododendro

fora do sítio e depois em Leon Prevant, o executivo de transportes marítimos, que por essa altura bebia o segundo uísque e lia uma cópia com dois dias do *Vancouver Sun*.

— Aconteceu alguma coisa ao vidro? — perguntara Paul ao passar pelo balcão da receção. Aos ouvidos de Walter, havia uma descontração fingida no tom dele.

— Infelizmente, sim — respondera-lhe Walter. — Um grafiti muito desagradável.

Paul arregalara os olhos.

— E o Sr. Alkaitis viu-o?

— Quem?

— O senhor sabe... — Paul acenara com a cabeça na direção de Leon Prevant.

— Aquele não é o Alkaitis. — Walter observara Paul com atenção. Estava ruborizado e parecia ainda mais infeliz do que o habitual.

— Ah, pensava que era.

— O voo do Alkaitis atrasou-se. Por acaso não viu ninguém à espreita lá fora?

— À espreita?

— Alguma coisa suspeita. Isto aconteceu nesta última hora.

— Ah. Não. — Paul já não estava a olhar para ele, outra característica irritante na sua pessoa. Por que motivo desviava sempre o olhar quando Walter estava a falar? Olhava fixamente para Leon, que por sua vez olhava fixamente para o vidro. — Vou ver se a Vincent precisa de mudar os barris — dissera.

— O que houve de invulgar nisso? — indagou Raphael.

— O facto de ter perguntado sobre os hóspedes. Como sabia ele quem iria chegar nessa noite?

— Não há mal nenhum no facto de um empregado da limpeza espreitar o registo de hóspedes, de se familiarizar com o estado de coisas. Estou só a fazer o papel de advogado do diabo.

— Certo, até tem razão. Mas a maneira como olhou diretamente para aquele ponto no vidro mal entrou, diretamente para o vaso com

a planta... Não me parece que o rododendro fosse assim tão óbvio — retorquiu Walter.

— Está claramente fora do sítio, aos meus olhos.

— Mas será a primeira coisa para onde se olha? Em especial à noite? Entra-se no átrio pela porta lateral, à noite, olha-se além da fileira dupla de pilares, além das poltronas e das mesinhas de apoio, para o meio da parede de vidro...

— Ele limpa o átrio — salientou Raphael. — Saberá melhor do que ninguém onde estão as plantas envasadas.

— Não o estou a acusar de nada, quero que fique bem claro. Foi apenas algo em que reparei.

— Compreendo. Eu falo com ele. Mais alguma coisa?

— Nada. O resto do turno decorreu dentro da normalidade.

O resto do turno:

Por volta das 04h00, Leon Prevant começou a bocejar. Paul encontrava-se algures no coração do edifício, a lavar os pisos dos corredores do pessoal. Walter terminara o relatório e verificara a sua lista de reservas. Estava a fitar o átrio, tentando não pensar muito no grafíti. (O que poderá significar «E que tal engolires pedaços de vidro?» a não ser «Espero que morras»?) Larry estava parado junto à porta, com os olhos entreabertos. Walter tinha vontade de ir ter com ele para conversar, mas sabia que Larry aproveitava as horas mortas para meditar e que, quando tinha os olhos entreabertos, significava que estava a contar respirações. Walter pensou em ir falar com Vincent, mas não pareceria bem aos olhos do gerente da noite estar junto ao bar na presença de um hóspede, pelo que se entregou a uma inspeção descontraída do átrio. Endireitou uma fotografia emoldurada junto à lareira, passou a ponta do dedo pelas prateleiras à procura de pó, ajustou as folhas do rododendro para que as melhores encobrissem o papel afixado ao vidro. Saiu para o ar frio da noite por breves instantes, tentando escutar uma embarcação que sabia ainda não estar a caminho.

Às 04h30 Leon Prevant pôs-se de pé e dirigiu-se para o elevador, a bocejar. Cerca de vinte minutos depois chegou Jonathan Alkaitis. Walter ouviu o barco muito antes de o avistar, como de costume, o

motor violentamente ruidoso no silêncio da noite, e depois as luzes na popa bailaram sobre a água, enquanto o barco contornava a península. Larry dirigiu-se para o cais com o carrinho porta-malas. Vincent guardou o jornal que estivera a ler, ajeitou o penteado, retocou o batom e bebeu rapidamente duas chávenas de café. Walter exibia o seu melhor sorriso profissional quando Jonathan Alkaitis entrou atrás do carrinho porta-malas.

Nos últimos anos, Walter fora entrevistado três ou quatro vezes por causa de Jonathan Alkaitis, mas os jornalistas iam-se embora sempre desapontados. Enquanto gerente do hotel, explicava-lhes, era uma pessoa absolutamente discreta, mas na verdade não havia muito para contar. Alkaitis era interessante apenas em retrospectiva. Hospedava-se no Hotel Caiette com a esposa, entretanto falecida. Ele e a esposa tinham-se apaixonado por esse espaço, pelo que, quando a propriedade fora posta à venda, adquirira-a e depois arrendara-a à empresa gestora do hotel. Morava na cidade de Nova Iorque e vinha ao hotel três ou quatro vezes por ano. Comportava-se com a habitual confiança entediante das pessoas com dinheiro, na suposição jovial de que nada de mal lhes poderia acontecer. Por norma andava sempre bem vestido, exibindo o bronzeado típico das pessoas que passam algum tempo em regiões tropicais durante o inverno; estava razoavelmente em forma, ainda que não espetacularmente; e era uma pessoa perfeitamente banal. Por outras palavras, não havia nada nele que sugerisse que iria morrer na prisão.

A melhor *suite* estava reservada para ele, como de costume. Estava com um *jet lag* tremendo, contou a Walter, e também cheio de fome. Seria possível um pequeno-almoço antecipado? (Com certeza. Para Alkaitis, tudo era possível.) Lá fora ainda estava escuro, mas na cozinha o dia nascia muito antes do amanhecer. O turno da manhã deveria estar a chegar.

— Vou sentar-me um pouco no bar — disse Alkaitis e no espaço de poucos minutos estava entretido à conversa com Vincent, que, segundo parecia a Walter, estava particularmente animada e faladora, embora não conseguisse perceber o que estavam a dizer.

3

Leon Prevant deixou o átrio às 04h30, subiu as escadas em direção ao seu quarto e enfiou-se na cama, onde a esposa se encontrava a dormir. Marie não acordou. Ele bebera propositadamente mais um pouco com o intuito de conseguir adormecer, mas era como se o grafíti tivesse aberto uma fenda na noite, através da qual todos os seus medos estavam a entrar. Se fosse pressionado, talvez tivesse admitido a Marie estar preocupado com questões de dinheiro, mas «preocupado» não era a palavra certa. Leon estava com medo.

Um colega dissera-lhe que aquele lugar era extraordinário, pelo que reservara um quarto extremamente caro como surpresa para a esposa no dia do aniversário de casamento de ambos. O colega tinha toda a razão, constatara de imediato. Havia passeios de pesca e de caiaque, caminhadas guiadas pelas florestas, música ao vivo no átrio, comida espetacular, um trilho de madeira que desembocava numa clareira na floresta com um bar ao ar livre e lanternas penduradas nas árvores, além de uma piscina aquecida com vista sobre as águas tranquilas do estreito.

— É maravilhoso — dissera-lhe Marie na primeira noite.

— Sinto-me inclinado a concordar.

Reservara um quarto com jacúzi no terraço, e nessa primeira noite tinham passado pelo menos uma hora no exterior, a beberricar champanhe com uma brisa fresca a soprar-lhes no rosto, o sol a pôr-se sobre a água, como a imagem de um postal ilustrado. Beijou-a e tentou convencer-se a si próprio de que deveria descontraí-la. Mas era complicado, porque, uma semana depois de ter feito a reserva desse quarto extravagante e de o ter comunicado à esposa, começara a ouvir rumores sobre uma possível fusão de empresas.

Leon sobrevivera a duas fusões e a uma reorganização, mas, quando ouvira os primeiros boatos sobre a mais recente reestruturação, fora acometido por uma certeza tão forte que era como se fosse um dado adquirido: iria perder o emprego. Tinha 58 anos. Tinha a antiguidade suficiente para ser dispendioso para a empresa e estava suficientemente próximo da idade da reforma

para o mandarem embora sem pesar demasiado na consciência de ninguém. Não havia nada no seu trabalho que não pudesse ser levado a cabo por executivos mais jovens e com ordenados mais baixos do que o dele. Desde que ouvira falar da fusão, passara horas seguidas sem pensar no assunto, mas as noites eram mais complicadas do que os dias. Ele e Marie tinham adquirido recentemente uma casa no Sul da Florida, que planeavam arrendar até ele se reformar, com o objetivo de fugirem dos invernos e dos impostos de Nova Iorque. Sentira-o como um recomeço, mas tinham investido mais dinheiro na casa do que o tencionado, pois ele nunca tivera muito jeito para poupar e tinha noção de que havia muito menos nas suas contas poupança-reforma do que pensava. Eram 06h30 da manhã quando conseguiu finalmente deixar-se levar por um sono atribulado.

4

Quando Walter regressou ao átrio, na noite seguinte, Leon Prevant estava a jantar no bar com Jonathan Alkaitis. Tinham-se encontrado um pouco antes, o que na altura se afigurara como uma coincidência, mas depois parecia tratar-se de uma armadilha. Leon encontrava-se no bar, a comer um hambúrguer de salmão sozinho porque Maria estava deitada no quarto, cheia de dores de cabeça. Alkaitis, que estava a beber uma cerveja *Guinness* dois bancos ao lado, metera conversa com a empregada do bar e depois estendera-a a Leon. Estavam a conversar sobre Caiette, algo que, curiosamente, Jonathan Alkaitis conhecia bem.

— Por acaso sou o dono desta propriedade — disse ele a Leon, num tom quase embaraçado. — É de difícil acesso, mas é exatamente isso que me agrada nela.

— Acho que entendo o que está a dizer — respondeu-lhe Leon. Estava sempre à procura de conversas, e era um prazer pensar por momentos em algo — qualquer coisa! — que não a possível insolvência financeira e o desemprego. — E tem mais hotéis?

— Só este. Trabalho essencialmente no setor financeiro. — Alkaitis tinha negócios em Nova Iorque, explicou, e ambos

implicavam investir o dinheiro dos outros na bolsa de valores. Não estava a aceitar clientes novos, mas de vez em quando abria uma exceção.

«O problema do Alkaitis», escreveu uma mulher de Filadélfia uns anos mais tarde, numa declaração realizada na qualidade de vítima que leu em voz alta na audiência de sentença de Alkaitis, «foi que nos fez sentir como se estivéssemos a aderir a um clube secreto». Leon teve de admitir, ao ler a transcrição, que havia uma certa verdade nisso, mas por outro lado havia também o homem em si. Alkaitis tinha uma grande presença, isso sim. Tinha uma voz típica de programa de rádio noturno, quente e tranquilizadora. Irradiava calma. Era um homem nada fanfarrão, confiante mas não arrogante, de sorriso fácil perante uma piada. Uma pessoa inteligente, segura e discreta, muito mais interessada em escutar do que em falar sobre si próprio. Tinha essa artimanha — e era efetivamente uma artimanha, como Leon percebeu mais tarde — de parecer completamente indiferente ao que os outros pensavam dele, e ao fazê-lo provocava a ansiedade contrária: «O que pensará o Alkaitis de mim?» Mais tarde, nos anos que passou a rever essa noite em específico na sua mente, Leon recordou um certo desejo de o impressionar.

— É um pouco embaraçoso — disse Alkaitis nessa noite, quando deixaram o bar e se retiraram para um canto sossegado no átrio, a fim de discutirem investimentos —, mas o Leon disse que trabalha em expedição, e, quando o disse, percebi que não faço a mais pequena ideia do que se trata.

Leon sorriu.

— Não é o único. É uma indústria maioritariamente invisível, mas quase tudo o que alguma vez comprou viajou sobre água.

— Os meus fones fabricados na China e coisas do género.

— Sim, claro, essa é óbvia, mas refiro-me mesmo a praticamente tudo. Em nós e à nossa volta. As suas meias. Os nossos sapatos. A minha loção para depois de barbear. Este copo que tenho na mão. Posso continuar, mas vou poupá-lo.

— É uma vergonha admitir que nunca pensei nisso — retorquiu Jonathan.

— Ninguém pensa. Vamos à loja, compramos uma banana e não pensamos nos homens que trouxeram a banana de avião pelo canal do Panamá. Por que razão haveríamos de o fazer? — «Vai com calma», disse para os seus botões. Tinha noção da sua tendência para discursar excessivamente sobre a sua indústria. — Tenho colegas que se ofendem com a ignorância do público em geral em relação à nossa indústria, mas acho que o facto de não termos de pensar nela só prova que o sistema funciona.

— A banana chega a tempo e a horas. — Jonathan beberricou a sua bebida. — É preciso desenvolver uma espécie de sexto sentido. Aqui estamos nós, rodeados de todos estes objetos que vieram de barco. Alguma vez se perde em divagações sobre todas essas rotas de expedição, sobre todos esses pontos de origem?

— É a segunda pessoa que conheço que adivinha isso — respondeu-lhe Leon.

A outra fora uma médium, uma colega de faculdade de Marie que viera de Santa Fé para Toronto quando Leon ainda trabalhava na cidade canadiana, e os três tinham ido jantar ao Saint Tropez, na Baixa, o restaurante favorito de Marie durante os anos que passaram em Toronto. A médium — de seu nome Clarissa, recordou então — era simpática e calorosa. Simpatizou com ela de imediato. Sempre imaginara que os médiuns fossem frequentemente explorados pelos amigos e conhecidos, uma impressão em nada contrariada pelas reminiscências de Marie sobre as inúmeras vezes em que pedira conselhos gratuitos a Clarissa, pelo que durante o jantar Leon fizera os possíveis para evitar perguntar-lhe fosse o que fosse, até que, por fim, durante a sobremesa, a sua curiosidade fora mais forte do que ele: «Não seria ensurdecedor», perguntara-lhe, «estar numa sala cheia de gente? Seria semelhante a estar numa sala cheia de rádios ligados em frequências sobrepostas, um clamor de vozes a transmitir o mundano ou pormenores horrendos sobre dezenas de vidas?» Clarissa sorria. «É como isto», respondera ela, fazendo um gesto para a sala em volta, «é como estar num restaurante cheio de gente. Conseguimos ouvir a conversa da mesa ao lado ou podemos deixar que se torne ruído de fundo. Tal como encaras o transporte marítimo de mercadorias», dissera ela, e ficara

na memória de Leon como uma das conversas mais encantadoras que alguma vez tivera, porque nunca falara com ninguém sobre a maneira como conseguia ligar-se e desligar-se da expedição, como se rodasse o botão de um rádio. Quando olhava para Marie do outro lado da mesa, por exemplo: via a mulher que amava ou podia mudar de frequência e ver o vestido feito no Reino Unido, os sapatos feitos na China, a mala de couro italiana ou ir ainda mais longe e ver as rotas de expedição Neptune-Avramidis iluminadas no mapa; o vestido via Rota Transatlântica Leste 3, os sapatos via Transpacífica Leste 7 ou o Expresso Leste Xangai-Los Angeles, etc. Ou mais longe ainda, o tipo de linguagem que nunca proferira em voz alta, nem mesmo a Marie: havia dezenas de milhares de navios constantemente no mar, e gostava de imaginar cada um deles como um ponto de luz, convergindo em rios de um brilho elétrico sobre os oceanos noturnos, fluindo pelos afilados canais do Suez e do Panamá, pelo estreito de Gibraltar, contornando os continentes e navegando oceanos afora, uma movimentação ininterrupta que impulsionava países, um mundo secreto que tanto adorava.

Quando Walter passou por Leon Prevant e Jonathan Alkaitis, algum tempo depois, a conversa passara do trabalho de Leon para o de Alkaitis, do transporte marítimo de mercadorias para as estratégias de investimento. Walter não percebia nada disso. O setor financeiro não era o seu mundo. Não falava essa linguagem. Alguém do turno do dia cobrira o gráfíti no vidro com fita refletora, uma estranha faixa espelhada prateada sobre o vidro escuro. Dois atores norte-americanos estavam a jantar no bar.

— Deixou a primeira mulher por esta — disse Larry, acenando com a cabeça na direção deles.

— Ai sim? — respondeu-lhe Walter, sem qualquer interesse pelo assunto. Os vinte anos durante os quais trabalhara em hotéis de luxo tinham-no curado de toda e qualquer curiosidade em relação a celebridades. — Queria perguntar-te uma coisa — disse ele. — Aqui só entre nós: o tipo novo não te parece um pouco estranho?

Larry olhou por cima do ombro e pelo átrio, num gesto dramático, mas Paul estava noutra local, a lavar o piso do corredor atrás da

receção, no coração da propriedade.

— Talvez um pouco deprimido, nada mais — respondeu-lhe Larry.
— Não é propriamente a pessoa mais animada que conheço.

— Perguntou-te alguma coisa sobre os hóspedes que estavam para chegar ontem à noite?

— Como é que sabes? Sim, perguntou-me quando chegava o Jonathan Alkaitis.

— E disseste-lhe...?

— Bem, sabes que não vejo muito bem, além de que tinha acabado de chegar. Por isso disse-lhe que não tinha a certeza, mas que achava que o tipo que estava a beber uísque no bar era o Alkaitis. Só mais tarde percebi que me tinha enganado. Mas porquê? — Larry era um homem razoavelmente discreto, mas, por outro lado, os funcionários moravam todos no mesmo edifício na floresta, e os mexericos eram uma espécie de moeda do mercado negro.

— Por nada.

— Então?

— Conto-te noutra altura. — Walter ainda não compreendia muito bem porquê, enquanto regressava à zona da receção, mas não tinha qualquer dúvida de que fora Paul quem cometera o ato de vandalismo. Olhou em volta, para o átrio, mas ninguém parecia estar a precisar dele nesse momento, pelo que se esgueirou pela porta dos funcionários, atrás do balcão da receção. Paul estava a limpar o vidro escuro ao fundo do corredor.

— Paul.

O empregado da limpeza da noite parou o que estava a fazer, e, com base na expressão que exibia, Walter teve a certeza de que estava certo das suas suposições. Paul exibia um ar amedrontado.

— Onde arranjaste o marcador fluorescente? — perguntou-lhe Walter. — É algo que se pode comprar numa loja de ferragens ou tiveste de o fazer?

— Do que está a falar? — Paul era, contudo, péssimo a mentir. A sua voz subira meia oitava.

— Por que razão querias que o Jonathan Alkaitis visse aquela mensagem vergonhosa?

— Não faço ideia de onde quer chegar.

— Este sítio é importante para mim — disse Walter. — Vê-lo danificado daquela maneira... — Era o «daquela maneira» que mais o incomodava, a perversidade absoluta da mensagem no vidro, mas não sabia como o explicar a Paul sem abrir uma porta para a sua vida privada, e a ideia de revelar algo remotamente pessoal àquele pulha indolente era insustentável. Não foi capaz de terminar a frase. Pigarreou. — Vou dar-te uma oportunidade — disse. — Faz as malas e vai-te embora no primeiro barco da manhã, e não meto a Polícia ao barulho.

— Peço desculpa. — A voz de Paul não era mais do que um sussurro. — Eu só...

— Pensavas que podias danificar a janela de um hotel só para transmitir a mais cruel e demente das... — Walter transpirava. — Porque o fizeste? — Mas Paul exibia o ar furtivo de um rapaz à procura de uma história plausível, e Walter não estava para aturar mais uma mentira nessa noite. — Ouve, vai-te embora e pronto — disse-lhe. — Não quero saber porque o fizeste. Não quero ver-te mais à frente. Arruma os produtos de limpeza, volta para o teu quarto, faz as malas e diz à Melissa que precisas de boleia para Grace Harbour, o mais depressa possível. Se ainda aqui estiveres às 09h00, irei falar com o Raphael.

— Não está a compreender — respondeu-lhe Paul. — Tenho imensas dívidas para...

— Se precisavas tanto deste emprego — replicou Walter —, não devias ter danificado o vidro.

— Nem sequer é possível engolir pedaços de vidro.

— O quê?

— É fisicamente impossível fazê-lo.

— A sério que é essa a tua justificação?

Paul ficou muito corado e desviou o olhar.

— Por acaso pensaste na tua irmã, no meio disto tudo? — indagou Walter. — Foi ela que te arranjou a entrevista de trabalho aqui, não foi?

— A Vincent não teve nada que ver com isto.

— Vais-te embora ou não? Estou com uma disposição generosa e não quero envergonhar a tua irmã, por isso estou a oferecer-te uma saída airosa, mas, se preferes ficar com registo criminal, por mim estás à vontade...

— Não, eu vou. — Paul baixou o olhar para os produtos de limpeza que tinha nas mãos, como se não percebesse muito bem como aí tinham ido parar. — Peço desculpa.

— É melhor ires fazer as malas antes que mude de ideias.

— Obrigado — disse Paul.

5

Só o horror da coisa. *E que tal engolires pedaços de vidro? E que tal morreres? E que tal mandares todos os que amas para o diabo que os carregue?* Estava novamente a pensar no seu amigo Rob, eternamente com 16 anos, a pensar no rosto da mãe de Rob durante o funeral. Walter cumpriu o resto do turno numa espécie de transe e depois ficou acordado até tarde para se encontrar com Raphael na manhã seguinte. Ao passar pelo átrio às 08h00, já depois da hora de se deitar e cheio de sono, vislumbrou Paul ao fundo do cais, a carregar as suas mochilas para o interior do barco.

— Bom dia — cumprimentou Raphael quando Walter deu uma espreitadela no escritório dele. Estava animado e barbeado de fresco. Walter e ele moravam no mesmo edifício, mas em fusos horários diferentes.

— Acabo de ver o Paul entrar no barco com todos os seus pertences — disse Walter.

Raphael suspirou.

— Não sei o que aconteceu. Apareceu-me aqui esta manhã com uma história muito pouco coerente sobre as saudades que tem de Vancouver, quando há três meses o miúdo praticamente me suplicou por uma mudança de ares.

— Não apresentou quaisquer motivos?

— Nenhum. Temos de recomeçar a entrevistar candidatos. Mais alguma coisa? — perguntou Raphael, e Walter, com as defesas fragilizadas pela exaustão, compreendeu pela primeira vez que

Raphael não simpatizava muito consigo. Essa constatação atingiu-o como um pequeno soco.

— Não — retorquiu —, obrigado. Vou deixá-lo sossegado. — No caminho de regresso ao edifício reservado ao pessoal, deu por si a desejar ter estado menos zangado quando falara com Paul. Tantas horas depois, começava a perguntar-se se não teria deixado escapar alguma coisa: quando Paul dissera que tinha dívidas, queria dizer que precisava do emprego no hotel ou estaria a dizer que alguém lhe pagara para escrever a mensagem no vidro? Porque nada daquilo fazia qualquer sentido. Parecia evidente que a mensagem de Paul se destinava a Alkaitis, mas o que significaria Alkaitis para ele?

Leon Prevant e a esposa partiram nessa manhã, seguidos de Jonathan Alkaitis, dois dias mais tarde. Quando Walter iniciara o seu turno na noite da partida de Alkaitis, Khalil estava a trabalhar no bar, embora não fosse a sua noite: Vincent, explicara-lhe, tirara umas férias repentinas. Um dia depois, telefonara a Raphael de Vancouver e dissera-lhe que tinha decidido não voltar para o hotel, pelo que alguém dos serviços de limpeza e manutenção dos quartos empacotara os seus pertences e guardara-os na parte de trás da lavandaria.

O painel de vidro foi substituído com um custo enorme, e o grafiti transformou-se numa recordação. A primavera deu lugar ao verão e depois ao caos maravilhoso da época alta: o átrio cheio todas as noites e um quarteto de *jazz* temperamental que causava confusão no edifício reservado ao pessoal quando não estava a encantar os hóspedes; o quarteto alternando com um pianista cujo vício em marijuana era tolerado somente porque, ao que parecia, conseguia tocar qualquer música alguma vez composta; o hotel completamente esgotado e o pessoal quase duplicado; Melissa a pilotar o barco entre o hotel e Grace Harbour todo o dia e toda a noite, até muito tarde.

O verão deu lugar ao outono e depois ao silêncio e à escuridão dos meses de inverno, às chuvas torrenciais mais frequentes, ao hotel meio cheio, ao edifício reservado ao pessoal mais silencioso à medida que os empregados sazonais iam partindo. Walter dormia

durante o dia e começava o turno no início da noite — o prazer das longas noites do átrio silencioso, Larry junto à porta, Khalil no bar, as tempestades a chegarem e a partirem toda a noite —, e às vezes juntava-se aos colegas para uma refeição que correspondia ao jantar para o turno da noite e ao pequeno-almoço para o pessoal de dia, partilhava umas bebidas com o pessoal da cozinha, ouvia *jazz* sozinho no seu apartamento, fazia caminhadas dentro e fora de Caiette e encomendava livros pelo correio, que lia quando acordava ao final da tarde.

Numa tempestuosa noite de primavera, Ella Kaspersky deu entrada no hotel. Tratava-se de uma hóspede habitual, uma mulher de negócios de Chicago que gostava de fugir «da confusão», como ela própria costumava dizer, uma hóspede digna de nota essencialmente porque Jonathan Alkaitis deixara bem claro que não a queria ver. Walter não fazia ideia por que razão Alkaitis andava a evitar Kaspersky e sinceramente não lhe interessava, mas, quando ela chegou, procedeu à sua confirmação habitual, para garantir que Alkaitis não fizera nenhuma reserva à última hora. Alkaitis não visitava o hotel há algum tempo, constatou, mais tempo do que o seu intervalo habitual entre visitas. Quando o átrio ficou calmo, às 02h00, fez uma pesquisa no Google sobre Alkaitis e encontrou imagens da recente angariação de fundos de uma instituição de caridade, Alkaitis a sorrir, vestido de *smoking* e com uma mulher nova pelo braço. Esta pareceu-lhe muito familiar.

Walter aumentou a imagem. A mulher era Vincent. Uma versão mais polida, com um corte de cabelo caro e uma maquilhagem profissional, mas era claramente ela. Envergava um vestido de noite metálico que deveria ter custado o que ganhava por mês como empregado do bar no hotel. A legenda dizia: «Jonathan Alkaitis com a esposa, Vincent.»

Walter ergueu o olhar do ecrã e contemplou o átrio silencioso. Nada na sua vida mudara nesse ano desde a partida de Vincent, mas por seu próprio desígnio e vontade. Khalil, agora empregado de bar a tempo inteiro do turno da noite, conversava com um casal que acabara de chegar. Larry estava junto à porta, as mãos unidas atrás das costas e os olhos semicerrados. Walter abandonou o seu posto

e saiu para a noite de abril. Esperava que Vincent fosse feliz nesse país desconhecido, nessa estranha vida nova que arranjava para si. Tentou imaginar o que seria viver a vida de Jonathan Alkaitis — o dinheiro, as casas, o avião privado —, mas era tudo incompreensível para ele. A noite estava limpa e fria, sem luar, mas o brilho das estrelas era impressionante. Walter jamais teria imaginado, na sua vida anterior na Baixa de Toronto, que se iria apaixonar por um lugar onde as estrelas eram tão brilhantes que conseguia ver a própria sombra, mesmo numa noite sem luar. Não desejava nada que não tivesse já.

Mas, quando deu meia-volta para voltar a entrar no hotel, foi acometido pela recordação das palavras escritas no vidro há um ano, «E que tal engolires pedaços de vidro?», pelo inquietante mistério do incidente. A floresta era uma massa de sombras indiferenciadas. Cruzou os braços sobre o peito, para se proteger do frio, e regressou ao calor e à luz do átrio.

UM CONTO DE FADAS

2005–2008

Mergulho do cisne

A sanidade depende da ordem. No espaço de um mês depois de ter deixado o Hotel Caiette e de ter chegado à casa absurdamente enorme de Jonathan Alkaitis, nos subúrbios de Connecticut, Vincent estabelecera uma rotina da qual raramente se afastava. Levantava-se às 05h00, meia hora antes de Jonathan, e ia correr. Quando regressava a casa, já ele partira para Manhattan. Às 08h00 estava pronta, de banho tomado e vestida, altura em que o motorista de Jonathan estava disponível para a levar à estação ferroviária — este oferecia-se repetidamente para a levar à cidade, mas ela preferia o movimento dos comboios aos engarrafamentos de trânsito —, e, quando subia ao terminal da estação Grand Central, gostava de atravessar calmamente a passagem principal, contemplando as constelações de estrelas no teto verde, o relógio *Tiffany* por cima do posto de informações, as multidões. Tomava sempre o pequeno-almoço num café perto da estação e depois seguia para sul, em direção à baixa de Manhattan e a um café em particular, onde gostava de tomar um café expresso e ler os jornais, indo depois às compras ou arranjar o cabelo ou percorrer as ruas com a sua câmara de vídeo ou algo semelhante, e, se houvesse tempo, visitava o Museu Metropolitano de Arte antes de regressar à Grand Central e a um comboio rumo a norte, a horas de estar em casa e vestida com algo bonito pelas 18h00, o mais cedo que Jonathan poderia chegar a casa, vindo do trabalho.

Passava o serão com Jonathan, mas arranjava sempre meia hora para ir nadar antes de dormir. No reino do dinheiro, como o encarava, havia imenso tempo livre para preencher, e tinha receio

de se deixar levar, de permitir que houvesse um dia sem um horário ou um plano.

— Toda a gente quer morar em Manhattan — respondeu-lhe Jonathan quando lhe perguntou por que motivo não podiam morar no seu *pied-à-terre* em Columbus Circle, onde às vezes ficavam quando tinham bilhetes para o teatro —, mas eu gosto de viver um pouco afastado de tudo isso. — Crescera nos subúrbios e sempre adorara a tranquilidade e o espaço inerentes aos mesmos.

— Percebo — respondeu-lhe Vincent, mas a cidade atraía-a, a cidade era o antídoto para o verde tumultuoso das suas recordações de infância. Desejava betão, linhas direitas e ângulos fortes, o céu visível somente entre os arranha-céus, a luz austera.

— Seja como for, não serias feliz a morar em Manhattan — disse-lhe Jonathan. — Pensa na falta que te faria a piscina.

Sentiria falta da piscina? Refletiu sobre isso enquanto nadava. A sua relação com a piscina era um tanto adversa. Vincent nadava todas as noites para fortalecer a vontade, pois tinha um pavor imenso de morrer afogada.

Mergulhar na piscina à noite; no verão, Vincent mergulhava nas luzes da casa, refletidas na superfície; com o tempo frio, a piscina era aquecida, pelo que mergulhava no vapor. Deixava-se ficar debaixo de água o máximo de tempo possível, para testar a resistência. Quando por fim vinha à superfície, gostava de fingir que o anel no seu dedo era verdadeiro e que tudo o que via lhe pertencia: a casa, o jardim, o relvado, a piscina na qual nadava. Era uma piscina infinita, criando a sensação algo desorientadora de que a água desaparecia no relvado ou de que o relvado desaparecia na água. Detestava olhar para esse rebordo.

Multidões

O seu contrato com Jonathan, tal como o entendia, implicava estar disponível sempre que ele a quisesse, dentro e fora do quarto, e estar sempre elegante e bem-vestida — «Transmites uma

graciosidade imensa a qualquer divisão», dissera-lhe ele — e em troca tinha um cartão de crédito cujos recibos nunca via, uma vida de casas fantásticas e viagens, por outras palavras, o oposto da sua vida anterior. Ninguém emprega realmente a expressão «mulher troféu» numa conversa, mas Jonathan era trinta e quatro anos mais velho do que Vincent. Ela tinha a perfeita noção do que era.

Houvera ajustamentos a fazer. No início, morar na casa de Jonathan Alkaitis era como um desses sonhos em que encontramos uma porta na cozinha que nunca tínhamos visto antes, e essa porta conduz a um corredor nas traseiras que dá para uma suite de *au pair* nunca utilizada, que por sua vez dá para um quarto de criança nunca utilizado, localizado ao fundo do corredor do quarto principal, maior do que toda a nossa casa de infância, e mais tarde percebemos que existe uma maneira de ir do quarto à cozinha sem ter de entrar nas duas salas de estar ou no átrio do piso inferior.

No tempo em que trabalhava em hotéis, Vincent sempre associara o dinheiro a privacidade — os hóspedes mais abastados têm mais espaço à sua volta, *suites* em vez de quartos, terraços privados, acesso a salas para executivos —, mas, na verdade, quanto mais se entra no reino do dinheiro, mais apinhado este se torna, ficamos rodeados de pessoas na nossa própria casa, a toda a hora, e era por isso que Vincent só nadava de noite. Durante o dia, havia o mordomo, Gil, que morava com a mulher, Anya, numa casinha perto do caminho de acesso à casa; Anya, a cozinheira, supervisionava três jovens locais que mantinham a casa limpa, tratavam da roupa, recebiam as encomendas da mercearia e afins; havia também um motorista, que tinha um apartamento por cima da garagem, e um jardineiro silencioso, que tratava de tudo o que existia no exterior da casa. Sempre que Vincent erguia a cabeça, havia alguém por perto, a varrer, a limpar, a falar ao telemóvel com o canalizador ou a aparar a vedação. Era imensa gente com quem lidar, mas à noite os empregados retiravam-se para as suas vidas privadas, e Vincent podia nadar em paz, sem se sentir observada de todas as janelas.

— Ainda bem que está a tirar proveito da piscina — disse-lhe Gil.
— O consultor de *design* da piscina investiu muito tempo nela, e a

verdade é que nunca ninguém a utilizou antes de si.

Estava na piscina quando conheceu a filha de Jonathan, Claire. Era uma noite fresca em abril, com o vapor a emanar da água. Sabia que Claire viria passar o serão com eles, mas não contara emergir da água e dar de caras com uma mulher vestida de fato a fitá-la por entre o vapor, qual aparição diabólica, completamente imóvel, com as mãos unidas atrás das costas. Vincent arquejou, o que em retrospectiva não foi propriamente agradável. Claire, que pelos vistos viera diretamente do escritório, era uma mulher na casa dos vinte e muitos anos e com um ar bastante empresarial.

— Deves ser a Vincent. — Pegou na toalha dobrada que Vincent deixara em cima de uma espreguiçadeira e estendeu-lha como se lhe ordenasse que saísse da piscina, pelo que Vincent não teve outro remédio senão subir a escada e aceitar a toalha, o que era irritante, pois tencionara nadar por mais algum tempo.

— E tu deves ser a Claire.

Claire não dignificou a pergunta com uma resposta. Vincent envergava um fato de banho relativamente modesto, mas ainda assim sentiu-se extremamente despida, secando-se com a toalha.

— Vincent é um nome invulgar para rapariga — disse-lhe Claire, com ênfase na palavra «rapariga», o que pareceu desnecessário a Vincent. «Não sou tão nova como isso», apeteceu-lhe responder, pois aos 24 anos não se sentia nada jovem, mas talvez Claire fosse perigosa, e Vincent desejava paz, pelo que respondeu num tom mais conciliador:

— Os meus pais deram-me o nome de uma poetisa. Edna St. Vincent Millay.

O olhar de Claire incidiu no anel presente no dedo de Vincent.

— Bem — disse ela —, a verdade é que não podemos escolher os nossos pais. Qual é a área profissional deles?

— Dos meus pais?

— Sim.

— Já não são vivos.

A expressão no rosto de Claire aligeirou um pouco.

— Lamento sabê-lo. — Entreolharam-se por mais uns instantes, e depois Vincent pegou no roupão que deixara em cima de uma espreguiçadeira, e Claire disse, num tom que revelava mais conformação do que propriamente fúria: — Sabes que és cinco anos mais nova do que eu?

— Também não podemos escolher a nossa idade — retorquiu Vincent.

— Ah. (Não se tratava exatamente de uma gargalhada, era mais o proferir de uma palavra: ah.) Bem, somos todos adultos. Só para que saibas, considero esta situação um absurdo, mas não há motivo para não sermos educadas uma com a outra. — Deu meia-volta e regressou ao interior da casa.

Fantasmas

A mãe de Vincent lera imensa poesia, tendo também ela sido poetisa. Quando Edna St. Vincent Millay tinha 19 anos, em 1912, começou a escrever um poema intitulado «Renascence», que Vincent decerto lera mil vezes durante a infância e a adolescência. Millay escreveu o poema para um concurso. O poema não foi vencedor, mas possuía uma carga elétrica tal que a transportou da escravidão da pobreza de Nova Inglaterra para o Colégio Vassar, e daí para o tipo de vida boémia com a qual sempre sonhara; um tipo de pobreza diferente, ao estilo de Greenwich Village, pobreza, sim, mas com leituras de poesia a horas tardias da noite e amigos deslumbrantes.

— A questão é que passou a ter uma vida nova graças à sua força de vontade — dissera a mãe de Vincent, e esta interrogara-se, mesmo nessa altura (teria cerca de 11 anos), sobre o que a afirmação poderia insinuar acerca de quão feliz seria a mãe face à forma como a sua própria vida se revelara, essa mulher que imaginara escrever poesia no meio da natureza selvagem, mas que em vez disso dera por si mergulhada nas dificuldades mundanas de criar uma filha e gerir um lar na natureza selvagem. Há o *conceito* de natureza selvagem e depois há o lado prático e pouco glamoroso, a labuta constante para encontrar lenha; o transporte de

produtos alimentares ao longo de distâncias absurdas; o cuidar da horta e a manutenção das vedações que impedem os veados de comer todos os legumes; a reparação do gerador; não esquecer o combustível para o gerador; a compostagem; a escassez de água no verão; nunca ter dinheiro suficiente porque as oportunidades de emprego no meio da natureza selvagem são limitadas; gerir o ressentimento em ebulição da única filha, que não compreende o nosso amor pela natureza selvagem e que todas as semanas pergunta por que razão não pode viver num lugar normal que não seja em plena natureza selvagem; etc.

O que a mãe de Vincent provavelmente nunca teria imaginado: uma vida — um *acordo* — em que Vincent usava uma aliança, mas não era realmente casada.

— Quero-te por perto — dissera-lhe Jonathan, no início —, mas não quero voltar a casar-me.

A mulher, Suzanne, morrera três anos antes. O seu nome nunca era mencionado. Mas, embora não quisesse casar com Vincent, era da opinião de que as alianças davam a impressão de estabilidade.

— Na minha área profissional — dissera-lhe ele —, a gestão do dinheiro dos outros, a estabilidade, é tudo. Se te levar a jantar com uns clientes, é preferível que sejas uma esposa bela e jovem do que uma namorada bela e jovem.

— A Claire sabe que não somos casados? — perguntou Vincent na noite em que Claire aparecera junto à piscina. Quando Vincent entrara por fim em casa e tomara banho, já Claire se fora embora. Foi dar com Jonathan sozinho na sala de estar virada a sul, com um copo de vinho tinto e o *Financial Times*.

— Só duas pessoas, no mundo inteiro, sabem disso — respondeu-lhe ele. — Tu e eu. Anda cá. — Vincent deteve-se diante dele, sob a luz do candeeiro de pé. Jonathan deslizou as pontas dos dedos pelo braço dela, depois virou-a de costas e abriu-lhe lentamente o fecho do vestido.

Mas que tipo de homem mente à filha em relação ao casamento? Havia coisas nesse conto de fadas nas quais Vincent tinha o cuidado de não pensar demasiado na altura, e mais tarde as suas

recordações sobre esses anos eram algo abstratas, como se pertencessem a outra pessoa.

Cúmplices

Beberam *cocktails* num bar no centro da cidade, com um casal que investira milhões no fundo de Jonathan, Marc e Louise, do Colorado. Nessa altura, Vincent estava no reino do dinheiro há apenas três semanas, e a estranheza da sua nova vida era imensa.

— Esta é a Vincent — apresentou-a Jonathan, com a mão pousada na base das suas costas.

— Prazer em conhecer-vos — respondeu Vincent. Marc e Louise estavam na casa dos quarenta ou cinquenta anos, e, ao fim de mais alguns meses com Alkaitis, passaria a reconhecê-los como um casal típico de uma subespécie ocidental específica de gente endinheirada: tão abastados como os seus equivalentes noutras regiões, mas prematuramente envelhecidos pela obsessão da prática de esqui.

— É um prazer enorme conhecê-la — responderam eles, e Louise teve um vislumbre das alianças de Vincent e Jonathan quando procederam aos apertos de mão.

— Oh, meu Deus, Jonathan — exclamou ela —, quer então dizer que estão de parabéns?

— Obrigado — agradeceu ele, com uma alegria acanhada tão convincente que por uns confusos instantes Vincent entreteve a ideia absurda de que, de alguma maneira, eram realmente casados.

— Nesse caso, temos de fazer um brinde — disse Marc, erguendo o copo. — Parabéns aos dois. Que notícia maravilhosa, absolutamente maravilhosa.

— Posso perguntar...? — disse Louise. — Foi uma cerimónia grande, pequena...?

— Se tivéssemos feito alguma coisa — respondeu-lhe Jonathan —, teriam sido os primeiros nomes na lista de convidados.

— Dá para acreditar — disse Vincent — que nos casámos no registo civil?

— Santo Deus... — retorquiu Marc, e Louise disse:

— Gosto do seu estilo. A Donna vai casar, a Donna é a nossa filha, e, meu Deus, toda a logística, as complicações, o drama, as dores de cabeça... sinto-me tentada a sugerir-lhes que sigam o vosso exemplo e o façam às escondidas.

— Há uma certa eficiência nesse escondimento — disse Jonathan. — Os casamentos são acontecimentos elaborados. Não queríamos ter de lidar com todo o alarido.

— Tive de o convencer a tirar o dia de folga — disse Vincent. — Por ele tínhamos ido na hora de almoço. — Estavam a rir-se, e Jonathan pôs o braço à volta dos ombros dela. Percebia-se que estava a gostar do imprevisto.

— Onde foi a lua de mel? — perguntou Marc.

— Vou levá-la a Nice, na próxima semana, e depois vamos passar o fim de semana ao Dubai — respondeu-lhe Jonathan.

— Ah, sim — retorquiu Marc —, lembro-me de me ter dito que gostava muito daquilo lá. Já lá foi, Vincent?

— Ao Dubai? Não, ainda não. Mal posso esperar. — E por aí fora. Não queria ser mentirosa, mas as expectativas dele eram claras. Enquanto ex-empregada de bar, estava acostumada a representar um papel. As mentiras eram perturbadoramente fáceis. Na noite em que Jonathan entrara no bar do Hotel Caiette, alguém escrevera um graffiti terrível no vidro, e ela estava espedada a polir copos, contando os minutos até ao fim do turno, perguntando-se por que motivo julgara ser boa ideia regressar àquele local, tentando imaginar o resto da sua vida sem grande resultado porque, claro, podia ir-se embora e começar a trabalhar noutra bar, e noutra depois desse, e noutra ainda, e noutra, mas deixar Caiette não mudaria a questão subjacente. Os problemas na vida de Vincent eram os mesmos de um ano para o seguinte: tinha noção de que era uma pessoa razoavelmente inteligente, mas havia uma diferença entre ser inteligentes e saber o que fazer com a nossa vida e também uma diferença entre saber que uma licenciatura talvez mudasse a nossa vida e a vontade de nos comprometermos efetivamente com o peso aterrador dos empréstimos a estudantes, em especial porque trabalhara com suficientes empregados de bar licenciados para saber que uma licenciatura talvez não mudasse

nada de nada, etc., etc., e andava às voltas nesse território familiar, farta dos seus pensamentos e farta de si própria, quando Jonathan entrara no bar. Na forma como falou com ela, com a riqueza visível e o interesse evidente, Vincent viu uma passagem para uma vida muito mais fácil, ou pelo menos uma vida *diferente*, a oportunidade de viver num país estrangeiro, uma vida que fosse além de trabalhar num bar noutro lugar que não ali, e era uma oportunidade irresistível.

Mentir sobre o casamento era algo que lhe pesava na consciência, mas não o suficiente para a fazer ir-se embora. «Estou a pagar um preço por esta vida», disse para si mesma, «mas é um preço razoável».

Variações

Jonathan nunca falava sobre Suzanne, a sua mulher verdadeira, mas o passado não era algo que estivesse totalmente vedado. Às vezes, quando na disposição certa, gostava de ouvir histórias sobre a vida de Vincent. Esta racionava-as com cautela:

— Quando tinha treze anos — dissera-lhe uma vez, deitada em cima da cama, num domingo de manhã —, pinte o cabelo de azul e fui suspensa da escola por ter escrito um grafiti numa janela.

— Não me digas. O que escreveste?

— Acreditas que escrevi as últimas palavras de um filósofo? Encontrei-as num livro algures e fiquei fascinada.

— Precoce, mas também algo mórbido — respondeu-lhe ele. — Até tenho medo de perguntar.

— «Arrebata-me.» Tem uma certa beleza, não achas?

— Talvez, para uma rapariga de treze anos temperamental — replicou, e ela atirou-lhe uma almofada. Não lhe disse que a mãe morrera duas semanas antes, ou que o irmão ia a passar e a vira fazê-lo, ou sequer que tinha um irmão. É possível contar uma história deixando de fora algumas coisas.

Além do mais, não era *mórbido*, deu por si a pensar no comboio a caminho da cidade, na tarde do dia seguinte. Era quase o oposto. Nunca tivera uma visão clara de como pretendia que fosse a sua

vida, nunca tivera um rumo, mas sabia que queria ser arrebatada, ser arrancada da multidão, e depois, quando aconteceu, quando Jonathan lhe estendeu a mão e ela aceitou, quando no espaço de uma semana passou dos aposentos cheios de humidade do edifício dos funcionários do Hotel Caiette para uma casa enorme num país estrangeiro, ficou admirada com quão desconcertante isso era e depois ficou admirada por se sentir admirada. Desceu do comboio na Grand Central e deixou-se levar pelo fluxo de tráfego pedestre que descia a Lexington Avenue. «Como vim parar a este planeta desconhecido, tão longe de casa?» Mas não era apenas o local, nem sequer era propriamente o local. Na verdade, era o dinheiro que tornava tudo tão desconhecido e estranho. Deambulou até à Quinta Avenida sem qualquer destino em mente e caminhou até um par de luvas de pele cor de manteiga lhe ter despertado a atenção, numa montra. Era tudo lindíssimo nessa loja, mas as luvas amarelas tinham uma luz especial. Experimentou-as e comprou-as sem olhar para a etiqueta, porque na era do dinheiro o seu cartão de crédito constituía uma coisa mágica e sem peso.

Deixou a loja com as luvas dentro da mala, e os seus pensamentos divagaram enquanto caminhava. A sua vida nessa altura era tão confusa que dava frequentemente por si a pensar em variações da realidade, diferentes permutações de acontecimentos: uma realidade alternativa em que deixara o emprego no Hotel Caiette e regressara ao emprego anterior, no Hotel Vancouver, antes de Jonathan aparecer, por exemplo; ou em que ele decidira pedir o pequeno-almoço no quarto, nessa manhã, em vez de se sentar ao bar para comer; ou em que se sentara no bar e pedira o pequeno-almoço, mas não vira nada de especial em Vincent; uma realidade alternativa em que ainda morava no edifício reservado ao pessoal do Hotel Caiette, servindo bebidas a turistas abastados, a noite inteira, ano após ano. Nenhum desses cenários parecia menos real do que a vida que lhe calhara, tanto que às vezes tinha a sensação algo desconcertante de que havia outras versões da sua vida a serem vividas sem ela, outras Vincents ocupadas com outros acontecimentos.

Toda a vida lera jornais, porque se sentia muito pouco instruída e queria ser uma pessoa informada e conhecedora, mas na era do dinheiro muitas vezes lia uma notícia e depois distraía-se com o oposto da mesma: imaginando uma realidade alternativa em que não havia Guerra do Iraque, por exemplo, ou em que a nova e terrível gripe suína na República da Geórgia não fora rapidamente contida; um mundo alternativo em que a gripe na Geórgia dava origem a uma pandemia imparável que significasse o colapso da civilização. Uma variação da realidade em que a Coreia do Norte não tinha disparado mísseis de teste, em que os ataques terroristas em Londres não tinham acontecido, em que o primeiro-ministro israelita não sofrera um AVC. Ou ir ainda mais atrás: uma versão da História em que a península da Coreia nunca se dividira, em que a União Soviética nunca invadira o Afeganistão e a al-Qaeda nunca fora fundada, em que o Ariel Sharon morria ainda jovem, em combate. Só conseguia alimentar esse jogo até certo ponto, pois era acometida por uma espécie de vertigem e tinha de se obrigar a parar.

Proteção

Uma das primeiras coisas que comprou foi uma câmara de vídeo cara, uma *Canon HV10*. Começara a filmar aos treze anos, uns dias depois de a mãe ter desaparecido, quando a avó, Caroline, chegara de Victoria para lhes dar algum apoio. Nessa primeira noite da visita da avó, quando Vincent estava sentada à mesa, depois do jantar — a beber chá, um hábito que adquirira da mãe, e a olhar colina abaixo, para a água, pois com toda a certeza, a qualquer instante, a mãe iria subir os degraus que conduziam à casa —, a avó foi buscar uma caixa que colocou em cima da mesa.

— Tenho aqui uma coisa para ti — disse-lhe ela.

Vincent abriu-a e deparou-se com uma câmara de vídeo, uma *Panasonic*. Reconheceu-a como um dos modelos novos que aceitavam cassetes DV, mas ainda assim tinha um peso inesperado. Não sabia bem o que deveria fazer com o aparelho.

— Quando era mais nova — explicou-lhe Caroline —, aí com uns vinte e um, vinte e dois anos, atravessei uma fase complicada.

— Que tipo de fase complicada? — Era a primeira coisa que Vincent dizia em muitas horas, talvez o dia inteiro. As palavras pareceram colar-se-lhe à garganta.

— Os pormenores não são muito importantes. Uma amiga minha, fotógrafa, deu-me uma máquina fotográfica que já não utilizava. Disse-me: «Tira fotografias, tira fotografias todos os dias, para ver se te sentes melhor.» Pareceu-me uma ideia disparatada, para te ser sincera, mas experimentei e senti-me realmente melhor.

— Não me parece que... — começou por dizer Vincent, mas não conseguiu terminar a frase. «Não me parece que uma máquina fotográfica me devolva a minha mãe.»

— Aquilo que estou a sugerir — disse-lhe Caroline, em voz baixa — é que a lente pode funcionar como um escudo entre ti e o mundo, quando te sentes pouco capaz de o enfrentar. Quando não consegues olhar o mundo diretamente, talvez seja possível olhá-lo através do visor. Acho que o teu irmão faria troça de mim se lhe dissesse algo do género, mas talvez tu consigas interiorizar essa ideia.

Vincent ficou em silêncio, meditando sobre essas palavras.

— Estive para te comprar uma máquina fotográfica de 35 mm — disse Caroline, com uma risada deliberada —, mas depois pensei: Estamos em 1994, será que os miúdos ainda tiram fotografias? Com certeza que uma câmara de vídeo é mais atual.

Vincent decidiu-se rapidamente por um formato que lhe agradava. Registava segmentos de cinco minutos cada, como se fossem pequenos retratos: cinco minutos de praia e de céu junto ao cais de Caiette e depois clipes de cinco minutos da rua calma onde morava com a tia, nos imensos subúrbios de Vancouver, cinco minutos da janela do SkyTrain, a caminho do centro da cidade, cinco minutos do fascinante e pavoroso bairro onde morara com Melissa, quando tinha 17 anos — não incluído no filme: a ocasião em que desatara a fugir rua abaixo porque um toxicodependente tentara roubar-lhe a câmara — e clipes de cinco minutos da zona de lavagem de louça no Hotel Vancouver nesse mesmo ano, a câmara enfiada dentro de

um saco de plástico e pousada numa prateleira com o temporizador ativado, enquanto Vincent passava os pratos por água quente e os enfiava dentro na máquina de lavar industrial. Incrementos de cinco minutos de Caiette e mais tarde — depois de ter conhecido Jonathan — cinco minutos da piscina infinita na casa em Greenwich, a maneira como a água ondulava em direção ao relvado, essencialmente porque odiava olhar para o ponto em que água e horizonte se tocavam e estava a tentar enfrentar isso; cinco minutos da janela do avião privado de Jonathan, da primeira vez que atravessou o Atlântico, uns navios lá em baixo na água, de um tom cinzento metálico, sem terra à vista.

— O que estás a fazer? — perguntara-lhe Jonathan, assustando-a. Estivera sentado na traseira do avião com Yvette Bertolli, uma sócia extraordinariamente elegante que viajava com eles rumo a França; morava em Paris, pelo que Jonathan lhe daria boleia até Nice, onde ele tinha uma casa de campo. Vincent, afundada numa poltrona imensa junto à janela, julgara por momentos estar sozinha.

— Tem algo de belo, não tem? — perguntara-lhe Vincent.

Jonathan inclinou-se sobre ela para espreitar as ondas distantes, lá em baixo.

— Estás a filmar o oceano?

— Toda a gente precisa de um passatempo.

— E quando julgamos que já conhecemos uma mulher... — respondera ele, beijando-a no cimo da cabeça.

Sombras

Jonathan tinha uma sombra. Introduziu esse tópico umas horas depois de terem chegado à casa de campo em Nice, quando estavam sentados no terraço, ao fim da tarde. A primavera ainda estava no início, mas já estava calor, uma brisa agradável a soprar do mar. Vincent estava atordoada e a sofrer de *jet lag*, tentando disfarçá-lo com café e com as gotas para os olhos que antes aplicara na casa de banho. Yvette, a sócia de Jonathan, retirara-se discretamente para um dos quartos de hóspedes, pelo que Vincent e Jonathan estavam sozinhos. A vista era composta por palmeiras

e, adiante, pelo azul sobrenatural do oceano, estranhamente familiar depois de tantos filmes que vira passados no Mediterrâneo, a maioria dos quais envolvendo carros velozes, jogadores e/ou o James Bond. Jonathan estava numa disposição contemplativa.

— Isto vai parecer uma afirmação mais do que óbvia — disse-lhe ele —, mas o sucesso atrai um certo tipo de atenção.

— Positiva ou negativa?

— Bem, as duas — retorquiu ele —, mas estou a pensar na negativa.

— Estás a pensar em alguém em particular? — Uma porta abriu-se atrás deles, e Anya apareceu no terraço com duas chávenas de café num pequeno tabuleiro de prata. Vincent assustou-se ao vê-la, pois não se apercebera de que Anya também viera para França, embora lhe ocorresse que não a vira na casa em Greenwich nesses últimos dois dias. — Obrigada — agradeceu Vincent —, estava mesmo a precisar disso. — Anya assentiu com a cabeça. Jonathan tirou o café do tabuleiro sem dizer uma palavra, porque, para ele, o café aparecer do ar era uma ocorrência tão banal que nem sequer merecia reconhecimento.

— Sim — respondeu ele. — Há uma pessoa em particular. Uma obsessiva em particular.

Conhecera Ella Kaspersky em 1999, e logo no Hotel Caiette, entre tantos lugares. Tinham tido uma conversa sobre a possibilidade de Kaspersky fazer uns investimentos com Jonathan, mas esta concluía — sem qualquer base de sustentação, claro — que a consistência dos rendimentos de Jonathan denunciava algum tipo de esquema fraudulento nefasto. Completamente ilógico e injusto, paranoico até, mas que podia ele fazer? As pessoas tiravam as suas próprias conclusões precipitadas.

— Seria de esperar que bons lucros denunciasses que és bom naquilo que fazes — retorquiu Vincent.

— Pois, exatamente. Nunca aleguei ser um génio, mas sei o que estou a fazer.

— Como é óbvio — respondeu-lhe Vincent, com um gesto que pretendia englobar não só o terraço como também a casa de campo

e a respetiva proximidade ao Mediterrâneo, o avião privado que os trouxera aí, toda essa vida impressionante.

— Tenho uma vida confortável — disse ele. — Seja como for, a Kaspersky levou a história dela à CTC. Peço desculpa, é falta de educação mencionar acrónimos obscuros. Estou a falar da Comissão de Títulos e Câmbio. São as pessoas que zelam pela minha indústria. — Vincent sabia o que era a CTC, pois fazia um esforço para acompanhar as notícias financeiras, mas limitou-se a acenar com a cabeça. — Investigaram-me a fundo. Como é óbvio, não encontraram nada. Não havia nada para encontrar.

— E voltaste a ter notícias dela? Depois da investigação?

— Não diretamente. Tenho sabido por algumas pessoas com quem ela falou.

— Se anda a espalhar rumores falsos sobre ti — perguntou-lhe Vincent —, não a podes processar por difamação?

— Aquilo que tens de compreender — respondeu-lhe ele — é que no meu ramo de trabalho a credibilidade é tudo. Não posso correr o risco de isso se tornar notícia de jornal.

— Ou seja, a aparência de um escândalo seria quase tão desastrosa como um escândalo a sério.

— És uma menina esperta. Mas depois pensei melhor, depois da confusão com a CTC ter passado, e percebi qual era o problema. Aquele dinheiro que ela queria investir era a fortuna do pai. Tinha morrido há pouco tempo. E por isso às vezes há muita emoção associada ao dinheiro. — Anya deslocava-se na periferia do terraço, acendendo discretamente as velas para a noite. Quanto da conversa estaria a ouvir? E isso importaria? Anya teria algum interesse nisso? — A carta que a Ella Kaspersky me enviou revelava um grande transtorno — disse Jonathan —, um discurso desconexo sobre o legado do pai e por aí fora. Mas, para ser justo, quando olho para trás, percebo que estava claramente a fazer o luto, e a dor tem o dom de tornar as pessoas um pouco irracionais. — O assunto inominável da falecida esposa de Jonathan pairou no ar entre eles, como um fantasma; entreolharam-se, mas não proferiram o nome dela. Jonathan pigarreou. — Bem, a razão por que te estou a contar isto é porque não queria que ficasses

surpreendida caso encontrasses algo dela *online* ou caso alguma vez nos cruzássemos com ela. Nunca a viste em Caiette, pois não?

— No hotel? Não me recordo muito dos outros hóspedes, para ser sincera. Só lá estive seis ou sete meses.

— Até eu te ter arrebatado — disse-lhe ele, beijando-a. Os lábios dele estavam frios e tinham um sabor desagradável a café velho, mas Vincent sorriu.

— É normal existir uma certa inveja — disse ela. — Nem toda a gente tem sucesso.

(Vincent teria tido sucesso? Sentia que era evidente que estava a viver uma vida extraordinária, mas, por outro lado, não tinha a certeza de qual fora o objetivo. Mais tarde, parada no terraço a filmar o Mediterrâneo, pensou: «Talvez isto pudesse ser suficiente. Talvez nem toda a gente necessite de uma ambição específica. Posso ser o tipo de pessoa que se limita a visitar sítios bonitos e que possui coisas bonitas. Podia talvez fazer vídeos de cinco minutos de todos os mares e oceanos, e talvez esse projeto tivesse algum significado, algum tipo de conclusão».)

O astronauta

Conheceu os funcionários de Jonathan nesse verão, na sua festa anual do Dia da Independência, que durou até de madrugada e envolveu uma frota de autocarros alugados. Havia um exército de empregados de *catering* e uma banda de *swing* vestida de branco no relvado. Os convidados eram todos funcionários de Jonathan. Havia pouco mais de cem funcionários, cinco do grupo de gestão de ativos e os restantes da corretora.

— O pessoal da gestão de ativos não é um pouco distante? — perguntou Vincent. A equipa de gestão de ativos reunira-se num pequeno grupo na periferia da festa. Um deles, Oskar, tentava fazer malabarismo com copos de plástico, perante o olhar dos colegas. «Não, esperem lá...», dizia Oskar. «Juro que dantes conseguia fazer isto...»

— Foram sempre um pouco reservados — disse Jonathan. — Trabalham num andar diferente.

Depois de todos se terem retirado, o relvado parecia imenso, uma paisagem no lusco-fusco de mesas redondas com velas tremeluzentes em cima de toalhas de mesa manchadas de vinho, copos de plástico a cintilar na relva pisada.

— Estás tão composta — disse Jonathan. — Estavam sentados à beira da piscina com os pés dentro de água, enquanto o pessoal do *catering* apagava as velas com sopros, dobrava mesas e arrumava copos sujos dentro de cestos grandes. «É esse o meu trabalho», não lhe respondeu Vincent. Chamar-lhe «trabalho» parecia algo injusto, pois gostava realmente de Jonathan. Não era o romance do século, mas também não tinha de ser; quando gostamos genuinamente da companhia de alguém, andava ela a pensar nos últimos tempos, quando gostamos da nossa vida com essa pessoa e não nos importamos de ir para a cama com ela, não será mais do que suficiente? Será mesmo preciso estarmos apaixonados para a relação ser verdadeira, seja qual for o significado de «verdadeiro», desde que haja respeito e algo parecido com amizade? Passava mais tempo a pensar nisso do que gostaria, o que sugeria que era uma questão por resolver, mas tinha a certeza de que conseguiria continuar assim durante muito tempo, anos até. O Dia da Independência fora uma noite intensa no pico de uma onda de calor.

— Obrigada. Eu tento. — A transpiração escorria-lhe pelas costas.

— Mas tentas sem dares a entender que estás a tentar — respondeu-lhe ele. — Não fazes ideia de quão raro é.

Estava a contemplar o tremeluzir de luzes na superfície da piscina. Quando ergueu o olhar, uma das empregadas de *catering* estava a observá-la, uma mulher nova a endireitar as espreguiçadeiras. Vincent desviou rapidamente o olhar. Estudara os hábitos dos endinheirados com afinco. Copiava os seus modos de vestir e falar e cultivava um ar despreocupado. Mas sentia-se pouco à vontade perto de empregados domésticos e de *catering*, pois receava que, caso alguém do seu planeta de origem a fitasse com atenção, visse através do seu disfarce.

Mirella

No primeiro inverno que passaram juntos, partiram de avião rumo a sul, para uma festa num clube privado em Miami Beach. Jonathan parecia pertencer a uma quantidade impressionante de clubes.

— É um passatempo dispendioso — explicou a Vincent —, mas sempre tive uma queda por sítios onde parece que o tempo desacelera. — (Outra dica que Vincent achava que deveria ter apanhado: por que razão queria ele que o tempo desacelerasse? Haveria algo nessa afirmação além da percepção generalizada da mortalidade, outra inevitabilidade que ele sentia vir a correr na sua direção?) — Alguns dos clubes têm outros prazeres — disse ele. — Há campos de golfe, de ténis e afins, mas há um certo prazer em tomar um café ou um copo de vinho numa sala privada. O tempo passa de maneira diferente nesses lugares.

O Festival de Inverno em Miami Beach era uma noite de *smokings* e vestidos de gala iridescentes. As mulheres eram quase todas mais velhas do que Vincent. Os homens parecer-se-iam todos entre si, mesmo que não estivessem vestidos como pinguins — a curiosa uniformidade das pessoas com vidas de manutenção dispendiosa e hábitos similares —, e a maior parte vivera sempre nesse mundo, era por demais evidente; tinham passado toda a vida acima de uma rede de segurança e, como tal, pertenciam a uma espécie diferente de Vincent. Movimentou-se pela sala envergando um vestido de noite prateado, sorrindo e dizendo às pessoas que era um prazer conhecê-las, rindo-se de forma convincente das piadas básicas, escutando atentamente anedotas entediantes com o mesmo sorriso que oferecia aos clientes que deixavam boas gorjetas quando trabalhava em bares. Jonathan conhecia as gentes de Miami Beach há uma década ou mais. Muitas das mulheres tinham sido amigas da mulher de Jonathan, Suzanne, e tinham filhos da idade de Vincent e mais velhos. Várias tinham-se submetido a operações plásticas infelizes — rostos empolados, testas imóveis, lábios inchados que pareciam feitos de borracha — que a levavam a arregalar os olhos quando lhe eram apresentadas. Vincent permaneceu ao lado de Jonathan até ele se ter retirado para

uma conversa discreta com um potencial investidor, altura em que ela se dirigiu para o bar, onde uma mulher alta com um vestido de um fúcsia ofuscante pedia um gim tónico. Vincent reparara nela antes, como uma das poucas mulheres presentes na sala que aparentava ser da sua idade. Receberam as respetivas bebidas em simultâneo, de empregados de bar posicionados lado a lado, e quase chocaram quando se afastaram do bar.

— Oh, não — exclamou Vincent. — Não entornei vinho no seu vestido, pois não?

— Nem uma gota — respondeu-lhe a mulher. — Sou a Mirella.

— Sou a Vincent. Olá.

— Ia agora para o terraço, quer vir?

Saíram para o terraço com apontamentos italianos. Viam-se algumas mulheres da idade delas e mais novas, mas todas pareciam conhecer-se e estavam ou entretidas a conversar ou entretidas ao telemóvel. Vincent ficou satisfeita por ser possível ver o mar desse ponto, o mesmo azul do Mediterrâneo.

— Alguma vez foi a uma festa tão entediante como esta? — Vincent era, por norma, mais cautelosa do que isso, mas Mirella exibia um ar de tédio que a deixou à vontade.

— Sim. A mesma festa no ano passado.

Um homem vestido com um fato escuro seguira-as para o exterior. Deixou-se ficar a alguma distância, perscrutando o terraço.

— Ele está consigo? — indagou Vincent.

— Sempre — retorquiu Mirella, e Vincent percebeu que o homem era proteção contratada. Mirella vivia a uma grande altitude.

— Não é um tanto opressivo? Ter alguém a segui-la a toda a hora?

Estavam encostadas ao parapeito, contemplando o terraço. As outras mulheres pareciam um bando de pássaros tropicais. Era a primeira vez de Vincent na Florida, e reparara que as pessoas usavam cores mais intensas do que em Nova Iorque ou no Connecticut.

— Tem piada dizer isso — respondeu-lhe Mirella. — Ainda há pouco estava a pensar no mesmo. E percebi algo ligeiramente

inquietante.

— O quê?

— Há alturas em que já nem o vejo. Não quero ser uma pessoa para quem os outros são invisíveis, mas é o que é.

— Mas há muito tempo que... — Vincent não sabia como colocar a pergunta, mas tinha curiosidade em saber quanto tempo demorava para uma pessoa se tornar invisível. Ainda estava muito consciente da presença dos empregados domésticos de Jonathan Alkaitis, a toda a hora, e havia algo de atraente e também sedutor na ideia de já não os conseguir ver. — Ele está consigo há muito tempo?

— Seis anos — respondeu-lhe Mirella. — Não ele pessoalmente. Homens diferentes no mesmo cargo. Só foi estranho nos primeiros meses. — Olhava para a mão esquerda de Vincent. — Quem é o seu marido?

— Não sei se o conhece, não vem muitas vezes a este clube. Chama-se Jonathan Alkaitis.

Mirella sorriu.

— Conheço o Jonathan — replicou ela. — O meu namorado investe com ele.

Mirella andava sempre com um guarda-costas atrás porque o namorado, Faisal, era um príncipe árabe. A namorada de um primo dele fora raptada em troca de um resgate, uma década antes, e o episódio deixara-o um pouco paranoico.

— Ele vai ser rei, um dia? — Vincent perguntou a Mirella, quando se encontraram em Manhattan na semana após a festa. Mirella e Faisal viviam a maior parte do ano numas águas-furtadas no Soho.

Mirella sorriu.

— Nem pensar — respondeu-lhe. — Há qualquer coisa como seis mil príncipes sauditas.

— E quantas princesas?

— Ninguém conta as princesas.

Encontraram-se para jantar algumas vezes depois disso, Faisal, Mirella, Jonathan e Vincent. Faisal era um homem supremamente elegante, na casa dos quarenta, que preferia fatos feitos à medida e

camisas brancas com os dois botões de cima desabotoados, nunca gravata. Não trabalhava. Ele e Mirella tinham-se instalado na cidade de Nova Iorque porque aí se sentia livre, explicou ele. Não que não gostasse de Riade, a sua cidade natal, mas era francamente agradável viver num lugar que não estivesse apinhado de familiares. Sentia que tinha um pouco mais de espaço para respirar desse lado do mundo. Não obstante, tinha alguma dificuldade em suportar os invernos em Nova Iorque, pelo que numa ocasião passara o mês de fevereiro inteiro a aprender a jogar golfe no clube de Miami Beach, onde acabara por conhecer Jonathan.

Faisal fora sempre uma desilusão para a família. Era o filho que só queria frequentar clubes de *jazz* e passar os serões na ópera, que lia publicações literárias obscuras em francês e inglês, que se distanciara da família indo morar para o outro lado do mundo e que não mostrava qualquer interesse em casar, quanto mais em ter netos. Mas depois fez uns investimentos com Alkaitis e apresentou-o a vários elementos da sua família, cujos negócios correram tão espetacularmente bem que o estatuto de Faisal enquanto ovelha negra da família foi, pelo menos em parte, contrariado, e era evidente que isso era incrivelmente importante para ele.

Mirella e Faisal tinham morado em Londres por uns anos e em Singapura durante um curto período de tempo, antes de se terem instalado em Nova Iorque.

— A minha vida não era muito diferente nesses lugares — explicou Mirella quando Vincent Iho perguntara, um ou dois meses depois de se terem conhecido. Vincent levara Mirella à sua galeria favorita no Museu Metropolitano de Arte. Vincent não tivera uma educação formal em Arte, mas os retratos diziam-lhe muito, em especial retratos cujas pessoas tinham um ar perfeitamente vulgar, como alguém que pudéssemos encontrar no metro, só que com uma indumentária fora de moda.

— Não as vejo como cidades semelhantes — disse-lhe Vincent.

— E não são, mas a minha vida nelas era a mesma. A única coisa que mudava era a paisagem. — Olhou de relance para Vincent. — Tu não vens de famílias ricas, pois não?

— Não.

— Eu também não. Sabes o que aprendi sobre o dinheiro? Estava a tentar perceber por que motivo a minha vida era a mesma em Singapura e em Londres e foi então que percebi que o dinheiro é um país em si mesmo.

Uma das coisas em que Vincent tentava não pensar demasiado: uma diferença entre Mirella e Vincent era que Mirella vivia nesse país de dinheiro com um homem que amava verdadeiramente. Era visível na maneira como olhava para Faisal, na forma como o rosto dela se iluminava quando ele entrava na divisão.

O investidor

Se o dinheiro é um país, existiam outros cidadãos com quem Vincent simpatizava muito menos. Ela e Jonathan jantaram com Lenny Xavier, um produtor musical de Los Angeles. Jonathan estava calado e distraído no caminho para o restaurante.

— É o meu investidor mais importante — disse ele baixinho, quando entraram. Então vislumbrou Lenny e a esposa ao fundo da sala e esboçou um sorriso. Lenny envergava um fato de aspeto caro com ténis e tinha o cabelo propositadamente desgrenhado. A esposa, Tiffany, era muito bela, mas não tinha muito para dizer.

— Por acaso conhecemo-nos numa audição — disse ela quando Vincent tentou meter conversa e depois pouco mais disse. Fora cantora, mas já não cantava. Perto do final da noite, Jonathan conseguiu incluir Tiffany na conversa, e Lenny, que já bebera demasiado, virou-se para Vincent e lançou-se num monólogo sobre uma rapariga com quem trabalhara há uns anos, outra rapariga que também queria ser cantora.

— O problema — explicou-lhe ele — é que há pessoas que não conseguem reconhecer as oportunidades.

— Isso é bem verdade — retorquiu Vincent, mas a afirmação deixou-a pouco à vontade. Gostava da companhia de Jonathan, mas era inegável que, quando o vira entrar no bar do Hotel Caiette, reconhecera a oportunidade.

— Ela tinha imenso potencial. Potencial a sério. Mas a incapacidade de reconhecer uma oportunidade? É uma falha fatal.

— Que é feito dela? — indagou Vincent. Lenny falara sobre a rapariga no passado, o que a Vincent soou algo alarmante.

— A Annika? Estou-me bem a cagar. Não a vejo desde 2000, talvez 2001. — Lenny serviu-se de mais um copo de vinho tinto. — Queres mesmo saber? Voltou para o Canadá, para tocar música eletrónica esquisita com os amigos.

(— O problema — dizia Tiffany a Jonathan, do outro lado da mesa — é que, quando compramos joias *online*, é difícil perceber quão pesadas são.)

— Já não trabalhas com ela?

— Não, porque é uma idiota de merda. Essa miúda, a Annika, era muito nova quando a conheci. Incrivelmente bonita, estás a ver? Incrivelmente bonita. Não tinha um talento imenso, mas tinha o suficiente. E um corpo do caraças. A voz não era má, mas sabes que mais? Isso resolve-se. Escreve poesia, por isso as letras dela são boas. Toca violino, um instrumento inútil como a merda para a música *pop*, mas paciência, pelo menos tem formação musical. Começámos a trabalhar com ela, estamos a tratar de fazer um álbum, a fazer planos sobre como apresentá-la, como lançá-la. E, como te disse, é linda, e digo-te mais, tem cá uma intensidade, uma espécie de qualidade rara, tipo, é muito sensual, mas não de uma maneira *óbvia*, estás a ver? Não é demasiado evidente, tem algo misterioso.

— Misterioso?

— É algo distante, mas não distante no sentido de rainha do gelo, é mais tipo, sei lá, um distante *inteligente*, o que pode ser muito atraente em certas raparigas. — Baixou momentaneamente o olhar para o peito de Vincent. — Bem, já íamos bem avançados, estávamos a contratar uma banda de apoio e à procura de um coreógrafo e tudo, mas depois ela veio ter connosco e disse: «Não quero mais isto.» Ficámos tipo: «*Desculpa?* Como assim?» Ficámos mesmo chocados, eu e os meus sócios. Tínhamo-la num programa, estás a ver? Estávamos a pagar aulas de voz, aulas de guitarra,

compositores, um treinador pessoal. Qualquer músico, qualquer artista de música, teria dado tudo por uma oportunidade como a que ela estava a ter. Dissemos-lhe isso mesmo, e ela respondeu que sim, que entendia e agradecia imenso o esforço, mas que estávamos a violar a integridade artística dela. — Lenny fez uma pausa para beber um trago de vinho. — É de rir, não achas?

Vincent esboçou um sorriso, sem perceber exatamente onde estava a piada. (— Ah, essa? Essa é um topázio, se não me engano — dizia Tiffany a Jonathan. — Com pequenos diamantes a toda a volta.)

— Ficámos tipo: «A tua quê? A tua *integridade*? Tens vinte e um anos. Tu não tens integridade, miúda.» Quer dizer, tudo bem, talvez tivesse integridade, sim, integridade pessoal, como qualquer ser humano, mas *integridade artística*? Só podem estar a gozar comigo, porra. É uma miúda.

— E o que aconteceu depois?

— Foi como te disse, voltou para o Canadá. Ainda no outro dia pesquisei-a no Google, e sabes o que está a fazer? A viajar pelo Canadá na porra de uma carrinha, a tocar em clubes minúsculos e festivais de música em cidades que ninguém conhece. Estás a ver onde eu queria chegar? Não reconheceu uma oportunidade. Já eu, quando conheci o teu marido... Assim que percebi como funcionava o fundo de investimento dele... Era uma oportunidade, e agarrei-a.

— Lenny — disse Jonathan, interrompendo Tiffany a meio de uma frase —, não entediemos as nossas esposas maravilhosas com conversas sobre investimentos.

— Só estou a dizer que o meu investimento se revelou melhor do que esperava. — Lenny ergueu o copo no ar. — Bem... Quanto à Annika... É na boa, sabes porquê? Consigo prever o futuro. — Sorriu e deu uma pancadinha na testa com a ponta do dedo. — Há de voltar para mim.

— Não duvido — respondeu-lhe Vincent. O estranho era que tinha a certeza de que Jonathan estava a escutar atentamente a conversa entre ela e Lenny, apesar de estar a olhar para Tiffany e a acenar com a cabeça em resposta ao que ela dizia. Parecia-lhe haver algo que Jonathan não queria que Lenny revelasse.

— Qualquer dia, daqui a um ano, terei novamente notícias dela. Era capaz de apostar dinheiro e tudo.

— Acredito... — Se ao menos a noite chegasse ao fim. O rosto de Vincent começava a exibir algum cansaço.

— E ela vai ser, tipo: «Olá, lembras-te de mim, éramos para ter feito algo juntos.» E eu vou ser, tipo: «Sim, *éramos* para ter feito algo juntos, tu e eu, no passado. Foi há cinco anos, há seis anos, agora já não tens vinte e um anos.»

À beira da piscina

— Fala-me sobre o sítio de onde vens — pediu-lhe Mirella, perto do fim. A era do dinheiro durou praticamente três anos. Durante o último verão, seis meses antes do fim, Faisal regressou a Riade a fim de passar umas semanas com o pai, a quem recentemente fora diagnosticado um cancro, e durante esse período Mirella adquiriu o hábito de ir de carro até Greenwich quase todas as tardes. Vincent e Mirella passavam lânguidas horas a nadar ou estendidas na sombra, à beira da piscina, meio adormecidas devido ao calor, o guarda-costas de Mirella a ler o jornal ou a fitar o telemóvel, sentado numa cadeira, suficientemente afastado para elas falarem à vontade.

— Cresci numa rua com dois becos sem saída — disse-lhe Vincent. — Penso que está tudo dito.

— Pousa lá a câmara, sim? Estás a deixar-me nervosa.

— Não te estou a filmar, estou a filmar aquelas árvores ali.

— Sim, mas são árvores sem qualquer interesse. Não estão a fazer nada.

— Tens razão — retorquiu Vincent, sorrindo enquanto guardava a câmara de vídeo, embora lhe custasse parar de filmar aos três minutos e 27 segundos. Tinha perfeita noção de que a sua necessidade de filmar em intervalos precisos de cinco minutos poderia ser um caso não diagnosticado de transtorno obsessivo-compulsivo, mas nunca lhe parecera que fosse um problema grave.

— Como é que uma rua pode ter dois becos sem saída?

— Se os únicos acessos forem de barco ou hidroavião. Imagina uma fileira de casas numa enseada. Com floresta a toda a volta, água e nada mais.

— Tinhas um barco?

— Algumas pessoas tinham os seus próprios barcos. Nós, não. Costumava apanhar o barco dos Correios para a escola, todas as manhãs, e depois havia um autocarro à nossa espera junto ao cais, do outro lado, que nos levava para a cidade mais próxima. E só tive televisão aos treze anos.

— Como assim? Não tinham televisão? — Mirella olhava-a como se tivesse acabado de anunciar ter vindo de Marte.

— Quer dizer, lá não havia sinal.

— Se ligasses o televisor, o que acontecia?

— Via-se apenas estática — respondeu-lhe Vincent.

— Em todos os canais?

(Uma recordação: treze anos, suspensa da escola por causa do incidente com o graffiti, sentada à janela da cozinha com um livro, depois de erguer o olhar e de ver o pai a subir a colina vindo do táxi aquático, com uma caixa muito pesada nos braços e um sorriso nos lábios. «Olha só o que a minha mãe comprou para nós», dissera-lhe ele. «Ligaram-me para a ir buscar à loja de eletrónica em Port Hardy.» A avó Caroline regressara à sua vida nessa manhã, por uns dias, mas, ao que parecia, deixara um presente de despedida.

Um televisor! Uns meses antes, haviam instalado uma torre em Grace Harbour, na parte mais elevada da enseada, o que significava que, pela primeira vez na história, havia sinal em Caiette, e a mãe jamais o teria permitido, mas já não era da conta dela, pois fora-se embora havia três semanas. Vincent e o pai perscrutaram variações de estática até encontrarem o melhor canal, onde se viam duas mulheres com pronúncia norte-americana à conversa, uma com o cabelo castanho comprido e óculos, a outra com o cabelo platinado armado e a roupa muito justa.

— «WKRP em Cincinnati» — disse o pai. — Costumava ver isto nos anos oitenta.

Uma das mulheres disse algo engraçado, fazendo o pai rir-se pela primeira vez em três semanas. Onde seria Cincinnati? Na televisão a cidade possuía um brilho esbatido, como o cabelo da atriz loura. Mais tarde, Vincent foi buscar o atlas a uma prateleira alta e encontrou-a, um ponto no meio do país mais próximo, a sul. Procurou Colúmbia Britânica na página, a sudoeste, mas, claro, Caiette era demasiado pequena para aparecer no mapa.)

Mirella tinha uma história sobre um duplex numa urbanização de apartamentos idênticos, na zona suburbana de Cleveland, campos de milho de um lado e uma autoestrada do outro. A mãe tinha dois empregos, e o pai estava na prisão. Mirella e a irmã passavam várias horas por dia sozinhas em casa, a ver televisão; percorriam a pé o caminho da paragem do autocarro escolar até casa e trancavam a porta atrás delas, e depois disso já não tinham autorização para voltar a sair de casa. Aqueciam *Hot Pockets* para o jantar e às vezes faziam os trabalhos de casa, outras vezes, não.

— Por acaso nem era muito mau — explicou ela. — Tive sorte. Nunca me aconteceu nada terrível. Era só um pouco secante. Cresceste com os dois pais?

— A minha mãe afogou-se quando eu tinha treze anos. — Vincent sentiu-se grata pelo facto de Mirella se ter limitado a acenar com a cabeça. Talvez a partir desse momento passasse a travar amizade apenas com pessoas que tivessem perdido pelo menos um dos progenitores. — O meu pai plantava árvores e passava várias semanas seguidas em acampamentos remotos durante o ano letivo, por isso fui viver com a minha tia em Vancouver.

A conversa foi-se afastando dos lugares de origem, o que agradou a Vincent. Tudo o que dizia respeito a Caiette era impossível de descrever ou demasiado difícil de discutir, e tudo o que se seguira a Caiette era entediante ou embaraçoso. Mirella estava a falar sobre a forma como ela e Faisal se tinham conhecido. Mirella tentara ser modelo, mas não conseguira ir muito longe. O problema, como a agente dela lhe explicara, estava no facto de Mirella ser bela, mas possuir uma beleza vulgar. Não havia nada de

invulgar no rosto de Mirella, à exceção da sua beleza, e nessa época isso não bastava para ser modelo, dissera-lhe a agente. Também era necessário ser-se invulgar. As modelos de sucesso dessa altura tinham os olhos invulgarmente espaçados, ou rostos muito banais mas com uma característica fora do normal, ou orelhas espetadas para fora como as pegadas de um cântaro. Quando conhecera Faisal, Mirella andava a tentar ser atriz porque a carreira de modelo não estava a resultar, mas a representação também não estava a correr particularmente bem. Tinha algum talento, mas não o suficiente para se distinguir entre o mar de jovens bonitas moderadamente talentosas. Na noite em que conhecera Faisal, estava numa festa, envergando um vestido caro que pedira emprestado à colega de casa, horas depois de um telefonema com a assistente da sua agente — esta já não atendia as suas chamadas —, no qual a assistente, que em tempos também quisera ser atriz, lhe revelara cautelosamente que Mirella fora, mais uma vez, preterida para um papel. A rejeição era extenuante. Mirella encontrava-se junto à janela, a contemplar a vista sobre a Baixa de Los Angeles, e percebera que começava a ficar demasiado saturada dessa vida. Estava a pensar que talvez fosse melhor matricular-se finalmente numa universidade, estudar algo que lhe permitisse arranjar um bom emprego, mas a irmã fizera exatamente isso, e agora tinha imensas dificuldades em pagar os empréstimos concedidos aos estudantes, pelo que Mirella não tinha a certeza se valeria a pena endividar-se dessa maneira. Estava a tentar pensar no rumo a tomar quando Faisal surgira ao seu lado, elegantemente vestido, com dois copos de vinho nas mãos, e ela pensara: «E porque não tu?»

— Nós também nos conhecemos com bebidas — disse Vincent —, só que eu era empregada de bar.

Mirella sorriu:

— Não me admira. Fazes uns *cocktails* fantásticos.

— Obrigada. Foi uma altura estranha na minha vida. O meu pai tinha acabado de falecer. — Mirella arregalou os olhos. Ficar sem um dos progenitores não era propriamente invulgar, mas perder os

dois era completamente diferente. — Tive de regressar à minha terra natal para tratar de tudo e, como havia uma oportunidade de emprego no hotel local, decidi ficar uns tempos por lá.

— Que lhe aconteceu?

— Teve um ataque cardíaco.

— Lamento.

— Obrigada. — Vincent não gostava de pensar nos pais.

— E era o hotel do Jonathan? Lembro-me de ele ter falado sobre isso.

— Sim, exatamente. Pensava que morar lá significaria uma vida mais simples, mas ao fim de um mês percebi que era um engano. A minha melhor amiga de infância trabalhava lá, e, ao fim de uns meses, o meu irmão apareceu e começou a trabalhar lá também, e, sei lá, começou a ser um pouco claustrofóbico, morar no mesmo sítio com as mesmas pessoas que conhecia desde nascença.

— Não sabia que tinhas um irmão.

— Para dizer a verdade, ele nunca fez parte da minha vida — respondeu-lhe Vincent. — Não o vejo há anos.

— Portanto, foste para esse sítio no meio do nada e vieste-te embora porque o teu irmão também lá estava?

— Não, eu... Aconteceu uma coisa estranha — disse-lhe ela. — Ora bem, o átrio tinha uma parede toda em vidro, com vista para a água. Eu estava a trabalhar no turno da noite, e havia um hóspede no átrio, um homem com insónias, que estava sentado numa poltrona a ler ou a trabalhar ou algo do género e depois fez um som qualquer e deu um salto da poltrona. Olhei na direção dele, e alguém tinha escrito uma mensagem horrível no lado de fora do vidro.

— O que dizia?

— A mensagem? «E que tal engolires pedaços de vidro?»

— Que coisa de loucos — respondeu Mirella.

— Podes crer. E depois, uns minutos mais tarde, o meu irmão Paul regressou da pausa para jantar, e foi absolutamente óbvio que tinha sido ele, pois estava muito nervoso, nem sequer conseguia olhar-me nos olhos...

— Mas por que motivo haveria ele de...?

— Não sei. Quase lhe perguntei, mas depois percebi que não importava. Não há justificação para se escrever uma coisa tão horrível como aquela, pois não?

— Pois, também me parece. — Mirella ficou em silêncio por momentos. — É uma mensagem horrível, mas não sei se percebo exatamente por que motivo te incomodou tanto.

— A questão da minha mãe — disse-lhe Vincent — é que sei que se afogou, mas não sei *por que razão* se afogou. Costumava praticar canoagem com muita frequência. E nadava muito bem.

— Achas que pode não ter sido um acidente...

— Acho que nunca hei de saber se foi ou não. — Calaram-se por instantes, e o cantar das cigarras nas árvores na orla da propriedade soou mais alto. — De qualquer maneira, não foi só isso. Estava a ter um desses momentos em que olhamos para a vida e pensamos: «A sério que é só isto? Pensava que haveria mais.»

— Estou mais do que familiarizada com esses momentos — retorquiu Mirella. — Estavas portanto prestes a ir-te embora, e entretanto o Jonathan apareceu no bar?

— Pouco mais de duas horas depois, talvez menos. Eram cinco da manhã. Tive de beber dois cafés expressos só para manter os olhos abertos.

— E viva o café. — Mirella ergueu o copo.

— Quando digo que não sei o que seria de mim sem o café, estou a falar literalmente — disse Vincent.

Um homem solitário entra num bar e vê uma oportunidade. Uma oportunidade entra num bar e vê uma empregada de bar. Uma empregada de bar solitária ergue o olhar do seu trabalho, e a mensagem no vidro dá-lhe vontade de fugir, porque a mãe da empregada de bar desapareceu enquanto fazia canoagem, e ela sempre disse a toda a gente que se tratara de um acidente, mas não há maneira nenhuma de saber se é verdade ou não, e, além disso, como é que alguém que tem a perfeita noção dessa incerteza — como era claramente o caso de Paul — consegue escrever uma sugestão de suicídio num vidro com essa mesma água a cintilar do lado de fora, mas o que desespera verdadeiramente essa empregada de bar não é o graffiti, mas o facto de, quando sair dali,

ser apenas para ir para outro bar, e para outro depois desse, e para outro, e para outro ainda, e é nesse momento que o homem, a oportunidade, lhe estende a mão.

— Acredita se lhe disser que cresci aqui? — dissera ela a Jonathan, quando durante essa primeira conversa ele lhe perguntara de onde era. Servira-lhe comida e tinham-se deixado levar por uma conversa surpreendentemente fluida.

— Aqui mesmo, em Caiette?

— Bem, aqui e em Vancouver.

— Bela cidade — retorquira ele. — Gostaria de lá ir com mais frequência.

Estendera-lhe uma nota dobrada antes de se retirar — ela agradecera-lhe sem olhar para a mesma —, e tratava-se de uma nota de cem dólares, dobrada à volta de um cartão de visita, no qual ele escrevinhara um número de telemóvel. Uma nota de cem dólares? Em retrospectiva, era algo embaraçoso, mas sempre lhe agradara a clareza das intenções dele. Seria sempre um acordo transacional. Quando fazia sinal, ela ia ter com ele. Seria sempre muito bem recompensada.

«E porque não tu?»

Soho

Nesse último verão no reino do dinheiro, Vincent e Mirella encontraram-se no Soho, numa tarde subtropical, onde passaram algum tempo nas águas-furtadas de Faisal e Mirella e depois foram às compras, não por necessidade, mas para quebrar a monotonia. Nuvens negras enchiam o céu. No final da tarde, deambularam pela Spring Street abaixo, sem nenhum destino particular em mente, depois de terem gastado vários milhares de dólares em roupa e *lingerie*, e Vincent estava a admirar um *Lamborghini* amarelo estacionado do outro lado da rua quando Mirella disse:

— Acho que vai começar a chover...

E apressaram o passo, tarde de mais, pois o primeiro trovão soou, e a chuva torrencial começou a cair. Mirella agarrou-lhe na mão e desataram a correr. Vincent ria-se — adorava ser apanhada

pela chuva —, e Mirella não gostava do que a chuva lhe fazia ao cabelo, mas, quando alcançaram finalmente a esquina, também ela estava a sorrir, arrastando Vincent para o interior de um café onde ficaram paradas por breves instantes, agradavelmente arrefecidas pelo ar condicionado, afastando o cabelo molhado dos olhos e avaliando o estrago nos sacos das compras. O guarda-costas de Mirella entrou uns instantes depois, limpando a testa com um lenço.

— Bem — disse Mirella. — Aproveitamos e tomamos um café?

— ‘Bora. — Vincent estava na Costa Leste desse continente havia já dois anos e meio, mas ainda assim assustava-se com a violência das trovoadas de verão, com a maneira como o céu assumia uma tonalidade esverdeada. Encontraram uma mesa minúscula junto à montra e sentaram-se com os cafés expressos, os sacos de compras molhados pousados em volta das pernas. Instalara-se um silêncio agradável, e, enquanto observavam o aguaceiro, Vincent percebeu que se sentia perfeitamente à vontade, pela primeira vez nos últimos tempos. A verdade era que se sentira extremamente sozinha no reino do dinheiro antes de ter conhecido Mirella.

— Não achas que ir às compras é, na verdade, um tédio imenso?

— Vincent sentiu-se culpada por o ter proferido em voz alta. Apenas o podia dizer porque Mirella também não nascera rica. Os fantasmas das vidas anteriores de Vincent acercaram-se da mesa e fitaram as elegantes peças de roupa que ela envergava.

— Sei que é de mau-tom admiti-lo — replicou Mirella —, mas é incrível como deixa rapidamente de ser novidade. — Algo na maneira como ergueu o olhar nesse instante, a forma como a luz incidiu no seu rosto, lembrou a Vincent o verso de uma canção infantil, o seu verso favorito no livro da «Mãe Pata» que havia na biblioteca da escola primária, lido tantas vezes que o memorizara por volta dos cinco ou seis anos: «Ela é bonita, ela está aperaltada, ela é a rapariga da cidade dourada...»

— A princípio era como se fosse uma espécie de compensação — disse Vincent. — A pessoa lembra-se das vezes em que teve de escolher entre pagar a renda ou ir ao supermercado e pensa:

«Agora já tenho dinheiro para comprar este vestido, portanto, o equilíbrio foi restaurado.» Mas, ao fim de algum tempo...

— Ao fim de algum tempo, chegas à conclusão de que já tens vestidos que cheguem — retorqui Mirella. — Se o Faisal tivesse noção das compras que faço, o mais certo seria mandar-me internar.

«Embora, claro, a questão não fosse a roupa», pensou Vincent mais tarde, no comboio de regresso a Greenwich. Não eram coisas que a mantinham nessa estranha vida nova, no reino do dinheiro; não era a roupa, os objetos, as malas ou os sapatos. Não era a casa maravilhosa ou as viagens; não era a companhia de Jonathan, embora ela gostasse genuinamente dele; não era sequer a inércia. O que a mantinha nesse reino era a condição antes inimaginável de não ter de pensar no dinheiro, porque é isso que o dinheiro nos proporciona: a liberdade de deixarmos de pensar no dinheiro. Se nunca vos faltou, então não compreenderão a profundidade disto, o quanto isso muda a nossa vida por completo.

Quando chegou a casa, Jonathan estava à espera na sala de estar. Estivera a trabalhar, mas fechou o portátil assim que ela entrou.

— Coitadinha... — disse-lhe ele. — Lembrei-me de ti, lá fora no dilúvio. — Ela tremia ligeiramente, a roupa húmida no frio do ar condicionado. Havia uma manta de caxemira nas costas do sofá, mesmo à mão dele. Pousou o portátil em cima da mesa de apoio e abriu a manta para a receber. — Vem cá — disse-lhe ele. — Vamos lá aquecer-te.

OLIVIA

Numa tarde escura de agosto, uma pintora encontrava-se parada debaixo de um toldo no Soho quando Vincent e Mirella passaram por ela. Do outro lado da rua, um *Lamborghini* amarelo cintilou na bruma da tarde. O carro tinha uma presença tal que parecia ter vida, só lhe faltando vibrar de possibilidades, como algo vindo do futuro. Olivia estava nessa rua porque do outro lado do *Lamborghini* havia uma entrada que transpusera numa ocasião, em finais dos anos 1950, quando o irmão de Jonathan Alkaitis andava à procura de modelos. No verão de 2008, Olivia encontrava-se parada do outro lado da rua, debaixo de um toldo vermelho, pois era por de mais evidente que estava prestes a chover, a comer uma bolacha com pepitas de chocolate, embora mais tarde o açúcar a fosse fazer adormecer — num banco, no metropolitano, numa sala de cinema, onde quer que calhasse aterrar —, entregando-se a recordações. Em 1958, dirigira-se a essa porta com passos rápidos, vestida com uma gabardina nova que estava certa de que a fazia parecer a estrela do seu filme francês favorito, pois é possível convencermos desse tipo de coisas quando temos 24 anos. Quando uma voz soara incoerentemente no intercomunicador, respondera «Sou eu», algo que descobrira resultar sempre em todos os edifícios, independentemente do andar para onde tocasse, e subira quatro lanços de escada até ao estúdio de Lucas.

Lucas Alkaitis fugira dos subúrbios como toda a gente, fugira da mediocridade e da cera para o cabelo *Brylcreem* e dos fatos de flanela cinzentos, e por essa altura Olivia já conhecera pintores falsos suficientes para saber quando estava na presença de um pintor a sério. Em 1958, Lucas estava a trabalhar numa série de nus: mulheres e homens, essencialmente mulheres, todos sentados num sofá da cor do *Lamborghini* que estacionaria à sua porta meio

século depois. O sofá era muito mais sujo na vida real do que nas pinturas.

As pinturas eram arrebatadoras. Mas Lucas, para divertimento e também desilusão de Olivia, era uma amálgama de lugares-comuns: o cabelo demasiado comprido e artisticamente desgrenhado; a camisola interior branca, com manchas de tinta; as botas de trabalho, que também permitira que se sujassem de tinta, presumivelmente para anunciar a sua atividade ao sexo oposto. Olhou-a da cabeça aos pés e passou a mão pelo cabelo, um gesto que calculava ter sido longamente ensaiado em frente ao espelho.

— Posso ajudá-la? — perguntou-lhe ele.

— Ouvi dizer que anda à procura de uma modelo.

— Esperava que dissesse isso. — Um sorriso lento e lânguido, enquanto se aproximava dela. Era um homem profundamente satisfeito consigo mesmo. — Não posso pagar grande coisa.

— Por acaso quero fazer-lhe uma proposta em relação a isso.

— Ai sim?

Por vezes Olivia interrogava-se — mesmo no presente, do outro lado da tela dividida, em 2008, onde continuava parada debaixo do toldo e começara a comer uma segunda bolacha com pepitas de chocolate, já a deixar-se ir, os níveis de açúcar no sangue a subirem tanto que a faziam lembrar um balão de ar quente, esse movimento vertiginoso antes da queda no precipício — se seria possível enviar um memorando para toda a população de pessoas abaixo dos 30, não, abaixo dos 40 anos, tanto homens como mulheres, um memorando onde se explicava que não há necessidade de arquear uma sobrancelha sempre que a palavra «proposta» é proferida numa conversa.

— Gostava muito — resmungou ela em voz alta, em 2008 — que todos deixassem de o fazer.

Do outro lado da tela, em 1958, esperou que a sobrancelha de Lucas tornasse a baixar, antes de lhe responder:

— Não é esse tipo de proposta, caramba. Refiro-me a um pagamento em géneros.

Ele pareceu ficar confuso.

— O meu nome é Olivia Collins. — Observou-o enquanto ele interiorizava o nome. Tivera algum sucesso, nada de transcendente, mas o suficiente para um certo setor da população de pintores a sul da 14th Street conhecer o seu nome. As suas obras tinham sido expostas em galerias, algo de que a maioria desses cachorrinhos desgrenhados não se podia gabar. — Sou pintora — disse-lhe ela, desnecessariamente — e ando à procura de modelos.

— Certo, portanto, está a dizer...

— O Lucas pinta-me a mim, e eu pinto-o a si — respondeu-lhe ela. — Estou a trabalhar numa série de retratos.

Lucas atravessou a divisão em direção a um peitoril de janela cheio de tralha, tirou um maço de tabaco de entre duas latas de tinta que serviam de vasos a umas margaridas secas, deu uma pancadinha na base do maço, extraiu um cigarro, acendeu-o, inalou e exalou enquanto sustentava o olhar de Olivia, todos os movimentos típicos que os fumadores levam a cabo quando não têm a certeza do que dizer e viram demasiados filmes. Se fosse possível enviar outro memorando, esse destinado especificamente a fumadores: não é possível ser-se simultaneamente um boémio a precisar de um banho e o Cary Grant. Esses movimentos elegantes associados ao cigarro são debelados pela camisola interior e pelo cabelo imundo. A combinação não é particularmente interessante.

— É uma proposta intrigante — retorquiu ele —, mas não costumo posar.

— Bem, realmente é preciso algum arrojo — disse Olivia, com um encolher de ombros.

Em 1958, os seus valores incluíam a determinação de que nunca ninguém conseguiria perceber se se preocupava com algo ou não.

— Nem toda a gente é capaz. — Percebeu que tocara num ponto fraco, como era sua intenção. — Bem, caso mude de ideias... — Escrevinhou o seu contacto telefónico num pedaço de papel, deixou-o em cima da mesa dele, acenou com a cabeça em jeito de despedida e deu meia-volta. — Ah, já agora, o seu trabalho tem qualidade — disse-lhe já da porta, num remoque à saída.

Em 2008, duas raparigas aproximaram-se. Às compras, carregadas, algures na casa dos vinte, ambas bonitas de uma forma

luxuosa, um tipo de rapariga que cinquenta anos antes Olivia teria não só pintado como também seduzido. Estavam a conversar sobre coisa nenhuma, uma conversa sobre um tipo de calças de ganga que desejavam comprar, mas uma delas desviou o olhar, e Olivia viu que estava a olhar para o *Lamborghini* amarelo do outro lado da rua, brilhante sob a luminosidade que antecede uma tempestade.

— Eu também o vejo — murmurou Olivia, mas tão baixinho que nenhuma delas olhou na sua direção ao passarem. Talvez não o tivesse proferido em voz alta. O céu irrompeu numa trovoadas, e elas correram debaixo de chuva.

Quando Lucas fora ter com ela, não estava sozinha. Andava a pintar a sua amiga Renata há vários dias, de vários ângulos. O problema eram os olhos de Renata, que tinham um ar preocupado e submisso quando Renata a olhava diretamente, mas que exibiam uma atitude friamente confiante quando olhavam noutra direção. O efeito eram duas pessoas diferentes. Qual delas mostrar?

— Tenho uma ideia para uma história sobre fantasmas — disse Renata. Era um jogo que às vezes jogavam, quando Renata estava a posar e começava a ficar entediada, pois desde a infância ambas gostavam de histórias sobre fantasmas. — Um tipo é atropelado por um automóvel e morre, e depois esse cruzamento passa a ser assombrado, mas o fantasma não é o homem que foi atropelado, o fantasma é o carro.

Olivia recuou por breves instantes, estudando o problema do olhar.

— Portanto, é uma história sobre um carro-fantasma?

— O condutor sente-se tão culpado por causa do acidente que essa culpa se manifesta sob a forma de um carro fantasmagórico.

— A ideia agrada-me.

Nesse dia fazia frio no estúdio, e Olivia estava a trabalhar essencialmente no rosto e ombros de Renata, pelo que esta envergava um roupão que não se dera ao trabalho de fechar. Olivia ouviu a voz do seu vizinho e amigo Diego no corredor, o bater rápido na porta e a subsequente entrada e virou-se a tempo de ver Lucas

vislumbrar os seios de Renata e depois tentar disfarçar a estupefação com um súbito ataque de tosse.

— O cheiro das tintas incomoda-o, é?

— A mim fazem-me dor de cabeça — disse Renata, numa voz lânguida que a fazia parecer pedrada, o que estava com frequência, mas não nessa ocasião em particular.

— Ainda bem que veio — disse Olivia a Lucas, uma das suas frases mais conhecidas nessa época. (Uma revelação conquistada apenas em retrospectiva: a beleza pode ter um efeito corrosivo na personalidade. É possível sair-se bem durante vários anos com pouco mais de meia dúzia de frases polidas e um sorriso deslumbrante, e esses anos são educativos.) — Mais uns minutos e ficamos despachadas.

Lucas deixou-se ficar à porta, pouco à vontade. Olivia percebeu que estava a assimilar o seu trabalho. Antecipando a sua chegada, pendurara sete dos seus melhores retratos recentes em torno da divisão. Andava a experimentar uma série de fundos surrealistas: o sujeito pintado com a fidelidade do século XVIII ao realismo — ou o mais parecido que conseguia fazer com a fidelidade do século XVIII ao realismo; estava sempre consciente das limitações das suas competências técnicas —, mas com fundos a dissolverem-se em sonhos febris de vermelhos, roxos e azuis, interiores a desmontarem-se em paisagens sem forma onde a luz estava completamente errada. Na sua pintura recentemente terminada, Diego aparecia sentado numa cadeira vermelha, descontraído, o braço pendurado nas costas da mesma, mas os contornos da cadeira perdiam a forma, esbatendo-se na parede, e uma poça vermelha formara-se debaixo de um dos pés da cadeira, como se a pintura estivesse a escorrer.

— Aquela cadeira está a sangrar? — indagou Lucas, fazendo sinal com o queixo para a pintura de Diego.

— Despes o roupão? — pediu Olivia a Renata, que revirou os olhos, mas não se opôs. O corpo desnudo dela teve o efeito desejado de calar Lucas. Este esqueceu-se completamente do raio da cadeira. (Algo que continuava a inquietá-la anos mais tarde, décadas mais tarde, até 2008: o raio da cadeira seria mesmo uma

boa ideia? Algumas das suas ideias artísticas seriam realmente boas? A insegurança fora uma das poucas constantes na sua vida ao longo dos últimos cinquenta anos.) — Se quiser esperar — disse Olivia a Lucas —, daqui a meia hora estaremos despachadas.

— Vinte minutos — corrigiu-a Renata. — Tenho de ir buscar o meu filho.

Quando ela se retirou, Lucas assumiu o lugar dela na cadeira. Não abriu a boca desde o comentário da cadeira a sangrar.

— Está demasiado vestido para a ocasião — disse-lhe Olivia, mas saiu-lhe num tom mais simpático do que o tencionado, em nada severo. «Talvez conseguisse ser uma pessoa mais simpática», pensou. A sua carapaça era tão dura nessa época. — Pode despir a camisa?

Lucas encolheu os ombros e despiu o casaco de ganga e a camisola interior. Era magro e desagradavelmente pálido, uma criatura de interior. Observou-a enquanto começava. Estava a pensar nos trabalhos dele, nas linhas limpas e na contenção nos seus retratos. Era um pouco ridículo, mas por baixo de tudo isso era uma pessoa séria, percebia-o, uma pessoa séria que se esforçava imenso. Ela pintava com gestos rápidos, nada no estilo habitual, pinceladas curtas e rápidas. Esperava despachar a superfície do retrato para o ver melhor, esperava que algo se tornasse evidente, a ponto de o poder utilizar como ponto de partida para um trabalho mais sério e profundo, e algo apareceu de facto: quando recuou para contemplar a tela, viu as sombras no rosto dele, a expressão que já vira noutros, a forma pouco à vontade como mantinha os braços.

— Vire o braço esquerdo para mim — pediu-lhe ela em seguida, demonstrando-o.

Ele sorriu e não se mexeu. Mas ela vislumbrou-o quando ele estendeu o braço para agarrar a camisa e acrescentou-o mais tarde: pintou por cima do braço esquerdo dele, de maneira que na versão final a palma da mão estava aberta, sombras desenhadas na parte interior do cotovelo, veias pisadas.

Na inauguração, cinco meses depois, ele apanhou-a à porta.

— Podia matá-la — disse-lhe num tom agradável, sorrindo para que quem o visse julgasse que estava a elogiar o seu trabalho. Duas ou três pessoas que se encontravam mais perto aproximaram-se, curiosas. — E não o digo em jeito de comédia louca, estilo: «Começaram da pior maneira, mas agora vão apaixonar-se.» Estou a dizer que, se tivesse oportunidade de o fazer, podia literalmente matá-la.

— «Quem vive pela espada morre pela espada.» — Olivia ergueu a bebida no ar.

— Pensa que tem muita graça. A Olivia e as suas frases feitas da treta. Nem sequer são *corretas* — disse-lhe ele, a voz assumindo um certo queixume —, é uma mentira de merda. — Mas dali a dez meses sofreria uma *overdose* nas traseiras de um restaurante em Delancey Street. Olivia foi a uma exposição dele pouco antes do final, uma exposição de grupo num armazém em Chelsea. Fora um serão pouco estimulante. A noite estava gelada, a divisão, demasiado fria, toda a gente a tremer com os copos de vinho barato na mão. Algumas pessoas reconheceram Olivia, e esta detetou a inveja sob os seus sorrisos, o que a fez sentir-se pequena e vazia e cheia de vontade de ir para casa. Esse era o problema da sua vida na altura: umas noites eram maravilhosas, mas noutras havia muito sofrimento, a pulsar sob a superfície noturna sem razão aparente, e nessas noites compreendia por que motivo Lucas e Renata faziam o que faziam, o truque da insensibilização com a seringa. Encontrou Lucas num canto junto a três pinturas dele. Estivera a trabalhar numa nova série sem pessoas, somente ruas vazias. Ruas em geral, não ruas específicas. Olivia desconfiava de que não pertenciam a nenhuma cidade em especial.

— Gosto destes — disse-lhe Olivia, em jeito de dádiva de paz. Lucas estava com um miúdo, um rapaz vestido com ténis, calças de ganga e uma camisa desfraldada. Era isso que recordava da primeira vez que vira Jonathan Alkaitis, anos mais tarde: o facto de a sua camisa desfraldada ser importante, por alguma razão. O miúdo tinha todo o aspeto de morar nos subúrbios, mas desfraldara a camisa para parecer mais descontraído, mais cidadão, pois ainda mal tinha 14 anos e já estava ansioso para se integrar. Porém, a

camisa estava muito amarrotada na cintura, no sítio onde estivera enfiada antes de ter saído de casa.

— Muito obrigado — respondeu-lhe Lucas, num tom seco.

— Quem é o seu amiguinho?

— O meu irmão. Jonathan, esta é a Olivia. Olivia, este é o Jonathan.

— Prazer em conhecê-la — cumprimentou-a Jonathan Alkaitis. Estava de olhos arregalados, completamente fora do seu elemento.

— Não gosta dos quadros do meu irmão?

— Acabei de dizer que gostava deles.

— Mas é uma péssima atriz — retorquiu Lucas. — Até o miúdo percebeu que não gosta.

De facto, Olivia não gostava particularmente das novas pinturas de Lucas. Eram muito influenciadas pelo trabalho de Edward Hopper e, para serem mais óbvias, só faltava ter pintado a palavra SOLIDÃO a vermelho sobre as mesmas.

— Tens razão — disse Olivia a Jonathan. — Não gosto particularmente dos quadros do teu irmão.

Jonathan franziu o sobrolho:

— Então por que razão disse que gostava?

— Estava só a tentar ser simpática — respondeu-lhe ela. — Com licença. — Não compreendia onde Lucas queria chegar, mas sabia para onde ia, o rosto dele mais sombrio do que antes, com uma palidez terrível, e não via qualquer interesse em falar com ele a sério. (Era assim que pensava quando tinha 20 anos: «Não vi qualquer interesse.» Mais tarde, sentir-se-ia envergonhada por isso.) A morte já o apanhara. Qualquer pessoa via que ele estava mais para lá do que para cá. Mais tarde recordou que sentira pena do irmão, que em breve iria ser filho único.

O funeral de Lucas foi uma cerimónia pequena e privada, perto da casa de família, em Greenburgh. Só soube que tinha morrido cerca de um mês depois. Mais tarde pareceu-lhe que talvez nem se tivesse lembrado dele, apenas mais um pássaro caído numa década caótica e em retrocesso, só que quarenta anos depois — quarenta anos de falta de dinheiro e de vendas, de telefonemas embaraçosos a pedir dinheiro emprestado à sua irmã Monica para pagar a renda,

quarenta anos de empregos temporários em escritórios permutáveis e a vender joalheria em feiras para o negócio de importação de artigos de pratas do seu amigo Diego, quarenta anos no deserto — houve uma exposição retrospectiva de artistas da Baixa dos anos 1950, entre eles Olivia, logo seguida de um súbito — e incrivelmente breve — ressurgimento de interesse pelo trabalho dela, durante o qual o seu quadro *Lucas com Sombras* foi vendido em leilão por 200 mil dólares, mais dinheiro do que alguma vez imaginara possuir, na altura.

— Devias investi-lo — disse-lhe Monica. Estavam sentadas no jardim das traseiras da nova casa arrendada de Olivia, em Monticello, numa tarde de verão. Não Monticello no estado da Virgínia, Monticello no Norte do estado de Nova Iorque, com a rua principal entaipada, o Walmart gigante, as agências de recrutamento do exército/marinha/fuzileiros, as lojas que vendiam membros prostéticos, a pista de corridas. Olivia arrendara uma pequena casa nos arredores. A casa fizera anteriormente parte de uma colónia de bangalós. Era pequena e precisava de um telhado novo, mas foi um prazer deixar a cidade e ir para aí. O jardim das traseiras tinha um ar tropical no calor de agosto, a folhagem a explodir verde na humidade, e nessa tarde em particular, com Monica, estava à beira de adormecer. Os seus problemas de diabetes só seriam diagnosticados dali a um ano, mas apercebera-se da ligação entre hidratos de carbono e a dificuldade em manter-se acordada uma ou duas horas depois. Começara a fazê-lo de propósito pelo prazer do entorpecimento, estendida numa espreguiçadeira ao final da tarde. Nessa ocasião, contudo, bebera um chá gelado forte, tentando despertar com cafeína e gelo porque Monica lhe dissera, uns anos antes, que sentia que Olivia não lhe prestava atenção e que o facto de não a ouvirem fazia Monica sentir-se insignificante. Olivia só se lembrou disso depois do primeiro *bagel* e sentiu-se mal por estar propositadamente a tentar adormecer.

— Como é que uma pessoa... como se investe? — O dinheiro era um mistério para Olivia, mas Monica fora advogada antes de se reformar e tinha uma melhor noção de toda a logística da vida quotidiana.

— Bem, há várias maneiras de o fazer — retorquiu Monica —, mas recentemente investi dinheiro com um tipo que o meu amigo Gary conheceu na discoteca dele.

Olivia jamais se descreveria como uma pessoa excessivamente supersticiosa, mas sempre acreditara em mensagens do universo e gostava de prestar atenção a padrões e sinais. Haveria com certeza um significado qualquer no facto de o homem com quem Monica investira as suas poupanças ser o irmão de Lucas.

— Já não te deves lembrar de mim — dissera a Jonathan quando lhe telefonara e arrependera-se de imediato de não ter dito algo diferente. O problema com essa frase era que resultara quando era nova porque quando era nova era bela, e também destemida, de uma forma calculada que acreditara ser atraente, o que conferira uma certa ironia à insinuação de que era possível alguém esquecê-la — «Oh, tu sabes, é mais uma jovem talentosa fresca, bela e sedutora com representação em galerias» —, mas nos últimos tempos descobrira que a mesma frase às vezes provocava um silêncio cortês e percebera que as pessoas com frequência não se lembravam realmente dela. (Ideia para uma história sobre fantasmas: uma mulher envelhece, perde a noção do tempo e apercebe-se de que se tornou invisível.)

— Conhecemo-nos na galeria, com o Lucas — respondera-lhe ele, em voz baixa. — Na noite em que nevou.

«Na noite em que nevou», pensou Olivia, e, para sua surpresa, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Não chorara quando Lucas morrera. Ficara um pouco triste, como é óbvio, não era um monstro, mas era eternamente distraída, e eles mal se conheciam. Mas, todas essas décadas depois, a tristeza da situação era avassaladora: numa versão tão diferente de Nova Iorque que era como se tivesse sido uma cidade estrangeira, deixara a noite fria para trás e entrara na luminescência da galeria, cujo antro de invejas mesquinhas e desespero sórdido a sua memória transformara num palácio de arte e luz, brilhante na verdadeira aceção da palavra, as paredes a vibrarem de cor, os artistas a vibrarem de genialidade e juventude, e onde Lucas — tão jovem, tão

talentoso, tão condenado — e o pequeno Jonathan — que deveria ter, o quê, uns 12 anos? — esperavam a sua chegada.

— Tens uma memória impressionante — dissera ela.

— Bem, a Olivia era memorável. A mulher bonita que não gostava dos quadros do meu irmão.

— Quem me dera não o ter dito. Deveria ter sido mais simpática.

— E então, num impulso, embora só tencionasse roubar-lhe um pouco do seu tempo ao telefone: — Queres ir almoçar comigo um dia destes? Recebi algum dinheiro e dava-me jeito alguns conselhos sobre investimentos.

— Com muito gosto — respondera-lhe ele.

Encontraram-se algumas vezes ao longo dos anos que se seguiram. Ela aparecia no escritório de Jonathan às vezes ou encontravam-se para almoçar. Ela gostava imenso desses almoços; ele era uma pessoa interessada e calorosa, um excelente conversador e pagava sempre a conta. Gostava de falar sobre Lucas e queria saber tudo o que ela recordava sobre a vida misteriosa do irmão em Nova Iorque.

— O meu irmão era dez anos mais velho do que eu — disse ele.

— Eu adorava-o, mas, quando somos miúdos, uma década é quase equivalente ao espaço entre galáxias. Nunca senti que o conhecesse muito bem.

— Sabes uma coisa — respondeu-lhe ela —, eu e a minha irmã temos apenas três anos de diferença, e também não me parece que alguma vez a tenha conhecido verdadeiramente.

— É possível não conhecermos as pessoas que são mais próximas de nós. Mas estou confiante de que a Olivia conhecia o meu irmão melhor do que eu.

— Isso é um pensamento triste — retorquiu Olivia. — Espero que ele tenha tido pessoas na vida que o tenham conhecido realmente.

— Também eu. Mas a Olivia conhecia-o o suficiente para o ter pintado.

— Posámos um para o outro, sim.

— Ele pintou-a? Sempre me interroguei sobre isso.

— Pintou, sim. — Numa recordação lânguida, estava sentada nua no sofá amarelo dele, no calor de uma tarde de julho. — Sabes que não faço a mínima ideia do que aconteceu ao quadro que ele pintou de mim?

Ele sorriu.

— A sério?

— A sério. Ele acabou o quadro numa tarde e vendeu-o numa exposição de arte qualquer, uns meses depois. Era muito pequeno, pouco mais de dez centímetros quadrados, por isso não o deve ter vendido por muito dinheiro. Nem sei quem lho comprou.

— Nesse caso, pode imaginá-lo num sítio qualquer que lhe apeteça — respondeu-lhe ele. — Pode estar pendurado em casa de qualquer pessoa.

— A minha atriz de Hollywood favorita — replicou ela, achando piada à ideia.

— Sim, porque não?

— Obrigada, Jonathan, passarei a visualizar essa pintura pendurada na sala de estar da Angelina Jolie.

— Preciso de lhe dizer uma coisa — confessou ele.

— O quê?

— Comprei o seu quadro do Lucas — disse ele.

Ela estava a comer uma salada; pousou o garfo com cuidado, com receio de o deixar cair.

— Compraste?

— No mês passado. Procurei o tipo que o tinha comprado no leilão, e ele aceitou vendê-lo. A princípio foi um pouco doloroso — explicou —, ver o estado tão pouco saudável em que ele se encontrava, aquelas marcas nos braços. Mas passei algum tempo com a pintura e cheguei à conclusão de que a adoro. Captou algo dele que bate certo com as minhas recordações. Está pendurado no meu apartamento em Manhattan.

— Fico contente por o teres — disse-lhe Olivia. Nunca lhe teria passado pela cabeça que ficaria tão comovida.

Algures em 2003, apareceu para almoçar sem a aliança. Estivera casado com Suzanne durante muito tempo, décadas, mas Olivia

nunca a conhecera. Mas também há quanto tempo não o via? Ocorreu-lhe que se passara mais de um ano desde a última vez que tinham almoçado juntos.

— Já não trazes aliança — disse-lhe.

— Ah. Pois... — Ele ficou calado por instantes. — Decidi que estava finalmente na altura de a tirar. — Havia algo no seu tom de voz, na forma como olhava para o dedo sem anel, e ela compreendeu que Suzanne tinha morrido.

— Lamento — disse ela.

— Obrigado. — Um ligeiro sorriso de mágoa, e depois voltou a atenção para a ementa. — Desculpe, mas ainda me custa falar sobre o assunto. Já experimentou o halibute neste restaurante?

Três meses antes de Jonathan Alkaitis ser preso, convidou-a para um passeio no seu iate. Aconteceu em setembro de 2008. Iriam velejar de Nova Iorque para Charleston. Foi a primeira vez que viu a segunda mulher de Jonathan, Vincent, que revelou ser uma pessoa elegante e simpática, com imenso talento para preparar *cocktails*.

— É encantadora — disse Olivia a Jonathan, quando estavam sozinhos no convés, logo após o jantar. Vincent entrara para ir preparar umas bebidas. O sol já quase desaparecera no horizonte.

— É, não é? Estou muito feliz.

— Onde a desencantaste?

— No bar de um hotel, na Colúmbia Britânica — retorquiu ele. — Era a empregada do bar.

— Por isso tem tanto jeito para preparar bebidas.

— Acho que teria jeito para qualquer coisa que decidisse fazer.

Olivia não sabia o que responder a isso, pelo que se limitou a acenar com a cabeça, e por momentos ficaram a escutar o som das ondas e dos motores. Estavam a passar por uma zona calma na Carolina do Norte, com meia dúzia de luzes dispersas na margem.

— Que sorte — disse Olivia, por fim —, ter jeito para fazer tudo e mais alguma coisa. — Ela própria só tivera jeito para uma coisa e possivelmente nem para isso. Poucas vendas se seguiram a *Lucas com Sombras*. Ninguém parecia interessado nos trabalhos que fizera depois dos anos 1950, e a verdade era que há muito não

pintava. Pintar era algo que se apoderara dela durante uns tempos, décadas até, mas entretanto largara-a, e ela já não tinha qualquer interesse nisso, ou isso já não tinha qualquer interesse nela. Todas as coisas chegam ao fim, dizia para si mesma. Haveria sempre um último quadro, mas, se não era pintora, então o que era? Tratava-se de uma pergunta inquietante.

— Entrei no bar, vi-a — explicou Alkaitis — e pensei: «É mesmo bonita.»

— É lindíssima.

— Depois descobri que gostava de conversar com ela e pensei: «E porque não?» Sabe, se não temos de estar sozinhos, então talvez não devêssemos estar juntos.

Olivia, que estava quase sempre sozinha, não sabia o que responder.

— É curioso — disse ele —, ela tem um dom muito especial.

— Qual é?

— Vê o que determinada situação exige e depois adapta-se em consonância.

— Quer então dizer que é atriz? — A conversa começava a deixar Olivia pouco à vontade. Tinha a sensação de Jonathan estar a descrever uma mulher que se dissolvera na sua vida e se transformara no que ele desejava. Essencialmente, um truque de ilusionismo.

— Não é propriamente representação. É mais uma espécie de pragmatismo, motivado pela força de vontade. Decidiu ser um determinado tipo de pessoa e é-o.

— Interessante — respondeu-lhe Olivia, para ser educada, embora não lhe ocorresse nada menos interessante do que um camaleão. Vincent era amorosa, mas não era, decidira Olivia, uma pessoa séria. Desde o final da adolescência que dividia mentalmente as pessoas em categorias: ou se era uma pessoa séria, decidira há muito, ou não. Um problema na sua vida atual era o facto de já não ter a certeza da categoria em que ela própria se inseria. Vincent regressou com mais uma rodada de bebidas. As luzes dos dois estados da Carolina passavam lentamente na margem distante.

**SEGUNDA
PARTE**

O AVESSE DA VIDA

2009

«Nenhuma estrela arde eternamente.» Palavras riscadas na parede junto ao beliche de Alkaitis, gravadas tão delicadamente e numa letra tão esguia que à distância mais pareciam uma mancha ou uma racha na pintura, no sítio exato, para que as veja quando virar a cabeça para a parede. Nunca teve grande interesse por ciências do espaço, mas é claro que sabe que o Sol é uma estrela, toda a gente o sabe, portanto, aquilo significará que um dia o mundo irá acabar, e, se for esse o caso, porque não escrever isso mesmo? Alkaitis não tem grande paciência para a poesia.

— Oh, isso foi o Roberts — disse-lhe o colega de cela. — O tipo que esteve aqui antes de ti. — Hazelton está a cumprir entre dez a quinze anos por roubo qualificado. Fala de mais. É nervoso e cheio de tiques, mas parece ser bem-intencionado. Tem exatamente metade da idade de Alkaitis e está sempre a dizer que ainda tem metade da vida pela frente e que, quando sair dali, as coisas serão completamente diferentes, etc. Não é a primeira vez que o nome de Roberts vem à baila. — Foi transferido para o hospital — explica-lhe Hazelton. — Tinha qualquer coisa no coração.

— Como era ele?

— O Roberts? Um tipo velho, pr'aí com uns sessenta anos. Desculpa. Sem ofensa.

— Não me ofendeste. — O tempo move-se de maneira diferente na prisão e em Manhattan ou nos subúrbios do Connecticut. Na prisão, sessenta é velho.

— Era um tipo razoável, nunca tinha problemas com ninguém. Tratávamo-lo por Professor. Usava óculos. Estava sempre a ler livros.

— Que tipo de livros?

— Daqueles com gajas marcianas e planetas a explodirem na capa.

— Estou a ver... — Alkaitis tenta imaginar a vida nessa cela antes da sua chegada: Roberts a ler ficção científica, sério e de óculos, a desaparecer nas histórias sobre planetas alienígenas, enquanto Hazelton tagarelava e estalava os dedos e andava de um lado para o outro. — E esteve aqui porquê?

— Não gostava de falar sobre o assunto. Aliás, não falava sobre nada. Era um tipo muito calado, ficava aí sentado, a olhar fixamente para o vazio.

A imagem invoca uma recordação inesperada da sua mãe. Durante três anos após a morte de Lucas, Alkaitis costumava chegar a casa da escola e deparar com a mãe sentada na sala de estar, completamente imóvel, a contemplar o vazio, como se estivesse a ver um filme que somente ela conseguia ver.

— Estava deprimido? — indaga Alkaitis.

— Isto é a prisão, pá. Toda a gente está deprimida.

Estará Alkaitis deprimido? Claro que sim, de certa maneira, mas a vida dele nesse lugar não é tão má como julgava que seria, depois do choque inicial ter passado. Fora detido em dezembro de 2008 e seis meses depois chegara à sua nova residência, nos arredores de Florence, na Carolina do Sul, uma instituição de correção federal de segurança média, conhecida oficialmente como ICF Florence Média 1, não confundir com ICF Florence Média 2, que, para todos os efeitos, possui o mesmo nível de segurança, mas é consideravelmente mais dura. Média 1 é para os «atadinhos», como afirmou Tait de uma forma memorável. Tait está a cumprir uma pena de cinquenta anos por pornografia infantil, e, como tal, o mais certo seria ser assassinado na primeira semana noutra prisão qualquer. Média 1 é para os prisioneiros considerados demasiado vulneráveis para a população geral: pedófilos, polícias corruptos, prisioneiros com problemas de saúde, celebridades, *hackers* frágeis de óculos e espiões. Há uma prisão de segurança máxima no mesmo complexo e também um hospital. O hospital assusta Alkaitis, porque é o local onde os homens de idade costumam desaparecer.

Às vezes pensa em Roberts, quando sai para o pátio exterior. O que o pátio tem de curioso é a sua insipidez terminal. Relva verde entrecortada com caminhos de cimento, percursos concebidos para os presos se deslocarem o mais eficazmente possível entre edifícios durante os períodos de movimentação. Há um pátio de recreio à parte, com uma pista de *jogging*, cuja estética é igualmente pobre. Toda a gente enverga roupa caqui e cinzenta, à exceção dos guardas, que usam azul-marinho e preto. Os edifícios são beges, com apontamentos azuis. Do outro lado da vedação, vê-se um limite florestal distante, todas as árvores exatamente com a mesma tonalidade da relva. Não há cores suficientes, é essa a primeira impressão dele. É inconcebível que esse lugar exista no mesmo mundo que, digamos, Manhattan, pelo que, quando atravessa o pátio, às vezes finge estar num planeta alienígena.

Os jornalistas escrevem-lhe às vezes. «Qual é a sensação de ter sido condenado a uma pena de 170 anos?», perguntam-lhe.

Não lhes responde, porque sabe que a resposta lhes parecerá demente: a sensação é de delírio. Certa manhã, quando tinha 25 anos, Alkaitis acordara com febre alta. Na altura morava sozinho na 70th Street e não tinha nada no apartamento com que combater a febre, pelo que tivera de sair a cambalear para a rua, à procura da mercearia mais próxima. Comprara aspirina com alguma dificuldade, sentia-se demasiado quente, o passeio pouco firme debaixo dos pés, regressara ao seu prédio e subira as escadas até ao patamar, onde, estupefacto, deparara com a mecânica da abertura da porta do apartamento. Tinha uma chave na mão, e havia uma fechadura na porta, e compreendia, ainda que de uma forma abstrata, que essas duas coisas deveriam encontrar-se, mas não conseguia perceber como, e foi assim que percebeu que estava a delirar. Quanto tempo teria ficado espegado diante da porta? Cinco minutos, dez, meia hora. Ninguém sabe. Por fim, conseguira entrar.

No tribunal em Manhattan, trinta e sete anos depois, o juiz profere o número em voz alta — 170 anos —, e ele experimenta uma sensação vertiginosa de movimento, o tempo a escapar-se-lhe na direcção desse destino impossível, o ano 2179. Compreende que

passará o resto da vida na prisão, mas é a mesma confusão que sentiu nesse momento de delírio quando tinha vinte e poucos anos: «o resto da sua vida» e «prisão» são duas coisas que não encaixam, a fechadura e a chave, uma equação incompreensível.

Nunca reparara nos dentes-de-leão antes de vir para ali, mas no vazio opressivo do pátio essas minúsculas explosões de amarelo na relva são quase chocantes. O mesmo acontece com os pássaros. São o tipo de pássaros que se mistura na paisagem exterior, piscos, corvos, tentilhões e por aí fora, mas ali há algo de extraordinário na forma como pousam na relva e *depois tornam a partir*, deslocando-se de um lugar para outro, sem limitações. São emissários de outro mundo. O regulamento prisional proíbe alimentá-los, mas alguns tipos deixam cair sub-repticiamente migalhas na relva.

Alguns tipos que experienciaram a segurança máxima gostam de proclamar que a ICF Florence Médio 1 é uma espécie de clube de campo, e, embora não o seja propriamente, não é tão mau como Alkaitis imaginara. Uma grande percentagem dos homens já tem alguma idade e muito pouca paciência para dramas, além de que ninguém quer ser transferido para a segurança máxima. Ninguém fala sobre facas ou tenta matá-lo no pátio. A única coisa sinistra são uns nacionalistas brancos que fazem exercício físico juntos, enquanto os outros os ignoram. Sabem que, se forem demasiado óbvios ou causarem chatices, serão transferidos para a segurança máxima, que foi o que aconteceu durante uma reunião a nível nacional de tipos pertencentes à Irmandade Ariana, há alguns anos, pelo que limitam as suas atividades a flexões sincronizadas e a fanfarrônicas sobre códigos de honra e solidariedade tribal. Noutro local, dois irmãos que colaboraram numa notória fraude de seguros são bajulados no seu canto favorito. Os irmãos têm empregados, mesmo na prisão, tipos que lhes vão buscar coisas e lhes lavam a roupa em troca de bens alimentares. Há sempre tipos mais jovens a fazerem *jogging* à volta do pátio, no sentido dos ponteiros do relógio, e tipos mais velhos a caminharem na mesma pista. Mafiosos idosos trocam boatos ao sol.

Alkaitis faz *jogging* em círculos em torno do pátio, levanta pesos, faz flexões e, no espaço de seis meses, exhibe a melhor forma física de toda a sua vida. Não é um desses homens que mantêm os dias o mais desinteressantes e repetitivos possível para que o tempo passe mais depressa. Respeita esse método de sobrevivência, mas tenta fazer algo diferente todos os dias, por uma questão de princípio. Candidata-se a um emprego, embora saiba que não é obrigado a fazê-lo, tendo em conta a sua idade, e acaba a varrer a cantina. Descobre como funciona o sistema e paga a outro preso dez dólares por mês para que lhe trate da roupa. Nunca tivera tempo para ler, mas ali inscreve-se num clube de leitura onde discutem *O Grande Gatsby*, *Belos e Malditos* e *Terna É a Noite* com um professor jovem e intenso que parece desconhecer outro autor além de F. Scott Fitzgerald. É possível descansar aí, na ordem, na rotina, no levantar às 05h00, na contagem às 05h15, no pequeno-almoço às 06h00, etc., cada dia dando lugar ao seguinte. No mundo lá fora, costumava passar noites em branco, preocupado com a possibilidade de ser encarcerado, mas ali adormece com relativa facilidade, entre contagens de cabeças. Há um alívio maravilhoso em acordar todas as manhãs a saber que o pior já aconteceu.

— Há uma coisa em que não consigo deixar de pensar — diz uma das jornalistas. Chama-se Julie Freeman. Está a escrever um livro sobre ele, o que lhe parece tremendamente lisonjeador. — Ou seja, durante imenso tempo antes de ter sido preso, décadas até, tinha um sem-fim de recursos ao seu dispor.

— Tinha, sim — responde-lhe Alkaitis. — Tinha uma quantidade imensa de dinheiro.

— E ainda agora me disse que há muito tempo estava à espera de ser preso. Sabia que acabaria por acontecer. Então por que razão não fugiu do país antes de ser preso?

— Para ser sincero — replica ele —, nunca me ocorreu fugir.

O que não quer dizer que não se arrependa de nada. Desejava ter dado mais valor às pessoas com quem tivera oportunidade de conviver antes de ser preso. Nunca tivera amigos na vida adulta,

somente investidores, mas alguns deles eram pessoas de quem gostava genuinamente. Sempre simpatizara imenso com Olivia, cuja presença o fazia sentir-se como se o seu querido e falecido irmão estivesse por perto, e Faisal, que, de uma maneira fascinante, era capaz de falar extensivamente sobre assuntos como a poesia britânica do século XX e a história do *jazz*. (Faisal já morreu, mas não há necessidade de pensar nisso agora.) Sente inclusivamente alguma nostalgia por alguns investidores que não conhecia tão bem, que conhecera apenas uma ou duas vezes. Leon Prevant, por exemplo, o executivo de transportes marítimos com quem bebera uns copos no Hotel Caiette, o prazer de ter uma conversa sobre uma indústria que lhe era totalmente desconhecida. Ou Terrence Washington, um juiz reformado que conhecera no clube de Miami Beach, que parecia saber tudo o que havia para saber sobre a história da cidade de Nova Iorque.

As pessoas com quem se dá agora não são indivíduos que respeite, pelo menos na sua maioria. Há algumas exceções — os mafiosos que geriam impérios criminosos aterradores, o ex-espião que foi agente duplo durante uma década —, mas para cada padrinho e antigo espião trilingue há dez tipos que são essencialmente rufias. Alkaitis tem noção de que há uma certa hipocrisia no seu snobismo, mas há uma diferença entre a) saber que se é um criminoso como todos os outros ali e b) querer dar-se com homens crescidos que não sabem ler.

— É como se existissem dois jogos distintos, no que diz respeito a dinheiro — diz Nemirovsky à mesa do pequeno-almoço. Está preso há dezasseis anos, por um assalto a um banco que correu mal. Tem a quarta classe e é um iletrado funcional. — Há o jogo que toda a gente conhece, em que levamos a cabo o nosso trabalho da treta e recebemos um ordenado que nunca é suficiente — faz sinal com a cabeça em torno da mesa na cantina —, e depois há o outro nível, um *nível* completamente diferente de dinheiro, em que é uma coisa completamente diferente, uma espécie de *jogo* secreto ou algo de semelhante, e só alguns o sabem jogar...

«Nemirovsky não está enganado», pensa Alkaitis mais tarde, enquanto faz *jogging* à volta do pátio de recreio. O dinheiro é um jogo que ele sabia jogar. Não, o dinheiro é um país, e ele tinha as chaves do reino.

Não o diz a Julie Freeman, mas, agora que já é demasiado tarde para fugir, Alkaitis dá por si a pensar constantemente em fugir. Gosta de imaginar uma versão paralela dos acontecimentos — digamos que o avesso da vida — em que foge para os Emirados Árabes Unidos. E porque não? Adora os EAU e o Dubai em especial, o facto de ser possível viver uma vida inteira sem andar na rua exceto para entrar em carros de luxo, a saltitar de interior belo em interior belo com condutores experientes pelo meio. A última vez que lá esteve foi em 2005, com Vincent. Ela parecera ficar encantada com a opulência, apesar de, em retrospectiva, lhe parecer que talvez estivesse a representar, pelo menos uma parte do tempo. Tinha um interesse financeiro substancial em manter a aparência de felicidade. Enfim. No avesso da vida, as horas que precederam a festa de Natal são muito diferentes. Quando Claire o vai visitar ao escritório, no dia da festa de Natal, disfarça. Finge não saber do que está a falar e mantém um ar de estupefação educada até ela desistir e se ir embora. Não se opõe a empregar um pouco de manipulação emocional, se isso lhe permitir escapar à prisão. No avesso da vida, não confessa nada. Não cede. Nessa noite vai com Vincent à festa de Natal, e, quando saem de lá, ambos regressam ao *pied-à-terre*. Dá-lhe um beijo de boas-noites como se estivesse tudo bem, não revelando as suas intenções. Deixa-se ficar acordado enquanto ela vai deitar-se, bebe café e faz os preparativos, contempla o oceano escuro que é o Central Park e as luzes mais além, memorizando uma vista que jamais voltará a ver. Espera a noite inteira pela chegada dos lavadores de janelas, que sobem a parede íngreme da torre na plataforma suspensa, de madrugada.

Ainda é muito cedo, surge a primeira luz sobre o parque, e eles não o reconhecem. Porque haveriam de reconhecer? Durante a noite cortou o cabelo muito rente, usa óculos escuros e um boné de basebol e — crucialmente — está vestido de branco da cabeça aos

pés, como eles, o saco de desporto pendurado ao ombro. Abre a janela e dirige-se a eles. «Podem dar-me boleia até à rua?», pergunta. Eles recusam, a princípio, mas ele tem 5000 dólares em dinheiro no *pied-à terre* e dá-lhes a totalidade, incluindo também duas garrafas de um maravilhoso *Grand Cru Classé* do seu *château* favorito em Bordéus e a pulseira e os brincos de diamantes de Vincent — ela está no quarto, ainda a dormir — e convence-os: só precisa de boleia até à rua, lá em baixo. Mais nada. Serão apenas uns minutos. Ninguém saberá. É muito dinheiro e o melhor vinho que alguma vez irão beber.

Quem são eles? Não importa. A e B. Digamos que são jovens que não têm noção de nada ou então têm mas digamos que têm filhos para sustentar. Lavar janelas não é uma profissão particularmente bem paga, a não ser que subir as paredes de vidro dos arranha-céus seja um desses empregos tão assustadores que ninguém o quer ter. Bem, o que interessa isso, a verdade é que se trata de muito dinheiro, portanto, digamos que aceitam. Alkaitis sai para o frio matinal e, na descida lenta até ao passeio, A e B permanecem calados e respeitosos, e sente que estão a admirar a premeditação de se ter vestido como eles — não *exatamente* como eles, os lavadores de janelas não usam camisa, mas suficientemente para que, à distância, sejam apenas três homens vestidos de branco numa plataforma suspensa, uma imagem diária na cidade de vidro, e por essa altura o sol nascente está refletido na torre, pelo que ninguém pode olhar diretamente para eles, porque o seu plano é brilhante. Descem sob esse brilho, e ele sai da plataforma e agradece-lhes, e depois chama um táxi em direção ao aeroporto. Umás horas depois, está num voo rumo ao Dubai, em primeira classe, claro, num daqueles assentos reclináveis que mais parecem um casulo privado com cama e televisão. No avesso da vida, reclina a cadeira até esta ficar na horizontal sobre o Atlântico e deixa-se mergulhar num sono descansado.

No ICF Florence Médio 1, as luzes acendem-se, o alarme da contagem das 03h00 ecoa, e levanta-se da cama, nem acordado nem a dormir, calçando os chinelos num gesto automático, ainda a meio caminho de outro lugar qualquer, com Hazelton a levantar-se,

cambaleante, da cama à sua frente. No avesso da vida, não chega a ser preso, quanto mais condenado, quanto mais sujeito a contagens de cabeças. (Os guardas aos gritos no corredor — levanta-te, levanta-te, levanta-te —, e depois um deles detém-se na entrada com o seu pequeno contador, e, ao fim de uns minutos, a contagem termina, e é possível voltar para a cama.) No avesso da vida, transfere todo o seu dinheiro para uma conta *offshore* secreta, longe das mãos do governo norte-americano. Quando a filha telefona finalmente para o FBI, já está muito longe. O Dubai não tem tratado de extradição com os Estados Unidos da América.

Tem dinheiro suficiente para viver no Dubai por um tempo indeterminado, em tranquilidade, nos interiores frescos e no calor infernal. Hotel ou *villa*? Hotel. Irá morar num hotel e pedir serviço de quartos para todo o sempre. As *villas* são uma chatice para manter, exigem demasiados empregados. Já está farto de empregados.

— Gostaria de lhe perguntar sobre a sua filha — diz-lhe Julie Freeman, no segundo encontro.

— Lamento — responde-lhe ele —, mas prefiro não falar sobre ela. Penso que a Claire merece a sua privacidade.

— Parece-me justo. Nesse caso, gostaria de lhe perguntar sobre a sua esposa.

— Está a referir-se à Suzanne ou à Vincent?

— Pensei em começar pela Vincent. Ela visita-o?

— Não. Aliás, eu... — Não tem a certeza se será prudente continuar, mas a quem mais poderá perguntar? As suas únicas visitas são jornalistas. — Pode parar de tirar apontamentos, por favor, só por uns instantes?

Ela pousa a caneta em cima da mesa.

— Isto é algo embaraçoso — confessa — e agradecia-lhe que guardasse segredo, mas por acaso faz ideia de onde ela está?

— Também tenho andado à procura dela. Adorava conseguir falar com a Vincent, mas, onde quer que esteja, tem-se mantido discreta.

Talvez a descida da torre com os lavadores de janelas seja um pouco dramática. Poderia facilmente ter dado um beijo de boa-noite

a Vincent, após a festa de Natal, ter-lhe dito que iria tomar um copo com um investidor e que não valeria a pena ela ficar acordada à espera dele; poderia ter mandado o motorista levá-la a casa enquanto fugia do país. Não, teria de ter regressado a Greenwich para ir buscar o passaporte. Bem, se ele pode reescrever a história de maneira a ter fugido do país, o passaporte não é com certeza um impedimento. No avesso da vida, talvez seja o tipo de pessoa que anda sempre com o passaporte. Dá um beijo de boa-noite a Vincent e chama um táxi em direção ao aeroporto.

No avesso da vida, Claire visita-o no Dubai. Está contente por vê-lo. Não concorda com as suas ações, mas conseguem rir-se do assunto. As suas conversas fluem com naturalidade. No avesso da vida, não foi Claire quem chamou o FBI.

Claire nunca o visitou na prisão e recusa-se a atender as chamadas dele.

Escreveu-lhe uma carta no seu primeiro mês na prisão, mas ela respondeu apenas com duas páginas da transcrição do julgamento, relativas à audiência inicial em que ele fora obrigado a dizer «culpado» vezes e vezes sem conta. Recorda estar parado, de pé, a repetir essa palavra, nauseado, a transpiração a escorrer-lhe pelas costas. Na página parece estranha e fragmentada, como poesia foleira ou um guião de cinema:

«Juiz: Como se declara na primeira acusação, culpado ou inocente?

Réu: Culpado.

Juiz: Sr. Alkaitis, por favor, fale mais alto para que o consigamos ouvir.

Réu: Peço desculpa, Sr. Juiz. Declaro-me culpado.

Juiz: Como se declara na segunda acusação, culpado ou inocente?

Réu: Culpado.

Juiz: Como se declara na terceira acusação, culpado ou inocente?

Réu: Culpado.

Juiz: Como se declara na quarta acusação, culpado ou inocente?

Réu: Culpado.

Juiz: Como se declara na quinta acusação, culpado ou inocente?

Réu: Culpado.

Juiz: Como se declara na sexta acusação, culpado ou inocente?

Réu: Culpado.

Juiz: Como se declara na sétima acusação, culpado ou inocente?

Réu: Culpado.

Juiz: Como se declara na oitava acusação, culpado ou inocente?

Réu: Culpado.

Juiz: Como se declara na nona acusação, culpado ou inocente?

Réu: Culpado.

Juiz: Como se declara na décima acusação, culpado ou inocente?

Réu: Culpado.

Juiz: Como se declara na décima primeira acusação, culpado ou inocente?

Réu: Culpado.

Juiz: Como se declara na décima segunda acusação, culpado ou inocente?

Réu: Culpado.»

Marinheira

2008–2013

O Neptune Cumberland

Vincent deixou terra firme num dia luminoso de céu azul e nuvens dispersas como pipocas, em agosto de 2013. A primeira vez que viu o *Neptune Cumberland* foi em Port Newark. Foi acompanhada até ao navio pela segurança do porto, onde teve de esperar junto às escadas da prancha de embarque durante o que lhe pareceu ser uma eternidade. Estava simultaneamente nervosa e entusiasmada. Havia outras pessoas por perto, mas estavam longe da vista ou lá em cima, bem alto, nas cabines das guas ou a conduzir camiões cheios de contentores. Sabia para onde ia, estudara a papelada e lera os livros, mas a escala desse mundo continuava a ser deslumbrante aos seus olhos. O casco do *Neptune Cumberland* era uma parede de aço brilhante. As guas eram do tamanho dos arranha-céus de Manhattan. Sabia que os contentores chegavam a pesar trinta toneladas, mas as guas retiravam-nos dos camiões de caixa aberta como se não pesassem nada, e havia uma graciosidade improvável nessa ilusão de leveza. Estava parada num ambiente de indústria não adulterada e máquinas gigantes, um porto onde os seres humanos não pertenciam, sentindo-se cada vez mais pequena, até que apareceram os seus anfitriões, dois homens descendo os degraus de aço branco vindos do convés. Demoraram imenso tempo a alcançá-la. Apresentaram-se assim que pisaram chão firme: Geoffrey Bell e Felix Mendoza, terceiro- imediato e despenseiro, colega e chefe dela, respetivamente.

— Bem-vinda a bordo — disse-lhe Mendoza.

— Sim, bem-vinda — acrescentou Bell. Apertaram-lhe a mão, e o segurança do porto tornou a entrar no carro e arrancou. Mendoza foi

à frente, e Bell seguiu-o com a mala dela, embora Vincent pudesse perfeitamente tê-la levado.

— Ainda bem que aqui está — disse-lhe Mendoza. Continuou um monólogo fluente todo o caminho até ao cimo das escadas. Solicitara especificamente uma assistente de cozinheiro com experiência em mais de um restaurante, explicou, porque já estava no mar há muito tempo e precisava sinceramente de ideias novas para a ementa. Esperava que Vincent não se importasse de começar nessa mesma noite. (Ela não se importava.) Estava satisfeito por ela ser canadiana, pois vários dos seus colegas de trabalho favoritos, ao longo dos anos, tinham sido canadianos. Deixou-o falar, porque a única coisa que queria era interiorizar aquele lugar, o convés muito acima do porto, e não parava de pensar «Estou aqui, estou mesmo aqui», enquanto Mendoza a conduzia até às acomodações, descendo um corredor industrial estreito que a fez recordar o interior dos *ferries* que faziam o percurso entre Vancouver e a ilha de Vancouver.

— Deixe-se ficar sossegada a desfazer a sua mala — disse-lhe Mendoza — que eu venho buscá-la daqui a umas duas horas. — Bell, que não abrira a boca desde que se oferecera para carregar a mala dela, pousou-a imediatamente a seguir à soleira do camarote com uma delicadeza surpreendente e sorriu ao mesmo tempo que fechava a porta.

O camarote era mais ou menos o que Vincent esperara, pequeno e insipidamente utilitário, móveis a imitar madeira e paredes brancas. Havia uma cama estreita, um roupeiro, uma secretária, um sofá, tudo encastrado numa parede ou pregado ao chão. Tinha a sua própria casa de banho pequena. Havia uma janela, mas manteve o cortinado fechado, pois queria que o mar fosse a primeira coisa que visse através da mesma. Do exterior provinha o som constante de metal a bater, de arrastar e de ranger, guias a baixarem contentores nos porões e a empilhá-los bem alto na zona de amarração. Tirou os seus pertences da mala — roupa, alguns livros, a câmara de vídeo — e deu por si a pensar em Bell. Nunca acreditara no amor à primeira vista, mas acreditava no *reconhecimento* à primeira vista, acreditava que, ao conhecermos

alguém pela primeira vez, percebíamos logo que essa pessoa iria ser importante na nossa vida, uma sensação semelhante a reconhecer um rosto familiar numa fotografia antiga; num mar de rostos que não têm qualquer significado, um destacava-se. *Tu*.

Correu o fecho da mala vazia, guardou-a no roupeiro e virou-se para a pilha de lençóis e cobertores, e uma almofada já com muito uso, em cima da cama. Fez a cama e depois sentou-se nela por momentos, acostumando-se ao camarote. Era impossível não pensar na *suite* na casa de Jonathan, em Greenwich, nas extensões imensas de alcatifas e espaço vazio. O luxo era uma fraqueza.

Fora preciso muito para ali chegar, muitas formações, estudos, certificações e burocracias, e, quando Mendoza a veio buscar, quando lhe foi mostrada a cozinha onde passaria a sua vida de trabalho, pareceu-lhe quase impossível estar realmente ali, a bordo de um navio, ter realmente deixado terra firme para trás, e foi com algum esforço que conteve um sorriso idiota enquanto ele continuava um monólogo sobre planos de refeição — batatas fritas com quase todas as refeições como norma, digamos que quatro refeições em cada cinco, porque as pessoas gostavam, e as batatas eram baratas, por isso ajudava a manter o orçamento sob controlo; arroz *biryani* duas vezes por semana pelo mesmo motivo — e o primeiro turno foi um bombardeamento de informação e batatas fritas tal que só se apercebeu de que o navio já partira de Newark no final da noite, quando saiu para o convés após as limpezas, imunda e exausta, uma constelação de minúsculas queimaduras a arderem-lhe nos antebraços, provocadas pela fritadeira industrial, e constatou que o ar mudara, a humidade interrompida por uma brisa fresca que não trazia qualquer odor a terra. Estavam a navegar em direção a sul, rumo a Charleston, a Costa Leste dos Estados Unidos, assinalada por uma fileira de luzes no horizonte a estibordo. Foi à outra extremidade do navio para contemplar o Atlântico, a escuridão deste somente interrompida pelas luzes longínquas de um navio distante e por aviões a descerem em direção às cidades da zona leste, e nesse momento o pensamento dela foi de que jamais queria voltar a viver em terra firme.

— Por que motivo quiseste vir para o mar? — perguntou-lhe Bell, da primeira vez que conversaram. Nessa altura já estava no mar há uma semana, sensivelmente. O navio acabara de deixar as Bahamas e começara a longa travessia pelo Atlântico, rumo a Port Elizabeth, na África do Sul. Geoffrey aparecera na cozinha no final do seu turno e perguntara-lhe se gostaria de ir dar uma volta com ele. Levara-a até ao seu local favorito no navio, um canto no convés no nível C que lhe agradava porque ficava longe do alcance das câmaras de videovigilância.

— Sei que soa um pouco sinistro — justificou-se ele —, dito assim em voz alta, mas o problema de estarmos num navio é a falta de privacidade, não te parece?

— Não discordo — retorquiu Vincent. — Aquilo ali é uma churrasqueira? — Havia uma estranha engenhoca tubular com quatro pés presa às grades com uma corrente.

— É, sim — respondeu-lhe ele —, mas há anos que não vejo ninguém dar-lhe uso. — Os churrascos a bordo eram tristes, explicou-lhe ele. Bastava imaginar vinte homens especados num convés de metal, a tentarem conversar na ventania enquanto comiam cachorros-quentes e frango assado, uma parede de contentores a erguer-se atrás deles. Não, não o estava a explicar bem. Não eram vinte homens, eram vinte *colegas de trabalho*, vinte pessoas que estavam no mar há vários meses e que estavam mais do que saturadas da companhia umas das outras, e não havia uma única cerveja para efeitos de lubrificação, por causa da regra antiálcool. Ainda assim, gostava desse convés, confessou.

Vincent também gostava. Era sossegado, à exceção do zunido permanente dos motores. Debruçou-se na amurada para contemplar o oceano, lá em baixo.

— É um prazer não ver terra firme em lado nenhum — disse ela. Os horizontes eram interruptos.

— Não respondeste à minha pergunta.

— Pois, perguntaste-me por que razão vim para o mar.

— Não é a minha melhor forma de começar uma conversa — disse ele. — Talvez seja um pouco óbvia até, uma vez que estamos a bordo de um navio. Mas há que começar por algum lado.

— É uma história um pouco estranha — retorquiu Vincent.
— Graças a Deus, há meses que não ouço uma história decente.
— Bem — começou por dizer Vincent —, vivi com um tipo durante uns tempos, mas a coisa acabou de uma forma complicada.
— Certo... — retorquiu ele. — Não quero intrometer-me, caso prefiras não falar sobre o assunto.

Vincent percebeu que ele compreendia os contornos de uma história, imediatamente abaixo da superfície, como um icebergue, e abriram-se-lhe duas possibilidades, duas variações: poderia contar-lhe que vivera com um criminoso e arriscar ser desprezada por ele ou ser uma dessas pessoas exaustivamente misteriosas com quem ninguém quer falar porque não conseguem abrir a boca sem fazer alusões a segredos obscuros que não podem, de todo, revelar.

— Não, tudo bem. Para dizer a verdade, não foi... Não deixei a terra para trás especificamente por causa do que ele fez — disse ela. — Deixei-a porque estava sempre a cruzar-me com as pessoas erradas.

— Esse é um dos problemas de estarmos em terra — respondeu-lhe Geoffrey. — Tem demasiadas pessoas.

As últimas noites em terra

A princípio, parecera-lhe que haveria uma forma de suportar o colapso do reino do dinheiro, de permanecer na cidade que adorava e de aí encontrar uma nova vida. Na manhã a seguir à última festa de Natal de Jonathan, acordara sozinha e a tremer no *pied-à-terre* em Manhattan. O edredão tinha escorregado para o chão. Levantou-se, tomou um duche, fez café e passou uns minutos a olhar pela janela, para a vista sobre Central Park. Por essa altura, já sabia que Jonathan iria ser preso e sabia que seria a última vez que admiraria essa vista. Jonathan deixara um lindíssimo saco de desporto no *pied-à-terre*, num tom branco cremoso e com apontamentos em cabedal castanho. O lado dela do *closet* tinha dois vestidos de noite, que achava que talvez pudesse vender, e havia também cinco mil dólares em dinheiro e algumas joias no cofre. Guardou o dinheiro e as joias no saco e nos bolsos do casaco e enfiou os vestidos

cuidadosamente dentro do saco de desporto, juntamente com algumas mudas de roupa.

Trouxe a chávena de café para a casa de banho, onde pegou na caixa de lacado onde guardava a maquilhagem, mas depois deteve-se. Em tantos anos com Jonathan, nunca deixara de se maquilhar todos os dias. O seu rosto parecia-lhe algo estranho sem maquilhagem, mas agora, nessa manhã em particular, com o marido factício prestes a ser detido ou já sob custódia policial, agradava-lhe a ideia de não ter a cara do costume. Vincent estudou o rosto no espelho, enquanto bebia o café. Reparou que nos últimos tempos transpusera uma fronteira, entrando numa era da sua vida em que, quando se sentia cansada, não só aparentava esse cansaço como também parecia ligeiramente mais velha. Tinha quase 28 anos.

Encontrou uma tesoura de cortar unhas numa gaveta e começou a cortar cuidadosamente o cabelo. Sentiu de imediato a cabeça mais leve e um pouco de frio. Meia hora depois, quando deixou o edifício pela última vez, o porteiro no átrio olhou duas vezes para ela e exibiu prontamente um sorriso. Corrigiu o corte no primeiro salão de cabeleireiro por que passou — «A sua filha cortou-lhe o cabelo enquanto dormia?», perguntou-lhe a cabeleireira, preocupada — e depois entrou numa farmácia, onde comprou um par de óculos de leitura de graduação mínima, embora não tivesse qualquer problema de visão. Vincent examinou-se num espelho na farmácia. De óculos, sem maquilhagem e com o cabelo curto, achava que parecia uma pessoa muito diferente.

No espaço de uma semana, encontrara um sítio onde morar numa cidade-satélite, a poucas paragens de Grand Central, na Linha Hudson, uma *suite* de *au pair* que na verdade não passava de um quarto por cima de uma garagem, com a casa de banho enfiada num canto e a *kitchenette* no canto oposto. Dormia num colchão no chão e tinha uma cómoda que comprara na Goodwill por 40 dólares, uma mesa pequena que o senhorio lhe dera e uma única cadeira que encontrara na rua, num dia de recolha do lixo. Era suficiente. Três semanas após a detenção de Jonathan, já encontrara trabalho

como empregada de bar em Chelsea. Não eram muitas horas, pelo que também trabalhava como ajudante de cozinha num restaurante no Lower East Side. Preferia a cozinha, porque o trabalho de empregada de bar era uma representação. O público fluía no espaço de trabalho e observava cada movimento. Sempre que erguia o olhar e via um rosto novo junto ao balcão, por breves instantes aterradores, receava tratar-se de um investidor.

Tornou a ver Mirella, uma única vez, um ano e meio depois. Na primavera de 2010, Vincent estava a trabalhar no bar em Chelsea quando Mirella entrara com um grupo de pessoas, seis ou sete no total. O cabelo de Mirella estava penteado numa afro magnífica. O batom era vermelho-locomotiva. Envergava um desses conjuntos que à primeira vista parecem perfeitamente casuais, mas que na realidade eram totalmente composto por sinais codificados — a camisola que custara 700 dólares, as calças de ganga cujos rasgões tinham sido cuidadosamente executados por artesãos em Detroit, as botas gastas que haviam custado mil dólares, etc. Estava com um aspeto fantástico.

— Clientes habituais — disse-lhe Ned, seguindo a direção do olhar de Vincent. Era o melhor amigo dela no local de trabalho, uma pessoa calma que andava a tirar uma licenciatura em Poesia sobre a qual não queria falar. Nessa noite estavam os dois a trabalhar no bar, embora o local não estivesse suficientemente cheio para justificar a presença de ambos.

— A sério? Nunca os tinha visto por cá. — A anfitriã do bar estava a conduzir o grupo de Mirella para uma mesa num canto na parte traseira da sala.

— Porque não costumas trabalhar à quinta.

Um homem vestido com um blazer azul brilhante tinha o braço à volta dos ombros de Mirella. A vontade que Vincent sentia de ser vista era apenas igualada pela sua vontade de se esconder. Tentara ligar a Mirella três vezes: uma vez no dia em que Jonathan fora detido e duas vezes quando tivera conhecimento da morte de Faisal. As três chamadas tinham ido para o *voice mail*.

— Estás bem? — perguntou-lhe Ned.

— Nem por isso — retorquiu Vincent. — Importas-te de que faça uma pausa de cinco minutos?

— Não, vai lá.

Vincent esgueirou-se pela porta da cozinha e desceu o quarteirão. Flores de cerejeira tinham desabrochado praticamente de um dia para o outro nas árvores do outro lado da rua e faziam lembrar uma explosão, fogo de artifício suspenso na escuridão. O cigarro não podia durar para sempre, e, quando voltou para dentro, Mirella e uma das amigas tinham deixado o grupo na mesa e tinham-se mudado para o bar. O que Mirella tivesse para dizer, quaisquer acusações e condenações que ensaiara nesses últimos dois anos, poderia proferi-las agora, e Vincent poderia responder-lhe que não tinha palavras para exprimir quanto lamentava a situação e que, se tivesse sabido — se tivesse suspeitado sequer —, era evidente que teria dito alguma coisa, teria contado a Mirella de imediato, teria ela mesmo chamado o FBI. «Não fazia ideia», queria Vincent dizer-lhe, «não sabia de nada, mas lamento imenso». Então cada uma poderia seguir com a sua vida com um fardo nominalmente mais leve ou algo do género.

— Olá — disse Mirella, sorrindo educadamente para Vincent —, têm aperitivos?

— Excelente ideia — disse a amiga. Devia ter a mesma idade que Vincent e Mirella, algures na casa dos trinta, com o cabelo agressivamente descolorado e cortado à tigela, fazendo lembrar uma vanguardista dos anos 1920.

— Aperitivos... — repetiu Vincent. — Hum, sim, frutos secos ou *pretzles*?

— Frutos secos! — exclamou a vanguardista. — Meu Deus, sim, é exatamente disso que preciso. Este martíni é demasiado doce.

— Por acaso... — disse Mirella, sustendo o olhar de Vincent — ...é possível dar-nos as duas coisas?

— Com certeza. Frutos secos e *pretzels*, é para já. — Só podia estar a sonhar, certo?

— Há que tempos não como frutos secos — disse a vanguardista a Mirella.

— Nem sabes o que perdes — retorquiu Mirella.

Vincent sentia-se estranhamente fora do próprio corpo. Observou as suas mãos a despejarem frutos secos e *pretzels* em tacinhas de alumínio. «Sonhei que tinhas vindo ao bar onde trabalho e não me conhecias.» Pousou delicadamente as taças no balcão do bar, diante da ex-melhor amiga, que agradeceu sem olhar para Vincent e voltou a atenção para a conversa que estava a ter.

— O problema de Nova Iorque — disse a amiga de Mirella quando Vincent virou costas — é que toda a gente se vai embora. Pensava mesmo que eu iria ser uma exceção.

— Toda a gente está convencida de que é uma exceção.

— Talvez tenhas razão. Os meus amigos começaram a ir embora há dez anos, para Atlanta, Mineápolis ou para onde for, e sempre pensei que ficaria e me safaria por cá.

— Mas o emprego em Milwaukee será melhor, certo?

— Irei ganhar o suficiente para arrendar um apartamento enorme — disse a vanguardista. — Ou, quem sabe, uma casa inteira. Sei lá, parece um lugar-comum viver na cidade de Nova Iorque quando temos vinte e tal anos e depois ir embora.

— Sim, mas as pessoas fazem-no por uma razão — respondeu-lhe Mirella. — Nunca tens a sensação de que é mais fácil morar em todo o lado menos aqui? «Olha para mim», pensou Vincent, «repara em mim, diz o meu nome», mas Mirella ignorou Vincent tão completamente como se ela fosse uma desconhecida.

— Se faz favor — chamou Mirella.

Vincent tirou os óculos antes de se virar para ela.

— Mirella... — disse.

— Dá-me mais um martíni? — Como se não tivesse ouvido o seu nome.

— Com certeza. O que era isso que estavas a beber, Mirella, um Sunday Morning?

— Não, era um Cosmo normal.

— Pensava que não gostavas de Cosmos — retorquiu Vincent.

— Oh, pode ser mais um Midnight in Saigon, se faz favor — pediu a vanguardista.

— É para já — respondeu-lhe Vincent. Seria possível que estivesse irreconhecível aos olhos de alguém que em tempos fora

uma amiga querida? O mais certo era tratar-se de uma espécie de vingança da parte de Mirella, fingindo não conhecer Vincent, ou talvez estivesse na mesma situação que Vincent, a viver disfarçada, só que o disfarce de Mirella era mais abrangente e incluía claramente não reconhecer ninguém da sua vida anterior ou, alternativamente, talvez Vincent estivesse a perder o juízo e nenhuma das suas recordações fosse real.

— Um Cosmopolitan e um Midnight in Saigon. — Vincent pousou as bebidas em cima do balcão.

— Muito obrigada — agradeceu-lhe Mirella, e Vincent ouviu o tinido dos copos quando virou costas. Esvaziou o frasco das gorjetas em cima do balcão.

— Se calhar é um bocadinho cedo para estares a contar isso, não? — Ned fitava-a com uma expressão de curiosidade. Não havia ninguém no bar à exceção de Mirella e da amiga, em amena cavaqueira.

— Ned, desculpa, mas vais ter de fechar sozinho esta noite. — Vincent dividiu o dinheiro das gorjetas em duas pilhas e guardou uma delas no bolso.

— O que se passa? Estás doente?

— Não, vou-me embora. Desculpa.

— Vincent, não podes simplesmente...

— Posso, sim — respondeu-lhe Vincent, virando costas. Estava muito mais cruel desde o incidente com Alkaitis. Saiu pela porta da cozinha. Mirella nem sequer olhou na direção dela. Jamais lhe ocorreria que Mirella pudesse ser tão fria, mas o que eram elas senão duas atrizes? «Não vens de famílias ricas», dissera-lhe Mirella certa vez, numa vida diferente, inimaginável. Se eram plausíveis na era do dinheiro porque conseguiam disfarçar as suas origens, qual era a surpresa por Mirella conseguir fingir que nunca se tinham conhecido? O fingimento era a área de competência de ambas.

Nessa noite, desceu a pé até à Baixa de Manhattan, rumo ao Russian Café, um lugar que frequentara durante os seus anos com Alkaitis, mas, se alguém a reconheceu dessa altura, a verdade é que não o deixou transparecer. A sua gerente favorita estava de

serviço nessa noite, uma mulher na casa dos trinta de nome Ileva que falava com uma ligeira pronúncia russa e que em tempos deixara escapar que obtivera a licença de trabalho nos Estados Unidos em troca do seu testemunho num caso criminal.

— Não trazes casaco? — perguntou-lhe Ileva quando se aproximou da mesa de Vincent. — Vais congelar.

— Acabei de largar o emprego — respondeu-lhe Vincent. — Esqueci-me do casaco na sala dos funcionários.

— Largaste o emprego?

— Sim.

— Queres um copo de tinto, oferta da casa?

— Obrigada — agradeceu-lhe Vincent, embora o vinho fosse péssimo. O importante nesse sítio não era o vinho, mas o ambiente. Ali, no quentinho e sob a luz ténue, com os odores a café e a *cheesecake* no ar, Nina Simone a tocar no sistema de som, a sensação de aperto no peito começava a amainar. Esse lugar era a única constante entre o reino do dinheiro e a sua vida atual.

— E então — perguntou-lhe Ileva quando regressou com o vinho —, o que se segue? Outro trabalho como empregada de bar?

— Não, tenho o meu segundo emprego, naquele outro sítio — respondeu-lhe Vincent. — Vou tentar que me deem mais horas.

— É um trabalho de cozinha, não é? Queres ser chefe, é isso, abrir o teu próprio restaurante?

— Não — retorquiu Vincent. — Acho que quero ir trabalhar para o mar.

A mãe de Vincent fora para o mar quando tinha vinte e poucos anos. Vincent insistira sempre para que lhe contasse histórias sobre quando era mais nova, pois, enquanto os contornos da vida do pai dela eram relativamente simples — uma infância sem dramas nos subúrbios de Seattle, a frequência num curso de Filosofia antes de ter desistido e arranjado trabalho como plantador de árvores —, o passado da mãe de Vincent estava envolto num certo mistério. A mãe de Vincent sobrevivera a uma infância terrível na província — havia tias, um tio e mesmo um casal de avós que Vincent sabia que jamais conheceria — e partira rumo a leste aos 17 anos, para Nova

Escócia, onde trabalhara como empregada de mesa e escrevera poesia. Depois, aos 19 anos, arranjava emprego como camareira numa embarcação da Guarda Costeira Canadiana que prestava auxílio nas linhas de navegação. Adorara e odiara esse trabalho em igual medida. Vira a aurora boreal e navegara além dos icebergues, mas também estava sempre cheia de frio e julgara possível morrer de claustrofobia, pelo que desistiu ao fim de duas rotações e atravessou o país de carro, com um novo namorado. Era uma pessoa irrequieta. No espaço de um ano, o namorado ingressara na Faculdade de Medicina, em Vancouver, e a mãe de Vincent vivia precariamente em Caiette, escrevendo poesia que às vezes era aceite para publicação em revistas literárias obscuras, viajando de um lado para o outro no barco dos Correios e apanhando boleia para Port Hardy para ir limpar casas, até se ter apaixonado por um homem casado que morava ao fundo da rua — o pai de Vincent — e ter ficado grávida de Vincent. Tinha apenas 23 anos.

A mãe de Vincent nunca falava sobre a família. «Não são boas pessoas», dizia. «Não vale a pena falar sobre eles, querida, portanto não faças perguntas.» Mas as histórias que estava disposta a partilhar, e as que Vincent mais gostava de ouvir, eram sobre o tempo que passara na embarcação da guarda costeira, pelo que insistia com a mãe para que lhe contasse essas histórias com tanta frequência que começaram a parecer fazer parte das recordações da própria Vincent: nunca fora a essa costa, mas tinha imagens mentais da aurora boreal irisando sobre um céu de inverno, as torres silenciosas dos icebergues num mar cinzento-escuro. E, após o falecimento da mãe, Vincent começou a tentar introduzi-la nas imagens — a mãe a contemplar o icebergue, o rosto da mãe erguido para a aurora boreal —, mas quem fora a mãe aos 20, 21 anos? É tão difícil imaginar os nossos pais nessa época, antes da nossa existência. Na sua memória, a mãe estava eternamente parada nos 36 anos, a idade que tinha quando entrara no quarto de Vincent, quando esta tinha treze anos, e a beijara no cocuruto — Vincent mal levantara a cabeça do livro que estava a ler — e dissera: «Vou dar uma voltinha de canoa, querida, até logo» —, para depois descer as escadas pela última vez.

No dia a seguir a ter visto Mirella, Vincent apanhou o comboio de volta à cidade e depois entrou no metro em direção a sul, viajando até à última paragem, onde visitou uma praia de areia branca na orla da cidade, filmando as ondas. Um dia frio e cinzento, mas com um frio revigorante. Um navio de mercadorias passava no horizonte distante. Estava a pensar na mãe e então, enquanto observava o navio, deu por si a recordar uma das suas últimas noites no Hotel Caiette, um dia ou dois depois de ter conhecido Jonathan. Estava a jantar no bar, nessa noite, e ela estava à conversa com ele, quando apareceu outra pessoa, um homem hospedado no hotel juntamente com a esposa. Não se lembrava do nome dele, mas recordava um pormenor sobre a conversa: «Trabalho em expedição», dissera ele a Jonathan, quando o tema da profissão viera à baila, e isso era memorável porque era alguém que amava claramente o seu trabalho, Vincent percebeu-o de imediato, a maneira como o rosto dele se iluminou quando o tema surgiu na conversa. Anos mais tarde, parada junto ao oceano, num dia frio de primavera, baixou a câmara de vídeo para observar o navio que passava. Quão difícil seria arranjar um emprego no mar?

Geoffrey

— Tailândia — repetiu Geoffrey Bell, a bordo do *Neptune Cumberland*, no outono de 2013. — Por que razão vais à Tailândia quando tiveres folga?

— Porque nunca fui — retorquiu Vincent.

— Parece-me uma boa razão. É que a maior parte das pessoas aproveita a folga para ir a casa.

— E onde será isso? Não o digo com dramatismo — respondeu-lhe Vincent —, mas, por esta altura do campeonato, não sinto que tenha uma casa para onde ir em terra.

— Não me digas que consideras o *Neptune Cumberland* como sendo a tua casa? — perguntou-lhe Geoffrey. — Estás no mar há quê, dois meses?

— Três.

Três meses a acordar no seu camarote para um duche a meio da noite antes de ir preparar os pequenos-almoços, longas horas a cozinhar numa divisão sem janelas que oscilava quando estava mau tempo, passeios no convés à chuva e ao sol, dormir com Geoffrey, horas extras, três meses de trabalho árduo e noites sem sonhos, enquanto o navio avançava num ciclo de 68 dias de Newark a Baltimore e depois a Charleston, de Charleston a Freeport, nas Bahamas, de Freeport a Port Elizabeth, na África do Sul, depois até Roterdão, nos Países Baixos, e a Bremerhaven, na Alemanha, regressando de seguida, via Atlântico, novamente em direção a Newark. A maioria dos homens a bordo — era a única mulher — trabalhava durante seis meses seguidos e depois tirava três meses de folga, e decidira fazer o mesmo.

Geoffrey sorriu, mas não ergueu o olhar. Estava a criar um pequeno cisne de *origami*. Ela dissera-lhe que o camarote dele era pouco alegre, e Geoffrey concordara, por isso estavam a fazer pequenos cisnes e a pendurá-los no varão da cortina.

— Eu tinha uma visão muito romântica sobre trabalhar no mar — disse-lhe ele —, em miúdo, quero dizer. Tipo «ver o mundo» e tal. Mas, afinal, a maior parte do mundo parece uma série de portos de contentores em constante rotação.

— E, no entanto, ainda aqui estás.

— Ainda aqui estou. A pessoa deixa-se agarrar. Leste aquele livro que te ofereci no teu aniversário? — Ergueu um cisne no ar, rodando-o entre os dedos, e depois entregou-o a Vincent.

— Já vou quase a meio. Estou a adorar. — Vincent furou o cisne com a agulha (a loja vendia *kits* de costura) e atravessou-o com o fio de pesca.

— Achei que irias gostar. Se já vais a meio, então já chegaste àquela parte em que eles vão à pesca de pássaros, certo?

— Sim. Adorei essa descrição. — O livro que lhe oferecera era uma coleção de narrativas escritas pelo comandante e pela tripulação do *Columbia Rediviva*, um navio mercante norte-americano que percorrera o globo na última década do século XVIII e continha uma descrição que jamais esqueceria: no último dia de 1790, a 370 quilómetros ao largo da costa da Argentina, o céu

enchera-se de albatrozes. A tripulação reunira-se no convés e lançara anzóis com carne de porco salgado ao oceano, para atraírem os pássaros que mergulhavam do céu.

— Também adorei. Li o livro quando tinha dezasseis anos e fiquei obcecado com a ideia de vir para o mar. — Estava a ter alguma dificuldade com o seu último cisne de *origami*: franziu o sobrolho, alisou o papel e recomeçou. — Queres ouvir uma coisa um tanto ou quanto devastadora?

— Pode ser.

— Uma vez o meu pai contou-me que o sonho dele era ser piloto de avião. E agora perguntas tu: «Mas por que razão será isso devastador?»

— Porque me disseste que ele era mineiro. — Vincent estava em cima da cadeira de Geoffrey para pendurar os cisnes no varão do cortinado, que não tinha utilização porque a janela de Geoffrey estava constantemente bloqueada pelos contentores empilhados. — Meu Deus, tens razão, Geoffrey, é terrível. A pessoa sonha voar e, em vez disso...

— Não queria arrepende-me de não ter vindo para o mar.

— Faz sentido.

— Gostas? — Ergueu mais um cisne no ar, cor de laranja, um pouco torto.

— Se gosto de quê, do teu cisne?

— Não, disto tudo. De estar no mar. Da tua vida.

— Sim. — Vincent percebeu a autenticidade das suas próprias palavras. — Gosto de tudo. Adoro tudo. Nunca fui tão feliz.

O AVESSE DA VIDA

2015

No avesso da vida, Alkaitis desloca-se no interior de um hotel sem nome. Lá fora a vista está constantemente a mudar, porque ele está constantemente a mudar de ideias em relação ao hotel onde se encontra. Não se recorda dos nomes desses lugares, mas possuem conjuntos distintos de pormenores e impressões. Digamos que se trata de um hotel com uma imensa escadaria branca junto ao balcão de receção, a *suite* com o jacúzi encastrado no chão junto às janelas que se estendem do chão ao teto. Nesse caso, a vista é de um mar azul-pálido sem sombras, unindo-se ao céu branco no horizonte ofuscante.

— Aqueles atrasados devem julgar que são monges guerreiros ou coisa parecida — exclama Churchwell, inclinando a cabeça na direção dos cinco jovens caucasianos que levavam a cabo um treino calisténico em conjunto, ao fundo do pátio recreativo. — Tantas ideias parvas sobre códigos de honra.

— Bem, há que ter algum tipo de código, penso eu — responde Alkaitis, algo ressentido por ter sido arrancado ao avesso da vida.

— Percebo a necessidade de estrutura — replica Churchwell. — O sentido de pertença, de sentimentos familiares, é claro que percebo. Só digo que não me venham com códigos de honra quando estão a cumprir uma pena de cinquenta anos por pornografia infantil.

O pornógrafo infantil, Tait, não tinha quaisquer tatuagens quando viera para Florence — quando chegou era um tipo pálido e franzino, com óculos e a pele sem marcas —, mas agora tem uma pequena suástica tatuada nas costas.

— Há pessoas que têm famílias logo de início — diz ele. — Outras têm de aparentar ser um pouco mais duras. — A conversa

estava a decorrer na cantina. Alkaitis, que faz um esforço tremendo para não pensar na sua própria família, deixa a mente divagar. Uma das coisas que lhe agradam no avesso da vida é o facto de o Tait não existir. Digamos que se trata do outro hotel, não daquele no continente, com vista para o horizonte, mas do outro, na ilha, a ilha artificial cujo nome não lhe ocorre e que tem a forma de uma palmeira. Nesse caso, a vista dá para a água rodeada pela folhagem das palmeiras, digamos assim, uma fila garrida de McMansões tremeluzindo sob o calor, na outra margem. Gostava dessa *suite*. Era enorme. Vincent passava imenso tempo no jacúzi.

Mas não, esta é uma recordação, não é o avesso da vida. Vincent não existe no avesso da vida. Sente que é importante manter as duas coisas separadas, a memória *versus* o avesso da vida, mas tem tido cada vez mais dificuldade em fazê-lo. É uma fronteira permeável. Na sua memória, o ar condicionado era tão agressivo que tinha alguma dificuldade em aquecer-se, e por isso estava sempre no jacúzi, ao passo que no avesso da vida ela nem sequer lá está.

No avesso da vida vira costas à vista sobre as McMansões e abandona o quarto, sai para o corredor largo com a alcatifa de padrões elaborados, entra no elevador com superfícies de espelho escuro, que se abre inesperadamente para o átrio do Hotel Caiette, onde Vincent se encontra sentada com Walter, o gerente da noite, em poltronas de couro. Esta é uma recordação: voltaram lá um ano antes de ter sido preso. Acordara sozinho na cama, recorda-se, às 05h00, e fora à procura dela, encontrando-a no átrio com Walter.

A recordação permanece consigo porque, quando ela erguera o olhar, a máscara descaíra-lhe ligeiramente e por breves instantes vira algo que parecia ser desilusão no seu rosto. Vincent não estava feliz por vê-lo. Mas aí a recordação e o avesso da vida divergem, pois, enquanto na vida real ele se tinha envolvido numa dessas conversas penosamente superficiais sobre *jet lag*, no avesso da vida o olhar dele desvia-se para a janela, onde lá fora parece estar demasiado claro para as 05h00 na Colúmbia Britânica, um tipo completamente diferente de luz solar, porque mais uma vez está no

Dubai, na ilha-palmeira, contemplando as moradias do outro lado da baía estreita, e agora o átrio está vazio.

E os outros homens, também terão um avesso da vida? Alkaitis perscruta o rosto deles, à procura da resposta. Nunca teve curiosidade em relação às outras pessoas. Não sabe como perguntar. Mas vê-as contemplando a distância e interroga-se sobre onde estarão.

— Alguma vez pensas em universos paralelos? — pergunta a Churchwell, algures no início de 2015. A ideia surgira-lhe em dada ocasião na sua vida livre e desvalorizara-a, pois soara francamente ridícula, mas agora tem um encanto cada vez maior. Churchwell não é propriamente um amigo, mas costumam comer à mesma mesa porque fazem parte do mesmo clube informal de pessoas que jamais voltarão a ter liberdade, e também parte de um clube informal diferente de nova-iorquinos. Esses clubes são conhecidos como carros, algo que agrada a Alkaitis. «Estamos todos no mesmo carro», dá por si a pensar às vezes, com um ligeiro sentimento de camaradagem, quando está com Churchwell ou um dos outros condenados a prisão perpétua, ainda que, claro, nunca o profira em voz alta, além de que é um pensamento deprimente, se pensarmos demasiado nisso. («Estamos todos no mesmo carro, que se encontra parado e nunca irá a lugar nenhum.») Churchwell já deve ter ouvido falar sobre a teoria do multiverso ou sobre outra coisa qualquer que alguém tenha mencionado, pois a única coisa que faz é ler livros e escrever cartas. Churchwell foi um agente duplo real, CIA/KGB, e está a aproveitar a pena de prisão perpétua para ler umas coisas.

— Quem não pensa? Num universo alternativo, safei-me e tenho um belo apartamento em Moscovo — responde-lhe Churchwell.

— Eu moraria no Dubai. Gostei daquilo lá.

— Já pensei em tudo. Teria casado com a filha de um oligarca, uma supermodelo, talvez? Dois ou três filhos, um *golden retriever*, uma casa de verão num país quente sem tratado de extradição.

— Eu moraria no Dubai. — Repara no olhar de Churchwell e apercebe-se de que já o tinha dito.

— Sr. Alkaitis, como se sente hoje? — O médico parece demasiado jovem para ser médico.

— Tenho andado com problemas de memória e de concentração. — Não acrescenta «alucinações», porque não quer que lhe receitem antipsicóticos fortes e porque os homens que vão para o hospital não costumam regressar. De qualquer maneira, «alucinações» é a palavra errada, é mais uma sensação progressiva de irrealidade, uma sensação de fronteiras em colapso, a realidade a infiltrar-se no avesso da vida, e o avesso da vida a infiltrar-se na recordação. Mas talvez seja possível fazer alguma coisa, alguma medicação que não o transforme num *zombie* a arrastar-se de um lado para o outro, mas que consiga travar ou pelo menos desacelerar a deterioração, caso seja isso que esteja a acontecer com ele. Está a tentar ser objetivo em relação ao assunto.

— Muito bem. Vou fazer-lhe uma série de perguntas simples, para termos uma ideia mais clara da situação. Pode dizer-me em que ano estamos?

— Está a falar a sério? Ainda não cheguei a esse ponto, espero.

— Não estou a dizer o contrário. Trata-se apenas da primeira de uma série de perguntas standardizadas, para perceber a extensão dos seus problemas de memória. Em que ano estamos?

— Em 2015 — responde-lhe Alkaitis. Já está preso há seis anos? Parece quase impossível. Talvez não devesse desvalorizar a vista do hotel na ilha-palmeira. O problema das praias de areia branca, com o mar azul a estender-se até ao horizonte, sob um céu sem nuvens, é que se trata de uma paisagem com duas cores, somente azul e branco, tranquilo, mas onde é possível morrer de tédio. Em contrapartida, o hotel da ilha-palmeira dava para uma enseada, com vista para as casas enormes na outra margem, e havia vida nisso. Uma das mansões era cor-de-rosa, memorável porque ele e Vincent tinham-se rido do facto. Não era um agradável rosa esbatido, era um rosa estilo *Pepto-Bismol*.

— Em que mês estamos?

— Dezembro — replicou Alkaitis. — Tínhamos ido passar o Natal aos Emirados.

O rosto do médico permanece cautelosamente inexpressivo enquanto toma nota, e Alkaitis apercebe-se do engano. — Peço desculpa, estava a pensar noutra coisa. Estamos em junho. Junho de 2015.

— Ótimo. Sabe qual é a data de hoje?

— Claro, é dia 17. Estamos a 17 de julho.

— Vou dizer-lhe um nome e uma morada — diz o médico — e vou pedir-lhe que mos repita daqui a uns minutos. Preparado?

— Sim.

— Senhor Jones, Cecil Court, número 23, Londres.

— Certo.

— Quanto tempo falta até à próxima hora?

Alkaitis olha em volta, mas não vê nenhum relógio na sala.

— Até à próxima hora — repete o médico. — Adivinhe.

— Bem, a consulta era às 10h00 e tive de ficar à espera, por isso diria que são quase 11h00.

— Conte de trás para a frente de vinte até um.

Conta de vinte até um. Os pormenores dessa estranha ilha em forma de palmeira são pouco nítidos. Será uma única ilha ou uma coleção de ilhas que, juntas, formam uma palmeira? Seja como for, foi esse o hotel onde ele e Suzanne ficaram na sua primeira visita aos Emirados Árabes Unidos, onde deram as mãos por cima da mesa do restaurante que tinha um aquário enorme com um tubarão no interior. Foi no ano imediatamente anterior ao diagnóstico dela, o que significa que nessa bonita recordação Suzanne já está secreta e invisivelmente doente, células malignas a proliferarem-lhe silenciosamente no fígado e no pâncreas. Meu Deus, ela era deslumbrante. Muito mais velha do que Vincent, como é óbvio, mas, sinceramente, há algo de maravilhoso numa companheira que não tem idade para ser nossa filha, uma companheira da qual não precisamos de nos esconder. Recorda estar de mãos dadas com ela e conversar sobre os investidores. «Se és tão ingénuo a ponto de acreditares que o Lenny Xavier não sabe o que está a fazer», disse-lhe ela, «tenho uma ponte para te vender».

— Diga os meses do ano por ordem inversa. — O médico, a intrometer-se.

— Dezembro, novembro, outubro, setembro, agosto, junho, julho... maio, abril, março, fevereiro, janeiro. — A pensar no entusiasmo que sentiu nesse momento no hotel, no prazer de ter uma coconspiradora. «Achas que vamos conseguir manter isto?», perguntou-lhe ele. A sobremesa estava a chegar: bolo de chocolate com gelado para Alkaitis e um prato com fruta fresca para Suzanne.

— Diga-me o nome e a morada que lhe dei antes — pede o médico.

— Desculpe?

— A morada?

— Era Palmeira Jumeirah. — Alkaitis esboça um sorriso, satisfeito por se recordar do nome. — De certeza absoluta; Palmeira Jumeirah, no Dubai. Não me recordo se tinha número de porta.

Deixa o consultório do médico com uma sensação de mal-estar. Sabe que fez asneira na última pergunta, mas que culpa tem que a sua vida ali seja tão enfadonha que às vezes demora alguns minutos a despertar do avesso da vida e a regressar à realidade, se é disso que se trata?

— Sou distraído, não sou demente — murmura para os seus botões, suficientemente alto para o guarda que o está a escoltar de regresso à cela lhe lançar um olhar de relance. Que culpa tem ele de os seus dias serem tão semelhantes que está sempre a deixar-se levar por recordações ou pelo avesso da vida? Embora seja inquietante que as suas recordações e o avesso da vida se tenham começado a misturar.

Um pensamento preocupante, enquanto está parado na fila para a loja: quando morrer na prisão, morrerá também no avesso da vida?

Quando não está no avesso da vida, tem sonhos em que nada acontece, à exceção de uma sensação crescente de medo. No sonho, sabe que alguém se aproxima, e então, certa noite, enquanto lê o jornal na cela, logo a seguir ao jantar — acordado, não está a

sonhar —, ouve uma voz dizer, num tom perfeitamente distinto: «Estou aqui.»

Ergue o olhar. Hazelton tem estado a andar de um lado para o outro na cela, há pelo menos uma hora, mas não foi Hazelton quem falou. Alkaitis deixa-se ficar em silêncio por imenso tempo, antes de ganhar coragem para falar.

— Acreditas em fantasmas? — pergunta-lhe Alkaitis, num tom o mais descontraído possível.

Hazelton esboça um sorriso, aparentemente encantado com a pergunta. Hazelton é uma pessoa pouco estimulada, que anseia por conversa.

— Não sei, pá, sempre *quis* acreditar em fantasmas, acho que seria porreiro se andassem por aí a pairar, mas não sei se existirão realmente.

— Alguma vez conhecestes alguém que tivesse visto um? — O que não diz a Hazelton é que Faisal está parado num canto da cela. Alkaitis tem estado a tentar convencer-se de que está a alucinar. Não é possível Faisal estar naquela divisão porque a) trata-se de uma cela prisional e b) Faisal morreu. Ainda assim, Faisal parece-lhe assustadoramente real. Está calçado com os seus chinelos de veludo dourado preferidos. E encontra-se parado sob a janela da cela, a esticar o pescoço para olhar para a lua.

— Conheci um tipo que jurava ter visto um. Mas o fantasma que tinha visto era de um tipo que matara sem querer, num assalto.

— E acreditaste nele?

— Não. Quer dizer, mais ou menos. Não me parece que tivesse sido um fantasma a sério, acho que era só consciência pesada.

Faisal tremeluz ligeiramente, qual holograma defeituoso, e depois extingue-se.

UM CONTO DE FADAS

2008

A embarcação

No último setembro que Vincent e Alkaitis passaram juntos, foram «velejar», como ele lhe chamara, o que parecia ser uma maneira estranha de descrever uns dias de descanso numa embarcação enorme sem velas. Convidara a amiga dele, Olivia, que Vincent calculava que tivesse conhecido o irmão de Jonathan, e à noite os três jantaram e depois beberam no convés, ao ar livre. Vincent, que tentava manter-se sempre alerta, conseguia fazer um único *cocktail* durar várias horas, mas gostava de preparar bebidas para as outras pessoas.

— Estávamos mesmo agora a falar sobre ti — disse Olivia quando Vincent regressou ao convés com uma rodada fresca que preparara no interior.

— Espero que, pelo menos, tenham inventado uns boatos interessantes — retorquiui Vincent.

— Não foi preciso — respondeu-lhe Jonathan. — Tu és uma pessoa interessante. — Aceitou a bebida que Vincent lhe estendeu com um ligeiro aceno da cabeça e passou o outro copo a Olivia.

— Fazes-me lembrar imenso eu própria, quando tinha a tua idade — disse Olivia com o ar evidente de quem está a oferecer um elogio.

— Ah — exclamou Vincent. — Sinto-me lisonjeada. — Olhou de relance para Jonathan, que conteve um sorriso. Olivia beberricou a bebida e contemplou o oceano.

— É delicioso — disse Olivia. — Obrigada.

— Ainda bem que gosta. — Vincent simpatizava imenso com Olivia e sabia que o mesmo se poderia dizer de Jonathan, mas havia algo nela que provocava uma certa tristeza em Vincent. O

vestido de Olivia era demasiado formal, o batom excessivamente vivo, o cabelo fora acabado de cortar, e exagerava um pouco na maneira como olhava para Jonathan. A combinação era forçada. «Estás a dar demasiado nas vistas», queria dizer-lhe Vincent, «não podes deixar que percebam o esforço que estás a fazer», mas é claro que não havia como aconselhar uma mulher duas ou três vezes mais velha do que ela.

— Costumam ir à Brooklyn Academy of Music? — perguntou-lhe Olivia, ao fim de algum tempo. — Ainda no outro dia a minha irmã me falou de um espetáculo que lá viu e ocorreu-me que não vou há anos.

— Sabe que evito atravessar o rio sempre que posso — respondeu-lhe Jonathan.

— Snobe — replicou Olivia.

— Pois sou. Mas ainda no outro dia pensei em Brooklyn. Estava a ver uma casa para venda, umas águas-furtadas que um amigo meu andava a pensar em comprar. Estava eu a olhar para aquele luxo todo, cerca de 370 metros quadrados num bairro lindíssimo junto à Ponte de Manhattan, e pensei: «Seja lá o que aquilo for agora, não tem nada que ver com a Brooklyn que eu costumava conhecer.» Parecia uma cidade diferente.

— Mas depois há a academia — disse Olivia. — A minha irmã Monica estava a contar-me sobre esse espetáculo que viu, e dei por mim a pensar: «Quando foi a última vez que lá estive? Em 2004? 2005?»

— Devíamos ir todos juntos — sugeriu Vincent, sem grande intenção, mas um mês depois, de volta a terra firme, em casa, com uma constipação numa ociosa tarde de outubro, deu por si a perguntar-se se deveria propor a Jonathan uma atividade noturna inesperada para o fim de semana, talvez surpreendê-lo com bilhetes para o teatro ou algo do género, e os seus pensamentos foram dar a essa conversa. Procurou a Brooklyn Academy of Music *online* e encontrou o irmão.

Melissa na água

Ao que parecia, Paul, contra todas as previsões, obtivera algum sucesso como compositor e intérprete. No início de dezembro, atuaria três noites na Brooklyn Academy of Music. O programa chamava-se «Terra Nortenha Distante: Bandas Sonoras para Filmes Experimentais». Não o via há três anos, desde o último turno no Hotel Caiette. Na imagem que aparecia no *site* da Academia, parecia possuído: estava em cima de um palco, rodeado por equipamento que ela não compreendia, teclados e caixas inescrutáveis com mostradores e botões, as mãos desfocadas em movimento, e, por cima dele, projetado numa tela, via-se uma imagem que Vincent pareceu reconhecer como sendo a linha da costa de Caiette, uma praia rochosa com arbustos escuros sob um céu coberto de nuvens.

«Em *Terra Nortenha Distante*, o emergente compositor Paul James Smith apresenta uma série de misteriosos vídeos caseiros, cada um deles com exatamente cinco minutos cada, todos filmados pelo compositor durante a sua infância na região rural ocidental do Canadá, aqui apresentados como parte de uma impressionante composição que mistura as linhas entre géneros musicais e interroga as nossas ideias preconcebidas sobre vídeos caseiros, sobre a natureza selvagem, sobre...»

Vincent fechou os olhos. Nunca fora muito cuidadosa com os seus vídeos. Fazia-os e depois gravava por cima deles ou filmava-os e de seguida deixava-os em caixas no seu quarto de infância. Quantas vezes teria Paul visitado o pai de ambos sem ela, nos anos depois de ter deixado Caiette? Vezes suficientes, imaginava. Nada o impedira de se apropriar dos pertences dela. Deu por si sentada junto à piscina, a fitar a água, embora não se lembrasse especificamente de ter saído de casa.

Numa tarde perto do final do verão, numa infância distante, ela e a mãe tinham acompanhado Paul ao aeroporto de Port Hardy, onde ele embarcara numa pequena aeronave com destino a Vancouver, a fim de apanhar um voo de ligação para Toronto. Vincent devia ter uns 10 anos. Paul fora terrível o dia todo, rindo-se sempre que ela dizia alguma coisa, e depois, no aeroporto, virara-lhes as costas

com um rápido aceno da mão e dirigira-se para a fila de segurança sem olhar para trás, e mais tarde, no caminho de regresso a casa com a mãe, Vincent estivera calada e um pouco triste. «O problema do Paul», dissera a mãe, enquanto esperavam pelo táxi aquático no cais em Grace Harbour, «é que sempre pareceu pensar que tu lhe devias alguma coisa». Vincent lembrava-se de erguer o olhar para a mãe, alarmada perante a ideia. «Mas não deves», disse-lhe a mãe. «Nada do que lhe aconteceu é culpa tua.»

Em 2008, sentada à beira da piscina, Vincent ouviu passos e ergueu o olhar. Anya aproximava-se com uma manta.

— Pensei que talvez quisesse isto — disse-lhe Anya. — Está frio aqui fora.

— Obrigada — agradeceu-lhe Vincent.

Anya franziu o sobrolho.

— Está a chorar?

Foi difícil cumprir a sua parte do contrato com Jonathan nos dois meses que se seguiram, foi complicado manter um ar de leveza, mas ele não pareceu reparar. Nos últimos meses de 2008, estava sempre a trabalhar. Estava sempre no trabalho ou no escritório de casa com a porta fechada. Ouvia a voz dele ao telefone quando passava no corredor, mas nunca percebia o que estava a dizer. Quando estava com ela, parecia cansado e distraído.

No início de dezembro, Vincent apanhou uma série de comboios que acabaram por a levar aos degraus da Brooklyn Academy of Music. Temera ter de explicar a Jonathan a sua ausência numa quinta-feira à noite, mas ele enviara-lhe uma mensagem a dizer que iria trabalhar até tarde e que passaria a noite no *pied-à-terre*. Chegou cedo e deixou-se ficar na rua por algum tempo, enquanto uma fatia da população abastada de Brooklyn se reunia no passeio envergando as suas fardas: botas rasas e *écharpes* enroladas de variadíssimas e complicadas maneiras, no caso das mulheres, barbas e calças de ganga justas que pouco favoreciam, no caso dos homens. Era um prazer vê-los reunirem-se, passando por ela em grupos de dois e três e quatro, os mais atrasados dobrando rapidamente a esquina num frenesim de esbaforidas desculpas e

queixas sobre o metropolitano. Por fim, Vincent permitiu-se entrar na sala de espetáculos com as últimas pessoas que compunham a multidão, encontrou o seu lugar na fila da frente e levou a cabo uma série de gestos pré-espetáculo como assoar-se, desembrulhar um rebuçado para a tosse por uma questão de precaução e desligar o telemóvel, tudo para não pensar naquilo a que estava prestes a assistir.

— Conheces o artista? — perguntou-lhe a mulher do lado, em surdina. Parecia ter uns 80 anos, o cabelo grisalho todo espetado. Estava elegantemente vestida, mas parecia doente; era muito magra, e as mãos tremiam-lhe.

— Não. — Vincent sentia que, para todos os efeitos, isso correspondia à verdade. Conhecera o irmão, no passado. As luzes em redor baixavam de intensidade.

— Também estive cá ontem à noite — disse-lhe a mulher. — Acho-o fantástico.

— Ah — respondeu Vincent. — Também estou ansiosa para o ver.

— Conheces o artista? — tornou a perguntar-lhe a mulher, após uns instantes, e Vincent sentiu uma pontada de pena dela.

— Sim — retorquiu Vincent. Aplausos irromperam a toda a volta e, quando ergueu o olhar, o irmão estava a entrar em palco. Paul estava mais magro e visivelmente mais velho, e ela não percebia se o fato preto e a gravata escura e fina seriam propositadamente irónicos. Parecia um agente funerário. Acenou com a cabeça para o público, sorriu perante os aplausos no que a Vincent pareceu ser uma manifestação genuína de prazer e sentou-se atrás de um teclado. Então as luzes do palco baixaram também, até ficar apenas iluminado por uma luz ténue. A tela por cima dele iluminou-se, um fundo branco com um título a negro, «Melissa na água», e então o branco deu lugar a uma costa. Vincent reconheceu a praia junto ao cais de Caiette, cheia de grão e demasiado saturada, a água e o céu demasiado azuis, as ilhas na pequena baía de um verde pouco natural. A princípio, a música de Paul soou a ruído branco, um rádio sintonizado algures entre estações. Tocou uma sequência de notas num teclado, as notas emergindo uns segundos depois como

música de violoncelo, à qual acrescentou um piano ligeiramente meândrico, movendo-se entre o teclado e um portátil encavalitado em cima de uma mesinha, premindo teclas e carregando em pedais para criar *loops* e distorções, uma banda de um homem só. A estática assumira uma qualidade pulsante, uma batida regular. Em cima do palco, a tela ganhou vida com um grupo de crianças a correr na imagem. Vincent percebia no seu rosto que riam e gritavam, mas o filme não tinha som. Lembrava-se desse vídeo. Fora o primeiro verão sem a mãe. Ficara a morar em Vancouver durante dez ou onze meses — longas horas passadas sozinha na cave da tia a ver televisão, longas viagens de autocarro para a escola —, mas fora visitar o pai no verão. Estivera na praia a filmar os nadadores, isto é, toda a população infantil de Caiette por volta de 1995: uma menina cujo nome já esquecera — Any? Anna? —, que parara à beira da água, aos risinhos, mas com medo de entrar; os gémeos, Carl e Gary, um pouco mais velhos, brincando dentro de água num canto da imagem; a amiga de Vincent, Melissa, que na altura tinha 14 anos, mas era pequena para a idade e mais parecia ter 12. O cabelo claro de Melissa, o fato de banho amarelo, o grão e a sobre-exposição do filme conferiam-lhe um ar radiante. Estava a dar saltos mortais para a água, rindo-se sempre que vinha à superfície. Dali a três anos mudar-se-ia para Vancouver, para ingressar na Universidade da Colúmbia Britânica e morar com Vincent no pavoroso apartamento de cave em Downtown Eastside; iria dançar com Vincent e Paul na última noite do século xx; aos 19 anos, desenvolveria um problema de dependência de drogas, deixaria a universidade, regressaria a Caiette para morar com os pais enquanto tentava recuperar o controlo da vida; um ano depois, seria contratada como motorista e assistente de jardinagem no Hotel Caiette; mas no vídeo tudo isso fazia parte de um futuro inimaginável, e ela era simplesmente uma criança a brincar dentro de água, como um peixe. A música estava a mudar, com uma instabilidade que Vincent considerou pouco agradável, como uma banda sonora de um desses pesadelos em que tentamos correr, mas os pés não saem do lugar, e agora ouvem-se vozes na estática, sobrepostas.

No palco por baixo da tela de projeção, Paul estava em movimento, ajustando botões, acompanhando a projeção no seu portátil, tocando teclado em intervalos. Vincent sentiu movimento à direita, e, quando olhou, a mulher adormecera, a cabeça apoiada no peito. Vincent pôs-se de pé e saiu para o átrio, onde as luzes e a realidade sólida do mármore e dos bancos a fizeram chorar de alívio, e depois correu para o ar de inverno, lá fora. Caminhou até à Ponte de Manhattan e continuou até ao terminal da Grand Central, tentando acalmar os pensamentos. Ocorreu-lhe que poderia processá-lo, mas com base em que provas? Estivera em Caiette todos os verões e todos os Natais da infância dela. Não havia maneira de provar que não fora ele quem filmara os vídeos. E qualquer ação legal seria complicada ou mesmo impossível de esconder de Jonathan, para quem ela era um porto calmo, sem dramas nem fricções. No comboio de regresso a Greenwich, vislumbrou o seu reflexo na janela e fechou os olhos. Começara a pagar a sua própria renda aos 17 anos. Como se tornara tão dependente de outra pessoa? É claro que a resposta era depressivamente óbvia: entregara-se à dependência porque a dependência era mais fácil.

Um pesadelo

Na semana que se seguiu, Jonathan trabalhou tantas horas seguidas que quase não o via — uma pequena bênção —, pelo que somente tinha de fingir leveza durante breves períodos de tempo. Lia as notícias para se distrair, mas as notícias eram uma litania de colapsos económicos. Pensou em regressar a Brooklyn e esperar junto à porta da entrada do palco, mas a ideia de rever Paul era repugnante.

Na quarta-feira seguinte, Vincent acordou com um pesadelo pela terceira vez seguida em três noites. Andava a dormir mal há já algum tempo, há semanas, mas o pesadelo era um problema recente e inquietante. Tinha a certeza de que se tratava do mesmo pesadelo, repetido, mas apenas retinha uma impressão vaga de estar a cair, um pressentimento de catástrofe que persistia à luz do

dia. Fitou o teto por algum tempo, Jonathan a dormir ao seu lado, e depois levantou-se, procurou a roupa de treinar — guardava-a dobrada em cima de uma cadeira, junto à cama —, atou os atacadores dos ténis às escuras e foi buscar as chaves ao gancho perto da porta da cozinha. Gostava de sair de casa sem acender uma única luz. Há um prazer intrínseco em não se ser visto.

No reino do dinheiro era importante ser magra, mas ela teria ido correr de qualquer maneira. Adorava os subúrbios a essa hora do dia, quando ainda possuía algum mistério. Era início de dezembro, mas o tempo estivera gelado a semana inteira. Desceu rapidamente o longo caminho de acesso que passava pela casa de Gil e Anya — não se viam quaisquer luzes acesas —, em direção ao *cul-de-sac*, onde as casas igualmente excessivas de dois vizinhos lampejaram por entre as árvores, e desatou a correr num passo ligeiro assim que alcançou a primeira rua a sério, a primeira rua que conduzia a algum lado. Gostava da tranquilidade do bairro antes do amanhecer, do secretismo de uma rua onde toda a gente estava a dormir, das janelas às escuras. Jonathan não ficaria nada satisfeito por ela andar sozinha na rua à noite, mas essas ruas nunca lhe tinham parecido perigosas, e, além disso, tinha gás-pimenta no porta-chaves. Quando por fim regressou a casa, eram 04h00 e ainda era de noite. Deixou um bilhete a Jonathan, que só acordaria às 05h30, depois tomou um duche, vestiu-se e chamou um táxi para a levar ao comboio das 05h00.

Os outros passageiros no comboio a essa hora eram essencialmente maníacos da indústria financeira, com os olhos a cintilar na incandescência dos seus pequenos ecrãs, a enviar e a receber mensagens de outros continentes. Vincent tinha uma fila de lugares inteira à sua disposição. Após algum tempo, a noite deu lugar a sombras e a uma madrugada carregada, com as cidades a passarem de pontos de luz a silhuetas de telhados. Como fora Paul capaz, deu por si a pensar, como fora capaz de a roubar daquela maneira, mas sentia-se demasiado cansada para continuar essa linha de pensamento e deixou-se arrastar para um estado suspenso que não era sono mas também não era consciência, com as cidades

a reaparecerem e a cintilarem entre os intervalos nas árvores. Acordou com um sobressalto enquanto o comboio dava entrada na Grand Central.

Foi a sua última manhã no reino do dinheiro. Tomou o pequeno-almoço no restaurante de um hotel perto da Grand Central. Seguiu-se uma hora numa livraria, tempo passado em várias lojas e um intervalo com jornais e café num café em Chelsea. Um momento estranho: saiu do café e misturou-se com uma excursão turística, um grupo de turistas que seguiam um guia com um chapéu de chuva vermelho erguido no ar, e por breves instantes avistou a mãe entre a multidão. Somente um vislumbre, mas não havia a mais pequena dúvida — a longa trança castanha que lhe caía sobre as costas, o casaco de malha vermelho que tinha vestido quando se afogara —, e depois a multidão mexeu-se, e a mãe desapareceu. Vincent deixou-se ficar no passeio durante imenso tempo, vendo o grupo afastar-se. Estaria a alucinar? Manteve-se atenta a possíveis sinais de demência enquanto atravessava a cidade cinzenta em direção à parte alta da cidade, mas não viu nada que lhe parecesse claramente irreal. O Central Park estava monocromático, árvores escuras pendendo sob um céu descolorido.

Estava a subir os degraus que conduziam ao museu quando Jonathan lhe ligou.

— Festa de Natal logo à noite — disse-lhe ele. — Queres passar no escritório por volta das 19h30 e depois vamos a pé juntos?

— Às 19h30 está mais do que bem — retorquiu Vincent. — Estou ansiosa. — Na verdade, esquecera-se completamente da festa de Natal. O vestido que planeava usar estava pendurado no *closet* em Greenwich, e não havia nada adequado no *pied-à-terre*. Mas a era do dinheiro só terminaria dali a umas horas, pelo que não se tratava propriamente de uma emergência, e deixou-se ficar mais um pouco a contemplar a sua pintura favorita. Apaixonara-se por *O Pensador*, de Thomas Eakins, a imagem enorme de um homem vestido com um fato escuro, na casa dos trinta, as mãos enfiadas nos bolsos, perdido em pensamentos. Regressara a essa galeria várias vezes nas últimas semanas e detivera-se diante dessa pintura,

inexplicavelmente comovida pela mesma. «A mãe também teria gostado dela», pensou.

Quando se virou para ir embora, viu um homem que reconheceu. Estivera a contemplar a mesma pintura que ela, parado um pouco atrás.

— Oskar — disse ela. — Trabalha com o meu marido, não é verdade?

— No grupo de gestão de ativos. — Deram um aperto de mão. — É um prazer voltar a vê-la.

— Juro que não é uma frase de engate — disse-lhe Vincent —, mas costuma vir aqui com frequência?

— Não tanto quanto gostaria. Tive uma cadeira de História de Arte na faculdade — acrescentou, como se tivesse de justificar a sua presença ali. Cada um seguiu o seu caminho após uma breve conversa de circunstância («Espero que venha à festa de Natal logo à noite»), e o incidente teria passado despercebido, não fosse o facto de ela dar por si a pensar nas limitações do seu contrato com Jonathan. Gostava de estar com Jonathan, durante a maior parte do tempo, não se importava nada, mas ultimamente dava por si a pensar que seria agradável apaixonar-se ou, falhando isso, pelo menos dormir com alguém por quem se sentisse realmente atraída e a quem não devesse nada. Chamou um táxi e foi até à Saks, onde passou algum tempo sob as luzes ofuscantes e emergiu uma hora depois com um vestido de veludo azul e uns sapatos de couro de verniz pretos. Ainda restavam tantas horas no dia. Não pensar em Paul, provavelmente algures num estúdio a compor música nova acompanhada do trabalho que lhe roubara. Chamou outro táxi e foi até à zona financeira na Baixa, demorando-se num café de que sempre gostara em particular. Esteve duas horas no Russian Café, a beber *cappuccinos* e a ler o *International Herald Tribune*.

Por volta das 17h00, começou a ficar inquieta, pelo que reuniu os seus pertences e saiu para a chuva lá fora. Procuraria outro café, decidiu. Subiria até Midtown e arranjaría um sítio perto do escritório de Jonathan, para chegar exatamente à hora certa. Mas a meio das escadas para a estação de Bowling Green foi acometida pela certeza de que morreria se entrasse no metropolitano. Sabia-o com

a mesma clareza com que sabia o seu próprio nome. Vincent deu meia-volta e tornou a subir as escadas, meio a correr, meio aos tropeções, avançando por entre um mar de pessoas em sentido contrário, ansiosa por alcançar um banco antes de desmaiar. Nunca desmaiara, mas com certeza a sensação era a que estava a experimentar, a terrível sensação de leveza na cabeça, a noção de estar à beira de um abismo. «Devia perguntar à minha mãe», pensou, e o pensamento igualmente irracional que se seguiu foi: «A minha mãe está à minha espera no metro.»

Vincent alcançou o banco mais próximo, a arquejar, e decorreram alguns minutos até ter a presença de espírito para abrir o chapéu de chuva. Permaneceu sentada durante o que lhe pareceu uma eternidade, segurando o chapéu de chuva suficientemente baixo para esconder o rosto do olhar dos transeuntes, tentando recuperar o fôlego, tentando não chorar. Se começara a ter ataques de pânico — nunca os experienciara, mas decerto esse momento nas escadas encaixava nessa categoria —, então já estava num estado mais avançado que julgara, não tão coesa como antes, o sistema a falhar-lhe. Deixou-se ficar sentada muito quieta até a respiração abrandar, escutando a chuva que caía no chapéu de chuva e observando os pés dos transeuntes que passavam.

O telemóvel vibrou dentro do bolso, e viu o número da rececionista de Jonathan no ecrã.

— Está tudo bem, obrigada — disse ela, em resposta a uma pergunta —, e consigo?

— Ouça — disse-lhe a rececionista, em vez de responder —, o Sr. Alkaitis queria saber se pode vir ter ao escritório mais cedo. Diz que é urgente.

— Com certeza. — A ideia de urgência de Jonathan era pedir um conselho a Vincent sobre que gravata usar para a festa de Natal. — Por favor, diga-lhe que vou a caminho.

Um carro é a pior maneira possível de viajar durante a hora de ponta em Manhattan, mas tentar descer novamente a estação de Bowling Green era um risco que Vincent não queria correr, por isso chamou um táxi, que se dirigiu lentamente à zona alta da cidade no

meio do trânsito denso, ruas escuras a passarem em câmara lenta, até que, a cerca de quilómetro de meio do escritório, saiu do táxi e percorreu o resto do caminho a pé.

«Estás só muito cansada», disse para si mesma. «Não tens problema nenhum. Qualquer pessoa poderia ter um ataque de pânico após três noites sem dormir. Qualquer pessoa teria ficado um pouco afetada depois do que o Paul fez.» No elevador com paredes de vidro do Gradia Building, puxou o cabelo molhado rapidamente para trás e tentou não olhar muito para as suas olheiras. As portas abriram-se para o esplendor empresarial do décimo oitavo andar.

— Boa tarde, Sra. Alkaitis. Pode entrar — disse-lhe a rececionista de Jonathan. Chamava-se Simone. Dali a uns meses, seria uma testemunha-chave da acusação.

Quando Vincent entrou no gabinete, deparou com Jonathan sentado à secretária, as mãos unidas em cima do tampo, e estranhou logo a sua imobilidade. Parecia uma estátua, feita de cera. Não estavam sozinhos. A filha dele, Claire, encontrava-se sentada no sofá com a cabeça entre as mãos, e na outra ponta do sofá estava um homem com cinquenta e muitos ou sessenta e poucos anos, um pouco barrigudo, vestido com um fato caro e o cabelo a ficar grisalho.

— Olá — disse Vincent. Não se recordava do nome do homem.

— Sra. Alkaitis. — A voz dele soou inexpressiva. — Sou o Harvey Alexander. Trabalho com o seu marido.

— Ah, sim, claro, já nos conhecemos. — Vincent apertou-lhe a mão. O que se passava com todos? Harvey estava com cara de funeral. As mãos de Jonathan continuavam unidas em cima do tampo da secretária, e Vincent reparou então que os nós dos dedos estavam brancos. Vincent e Claire não simpatizavam particularmente uma com a outra, mas sempre tinham conseguido manter uma certa educação, e nunca acontecera Claire não a cumprimentar quando Vincent entrava numa divisão.

— Alguém me explica o que se passa? — pediu Vincent. Mantendo o tom de voz o mais leve possível, pois compreendia que a leveza fazia parte do seu trabalho.

— Fecha a porta, por favor — disse-lhe Jonathan. Vincent obedeceu-lhe, mas ele não voltou a falar, e ninguém na sala parecia capaz de olhar para ela, pelo que Vincent se refugiou temporariamente numa série de pequenas tarefas. Pousou o saco da Saks junto ao cabide, despiu o casaco e pendurou-o, descalçou as luvas e pousou-as em cima do saco da Saks e, por fim, esgotadas as coisas para fazer, sentou-se numa das poltronas reservadas às visitas, cruzou as pernas e esperou. Ficaram todos em silêncio. Era como estar numa peça de teatro em que ninguém conhecia a sua deixa.

— Alguém tem de lhe contar — disse Claire, e Vincent ficou chocada ao constatar que Claire estava a chorar.

— Contar-me o quê?

— Vincent... — disse Jonathan, mas as palavras pareceram falhar-lhe, e por momentos encostou as palmas das mãos aos olhos. Estaria também a chorar? Vincent agarrou-se com força aos braços da poltrona.

— Falem — pediu ela.

— Vincent, ouve, o meu negócio, não a coisa toda, não a corretora onde a Claire trabalha, mas o grupo de gestão de ativos, está tudo... — Não parecia capaz de continuar a falar.

— Estás falido? — Vincent acompanhava atentamente as notícias. Eram as últimas semanas de 2008, a era da queda de ações e dos bancos falidos.

— Oh, é muito pior do que isso! — A voz de Claire revelava um certo histerismo. — Muito, mas muito pior, porra.

— Acho que não nos devemos esquecer — disse Harvey — de que há uma grande probabilidade de que tudo o que dissermos aqui hoje, nesta sala, tenha de ser repetido em tribunal. — Falava num tom muito calmo, fitando um quadro do iate de Jonathan na parede oposta. Parecia curiosamente dissociado da situação.

— Conta-lhe — disse Claire.

— Atenção... — lembrou Harvey, no mesmo tom de voz desinteressado.

Após uma penosa pausa, Jonathan decidiu-se por uma pergunta:

— Vincent — disse ele —, sabes o que é um esquema Ponzi?

**TERCEIRA
PARTE**

O coro do escritório

Dezembro de 2008

1

Tínhamos passado do limite, era por de mais evidente, mas mais tarde foi difícil precisar qual era esse limite. Ou talvez todos tivéssemos limites diferentes, ou tivéssemos passado do mesmo limite em alturas diferentes. Simone, a nova rececionista, só tomou conhecimento da existência desse limite no dia em que Alkaitis foi preso, ou seja, no dia da festa de Natal de 2008, quando Enrico se aproximara das nossas secretárias no final da manhã e nos dissera que Alkaitis nos queria reunidos na sala de conferências do décimo sétimo piso, às 13h00. Nunca tinha acontecido. O Acordo era algo que levávamos a cabo, não algo que discutíssemos.

Alkaitis apareceu às 13h15, sentou-se à cabeça da mesa, sem estabelecer contacto visual com ninguém, e disse:

— Estamos com problemas de liquidez.

A sala pareceu ficar privada de oxigénio.

— Pedi um empréstimo à corretora — disse ele. — Desviá-lo-emos via Londres e registaremos as transferências eletrónicas como receita da atividade comercial europeia.

— E o empréstimo será suficiente? — indagou Enrico, em voz baixa.

— Para já, sim.

Bateram à porta nesse momento, e Simone entrou com o café. Ninguém sabia muito bem para onde olhar. Simone estava a trabalhar há escassas três semanas e não participava no Acordo, mas percebeu de imediato que algo não estava bem. O ar da sala estava carregado, como acontece nos instantes antes de uma tempestade elétrica. Estava certa de que alguém dissera algo terrível pouco antes de ela ter entrado. Somente Ron retribuiu o seu

sorriso. Joelle fitou-a com uma expressão vazia. Oskar olhava fixamente para o bloco timbrado pousado à sua frente, em cima da mesa, e pareceu a Simone que tinha lágrimas nos olhos. Enrico e Harvey olhavam para o vazio. Alkaitis acenou com a cabeça quando ela entrou e observou-a até se ir embora. Simone acabou de servir o café e retirou-se, fechou a porta e esperou no corredor, em vez de se afastar. Pareceu-lhe que ninguém falou durante um invulgar período de tempo.

— Ouçam — disse Alkaitis, por fim —, todos sabemos o que se faz aqui.

Mais tarde, alguns fingiriam não o ter ouvido, mas o testemunho de Simone faria eco da descrição dos que o tinham de facto ouvido. Alguns dos que fingiram não o ouvir também fingiriam não saber da existência de um limite — «Sou tão vítima disto como os investidores do Sr. Alkaitis», disse Joelle a um juiz, que discordou e a condenou a doze anos —, mas depois, do outro lado do espectro, havia Harvey Alexander, que concordaria totalmente com o testemunho de Simone e que acabaria por confessar coisas de que nem sequer fora acusado, numa espécie de acesso de culpa, admitindo chorosamente ter exagerado as despesas e furtado material de escritório, enquanto os investigadores, boquiabertos, tomavam notas e tentavam desviar cuidadosamente a conversa de volta ao crime.

Mas, para aqueles que ouviram o que Alkaitis disse nessa reunião — aqueles que admitiram tê-lo ouvido —, essa afirmação representava a travessia final ou talvez, mais precisamente, o momento em que já não era possível ignorar a topografia e fingir que o limite não fora já ultrapassado. É claro que todos sabíamos o que ali se fazia. Não éramos parvos, à exceção de Ron. Remexemos na nossa papelada, ou olhámos fixamente para os nossos apontamentos, ou fitámos o vazio e imaginámos deixar o país (Oskar), ou olhámos pela janela e fizemos planos firmes e litigáveis para deixar o país (Enrico), ou olhámos pela janela e decidimos de forma fatalista que era demasiado tarde para ir fosse para onde fosse (Harvey), ou entregámo-nos à ideia fantasista de que, de alguma maneira, as coisas iriam resolver-se (Joelle).

Ron olhou em redor, confuso. Era frequente parecer confuso, apercebêramo-nos disso em relação a ele, e parecia que não fazia realmente ideia do que ali se fazia, o que, em retrospectiva, era desconcertante: o que julgaria ele que fazíamos senão gerir um esquema Ponzi? Quando conversámos entre nós sobre o Acordo, como passáramos a denominá-lo, o que julgaria ele que estávamos a discutir? Ainda assim, lá estava. Olhou para o silêncio em volta, pigarreou e disse:

— Bem, mas já temos tanta atividade financeira com o escritório de Londres...

O silêncio que se seguiu a esse comentário foi, se possível, ainda pior do que o silêncio que o precedera. Nunca nenhuma atividade económica fora levada a cabo através do escritório de Londres porque o escritório de Londres era composto por um único funcionário com cinco endereços de *e-mail* cujo trabalho consistia essencialmente em transferir fundos para Nova Iorque a fim de dar a aparência de atividade financeira europeia.

— Excelente observação, Ron — respondeu-lhe Harvey. A sua voz soou simpática e com uma pontada de tristeza.

A reunião terminou poucos minutos depois. Alkaitis tinha gabinetes no 17.º e no 18.º andares do Gradia Building, e depois da reunião deixou-nos no nosso pequeno e sombrio escritório do 17.º andar e regressou ao Dezoito, que era um mundo à parte. Alkaitis tinha o piso inteiro, e este reluzia. As pessoas no Dezoito faziam o que os clientes julgavam que faziam, isto é, recomendavam e comercializavam ações e outros valores. Uma centena de pessoas trabalhava no Dezoito, numa empresa corretora cujas atividades, acabou o FBI por concluir, eram completamente legais. No Dezassete, geríamos uma empresa criminosa em vez de investirmos o dinheiro dos nossos clientes, e essa desordem fundamental refletia-se no nosso espaço de trabalho. Enquanto o Dezoito era um mar de secretárias de vidro alinhadas em perfeita simetria sobre alcatifas prateadas de pelo alto, o Dezassete tinha uma alcatifa com trinta anos e uma cor indefinida, tinta a escamar nas paredes, mobiliário em segunda mão e torres de caixas de arquivo.

Quando Jonathan Alkaitis saiu do elevador no Dezoito, deparou com Simone à conversa com um investidor. A maior parte dos investidores não estava autorizada a aparecer sem avisar, em especial investidores como Olivia Collins, que investira menos de um milhão de dólares, mas Alkaitis sempre simpatizara com ela. Conhecera o irmão dele, Lucas, há muito falecido. Assim que Alkaitis viu Olivia, 74 anos e vestida de preto da cabeça aos pés, à exceção de uma *écharpe* azul-turquesa enorme, Simone teve a sensação de ele ter estremecido imediatamente antes de esboçar um sorriso.

— Olá, minha querida. — Alkaitis deu-lhe dois beijos nas faces, ao estilo francês.

— Estava aqui perto... — respondeu-lhe Olivia.

— Nesse caso, seja bem-vinda. Quer um cafezinho?

— Não digo que não.

Simone preparou o café e levou-o ao gabinete de Alkaitis, onde Olivia descrevia uma exposição de arte qualquer, explicou mais tarde Simone aos investigadores, ou pelo menos fora o que lhe parecera. Simone gostava de combater o tédio levando a cabo jogos consigo mesma: sempre que tinha de levar café a alguém, às vezes fingia estar envolvida numa misteriosa cerimónia de café de alto risco, um ritual em que a precisão dos seus movimentos era de extraordinária importância. Fora esse o caso com o café de Alkaitis e Olivia, pousando o tabuleiro exatamente no centro da mesa, colocando as chávenas de porcelana exatamente no centro das bases, etc., e então — isso nunca acontecera — Alkaitis levantara um dedo para interromper o monólogo de Olivia e dirigira-se precisamente a Simone:

— Simone... Olivia, peço imensa desculpa pela interrupção. O que me está a contar é fascinante e quero muito ouvir o resto... Simone, podes ficar a trabalhar até mais tarde, para ajudar com um projeto?

— Com certeza — respondeu Simone, mas regressou à sua secretária com uma sensação de desânimo, pois estava quase certa de que, como empregada assalariada, não teria direito a qualquer tipo de pagamento de horas extras, o que significava que tudo o que

fosse além do horário das nove às cinco seria serviço não remunerado. Olivia foi-se embora uns minutos mais tarde com uma expressão magoada — estava acostumava a ocupar uma grande parte do tempo de Jonathan —, e a porta do gabinete deste fechou-se atrás dela.

Ainda só tinha decorrido meia hora desde o final da reunião, mas no piso de baixo, no Dezassete, estivéramos todos deveras ocupados. Harvey foi ao armazém buscar um bloco timbrado novo, levou-o para a sua secretária e começou a escrever uma confissão completa; Joelle saiu para ir dar um breve passeio à volta do quarteirão que em nada atenuou o seu pânico; Enrico sentou-se diante do seu computador, comprou um bilhete de ida para a Cidade do México, imprimiu o cartão de embarque e depois saiu pela última vez, sem olhar para ninguém; Ron regressou à secretária dele e passou algum tempo a ver vídeos de gatos e a pôr «Gostos» em publicações de outras pessoas no Facebook, confuso e tentando afastar uma sensação de terror dominante. Oskar passou noventa minutos inteiros a estudar o preço dos imóveis em Varsóvia, depois sete minutos a pesquisar que países tinham tratados de extradição com os Estados Unidos da América e depois mais vinte e três minutos a estudar o preço dos imóveis no Cazaquistão, onde tinha uns primos, antes de desligar finalmente e deixar o escritório, com o intuito de ir passar umas horas a outro sítio — a outro lugar qualquer — antes da festa. Ainda estava a meio da tarde, mas ocorreu-lhe que não se importava nada de ser despedido.

Enquanto caminhava na direção da estação de metro, pensou inclusivamente em como justificaria a coisa: «Percebi que a empresa estava a cometer fraude», imaginou-se a contar a um futuro empregador, «e foi nesse dia que me vim embora. Nunca me passaria pela cabeça abandonar um emprego daqueles, mas às vezes é preciso traçar um limite». Apesar de esse limite, para Oskar, já ter sido ultrapassado há onze anos, da primeira vez que lhe tinham pedido para pré-datar uma transação. «É possível saber e ao mesmo tempo não saber», disse ele mais tarde, quando interrogado pelo advogado de acusação, e o Ministério Público caíra-lhe em

cima por causa disso, mas na verdade ele vociferou a opinião de muitos de nós, muitas pessoas que andavam a pensar imenso sobre essa duplicidade, sobre esse saber e ao mesmo tempo não saber, sobre sermos honestos e não sermos honestos, sobre sabermos que não éramos boas pessoas mas ainda assim tentarmos ser boas pessoas, nas áreas limítrofes do que era considerado mau. Todos morreríamos pela verdade nas nossas vidas secretas ou, mesmo que não morrêssemos, pelo menos faríamos alguns telefonemas confidenciais e tentaríamos fingir surpresa quando as autoridades chegassem, mas no nosso dia a dia estávamos a receber uma quantidade exorbitante de dinheiro para nos mantermos calados, e para isso não é necessário sermos pessoas completamente terríveis, dissemos a nós mesmos mais tarde, para fingirmos que não vemos certas coisas — ainda que participando ativamente nessas certas coisas — quando não somos apenas nós, porque quem entre nós está completamente sozinho no mundo? Há sempre outras pessoas à mistura. Os nossos salários e bónus proporcionavam-nos o telhado por cima das nossas cabeças, as bolachas em forma de peixinhos, as propinas, as despesas com futuros lares, a hipoteca do apartamento da mãe de Oskar em Varsóvia, etc.

E depois há a parte dessa equação que jamais poderia ser mencionada em tribunal, mas que parecia ser extremamente relevante e que é a seguinte: quando se trabalha com determinado grupo de pessoas durante um certo período de tempo, ligar para as autoridades implica destruir a vida dos nossos amigos. Os advogados pedem-nos que não mencionemos nada disso no banco dos réus, mas é real essa aversão a mandar os colegas para a prisão. Trabalháramos juntos durante muito tempo.

Mas o dia dessa reunião foi também o dia em que passou a ser tarde de mais para evitarmos a detenção, com a armadilha a fechar-se rapidamente em torno de todos, à exceção de Enrico, apenas porque este estava disposto a fazer o óbvio, isto é, partir antes de a Polícia ter chegado, e Simone, que não tinha culpa de nada e que não deveria estar a par de nada, ao fim do dia encontrava-se a destruir documentos numa sala de conferências no 18.º andar.

Alkaitis abordara-a cinco minutos depois de Olivia se ter ido embora e pedira-lhe que fosse comprar máquinas destruidoras de papel.

— Quantas?

— Três.

— Vou encomendá-las de imediato — respondeu-lhe ela.

— Não, precisamos delas já. Podes ir comprá-las à loja?

— Com muito gosto, mas não me parece que sozinha consiga trazer três máquinas de destruir papel. Posso levar alguém comigo?

Ele hesitou.

— Eu vou contigo — disse-lhe. — Aproveito e apanho um pouco de ar.

Foi embaraçoso, viajar no elevador e sair para a rua na companhia do chefe. Tinha menos de metade da idade dele; tinham preocupações distintas e moravam em Nova Iorque completamente diferentes; não tinham nada para dizer um ao outro. Simone perguntou-se se deveria tentar fazer conversa e estava a formular uma observação casual sobre as condições atmosféricas quando ele sacou do telemóvel, com o sobrolho franzido e perscrutando a lista de contactos sem abrandar o passo.

— Joelle — disse ele —, leva todas as caixas de arquivo do Xavier para a pequena sala de conferências no Dezoito, está bem? Sim, a Sala de Conferências B. Podes pedir ao Oskar e ao Ron para te ajudarem. Sim, extratos de conta, correspondência, memorandos, tudo. Leva todas as caixas que tenham o nome dele. Obrigado.

Tornou a enfiar o telemóvel no bolso, e uns minutos depois estavam na loja de material de escritório, a tremeluzir sob o brilho das luzes fluorescentes.

Simone achou que Alkaitis estava com mau aspeto, apesar de, na verdade, ninguém ter bom aspeto àquela luz. O ar estava abafado. Empregados de escritório exaustos caminhavam devagar por entre as prateleiras de metal altas. Alkaitis parecia estranhamente impotente, olhando em redor como se nunca lhe tivesse ocorrido de onde vinham as esferográficas que tinha em cima da secretária, como se nunca tivesse imaginado que existissem tamanhos depósitos de *Post-its* e dossiês neste planeta. Simone conduziu-o às

máquinas destruidoras de papel, onde fitou os vários artigos em oferta.

— Esta parece-me boa — disse Simone por fim, apontando para um modelo com um preço intermédio.

— Está bem — respondeu-lhe ele. — Sim.

— Três destas?

— É melhor levarmos quatro — retorquiu ele, recuperando a sua capacidade de concentração. Levaram as máquinas até ao balcão, onde Alkaitis as pagou em dinheiro, e saíram para a chuva lá fora. Alkaitis caminhava rapidamente, e Simone estava a ter alguma dificuldade em acompanhá-lo. Calçara uns sapatos com um salto ligeiramente mais alto do que o habitual, por causa da festa de Natal nessa noite, e começava a arrepender-se de o ter feito. No elevador, subiram em silêncio, lado a lado.

— Obrigado por teres ficado até mais tarde — disse-lhe ele assim que alcançaram o 18.º andar. — Na sexta-feira poderás sair mais cedo.

— Certo. Obrigada.

Simone seguiu-o até à sala de conferências, onde alguém — presumivelmente Joelle — deixara uma pilha de caixas de arquivo, todas identificadas com o nome «Xavier». Alkaitis pendurou o sobretudo molhado na parte de trás da porta e deixou-a lá com uma das máquinas destruidoras de papel, regressando minutos depois com uma caixa de sacos de reciclagem. Por essa altura já ela ligara a máquina à corrente e estava a abrir as caixas.

— Aqui tens alguns sacos que poderás utilizar para o papel destruído — disse-lhe ele. — Deixa-os aqui quando terminares, que os empregados da limpeza levam-nos para o lixo. Mais uma vez, obrigado por teres ficado. — Então retirou-se.

Uns minutos depois, Claire Alkaitis apareceu na entrada. Simone ainda não falara com Claire e só no dia anterior descobrira quem ela era, quando decidira perguntar a alguém sobre a mulher que estava sempre a entrar e sair do gabinete de Alkaitis sem marcação prévia e sem olhar para Simone.

— Olá, Simone — cumprimentou-a Claire. Simone ficou surpreendida por saber o seu nome. — Disseram-me que

encontraria o meu pai aqui...?

— Esteve aqui agora mesmo — retorquiu Simone. — O sobretudo dele ainda está pendurado na porta, portanto, calculo que ainda volte. — Claire fitava a máquina de triturar papel e as caixas «Xavier» com o sobrolho franzido.

— Posso saber o que está a fazer?

— Um pedido do Sr. Alkaitis. Está a tentar arranjar espaço nos arquivos.

— Meu Deus — murmurou Claire entre dentes, e por momentos Simone pensou que tivesse proferido um palavrão, mas o que fosse que estivesse a preocupar Claire nada tinha que ver com Simone, pois Claire deu meia-volta e foi-se embora sem dizer uma palavra. O Dezoito tinha o tipo de alcatifa que abafava o som dos passos, mas pareceu a Simone que ela se estava a afastar rapidamente. Simone olhou para o papel que tinha na mão. Um memorando de Alkaitis para Joelle: «Re: Conta de L. Xavier: Preciso de um ganho de capital a longo prazo de 561 mil dólares sobre um investimento de 241 mil dólares, para uma receita de vendas de 802 mil dólares», dizia o memorando. Simone fitou-o por uns instantes, depois dobrou-o e enfiou-o no bolso.

Claire foi dar com o pai de volta ao gabinete dele, sentado muito quieto à secretária, com a cabeça entre as mãos. Harvey encontrava-se sentado no sofá, fitando o chão com um pequeno sorriso estranho. Nesse momento, Harvey sentia-se um pouco zozzo, explicou mais tarde. Fora um dia importante. Sabia que os investidores estavam a desistir. Sabia que os pedidos de levantamento excediam o saldo que havia nas contas. Era por de mais evidente que o fim estava próximo. Os seus olhos não paravam de se encher de lágrimas, e, contudo, teve momentos de uma alegria quase maníaca. A sua confissão por escrito em progresso encontrava-se guardada debaixo de uma pasta na prateleira superior esquerda da sua secretária, e pela primeira vez em décadas sentia-se livre. Sentia — pediu desculpa ao tribunal por empregar um lugar-comum, mas talvez possamos concordar,

senhoras e senhores do júri, que alguns lugares-comuns existem por uma razão — que lhe tinham tirado um peso de cima.

Ambos ergueram o olhar assim que Claire entrou.

— Jonathan — disse ela —, porque é que a tua rececionista está a destruir documentos na sala de conferências?

— Está só a arranjar espaço no arquivo — respondeu-lhe Alkaitis.

Harvey fez um som estranho com a garganta, como se tivesse tentado rir, mas em vez disso se tivesse engasgado.

— Certo — retorquiu Claire, agarrando-se à normalidade como se de uma boia de salvação se tratasse. — Bem, queria perguntar-te sobre aquelas transferências que foram feitas ontem. Os empréstimos da empresa corretora para o grupo de gestão de ativos.

Ele permaneceu em silêncio.

— Quatro empréstimos — continuou ela, na tentativa de lhe avivar a memória, mas o silêncio persistiu. — Ouve — disse ela —, é bom que fique claro que não estou a *insinuar* nada. Mas foram o oitavo, novo, décimo e décimo primeiro empréstimos este trimestre, sem qualquer reembolso, e é o tipo de coisa que... Bem, espero que compreendas que não estou a insinuar nada a não ser a *aparência* de impropriedade.

— Essas transferências são perfeitamente rotineiras, Claire. Estamos a expandir a operação de Londres.

— Por que razão haverias de fazer isso?

— Não estou a entender a tua pergunta...

— Está tudo a contrair — disse-lhe ela. — Na semana passada ouvi-te a falar com o Enrico e disseste-lhe que estavas a perder investidores, não a ganhá-los.

— Pareces cansada, Claire.

— Porque não consegui dormir nada ontem à noite, a pensar nisto.

— Claire, querida, sei o que estou a fazer.

— Não, eu sei. Só estou a dizer que a ideia que dá, que o *timing* da coisa...

— Exato — respondeu ele. — A ideia que dá. — Ele piscou os olhos.

- Pai. — Ela não o tratava assim há mais de uma década.
— Não consigo continuar — disse ele, em surdina. — Pensava que conseguiria cobrir as perdas.
— Como assim, «cobrir as perdas»?

2

Por que motivo estaria Simone a destruir documentos? Por que razão Alkaitis deixaria a rececionista sozinha numa sala de conferências com várias caixas com provas incriminatórias? No seu depoimento, Alkaitis alegou não ter compreendido a pergunta. Por sua vez, Harvey, no seu, ofereceu a opinião de que Alkaitis, que na maior parte dos assuntos tinha uma capacidade impressionante de autoilusão, compreendera finalmente que era tarde de mais para evitar a detenção, mas possivelmente esperara proteger Lenny Xavier, o seu investidor mais importante, que logo de início percebera tratar-se de um esquema Ponzi e proporcionara uma ou outra injeção de dinheiro. Talvez Simone estivesse a destruir documentos precisamente por ser apenas uma rececionista e Alkaitis estivesse convencido de que não compreenderia nada do que via. Era um homem inteligente, mas sofria dessa tendência que certos executivos mais velhos têm de julgarem que as rececionistas fazem parte do mobiliário do escritório, não propriamente ao nível de um armário de arquivos, mas perto. Talvez por Simone ser nova não só no escritório como também na vida — polida dessa maneira típica dos jovens de Midtown, mas ao fim e ao cabo com apenas 23 anos —, Alkaitis estivesse a contar com a ingenuidade dela, convencido de que talvez não fosse alguém que percebesse necessariamente que o pedido de ficar a trabalhar até tarde para ajudar o chefe a «arranjar espaço no arquivo» era o possível indicador de um encobrimento qualquer. Ou talvez a destruição dos documentos fosse uma espécie de esforço simbólico e já tivéssemos chegado ao ponto em que não importava quem via o quê.

Depois de uma quantidade incalculável de tempo, Alkaitis regressou à Sala de Conferências B. O seu comportamento mudara

consideravelmente desde a última vez que Simone o vira. Seriam lágrimas nos seus olhos? Tinha o ar de um homem à beira do precipício.

— Simone — disse-lhe —, quero que ligue à minha mulher, por favor. Diga-lhe que é um assunto urgente e que quero que venha ter comigo o mais depressa possível.

— Está bem — replicou ela —, é para já. — E, quando alcançou a sua secretária, já ele regressara ao seu próprio gabinete, a porta firmemente fechada. Telefonou para Vincent, transmitiu a mensagem e voltou para a Sala de Conferências B e para a máquina de triturar papel.

Simone ficou admirada quando Harvey apareceu com uma piza. Aconteceu perto das 19h30. Cheirou-lhe a piza ainda antes de ele ter entrado na sala.

— Vejam bem! — disse ele, num tom jovial. — Ainda aqui estás.

— Pensei que já te tivesses ido embora.

— Fiquei retido numa reunião demorada — retorquiu ele. — Depois fui dar um passeio rápido e voltei com piza.

— Para me supervisionares?

— Para te substituir. Estás aqui há horas e não recebes mais por isso, o que obviamente não está certo, e, mais importante ainda, a festa de Natal começa dentro de meia hora. — Pousou a piza em cima da mesa de conferências. — Tens fome? Penso que haverá comida na festa, mas os *hors d'oeuvres* não contam como substituto do jantar.

Tinha fome. Simone estava a trabalhar há quase onze horas seguidas e sentia-se exausta, os olhos a arder um pouco devido ao ar seco do arranha-céus. O mobiliário da sala de conferências estava disposto em forma de L, com dois sofás num canto e um candeeiro em cima de uma mesinha de apoio entre eles. Acabara por apagar as luzes fluorescentes e por acender a do candeeiro, que conferia uma luminosidade muito mais suave à divisão e a fazia sentir-se ligeiramente melhor. Se um dia tivesse algum controlo sobre a sua vida laboral, decidira, não trabalharia sob luzes fluorescentes. Haveria alguma forma de poder trabalhar no exterior?

Não via como — as suas competências eram para empregos de interior —, mas a ideia era agradável.

— Come o que quiseres — disse-lhe Harvey — e depois talvez seja melhor ires andando para a festa. Eu fico aqui a acabar isto.

— Não vais à festa?

— Gosto de chegar tarde.

— Por que razão estamos a destruir todos estes documentos? — Simone ia a meio da primeira fatia. Era de fiambre e de ananás, o ananás enjoativamente doce.

— Essa é uma pergunta perfeitamente legítima — respondeu-lhe Harvey. Observou-o, mas ele parecia não ter nada a acrescentar. Harvey limpou os dedos num guardanapo, pensou durante uns instantes e depois tirou mais uma fatia.

— Vais responder?

— Não — replicou ele. — Mas não é nada pessoal contra ti.

— Está certo.

— Vou levar um pouco de piza aos outros. — Saiu da sala com duas das caixas de piza, e Simone terminou a sua fatia e saiu também, indo buscar o casaco e a mala à receção antes de deixar o escritório. O mais estranho era que o dia fora tão longo e entediante, e ela ansiara tanto por esse momento, mas, agora que estava livre, apetecia-lhe voltar para dentro. Tinha a certeza de que algo estava prestes a acontecer. Sentia cada vez mais curiosidade em relação à natureza da bomba-relógio no escritório e queria estar presente quando explodisse.

3

A porta do gabinete de Alkaitis continuava fechada quando todos os funcionários do Dezoito saíram para a festa. No Dezassete, demorámo-nos e procrastinámos, à exceção de Enrico, que se encontrava no aeroporto JFK à espera de embarcar num voo rumo ao México, e de Oskar, que estava num bar ali perto, procurando casas para venda em Astana, no telemóvel. Harvey estava na Sala de Conferências B, a vasculhar as pastas Xavier. Ron tentava limpar uma nódoa de sopa da gravata, na casa de banho. Joelle estava

entretida no Facebook. Mas por fim estávamos todos num restaurante a poucos quarteirões de distância, reunidos à volta da mesa do *fondue* de chocolate. Se fossemos só nós, somente o grupo de gestão de ativos, não teríamos feito festa de Natal, ou pelo menos foi o que dissemos a nós próprios mais tarde — não éramos *totalmente* depravados —, mas não éramos apenas nós, éramos só uma sucursal corrupta de uma operação de resto perfeitamente legal, e a festa de Natal era um acontecimento importante, envolvendo o grupo de gestão de ativos e a empresa de corretagem, as cento e tal pessoas que trabalhavam no Dezoito e que não faziam ideia de quem nós éramos.

Mais tarde, todos recordámos a festa de maneira diferente, quer pelo bar aberto quer porque, é claro, em retrospectiva, as recordações são sempre moldadas para se encaixarem nas narrativas individuais. Estávamos a coscuvilhar e a beber quando Alkaitis e a esposa chegaram, todos nós, à exceção de Ron, cientes da nossa iminente fatalidade, tentando distrair-nos com comentários banais sobre a comida que circulava em pequenos tabuleiros e examinando sub-repticiamente os cônjuges dos nossos colegas, que nos pareciam notavelmente exóticos por serem pessoas que não víamos todos os dias. A esposa de Ron, Sheila, tinha os olhos grandes e um ar espantado, como um veado. O marido de Joelle, Gareth, era uma pessoa letárgica, de movimentos demorados e fato demasiado grande, com um rosto tão desinteressante que quase não dávamos por ele. («É uma espécie de buraco negro», disse Oskar a Harvey, quase num tom de admiração. «Daria um excelente agente secreto.») A esposa de Harvey, Elaine, era uma mulher bonita, que irradiava um ressentimento mudo e que se retirou ao fim de quarenta minutos, ostensivamente, porque estava com dor de cabeça. E depois Alkaitis chegou com Vincent, que de imediato ofuscava sempre qualquer cônjuge presente. Observámo-los a entrar juntos, com duas horas de atraso; Alkaitis com sessenta e tal anos, a esposa talvez na casa dos vinte e muitos, no máximo trinta e poucos, uma verdadeira mulher-troféu, absurdamente linda num vestido azul. Podiam ter-se feito umas piadas de bom gosto, mas ninguém as tentou, embora Oskar tivesse estado próximo:

— Onde acham que aqueles dois se encaixam na Medida de Intervalo Maio-Dezembro? — Já levava um avanço de duas bebidas de nós.

— O quê? — perguntou Gareth.

— É a fórmula pessoal do Oskar — retorquiu Joelle. — Acha que é razoável classificar uma relação como abjeta se a diferença de idades exceder a idade da pessoa mais nova. — Tinha umas olheiras profundas.

— Portanto, se ele tivesse, digamos, sessenta e três anos — respondeu Oskar — e ela tivesse, digamos, vinte e sete anos...

— É melhor não dizermos nada — replicou Harvey, num tom jovial e tentando mudar de conversa. A sua confissão por escrito tinha um total de oito páginas.

— Bem, parece ser simpática — disse Oskar, sentindo-se um pouco culpado. — Falei um bocadinho com ela no churrasco do verão passado.

— Sempre me pareceu um pouco emproada — disse Joelle, que Oskar reconheceu como sendo a maneira de Joelle dizer que era «paga à hora», o que era um disparate, a não ser que não fosse tão dispatado como isso?

— O Enrico não está cá — comentou Oskar, numa tentativa evidente de mudar de assunto. A ausência de Enrico seria uma das poucas coisas em que toda a gente estaria de acordo mais tarde. Nesse preciso instante, estava a bordo de um avião rumo a sul.

Mais tarde, Ron disse aos investigadores que Jonathan Alkaitis lhe parecera perfeitamente normal: afetuoso, prestando atenção ao que as pessoas lhe diziam, conversando descontraidamente com os seus empregados, de um lado para o outro na sala. Mas Oskar lembrava-se de ter visto Alkaitis sentando sozinho no bar por vários minutos, com um ar devastado; mais tarde, Oskar descreveu-o como exibindo «uma espécie de expressão vazia», mas essa descrição não lhe fazia justiça; fora mais como se a morte tivesse entrado em Alkaitis, pensou Oskar na altura, como se a morte tivesse entrado nele e estivesse a olhar para fora através dos olhos dele. Alguns lembravam-se de que Alkaitis deixara a festa cedo.

— Acho que só ficaram uma hora — disse Joelle na sua primeira entrevista com o FBI. — Não foi uma noite feliz. — Ela própria saiu pouco depois, tal como Harvey, alegando a existência de uma emergência inesperada no escritório. Teriam levado Oskar com eles — afinal de contas, havia quatro máquinas destruidoras de papel —, mas não o encontraram em lado nenhum.

Oskar encontrava-se parado junto à porta quando Jonathan e Vincent saíram. Reparou na maneira como Vincent se retraiu quando o marido lhe tocou na base das costas, e havia uma intimidade tal nesse gesto que mais tarde lhe pareceu errado mencioná-lo a alguém, mesmo quando estava a ser interrogado pela segunda ou terceira vez sobre a maldita festa. E também não contou a ninguém que se esgueirara logo atrás deles, em parte por curiosidade, mas também porque estava ansioso para sair dali. Quando saiu do elevador no átrio, Alkaitis e a esposa estavam a sair para o passeio, lá fora. Um carro preto esperava-os na berma. Alkaitis abriu a porta do carro à mulher. Esta abanou a cabeça. Oskar observou-os, passando despercebido, longe do alcance da sua audição. Vincent recusava-se a entrar no carro. Ouviu Alkaitis dizer, com um cansaço infinito: «Pelo menos liga-me quando chegares, *por favor*», perante o qual Vincent se limitara a dar uma risada. Esta deu meia-volta e começou a caminhar rumo a norte, em direção ao vento frio. Alkaitis ficou a vê-la afastar-se por uns instantes e depois entrou no carro e partiu.

Oskar hesitou somente por breves instantes e depois seguiu na direção norte também, atrás de Vincent.

4

De volta ao escritório, Harvey levou a máquina de destruir papel, e depois as pastas rotuladas «Xavier», da sala de conferências para o gabinete de Alkaitis. Este não iria precisar mais do gabinete, e ele era da opinião de que alguém deveria aproveitar esse espaço nessas últimas horas antes do fim. Harvey adorava o gabinete de Alkaitis. Era composto por peças de mobiliário de madeira escura e ornamentos caros, uma alcatifa espessa e pequenos candeeiros

decorativos. Nessa noite, o gabinete cintilava como um oásis, uma piscina de luz quente no meio do caos, e por volta das 21h30 Joelle trouxera uma máquina destruidora de papel e umas caixas com pastas para se juntar a ele. Harvey sentou-se à secretária, Joelle optou pelo sofá, e ambos destruíram as provas juntos. Foi quase agradável.

— O que disseste ao teu marido? — perguntou-lhe Harvey, decorrido algum tempo. Trocara uma série de SMS cada vez mais secas com a esposa.

— Sobre ficar a trabalhar até tão tarde? Que havia uma emergência no trabalho. — Joelle estivera a chorar, mas agora parecia desligada, quase sonhadora. Harvey perguntou-se se teria tomado alguma coisa para os nervos.

— É suficientemente genérico — respondeu-lhe Harvey. Estava a destruir documentos a um ritmo regular, mas posicionara-se de tal maneira que Joelle não conseguia ver que estava a guardar cada terceira ou quarta página. Decidira salvar as páginas mais incriminatórias porque, entretanto, lhe ocorrera um pensamento que não deixava de ser horrendo por ser completamente irracional: E se confessasse e ninguém acreditasse nele? E se pensassem que ele estava louco?

— Como assim? — indagou Joelle.

— Quer dizer que é uma desculpa algo vaga.

— Mas é exatamente aí que as pessoas se atrapalham com as desculpas que dão — retorquiu Joelle. — Ficam nervosas e incluem uma série de pormenores excessivos, e é assim que toda a gente fica a saber que estão a mentir. — Também estaria Joelle a guardar documentos? Harvey não tinha a certeza. Às vezes parava para olhar para um ou outro, mas parecia estar a destruir tudo, a não ser que tivesse deixado alguns ficheiros importantes lá em baixo, no Dezassete. — O meu marido nunca quer saber pormenores — acrescentou Joelle. Harvey concluiu, a partir dessa afirmação, que o marido de Joelle talvez andasse a ter um caso extraconjugal, mas decidiu não partilhar essa suspeita. Harvey mexia nos papéis de uma maneira complicada, separando os documentos mais incriminatórios após um olhar rápido, deixando-os cair para o interior

do saco de lixo aberto atrás da secretária de Alkaitis, em vez de os enfiar na máquina.

— A minha mulher vai querer saber pormenores — disse Harvey, ao fim de algum tempo. — Vou chegar a casa, e ela vai dizer: «Que tipo de emergência te obrigou a voltar para o escritório depois de uma festa de Natal?» — Calou-se por momentos, resolvendo um problema de encravamento de papel. — Queres tomar alguma coisa?

— O Alkaitis tem álcool no gabinete?

— Tem, sim — retorquiu Harvey, levantando-se com alguma dificuldade. Os joelhos estavam a incomodá-lo. A disposição do escritório de Alkaitis implicava imensos móveis discretos, pelo que demorou algum tempo a localizar o uísque. Harvey serviu uma bebida a Joelle num copo de vidro e utilizou a caneca de café de Alkaitis para si próprio. O aspeto positivo da caneca era a sua opacidade. Joelle não conseguia ver de quão pouco Harvey se servira, por isso podia permanecer mais ou menos sóbrio enquanto guardava as provas dos crimes.

5

Nesse momento, Oskar encontrava-se parado junto à janela do *pied-à-terre* de Alkaitis, num arranha-céus alto em Columbus Circle, a beber vinho com Vincent. Esperara até Alkaitis se ter ido embora antes de ir atrás dela. Vincent caminhara devagar, as mãos enfiadas no fundo dos bolsos do sobretudo, olhando fixamente para o passeio.

— Olá — dissera-lhe Oskar.

Vincent olhou para ele.

— Oskar. — Conseguiu esboçar um sorriso. — O que aconteceu ao seu casaco?

Deixara-o na festa.

— Não sei onde o deixei. Posso acompanhá-la?

— Sim. — Caminharam em silêncio por algum tempo. A chuva diminuía de intensidade até já só restar uma morrinha que fazia o passeio cintilar e deixava uma névoa brilhante no sobretudo e no

cabelo de Vincent, bem como nos braços cruzados de Oskar, quando este baixou o olhar sobre si mesmo. Caminhou ao lado dela e forçou a mente a ficar completamente vazia. «Só existe este momento», disse para os seus botões. «Não penses em mais nada, na prisão, por exemplo. Limita-te a subir a rua com esta mulher lindíssima. Não importa que não seja tua.»

— Para onde vai? — perguntou-lhe, por fim.

— Para Columbus Circle — replicou ela. — Temos... o Jonathan tem um *pied-à-terre* junto ao parque. Quer subir e tomar um copo?

— Com muito gosto. — Columbus Circle ainda ficava a oitocentos metros de distância, oitocentos metros compostos por dez quarteirões da zona alta de Manhattan, dez quarteirões de noite e chuvinha fria e faróis, de sinais de trânsito e de montras e das persianas dos pequenos negócios já encerrados a essa hora, vapor a erguer-se de uma chaminé de plástico na rua, um vapor que se tornava luminoso sob as luzes dos candeeiros de rua. Em Columbus Circle, duas torres de vidro erguiam-se acima de um centro comercial em forma de quarto crescente, viradas para a escuridão do parque. Vincent deteve-se à porta da entrada do centro comercial, fitando o coração da rotunda, o anel de bancos iluminados em torno da estátua de Colombo.

— Está tudo bem? — Queria subir antes que ela mudasse de ideias.

— Não vê uma mulher ali sentada? — Estava a apontar e por momentos pareceu-lhe ver alguém, a sensação de movimento, mas tratava-se de um efeito de luz, uma sombra entre os feixes dos faróis, à medida que os carros entravam e saíam da rotunda. Os bancos estavam vazios.

— Por momentos pareceu-me ver alguém, sim — respondeu ele —, mas acho que deve ter sido um reflexo qualquer ou algo do género.

— Estou sempre a pensar que vejo a minha mãe — retorquiu Vincent.

— Ah — respondeu-lhe ele, sem saber qual seria a resposta adequada para essa afirmação. A mãe dela viveria em Nova Iorque? Teria o hábito de andar atrás de Vincent pela cidade fora? O

momento passou. Vincent exibia uma expressão vazia na luz branca da entrada do centro comercial, mas aos olhos dele pareceria uma pessoa que estava a passar por algo, e não queria perguntar-lhe, mas era claro que ela sabia, tinha mesmo de saber, por que motivo teria passado tanto tempo no gabinete de Alkaitis antes da festa, por que razão teria recusado entrar no carro dele, não pensar nisso, não pensar nisso. «Todos sabemos o que se faz aqui.» Estavam a subir no elevador até ao piso do mezanino, uma altitude elitista onde as lojas eram ainda mais caras, o olhar de Vincent fixo num ponto indeterminado a meia-distância.

— Por aqui — disse Vincent, e Oskar achou perceber o encanto desse lugar; quando se é uma pessoa com uma quantidade exorbitante de dinheiro e que deseja privacidade, e se se for ali durante as horas normais de comércio, seria perfeitamente fácil misturar-se com a multidão até se esgueirar finalmente pela porta discreta que conduz ao átrio superior, uma divisão elegantemente iluminada com alcatifas abafadoras de todo o ruído, dois porteiros e um rececionista, que acenou com a cabeça para Oskar e disse boa noite a Vincent.

— Boa noite — respondeu-lhe ela. Teria uma ligeira pronúncia? Nunca reparara nisso antes. Não soava como se fosse proveniente de Nova Iorque. No elevador, Oskar olhou-a de relance (o silêncio entre ambos começava a tornar-se uma terceira presença, como se outra pessoa se tivesse instalado à força entre os dois e estivesse a ocupar imenso espaço) e viu que o olhar dela estava fixo na câmara por cima dos botões do elevador.

— Isto é sempre assim tão sossegado? — perguntou-lhe Oskar, quando saíram para o 37.º piso. Estavam num corredor silencioso, com portas cinzentas pesadas e uma iluminação ténue.

— Sempre. — Vincent parou diante de uma porta e começou a vasculhar na mala. Sacou de um cartão-chave, e a porta destrancou-se com um ligeiro *bip*. — O edifício está praticamente vazio. As pessoas compram estes espaços para efeitos de investimento e depois só aparecem uma ou duas vezes por ano, se tanto.

— A Vincent e o seu marido compraram aqui porquê?

Conduziu-o ao interior de um apartamento agressivamente moderno, tudo superfícies desimpedidas e ângulos fortes, com uma cozinha imaculada na qual, calculava ele, nunca ninguém tinha cozinhado. Uma janela que se estendia do chão ao teto dava para o Central Park.

— Ele não é meu marido. — Descalçou os sapatos e dirigiu-se à cozinha de colãs. — Mas, para responder à sua pergunta, e para ser totalmente sincera, não faço a mais pequena ideia por que motivo comprou este apartamento ou outra coisa qualquer.

— Porque podia — sugeriu Oskar. Ainda estava a tentar compreender a primeira coisa que ela dissera, tendo em conta a aliança que exibia no dedo. Vincent reparou que ele estava a olhar para a aliança, tirou-a e largou-a calmamente dentro do caixote do lixo na cozinha.

— Provavelmente. Sim, deve ter sido essa a razão. — A voz dela denotava uma certa monotonia. — A única coisa que temos para beber é vinho. Branco ou tinto?

— Tinto. Obrigado. — Estava virado de costas, junto à janela, quando ela apareceu ao seu lado com dois copos, mas nunca tirou os olhos do reflexo da mulher no vidro.

— À nossa — disse ela. — Um brinde a conseguirmos aguentar até ao fim deste dia.

— O seu dia foi tão mau como o meu?

— Provavelmente pior.

— Duvido.

Ela sorriu.

— Hoje o Jonathan revelou-me que é um criminoso. E o seu dia, como foi?

— Foi... foi, hum... — Como teria sido? «Todos sabemos o que se faz aqui.» «Hoje percebi que vou para a prisão», apetecia-lhe responder, mas era claro que não havia motivo para acreditar que ela não estivesse a trabalhar com o FBI. Talvez Oskar pudesse trabalhar para o FBI, se ao menos conseguisse parar de se perguntar se todos à sua volta estariam a trabalhar para o FBI, uma paranoia extenuante, mas era claro que isso implicaria confessar e aceitar o seu castigo, e, se ainda houvesse saída, e se ele

conseguisse, de alguma forma, perder-se na confusão, talvez os investigadores fossem atrás de Alkaitis e dos tipos de topo, Enrico e Harvey, e deixassem o resto das pessoas em paz. — Sabe que mais? — disse ele. — E se falássemos de outra coisa?

Ela sorriu.

— Não é a pior ideia que ouvi esta noite. Este vinho não é nada de especial, pois não?

— Pensava que era de mim — respondeu-lhe ele —, mas não percebo muito de vinhos.

— Eu percebo demasiado e sinceramente não posso dizer que ache o assunto deveras interessante. — Pousou o copo em cima da mesa de apoio. — E pronto. Aqui estamos.

— Aqui estamos... — Sentiu uma pequena tontura. Ela estava demasiado perto, e o seu perfume estava a subir-lhe à cabeça.

6

— Teoricamente — disse Harvey, depois de um longo período a destruir provas e sem falar —, não seria possível fugir do país e levar os filhos?

— Arrancá-los de perto de todas as pessoas que conhecem, arranjar maneira de convenceres a tua mulher a alinhar, para não seres acusado de rapto, e depois arrastá-los para onde, exatamente? — Joelle parou de destruir documentos por breves instantes, para beber um trago de uísque.

— Para um sítio agradável — replicou Harvey. — Se é para fugir do país, o melhor é ir para um paraíso tropical, certo?

— Sei lá — retorquiu Joelle. — Que tipo de educação seria essa?

— Uma educação interessante. «Onde é que crescestes?» «Ah, andei fugido com os meus pais, a morar num paraíso tropical.» Podia ser uma infância bem pior.

— Talvez seja melhor pararmos de falar sobre filhos — respondeu Joelle.

— Ouve — disse-lhe Harvey, tentando poupá-la a imagens de salas de visita de estabelecimentos prisionais —, acho que há uma grande probabilidade de nos safarmos com uma liberdade

condicional. Na pior das hipóteses, talvez uma pulseira de monitorização eletrónica, meia dúzia de meses em prisão domiciliária.

— É um pouco como uma experiência fora do corpo — disse Joelle mais tarde —, não é?

— Nunca tive uma experiência fora do corpo — retorquiu Harvey. Mas sabia o que ela queria dizer. O momento não parecia exatamente real.

— Eu já — respondeu-lhe ela. — Estava a destruir papel há várias horas, e a ficar cada vez mais embriagada, e quando dei por mim tinha morrido de tédio e estava a flutuar sobre essa cena, vendo o meu cabelo lá de cima...

Por volta das 23h30, Joelle inseriu uma última página na máquina destruidora de papel, sacudiu as mãos num gesto teatral e levantou-se com cuidado.

— Vou até ao meu escritório — informou, depois deu meia-volta e afastou-se lentamente na direção dos elevadores. Harvey foi encontrá-la no seu gabinete, no Dezassete, aninhada debaixo da secretária. Ressonava baixinho. Tapou-a com o seu próprio sobretudo e voltou para o gabinete de Alkaitis. Harvey não estava nada embriagado, mas ao fim de tantas horas havia várias zonas no seu cérebro que pareciam ter-se desligado, e sentia cada vez mais dificuldade em determinar que documentos guardar e quais deles introduzir na máquina. As palavras nas páginas tinham cada vez menos significado, letras e números a escapulirem-se diante dos seus olhos.

À meia-noite, na cidade invernosa, Harvey estava sozinho no seu gabinete com dez caixas de documentos contendo provas incriminatórias. Numerara-as. Mais tarde iria vasculhá-las para se certificar do que guardara, decidiu, e talvez inserisse umas notas de rodapé na sua confissão: «Ver memorando pessoal na caixa #1», «Correspondência relevante na caixa #2», etc. Mas quanto tempo demoraria a fazê-lo, toda essa referência cruzada? Provavelmente demasiado. Provavelmente mais tempo do que aquele de que

dispunha. Estava cansado, mas sentia-se muito leve. Talvez devesse pedir ajuda a Simone. Harvey estava a pensar nisso quando saiu do edifício. Simone era má ideia, decidiu, uma vez que era muito nova na empresa e por isso não tinha uma lealdade firme à mesma. Não podia contar que não telefonasse para a Polícia antes de a indexação estar concluída. Chamou um táxi e observou as ruas que passavam rapidamente, as luzes e as pessoas que passeavam os cães a horas tardias, as paredes íngremes dos arranha-céus, o pessoal das entregas em bicicletas, a comida quente balouçando em sacos pendurados nos guiadores, os jovens em grupos ou aos pares e de mão dada. Sentia um amor imenso pela cidade nessa noite, pela sua grandiosidade e indiferença. Despertou com um sobressalto, com o motorista do táxi a espreitar pela divisória:

— Acorde, amigo, acorde, já está em casa.

Às duas da manhã:

Harvey andava de um lado para o outro nas várias divisões de sua casa, tentando memorizar cada pormenor. Adorava a casa e, quando fosse para a prisão, queria poder voltar ali, andar de uma divisão para a outra mentalmente.

Simone bebia vinho com as colegas de casa em Brooklyn. As três partilhavam um T2, por isso não tinham sala de estar e reuniam-se à volta da mesa da cozinha sempre que queriam socializar. Estavam acordadas a essa hora porque a mais nova, Linette, fora apalpada por um chefe do restaurante onde servia às mesas e chegara a casa em lágrimas, e depois a conversa mudara para outros empregos, e Simone estava a desabafar sobre a nuvem de incertezas que pairava sobre os escritórios de Alkaitis.

— Isso soa muito suspeito — dizia-lhe Linette. — Tens a certeza de que foi exatamente isso que ouviste?

— «Todos sabemos o que se faz aqui» — Simone tornou a citar, enchendo os copos das colegas com vinho. — Mas digo-vos, não foram só as palavras, foi o ar em si, como se toda a gente estivesse perturbada por causa de algo que acontecera imediatamente antes de eu ter entrado na sala...

No Gradia Building, Joelle dormia debaixo da secretária.

Também Oskar estava a dormir, mas nu e deitado ao lado de Vincent.

Enrico estava num avião rumo a sul. Olhando fixamente para um filme, mas sem o ver ou ouvir. Estivera a tentar imaginar a vida que teria daí em diante, mas não parava de pensar em Lucia, a namorada que deixara em Nova Iorque. Desejava ter percebido que a amava antes de ter partido.

Jonathan Alkaitis encontrava-se sentado à secretária no escritório de sua casa, a escrever uma carta para a filha. «Querida Claire», começava a missiva, mas não sabia como continuar, pelo que fitava o vazio já há algum tempo.

7

Às três da manhã, Oskar acordou no *pied-à-terre* de Alkaitis. Estava cheio de vontade de beber um copo de água. Vincent dormia ao seu lado, respirando calmamente, e o seu cabelo mais parecia uma mancha de tinta, sob a luz ténue do quarto.

Não sabia muito bem o que fazer. A ideia de se retirar a meio da noite fazia-o sentir-se imoral, mas, por outro lado, como seria a manhã se ficasse? Lera algures que o FBI gostava de prender as pessoas de madrugada, cerca das 04h00 ou 05h00, a pretexto de que os suspeitos são menos perigosos quando estão ensonados e desarranjados. Tinha todos os motivos para acreditar que o Acordo estava a desmoronar, portanto, talvez fosse detido dentro de poucas horas, e seria com certeza menos embaraçoso para todos se não fosse detido no apartamento de Alkaitis. Levantou-se da cama e vestiu-se o mais silenciosamente possível.

Quando Oskar saiu para a sala de estar, ficou momentaneamente encadeado. Oskar e Vincent tinham deixado todas as luzes acesas na pressa de alcançarem o quarto, e o apartamento estava demasiado luminoso, um pesadelo de iluminação de trilho e superfícies refletoras. Levou as mãos aos olhos por uns segundos, adaptando-se à luz, e, quando por fim olhou em torno da sala, a primeira coisa em que reparou foi na pintura. Não a vira antes, mas

era grande, com cerca de 1,50 x 2,00 metros, o retrato de um jovem, pendurado na parede junto à cozinha, com um foco de luz a incidir sobre o quadro. O homem encontrava-se sentado numa cadeira vermelha, envergando apenas calças de ganga e botas de estilo militar. Tinha um ar demasiado pálido e magro. Havia algo de inquietante na imagem, mas Oskar demorou algum tempo a reparar nos traços de hematomas no braço esquerdo dele, as sombras a acompanharem a linha das veias. Oskar aproximou-se, para tentar decifrar a assinatura no canto inferior direito da pintura, e leu: «Olivia Collins.»

Reconheceu o nome. Harvey mandara-o dar-lhe uma taxa de retorno mais elevada do que o habitual, porque Alkaitis simpatizava com ela, e era algo em que evitara cuidadosamente pensar até esse momento. Alguns dos investidores eram instituições. Outros eram fundos soberanos. Havia também instituições de caridade e fundos de pensões, sindicatos e escolas. Havia indivíduos que viviam num nível de riqueza que Oskar mal conseguia imaginar, mesmo após tantos anos na cidade, mesmo ali parado naquele apartamento no céu, num dos bairros mais luxuosos do mundo. Mas havia também pessoas como Olivia Collins, pessoas que tinham herdado algum dinheiro ou que tinham uma vida inteira de poupanças. Fazia sentido que Jonathan Alkaitis tivesse um dos quadros de Olivia Collins no seu *pied-à-terre*. Era uma amiga de longa data, tanto quanto Oskar sabia. A questão não era ela estar prestes a perder tudo, mas o facto de o ter perdido há muito tempo e de nem sequer ter conhecimento disso. Oskar saiu do apartamento a correr, os olhos cheios de lágrimas.

8

Às quatro da manhã, Joelle acordou debaixo da secretária. A sala estava às escuras. «Fui abandonada», pensou, e sabia que ainda estava embriagada porque esse pensamento encheu-a de uma tristeza profunda. Mas depois percebeu que alguém a tapara com o seu sobretudo e ficou tão sensibilizada com o gesto que teve de piscar os olhos para conter as lágrimas. Estava quente debaixo da

secretária, debaixo do sobretudo, pelo que fechou os olhos e deixou-se levar pelo sono.

9

Às quatro e meia da manhã, Alkaitis acordou sobressaltado com o toque de uma campainha.

10

Por essa altura, já Oskar estava em casa, estendido em cima da cama mas desperto, fitando um padrão complexo de sombra e luz que entrava por uma janela de tijolos de vidro e se projetava na parede do seu quarto. Estava a pensar no princípio, uma conversa com Harvey que conseguia rever mentalmente como se de um filme se tratasse. Não o princípio dos princípios, ou seja, a entrevista de emprego em que tentara explicar a Alkaitis por que motivo o deveria contratar, não obstante ter abandonado os estudos e não ter notas particularmente impressionantes ou sequer um bom historial de emprego. O outro princípio, o momento em que compreendera o que implicava o seu trabalho. Decorrera mais de uma década desde que Harvey entrara no seu escritório e lhe pedira para pré-datar uma transação.

— Pré-datá-la? — perguntara Oskar. — No sentido de falsificar um extrato de conta?

— Ele é o nosso maior investidor — dissera-lhe Harvey, como se isso explicasse o pedido.

— Eu sei — retorquira Oskar, num tom de voz que deixava bem claro que a explicação não fora suficiente. O investidor, Lenny Xavier, tinha três mil milhões de dólares nas contas de Alkaitis.

— E solicitou que não houvesse perdas na sua conta daqui para a frente. — Harvey soara extremamente tranquilo, mas decerto estaria a transpirar. — És um tipo inteligente, Oskar. Já debes ter visto umas coisas.

— Eu... — Sim, vira algumas coisas. Havia coisas que não faziam sentido e outras que andava a ignorar, porque estava a ser absurdamente bem remunerado e tinha o seu próprio gabinete.

— Ah, quase me esquecia... — disse Harvey. — Aqui tens o teu bónus de Natal.

Poderia o suborno ter sido mais óbvio? Oskar sentira-se embaraçado pelos dois. O envelope que Harvey fizera deslizar sobre o tampo da secretária continha um cheque que fez Oskar arquejar num gesto involuntário.

— Entraste num novo patamar de confiança — dissera-lhe Harvey —, o que significa que os bónus aumentam em conformidade. Dá uma espreitadela aos extratos de conta do Xavier relativos ao mês anterior, lê a correspondência, antedata a transação e depois vai comprar um barco ou algo do género.

— Um barco — replicara Oskar, meio distraído, ainda a olhar para o cheque.

— Ou umas férias. Estás com ar de quem precisa de apanhar um pouco de sol. — Harvey pôs-se de pé com algum esforço. Já nessa altura havia um certo peso nele, tanto tempo antes do fim. Oskar ficou a vê-lo retirar-se do gabinete e depois voltou a atenção para a pasta de Lenny Xavier.

Os extratos de conta: 2,92 mil milhões de dólares.

A correspondência: uma carta de Xavier para Alkaitis, a solicitar um levantamento de 200 milhões de dólares. Uma carta de Alkaitis a confirmar um levantamento de 126 milhões de dólares. Uma segunda carta de Xavier a confirmar a receção do mesmo.

A confirmação, mais ou menos, de algo sobre o qual Oskar andava a interrogar-se há algum tempo. Havia apenas duas explicações: ou Xavier e Alkaitis tinham tido uma conversa não registada e teriam chegado à conclusão de que afinal Xavier mudara de ideias e somente pretendia 126 milhões de dólares, agindo de acordo com isso. Ou então Alkaitis enganara-o, porque não havia dinheiro suficiente nas contas para entregar os 200 milhões a Xavier, e, em troca da generosidade de Xavier em ficar calado, de agora em diante as contas de Xavier não revelariam quaisquer perdas, daí a transação antedatada. Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus.

Numa versão fantasma da sua vida, uma versão de si na qual pensava cada vez mais nos últimos tempos, Oskar fechara a porta

do gabinete e ligara para o FBI.

Mas na vida real não ligou para ninguém. Deixou o escritório meio atordado, mas, quando chegou finalmente à esquina, percebeu que não podia fingir estar chocada e sabia que iria depositar o cheque, porque já era cúmplice, já estava por dentro de tudo e já há algum tempo.

— Tu já sabias — ouviu-se murmurar, falando em voz alta. — Não há aqui surpresa nenhuma. Tu sabes o que és.

INVERNO

1

No dia a seguir à última festa de Natal, o tempo decorreu de uma forma irregular no Gradia Building.

Para Oskar, as horas do dia misturaram-se com tanta rapidez que se sentia em constante movimento, cheio de tonturas, mesmo sentado à secretária. Ficar ou fugir? Talvez ainda houvesse tempo para deixar o país, mas a cada hora que passava a sua posição cimentava-se. O café não estava a ter o efeito que Oskar desejava, e mais tarde reviu esse dia em *flashes* desconexos. No início da tarde, passara pelo escritório de Harvey e vira-o a escrevinhar algo num bloco timbrado. Oskar viu um amontoado sólido de texto, sem espaço entre as linhas.

— O que estás a escrever?

— Ah — respondeu-lhe Harvey, olhando de relance para o texto como se tivesse acabado de reparar nele. Como quem diz: «Esta coisa aqui?» — Nada de mais. — Retomou a escrita, e Oskar foi até à fotocopadora, mas encontrou Joelle parada junto à mesma, completamente imóvel e a fitar o vazio. Sem fazer barulho, Oskar deu meia-volta e foi tentar usar a fotocopadora no 18.º piso. O Dezoito estava num rebuliço, como de costume. O mundo era mais alegre ali em cima. Iriam ficar bem, não iriam, todas essas pessoas do piso superior? Se a empresa de corretagem era legítima, como de resto sempre lhe fora dado a entender, não via motivos para que não ficassem bem. Se fosse melhor pessoa, pensou, ficaria feliz por eles, em vez de ressentido. A escala do Acordo era absolutamente impressionante. Sempre nutrira uma admiração secreta pelo mistério do Dezassete, a sensação de pertencer a um círculo restrito, de funcionar fora dos limites da sociedade, talvez mesmo fora dos limites da própria realidade — haveria alguma diferença, aliás, no panorama geral, entre uma transação que ocorrera

realmente e uma transação que *aparentava* ter ocorrido nos extratos de conta impecavelmente formatados de Oskar? —, mas ali em cima, nesse nível mais elevado, havia pessoas que trabalhavam em completa inocência, pessoas cujo conceito de transgressão era pagar um jantar de amigos com o cartão de crédito da empresa, e sentia muitas saudades de fazer parte desse grupo.

Quando passou pelo gabinete de Alkaitis, a porta encontrava-se aberta, mas Alkaitis não estava lá. Dois homens vestidos com fatos escuros contemplavam algo em cima da secretária, os sobretudos atirados para as costas de uma das cadeiras reservadas às visitas. Um dos homens estava a falar ao telemóvel, num tom demasiado baixo para Oskar conseguir ouvir. Simone estava sentada à sua secretária, junto à porta do gabinete, a observá-los.

— Quem são aqueles tipos? — indagou Oskar.

Simone fez-lhe sinal para que se aproximasse.

— O Alkaitis foi preso esta manhã — sussurrou-lhe. Oskar sentiu o odor a pastilha elástica de mentol no seu hálito.

Agarrou-se ao rebordo da secretária.

— A que propósito? — obrigou-se a perguntar.

— Dizem que se trata de fraude de ações e investimento. Sabias — perguntou-lhe ela — que ele me mandou destruir documentos?

— Que tipo de...? — Oskar estava a ter alguma dificuldade em respirar, mas ela não parecia notar.

— Extratos de conta — retorquiu ela. — Memorandos. Cartas. Agora que a Polícia está aqui, tudo faz sentido. Espera aí — disse-lhe. O telefone estava a tocar. — Gabinete de Jonathan Alkaitis. — Ficou à escuta, de sobrolho franzido. — Não, é claro que não, não fazia a mais pequena ideia. — Inalou profundamente e afastou o auscultador do rosto. Uma nova chamada a chegar e depois outra, as várias linhas todas acesas. — Chamou-me cabra e desligou — disse a Oskar, atendendo a chamada seguinte, libertando a primeira linha, que de imediato desatou a tocar. — Gabinete de Jonathan Alkaitis — disse e depois: — Sei tanto como o senhor. Nós... Acabei de tomar conhecimento, literalmente. Eu sei. Eu... — Retraiu-se e pousou calmamente o auscultador no descanso. As seis linhas estavam agora acesas, uma cacofonia de toques sobrepostos.

— Não atendas mais nenhuma — disse-lhe Oskar. — Não mereces isto.

— Já deve ter dado nas notícias. — Simone levou a mão atrás do telefone e arrancou o fio da tomada; entreolharam-se em silêncio.

— Tenho de ir — exclamou Oskar. Regressou ao Dezassete apenas o tempo suficiente para ir buscar o sobretudo. Estava demasiado agitado para ficar à espera do elevador, pelo que optou pelas escadas. Deslocava-se rapidamente, não propriamente a correr, mas um pouco mais depressa do que o passo de caminhada, e quase tropeçou em Joelle, sentada no patamar do 12.º andar com as pernas esticadas para a frente. Joelle tinha os olhos fechados.

— Estás morta? — perguntou-lhe Oskar.

— Talvez. — A voz de Joelle soou carregada.

— Estás bem?

— Estás mesmo a perguntar-me isso?

— Estou a perguntar se te sentaste aqui por uns minutos — respondeu-lhe Oskar — ou se estás a ter um ataque cardíaco ou algo do género.

— Não me parece que esteja a ter um ataque cardíaco.

— Se te deixar aqui e continuar a descer, vais atirar-te de uma ponte?

— Ele foi *preso* — disse Joelle.

— Sim.

— O meu marido vai ver, isto se ainda não viu, e depois vai dizer-me: «Oh, meu Deus, acreditas numa coisa destas?» E eu ou lhe minto na cara, o que não vai ser plausível porque ele não é parvo, ou respondo: «Pois, amor, por acaso até acredito.»

Oskar ficou em silêncio.

— Alguma vez te perguntaste por que motivo fomos escolhidos? — indagou Joelle. — Para o 17.º piso? — Continuava com os olhos fechados. Ocorreu a Oskar que talvez o FBI já a tivesse contactado, que talvez estivesse a gravar a conversa. O que uma mãe com uma família recente não faria para evitar a prisão? — Quer dizer, a questão é a seguinte — disse-lhe Joelle —, e gostava mesmo de saber o que pensas: como é que ele sabia que o faríamos? Teria *qualquer* pessoa agido da mesma maneira, desde que recebesse

dinheiro suficiente, ou seremos especiais? Terá olhado para mim um dia e pensado: «Esta mulher parece ter uma conveniente falta de princípios, esta pessoa parece indicada para fazer parte de...»

— É melhor ir andando — disse-lhe Oskar. — Não me sinto nada bem. — Passou por cima das pernas de Joelle e fugiu dali, descendo piso após piso a toda a velocidade. As escadarias dos arranha-céus têm algo de tenebroso, a repetitiva espiral descendente de portas e patamares. Quando saiu para o átrio através de uma porta lateral, Oskar deu por si no meio de uma pequena multidão, pelo menos duas dezenas de pessoas a tentarem entrar no edifício. O seu estômago deu uma volta. Eram os investidores de Alkaitis. Vários deles choravam abertamente. Outros discutiam com seguranças, que tinham formado um pequeno grupo também e pareciam confusos e aflitos.

— Ouça — explicava um dos seguranças —, compreendo perfeitamente, mas não posso deixar ninguém...

— Você aí. — Uma das mulheres avistara Oskar. — Para que empresa trabalha?

— Para a Cantor Fitzgerald — retorquiu Oskar. Fora a primeira empresa que lhe ocorrera.

— Não sabia que a Cantor Fitzgerald tinha um escritório aqui — comentou alguém, mas Oskar já se encontrava no passeio, lá fora, onde começava a reunir-se uma multidão diferente: carrinhas de canais de notícias a estacionar junto ao passeio, a bloquear o trânsito, homens a transportar câmaras de televisão e luzes chocantemente brilhantes, jornalistas a acercarem-se de todos os que emergiam do edifício.

— Trabalhava com o Jonathan Alkaitis? — perguntou alguém.

— Quem? — respondeu-lhe Oskar. — Meu Deus, claro que não.

2

Oskar passou por Olivia Collins ao sair, mas, como esta nunca fora ao 17.º andar — Alkaitis recebia-a sempre no Dezoito —, não o reconheceu. Estava parada no átrio com os outros investidores, tentando compreender esse mundo alterado. Estava ali há algum

tempo, e toda a cena — os investidores chorosos, os homens das câmaras de filmar, as carrinhas dos canais de notícias que estacionavam lá fora — mais parecia um pesadelo.

Umás horas antes, fora acordada de uma sesta pelo som de um telefone a tocar.

— Desculpa, Monica — disse, após uns instantes de confusão —, apanhaste-me a dormir e ainda não estou... — Calou-se, franzindo o sobrolho, tentando compreender o que a irmã lhe estava a dizer. — Monica — disse —, estás a chorar? — Estava sentada na beira da cama, a olhar para o seu pequeno e adorado apartamento, esse espaço que pagava com os rendimentos do investimento que fizera com Alkaitis, mas o que Monica parecia estar a dizer-lhe era que nunca tinham existido investimentos nenhuns, e por alguma razão ela não estava a conseguir interiorizar a situação. Olivia pôs-se lentamente de pé — levantar-se demasiado depressa às vezes provocava-lhe tonturas — e vasculhou o interior do roupeiro desorganizado à procura das botas para a chuva, da mala que tencionava sempre pendurar no cabide, mas nunca o chegava a fazer, e do sobretudo de inverno. — Monica — disse ela, interrompendo a irmã a meio de uma frase —, vou agora ao escritório dele para ver se descubro alguma coisa. Ligo-te mais tarde.

No táxi, pôs batom de cor viva e prendeu o cabelo com um lenço de seda, para acrescentar alguma robustez. Esperara ter acesso ao escritório de Jonathan, com o intuito de falar com alguém — qualquer pessoa —, mas não fora a única a ter a mesma ideia. Uma multidão começava a reunir-se no átrio do Gradia Building. «São as minhas poupanças de uma vida inteira», gritava um homem para um dos seguranças, «pelo menos têm de me deixar falar com alguém, isto são todas as minhas poupanças...», mas os seguranças, quatro deles, estavam em fila junto aos torniquetes e, ao que parecia, não faziam qualquer tenção de deixar alguém passar. Olivia deixou-se ficar junto às portas, deveras incomodada com a fúria da multidão.

— Não está a perceber?! — Um homem falava com um segurança que, aos olhos de Olivia, parecia ser muito jovem,

embora atualmente quase toda a gente lhe parecesse jovem. — Roubaram-me o dinheiro todo.

— Eu compreendo, senhor, mas...

— Tem de se acalmar — dizia um segurança a uma mulher que falava muito perto do rosto dele.

— Qual calma, qual quê — retorquiu a mulher —, mas quem é você para me mandar acalmar?

— Eu compreendo, minha senhora, mas...

— Mas *o quê?* Mas *o quê?*!

— O que espera que eu faça, minha senhora? Que deixe subir uma multidão de gente furiosa ao 18.º andar? — O segurança estava a transpirar. — Estou só a fazer o meu trabalho. Estou a fazer o meu trabalho. Afaste-se de mim, por favor.

Olivia deu um passo em frente, ao mesmo tempo que a outra mulher recuava.

— Sou amiga pessoal do Sr. Alkaitis — disse ela.

— Nesse caso, ligue lá para cima e peça a alguém para a vir buscar — respondeu-lhe o segurança.

Ligou para o número de Alkaitis, várias vezes, mas ninguém atendeu. A cobardia... Imaginava-os escondidos lá em cima, atrás de portas trancadas, a escutar o toque dos telefones, sem fazerem nada. Não sabia o número da extensão de ninguém. Deixou-se ficar no átrio durante imenso tempo, de um lado para o outro, com o resto da multidão, entrando e saindo de conversas, e a princípio sentiu um certo consolo no facto de estar na companhia de pessoas que também tinham sido roubadas, que também estavam em estado de choque, mas ao fim de algum tempo o miasma de tristeza e fúria tornou-se demasiado, por isso chamou um táxi — o último táxi que apanharia nos próximos tempos, ocorreu-lhe, vendo os números a crescer no contador — e regressou ao seu pequeno apartamento na zona alta da cidade.

Em comparação com o pandemónio no átrio do Gradia Building, a sua casa estava muita tranquila e silenciosa. Olivia fechou a porta atrás de si e por uns minutos deixou-se ficar no silêncio. Pousou as chaves em cima da mesa da cozinha e sentou-se por momentos, bebendo um copo de água e tentando adaptar-se ao mundo que se

lhe apresentava. Após uma pesquisa concentrada, encontrou o seu mais recente extrato de conta bancária e estudou-o com atenção. Até esse dia, tivera duas fontes de rendimento: o fundo de investimentos de Alkaitis e a Segurança Social. Se fosse cautelosa, decidiu, olhando para os valores, poderia continuar a morar no seu apartamento por mais dois meses.

3

A escuridão já se instalara sobre Nova Iorque, mas ainda eram só 15h00 em Las Vegas, onde Leon Prevant, o executivo de transportes marítimos que em tempos tivera a infelicidade tremenda de se cruzar com Alkaitis no bar do Hotel Caiette, se encontrava retido numa reunião que já dera o que tinha para dar, mas que se recusava a terminar. O telemóvel vibrou-lhe dentro do bolso.

— Peço desculpa — disse Leon para os outros participantes —, mas é urgente —, apesar de provavelmente não ser. Percebeu o seu erro assim que saiu da sala. Há quinze anos que Leon vinha a esta conferência, e a sua fita de identificação ainda exibia o nome da empresa, mas estava ali na qualidade de consultor, e o seu atual contrato terminaria no mês seguinte. O chefe fora incumbido de congelar todos os contratos de consultoria «até o panorama se revelar um pouco mais animador», mas quando seria isso? Fora despedido havia dois anos no seguimento de uma fusão de empresas, e agora, no final de 2008, os navios atravessavam os oceanos com metade da capacidade, ou menos ainda, e podiam ser fretados por um terço do valor do ano anterior. O panorama — e a paisagem marítima — estava nublado e sombrio. Por outras palavras, não era a melhor altura para abandonar reuniões, mesmo reuniões *zombies* que deveriam ter terminado há mais de vinte minutos. O telefonema era da sua contabilista. Fosse por que motivo fosse que estivesse a ligar-lhe, com certeza poderia esperar, por isso deixou que a chamada fosse para o *voice-mail*, contou lentamente até cinco e tornou a entrar na sala, desculpando-se por se ter retirado.

— Está tudo bem? — O chefe dele, D'Ambrosio, continuava a fitar o relatório que Leon lhe entregara com o sobrolho franzido.

— Está tudo ótimo, obrigado. Não sei se já tiveram oportunidade de digerir os números... — Esperara que todos dessem uma vista de olhos rápida aos números e que acordassem discuti-los mais tarde, mas pelos vistos a reunião era imortal.

— Tivemos, sim, infelizmente — retorquiu D'Ambrosio. — É um verdadeiro massacre, não é?

— Bem... Como pode ver, estamos com um problema considerável de excesso de capacidade.

— Esse deve ser o eufemismo do raio do século — exclamou alguém.

— Como é óbvio, não estamos sozinhos. Esta manhã tive uma conversa interessante com um amigo que trabalha na CMA. Estão com navios ancorados ao largo da costa da Malásia.

— Parados sem fazerem nada? — Miranda fora subalterna de Leon em Toronto e depois no gabinete de Nova Iorque, nos anos antes de o cargo daquele ter sido reestruturado para consultor. Agora detinha o cargo anterior de Leon, o seu gabinete e a extensão telefónica, ainda que não o salário que ele auferira antes.

— Por enquanto, sim. Estão à espera para ver no que dá.

— É uma ideia interessante — retorquiu D'Ambrosio. — E quando digo «interessante», quero dizer que «é possivelmente a melhor de várias opções más».

— Estaríamos a criar uma espécie de frota-fantasma. — Tratava-se de Daniel Park, que trabalhara lado a lado com Leon nos escritórios de Toronto e que era agora diretor de operações da Ásia. — Não seria preferível despacharmos algumas das embarcações mais velhas?

— Parece-me uma solução permanente para um problema temporário — respondeu-lhe Miranda.

— Mas este declínio — contrapôs Park —, este caos ou lá o que lhe queiram chamar...

— Este «período de incerteza permanente» — interpôs um dos europeus, num tom irónico, citando a opinião do orador dessa

manhã. Era alemão e relativamente novo na firma. Leon não se lembrava do seu nome.

— Certo, pois, independentemente do eufemismo que queiramos aplicar, isto poderá durar uns anos. Estaremos preparados para nos comprometermos com, potencialmente, vários anos de custos com pessoal para uma frota de navios não utilizados ao largo da costa da Malásia?

— Os custos poderiam ser mínimos — disse Leon. — Uma equipa reduzida, apenas homens suficientes a bordo para o manterem a funcionar.

— Se avançarmos, talvez possamos definir um limite temporal — sugeriu o alemão. — Wilhelm, ocorreu subitamente a Leon, o nome dele era Wilhelm, mas e o apelido? Incomodava-o não saber. Em tempos conhecera todas as pessoas que faziam parte da alta administração. — Podemos ancorar os navios agora e comprometermo-nos a voltar a esta questão daqui a um ou dois anos e, se continuarmos a não precisar deles, despachamos o excesso.

— Parece-me uma medida sensata — disse D'Ambrosio. — Sugestões, objeções?

— Há a questão dos novos *panamax* — respondeu Miranda. Ouviu-se um suspiro coletivo. A empresa encomendara dois navios novos nesse paraíso perdido que fora 2005, numa altura em que a procura parecera interminável e não tinham mãos a medir, e esses navios — encomendados, pagos, há dois anos e meio em construção e agora extravagantemente desnecessários — seriam entregues pelos estaleiros da Coreia do Sul dentro de seis meses.

— Sugiro que os enviemos diretamente para a frota fantasma. — D'Ambrosio olhou de relance para o relógio de pulso. — Meus senhores, Miranda, lamento, mas acabou-se o tempo. Amanhã voltaremos a este assunto. Wilhelm, se nos puderes fazer uma análise...

A reunião terminou por fim, com a sala a dividir-se em pequenos grupos ou a afastar-se na direção de uma sessão de conferências que entretanto começara. Leon saiu juntamente com Daniel.

— Vais à sessão sobre o panorama económico? — perguntou-lhe Daniel.

— Acho que vou deixar passar. Ando cheio de panoramas económicos até ao pescoço, nestes últimos quatro meses.

— Podes crer... — O corredor estava vários graus mais arrefecido do que a sala de conferências, o frio glacial do ar condicionado de Las Vegas. Dois jovens funcionários do hotel levantavam canecas sujas das mesas da cafetaria. — Vou ligar à minha mulher — disse Daniel. — Vemo-nos ao jantar?

— Com certeza.

Era um prazer passar algum tempo longe das outras pessoas, sem ninguém a fazer proclamações óbvias sobre o colapso económico ou a puxá-lo para conversas históricas sobre o panorama da indústria de afretamento. Leon serviu-se de um café com sabor a avelã e saiu para o átrio.

Miranda saíra da reunião antes dele e encontrava-se sentada num sofá industrial, a alguma distância, a escrever algo no seu bloco timbrado. Não, não estava a escrever, estava a desenhar: o bloco estava virado para longe, mas observou os movimentos do pulso dela com interesse, enquanto se aproximava. Miranda começara na empresa como sua secretária administrativa, o que, ao fim destes anos, mais parecia um boato pouco credível. Ele pigarreou e ela virou a página, pousando o bloco em cima da mesinha de apoio feita de mármore, para que não conseguisse ver aquilo em que estava a trabalhar. Vira-a fazer esse gesto centenas de vezes, no mínimo, e, como de costume, fez questão de não lhe perguntar nada. Leon tinha opiniões vincadas sobre a privacidade.

— Também faltaste à sessão sobre o panorama económico — disse ela.

— Toda esta conferência em peso é uma sessão sobre o panorama económico. Decidi que o café era mais importante.

— Gosto das tuas prioridades. Já agora, é uma ideia interessante, essa de atracarmos navios ao largo da costa da Malásia.

— Importas-te de que falemos sobre tudo menos a crise económica? — perguntou-lhe ele.

— De todo. Estou a pensar em arranjar uma desculpa e ir-me embora mais cedo amanhã.

— Não me digas que não estás a gostar deste ambiente de pânico mal suprimido?

— Há algo de quase entediante na desgraça — disse Miranda. — Não concordas? Quer dizer, a princípio é tudo dramático, estilo «Oh, meu Deus, a economia está a colapsar, houve uma corrida ao meu banco, e este deixou de existir durante o fim de semana e foi engolido pela JP Morgan Chase», mas depois isso continua a acontecer, a economia continua a colapsar, semana após semana, e a dada altura...

— Percebo exatamente o que estás a dizer — disse-lhe Leon. — É a *surpresa* que me incomoda, pessoalmente, a maneira como todas as pessoas com quem falo parecem chocadas com a quebra na indústria.

— Podes crer, ainda hoje um dos nossos colegas, não vou referir nomes, chamou-me à parte e disse: «Nem acredito no que está a acontecer à nossa indústria, e tu?» E olha que estou a tentar ser paciente com estas pessoas, a sério que sim, mas tive de lhe perguntar: «Mas estás surpreendido com o quê, concretamente? Ora vamos lá a ver então: não acreditas em quê, exatamente? Que as pessoas não querem comprar coisas porque a economia colapsa ou que as pessoas não querem expedir coisas que ninguém compra?»

— Resultados previsíveis e tudo o mais. — Leon recordou nesse instante que a sua contabilista lhe ligara e, num gesto meio distraído, espreitou o telemóvel. Tornara a ligar, há dez minutos.

— Peço desculpa — disse —, parece que vou ter de ligar a esta pessoa.

— Se não me vires ao jantar, é sinal de que consegui escapar.

— Estarei secretamente a torcer por ti — respondeu-lhe ele, ao mesmo tempo que se levantava e afastava dela, na direção da parede de vidro do átrio, rumo ao telefonema que dividiria cirurgicamente a sua vida num antes e num depois.

— Pelos vistos ainda não está ao corrente de nada — disse-lhe a contabilista —, caso contrário, já me teria ligado.

— Ao corrente de quê? O que se passa?

— Ainda não sabe?

— É evidente que não. — Nunca simpatizara com ela. «Parece um autômato», dissera-lhe Miranda quando lhe perguntara se poderia recomendar-lhe um bom contabilista, «mas é a melhor com quem já trabalhei. Olha para as coisas de todos os ângulos». Todavia, de que servia contratar a melhor contabilista com quem já se trabalhou se iríamos ignorar os seus conselhos e aplicar todas as nossas poupanças para a reforma num único fundo de investimento?

— Leon... — não soava nada como um autômato, soava como um ser humano e profundamente abalada; estava a transmitir uma informação, percebeu ele imediatamente antes de ela lho dizer, que lhe custava imenso transmitir — ...o Alkaitis foi detido esta manhã.

— O quê?! — Deixou-se cair no sofá mais próximo, fitando um talude do outro lado do vidro, gravilha vermelha enfeitada com catos e sob um céu excessivamente azul. — Desculpe, mas... o que disse?

— Já deu em todos os noticiários — explicou-lhe ela. — Era um burlão. Tudo aquilo era uma fraude.

— Tudo... o quê?

— Era uma fraude — disse a contabilista.

— Como assim? Está a dizer-me que todo o dinheiro que investi...?

— Leon — respondeu-lhe ela —, lamento, mas o seu dinheiro não foi investido.

— Impossível. Os lucros têm sido excelentes, temos andado a viver deles, nós...

— Leon...

— Não compreendo — disse ele. — Sinceramente não compreendo o que me está a dizer.

— Estou a dizer-lhe que o Alkaitis tinha um esquema Ponzi — explicou-lhe ela. — O dinheiro que o Leon lhe deu não foi investido. Ele roubou-o. Os seus extratos de conta eram fictícios.

— O que significa isso? — perguntou, mas sabia muito bem o que significava.

— O seu dinheiro foi-se — respondeu-lhe ela, em voz baixa.

— Todo?

— Leon, aquilo não era real. Nada daquilo era real. Aqueles rendimentos... — Não acrescentou «que na altura eu lhe disse que pareciam demasiado bons para serem verdade», mas também não era necessário. Ambos se lembravam dessa conversa. Como poderia ter sido tão estúpido? Estava a fitar o céu, inexplicavelmente sem fôlego. Não se lembrava de ter desligado o telefone à contabilista, mas com certeza fizera-o, pois já não estava a falar com ela, estava a ler uma notícia no telemóvel sobre a detenção de Jonathan Alkaitis na sua residência em Greenwich, nessa manhã, sobre o colapso de um esquema Ponzi quando demasiados investidores desistiram. Esperavam-se mais detenções, a CTC e o FBI a investigarem, e algures nesse lodaçal estavam as poupanças para a reforma de Leon, ou melhor, o fantasma das suas poupanças para a reforma, tendo as mesmas desaparecido como que por magia.

— Não é uma desgraça — sussurrou para si mesmo. O tempo voltara a dar um salto; já não estava a olhar para o telemóvel, estava parado junto à parede feita de vidro. Ao que parecia, o painel sobre o panorama económico chegara ao fim, com os colegas a saírem para o corredor e a reunirem-se em torno das máquinas de café, uma onda crescente de vozes sobrepostas. Precisava de sair dali. Atravessou as pradarias de alcatifa cinzenta e flutuou em direção ao elevador, atravessando o átrio inferior e passando pelo casino, para o ar rarefeito do deserto invernososo. O passeio estava apinhado de gente, e os turistas caminhavam em câmara lenta. Por que motivo estava uma conferência sobre transportes marítimos a ser realizada numa cidade no deserto? Porque os quartos de hotel em Las Vegas são mais baratos. Porque o deserto é um mar. «Não é uma desgraça», disse para si mesmo, «não vamos ficar desamparados». Podia dizer que fora roubado e não estaria a mentir, mas, por outro lado, os factos eram os seguintes: conhecera Alkaitis no bar de um hotel, Alkaitis explicara-lhe a estratégia de investimento, *Leon não compreendera* e ainda assim entregara a Alkaitis as poupanças para a sua reforma. Não insistira numa

explicação detalhada. Um dos nossos grandes defeitos enquanto espécie: somos capazes de arriscar quase tudo para evitarmos fazer figura de burros. A estratégia parecera ter uma certa lógica, embora a mecânica precisa da coisa — opções de venda, opções de compra, estratégias de investimento, conversões — estivesse um pouco fora do seu alcance.

— Ouça — dissera-lhe Alkaitis, no seu tom mais afetuoso e obsequioso —, podia explicar-lhe tudo ao pormenor, mas acho que percebe o essencial da coisa, e, no fim, os lucros falam por si.

Era verdade, Leon tivera oportunidade de confirmar isso mesmo, uma regularidade nessa coluna de números que apelava à sua ânsia profunda por ordem no universo.

Duas bailarinas passaram por ele, 18 ou 19 anos e vestidas com fatos iguais, levando nas mãos pesados toucados cheios de plumas, os rostos carregados de exaustão e maquilhagem. Não eram bailarinas a sério, apenas raparigas que recebiam gorjetas em troca de posarem com turistas no passeio. Continuou a andar, cruzando-se com homens de meia-idade e mulheres envergando *T-shirts* vermelhas onde se lia «Raparigas ao Seu Quarto em 20 Minutos», distribuindo panfletos que diziam presumivelmente o mesmo. As pessoas que distribuía panfletos tinham um olhar inexpressivo e um ar desgastado, sugerindo uma vida de dificuldades, ou seria imaginação de Leon? Não lhe parecia estar a imaginá-lo. Entrou no átrio de um hotel, sem saber exatamente qual, apenas queria sair do passeio. Estava a pensar nas raparigas: se poderiam ir ter ao quarto dele em vinte minutos, então estariam ali algures, na rua principal, à espera. Visualizou a *suite* de hotel onde as raparigas estariam à espera, o ar carregado de fumo de cigarro e perfume, raparigas fitando os telemóveis, fazendo linhas de coca na casa de banho, conversando sobre seja lá o que for que as raparigas de vinte minutos conversam, à espera, vendo as horas passar, contando dinheiro, rezando para que o encontro seguinte não seja com um psicopata. A imagem deixou-o profundamente triste. Poderia viver sem as poupanças para a sua reforma. Ninguém nesse país morria realmente à fome. Tratava-se apenas de um futuro a desaparecer e a ser substituído por outro. Era saudável. Poderiam vender a casa.

Encontrou um banco almofadado afastado das outras pessoas, perto da entrada do casino do hotel, e ligou para a esposa.

— Vi as notícias — disse ela antes de Leon ter tempo de abrir a boca. O medo na sua voz era insuportável. — É muito mau, L?

— É uma desgraça, Marie. — Percebeu que estava a chorar, pela primeira vez em mais de uma década. — Lamento muito, minha querida, lamento muito. É uma grande desgraça.

4

Ella Kaspersky apareceu na CNN nessa noite. Olivia e Leon estavam a assistir, Olivia no apartamento da irmã, em Nova Iorque, Leon num quarto de hotel, em Las Vegas.

— Bem, é claro que me ocorreu que os lucros *pudessem* ser legítimos, Mark — dizia ela ao entrevistador —, mas então seria o primeiro fundo de investimento legítimo da História em que seria possível desenhar um gráfico dos lucros num ângulo de 45 graus quase perfeito, por isso compreende o meu ceticismo.

Oskar e Joelle também estavam a assistir, num bar em Midtown. Ao longo dos anos tinham-se mentalizado de que Kaspersky era uma figura marginal, mas, por outro lado, era por de mais evidente que estivera sempre certa em relação à natureza do grupo de gestão de ativos de Alkaitis, além de que Oskar lera as publicações no seu blogue, incisivas e incredulamente precisas.

— Não tiro qualquer prazer do facto de ter razão — dizia ela agora, elegante e irrepreensível num estúdio da CNN. Estava a contar a sua história: abordada por Alkaitis no átrio de um hotel; fizera alguma pesquisa e concluía que os lucros eram impossíveis; contactara a CTC, que dera cabo da investigação de tal maneira que agora se falava em inquéritos congressionais; tentara durante vários anos publicar o artigo e fora sempre desvalorizada como sendo fanática. E, embora Oskar soubesse que tudo isso era verdade e soubesse que Kaspersky tinha razão, ainda assim apetecia-lhe atirar o sapato ao ecrã do televisor. Por que motivo serão os moralistas tão irritantes?

— Está nas suas sete quintas — comentou Joelle. — *Adora* ter razão.

5

Na manhã seguinte, os investidores regressaram ao Gradia Building. Harvey, que desligara o telemóvel e não falara com ninguém, ficou admirado ao ver pessoas logo às 07h30, uma dúzia delas com um ar amargurado na extremidade do passeio, onde pelos vistos tinham sido banidas pela segurança do edifício. Tentou passar despercebidamente por elas sem estabelecer contacto visual, mas uma mulher estendeu a mão e tocou-lhe no braço.

— Harvey.

— Olivia. — Vira Olivia algumas vezes ao longo dos anos, no gabinete de Alkaitis. Envergava um sobretudo branco e um cachecol amarelo, e no cinzento impiedoso de Manhattan em dezembro fazia lembrar um narciso.

— Trabalhava com ele, certo? — Outro investidor estava a interromper a sua visão, um homem muito corado com os olhos cheios de terror. — Com o Alkaitis?

Harvey fitou Olivia, que por sua vez fitava Harvey. Desejou poder estar sozinho com ela, para poder confessar tudo sem aquelas pessoas estranhas à sua volta.

— Harvey — perguntou ela —, é verdade? Tinha conhecimento disto?

Outro investidor juntara-se a eles, não, mais dois, a cena cada vez mais furiosa e apinhada de gente, Olivia radiante no seu sobretudo branco, e os outros na monocromia típica do inverno em Nova Iorque, preto e cinzento, demasiado perto dele, a tresandar a medo e a café. Harvey temeu pela vida. Tinham todo o direito, achava ele, de pegar nele e de o atirar para a frente de um carro. E pareciam prestes a fazê-lo. Era um homem corpulento, mas conseguiriam fazê-lo, os seis juntos. A estrada era mesmo ali ao lado.

— Tenho de ir lá acima ver o que se passa — disse-lhe ele.

— Ah, você não vai a lado nenhum — respondeu um deles —, pelo menos enquanto não nos disser...

Mas a última coisa que esperavam era que desatasse a correr como um cavalo assustado, por isso ninguém o agarrou a tempo. Quando fora a última vez que dera uma corrida? Há muitos anos. Não fazia ideia de quão veloz conseguia ser. Já estava do outro lado do átrio. Passou o cartão e transpôs o torniquete enquanto os investidores permaneciam no passeio, fitando-o, estupefactos. Mas a sua condição física era péssima, e agora não conseguia respirar. Dera um mau jeito no tornozelo — não, nos dois tornozelos. Na prisão, decidiu Harvey, iria ser um desses homens que estão sempre a fazer exercício físico, flexões na cela, pesos e corridas no pátio de recreio. Quando chegou ao Dezassete, constatou que a porta dos escritórios fora arrombada. Um agente da Polícia encontrava-se parado junto à porta. As pessoas no interior dos escritórios pareciam, a princípio, uma mancha de sombras indiferenciadas: fatos escuros, casacos escuros com as palavras «FBI» ou «Fiscalização» nas costas.

Há instantes na vida que exigem alguma coragem. Harvey não deu meia-volta, regressando aos elevadores, apanhando um táxi rumo ao aeroporto JFK e fugindo do país, embora nesse momento ainda estivesse na posse do seu passaporte. Em vez disso, avançou na direcção no centro da confusão e apresentou-se.

O gabinete de Harvey estava apinhado de agentes tanto do FBI como da CTC, vários deles muito interessados em conversar com ele.

— Porque não respira fundo e depois vamos ali sentar-nos na sala de conferências?

— Só preciso de ir buscar uma coisa à minha secretária — respondeu Harvey.

Ofereceram-se para a ir buscar por ele, possivelmente com receio de que se tratasse de uma arma que até então tivesse passado despercebida.

— Se espreitarem na gaveta de cima no lado esquerdo — disse-lhes Harvey —, debaixo das pastas, encontrarão um bloco timbrado escrito com a minha caligrafia. Várias páginas de escrita. Penso que

terá algum interesse para vós. — Deslizou em direção à sala de conferências, à frente deles.

Oskar passou por ele quando ia a entrar.

— O que se passa? — perguntou, com a zona em torno da boca muito pálida.

— Sabes muito bem o que se passa — retorquiu Harvey. Oskar parecia prestes a vomitar, mas, curiosamente, Harvey não se sentia assim tão mal. Nada daquilo lhe parecia real. Oskar enviara uma mensagem a Joelle, pelo que ela nem sequer aparecera. Levou os filhos à escola, depois foi buscá-los a meio da manhã, levou-os à F.A.O. Schwarz e disse-lhes que poderiam escolher o que quisessem, sempre com um sorriso nos lábios, mas o mais novo irrompeu em lágrimas, pois era óbvio que algo estava profundamente errado. Mais tarde, as crianças recordá-lo-iam como um dia longo e desconfortável, às voltas no frio de Manhattan, entrando e saindo de lojas de brinquedos, de chocolatarias e do Museu das Crianças, com a mãe a exclamar sem parar «Isto é mesmo divertido, não é?», mas com os olhos cheios de lágrimas, alternando entre inundar os filhos de atenção e concentrar-se exclusivamente no telemóvel.

— Iremos recordar este dia para sempre, não acham? — perguntou-lhes ela no carro, no caminho para casa, em Scarsdale.

— Sim — replicaram as crianças, mas mais tarde as suas recordações foram desestabilizadas pelas cartas que Joelle lhes enviava da prisão: sobre o quanto se tinham divertido nesse último dia, escreveu ela, na loja de brinquedos, a girafa de pelúcia gigante, as canecas de chocolate quente, fico tão feliz por termos passado esse dia juntos, lembram-se daquela exposição magnífica no museu, e eles interrogaram-se por que motivo se recordavam de algo diferente, pois lembravam-se essencialmente do frio, dos pés molhados, da sensação de injustiça, do cinzento de Manhattan sob a chuva de inverno, de que a girafa caíra dentro de uma poça de água quando regressavam ao carro.

Quando os filhos de Joelle compraram a girafa, já Ron tinha desaparecido. Saíra ao meio-dia, para se encontrar com um advogado, que o aconselhara a não regressar. Harvey continuava a

ser interrogado na sala de conferências. Oskar jogava «Solitário» no computador, depois de ter sido feita uma cópia de segurança e de o computador ter sido desligado da Internet e da rede interna, enquanto os investigadores vasculhavam os seus arquivos. Enrico estava em casa da tia, na Cidade do México. Passara umas horas a vasculhar as gavetas à procura do antigo passaporte do falecido primo e, agora que o tinha, encontrava-se sentado com ela no pátio, os dois a fumarem cigarro atrás de cigarro, em silêncio, Enrico a espreitar o telemóvel de vez em quando, a acompanhar as notícias sobre a detenção de Alkaitis, a refletir sobre quão estranho era nunca se ter sentido menos livre em toda a sua vida.

Oskar foi o último a sair nessa noite. Passara o dia a aparentar estar o mais confuso possível, conduzindo os investigadores às várias pastas ao mesmo tempo, perguntando-lhes o que se passava e tentando criar a ilusão de prestabilidade sem fornecer absolutamente nada. Fora uma representação extenuante. As portas do elevador abriram-se, e viu Simone, vinda do Dezoito, com uma caixa de pastas nos braços.

— Que dia de loucos — disse Oskar ao entrar, posicionando-se ao lado dela.

Simone acenou com a cabeça.

— O que é isso dentro da caixa?

— Alguns objetos pessoais da secretária da Claire Alkaitis. Pedi-me que os recolhesse.

Vislumbrou uma estatueta de cristal, uma fotografia emoldurada de Claire e da família dela e meia dúzia de livros. As crianças na fotografia pareciam muito novas, pouco mais de seis ou sete anos. Oskar desviou o olhar. Na versão fantasma da sua vida, a versão do universo paralelo no qual contactara o FBI onze ou doze anos antes, essas crianças tinham sido poupadas a tudo o que estava a acontecer; nessa vida, Claire Alkaitis era uma adolescente quando o pai fora detido, uma situação obviamente traumática, mas nada que se compare com estar envolvida no assunto, nada que se compare a ser vice-presidente numa das empresas do pai e ter o nome arrastado na lama pela imprensa; nessa vida-fantasma, percebeu ele, Claire Alkaitis e os filhos estavam provavelmente bem.

— Queres ir tomar um copo rápido ou algo? — perguntou a Simone.

— Não — retorquiu Simone.

— Tens a certeza?

— És a última pessoa com quem me apeteceria ir tomar um copo neste dia.

— Tudo bem. Podias simplesmente ter dito que não.

— Foi o que fiz. — As portas abriram-se para o átrio, e ela saiu. As multidões de investidores estavam reduzida a seis ou sete pessoas paradas no passeio, que já não estavam a chorar, mas que continuavam claramente em choque, os olhos fixos no Gradia Building, a olhar para todas as pessoas que emergiam do edifício. Simone passou por elas sem olhar e desapareceu no interior de um monovolume preto que se encontrava parado junto ao passeio.

Claire Alkaitis estava onde Simone a deixara, sentada no banco de trás.

— Obrigada — disse em surdina —, fico-te muito grata. — A sua voz não passava de um sussurro. Aceitou a caixa das mãos de Simone, estudou a fotografia — o artefacto de uma civilização recentemente extinta — e olhou para os livros como se nunca os tivesse visto. Abriu ligeiramente a janela do carro, para poder enfiar a estatueta de cristal pela abertura. O objeto tiniu agradavelmente ao estilhaçar-se no passeio. — Foi um presente do meu pai — justificou-se. O motorista evitou cautelosamente estabelecer contacto visual com ela através do espelho retrovisor. — Onde moras, Simone?

— Em East Williamsburg.

— Certo. Aaron, pode levar-nos a East Williamsburg?

— Com certeza, tem a morada?

Simone deu-lha.

— Não tem de ir para casa? — perguntou a Claire, que tornara a fechar os olhos.

— Esse é o último sítio onde quero estar neste momento.

Seguiu-se um interlúdio de silêncio, enquanto o carro avançava rumo a sul, na direção da Ponte de Williamsburg. Lá fora começava

a nevar. Simone estava na cidade de Nova Iorque há já seis meses e julgava ter começado a compreender como era possível uma pessoa ficar muito cansada aqui. Vira-as no metropolitano, essas pessoas cansadas, as pessoas que trabalhavam demasiadas horas e com demasiado afínco, apanhadas na trama, os olhos fechados nos comboios da noite. Simone imaginara-as sempre como habitantes de outra cidade, mas o intervalo entre as cidades delas e a sua começava a fechar-se.

— Quantas pessoas estavam a par? — perguntou Simone, por fim. Estavam a passar por East Village.

— Presumo que toda a gente no grupo de gestão de ativos. Todos os que trabalhavam no 17.º andar. — Claire não abriu os olhos. Simone começava a perguntar-se se Claire estaria sob o efeito de algum calmante.

— Todos? O Oskar, o Enrico, o Harvey...?

— Ao que parece, era só isso que faziam nesse piso, geriam um esquema fraudulento.

— Mais ninguém sabia? Lá em cima no Dezoito?

— Não faço ideia. Não me parece. As empresas foram sempre mantidas completamente separadas. Ainda é tudo muito pouco claro... — O carro atravessava rapidamente a Ponte Williamsburg, e agora a neve caía numa sequência delirante que aos olhos de Simone parecia hipnótica.

— Tens muita sorte — disse Claire.

— Não me sinto nada sortuda.

— Sabes o que és?

— Uma pessoa desempregada?

— Isso é uma condição temporária. Sabes o que é permanente? És uma pessoa com uma história fantástica para contar em festas. Daqui a dez, vinte anos, numa festa qualquer, estarás rodeada de pessoas, com um martíni na mão, e vais dizer: «Já vos contei sobre aquela vez em que trabalhei para o Jonathan Alkaitis?» — A voz de Claire falhou-lhe quando proferiu o nome do pai. — Vais poder safar-te sem mácula.

Simone não sabia o que responder.

— Graham Avenue, número 170 — disse o motorista.

— Certo — retorquiu Simone —, é aqui que eu moro. Fica bem?

— Não — respondeu-lhe Claire, num tom distraído.

Simone olhou de relance para o motorista, que encolheu os ombros.

— Bem, então... obrigada pela boleia. — Deixou Claire no interior do monovolume e transpôs o portão de ferro, depois a porta de entrada e entrou no átrio escuro e que nunca era limpo. A luz por cima das escadas emitia um zunido desagradável. A colega de casa, Yasmin, estava na cozinha, a comer *ramen* e a ler algo no portátil.

— Como correu? — perguntou-lhe Yasmin.

— Apanhei a boleia mais desconfortável do mundo com a Claire Alkaitis.

— A mulher dele?

— A filha.

— Como estava ela?

— Como se tivesse tomado *Ambien* — replicou Simone. — E também um pouco hostil. Disse-me: «Vais safar-te disto com uma história para contares em festas. Daqui a vinte anos vais contar esta histórias enquanto bebes um martíni.»

— Sim, mas ela tem razão — respondeu-lhe Yasmin. — Só estou a ser objetiva. Daqui a vinte anos vais mesmo contar esta história em festas.

Oskar saiu do Gradia Building para o princípio da tempestade de neve com os primeiros flocos ligeiros a caírem lentamente. Só reparou nos detetives quando estes já estavam quase em cima dele, a um quarteirão do escritório. Eram dois, um homem e uma mulher, exibindo os respetivos distintivos assim que saíram de um carro à paisana que estacionaram silenciosamente à frente de uma boca de incêndio.

— Oskar Novak?

Numa versão paralela dos acontecimentos, talvez tivesse desatado a correr e, na sua vida-fantasma, a sua vida honesta, a sua vida sem Ponzi, nunca sequer ali estivera. Mas, neste mundo, Oskar parou de caminhar e, ali mesmo no passeio, debaixo da

primeira neve desse inverno, a instantes do seu primeiro par de algemas, foi com alguma surpresa que constatou que se sentia aliviado.

— FBI — disse a mulher. — Sou a detetive Davis e este é o detetive Ihara. — Com algum distanciamento, percebeu que tinham sido misericordiosos; com certeza estavam a segui-lo desde que saíra do Gradia Building, mas esperaram que estivesse longe da vista dos investidores e jornalistas reunidos no exterior.

— O senhor está detido — informou-o calmamente o detetive Ihara. As poucas pessoas que passavam no passeio olhavam-no sub-repticiamente ou mesmo abertamente, mas todas lhe deram espaço. Os detetives recitavam as deixas habituais — «Tem o direito de permanecer em silêncio. Tudo o que disser poderá e será utilizado contra si em tribunal. Tem o direito a um advogado» —, e Oskar permaneceu estático, aceitando as algemas sem protestar, a neve a cair-lhe no rosto, enquanto aqui e ali, na cidade e nos subúrbios, nós também éramos detidos.

6

Na audiência de sentença seis meses depois, o advogado de Alkaitis apelou à clemência do juiz.

— Se formos sinceros connosco próprios — disse o advogado —, quem de nós nunca cometeu um erro? — Mas foi uma péssima ideia, Olivia percebeu-o de imediato. O juiz olhou para o advogado com uma expressão de incredulidade porque, sim, claro, toda a gente comete erros, mas esses erros costumam ser esquecermos de pagar a conta do telefone, ou deixarmos o forno ligado por umas horas a seguir ao jantar, ou inserirmos o dígito errado numa folha de cálculo. Perpetuar uma fraude de milhões e milhões de dólares ao longo de várias décadas é algo completamente diferente.

Seria possível que o advogado se tivesse apercebido dessa falha? Era difícil de dizer. Veer Sethi era uma pessoa polida que vestia fatos dispendiosos, possuía o cabelo grisalho e uma certa noção de representação. O homem sentado ao lado de Olivia — outro investidor, um dentista reformado a quem só faltava vibrar de

raiva sempre que discutia a questão da fraude — dissera-lhe que o advogado de Alkaitis era um dos advogados de defesa criminal mais bem pagos da cidade, mas Olivia não achara Sethi uma pessoa particularmente destacada. Cometera um erro, mas insistira na história, qual menino enveredando por um trilho que desaparecia numa floresta escura ao anoitecer: era uma vez uma família, Jonathan e Suzanne e depois uma filha, Claire. (A propósito, onde estaria Claire? Olivia assistira a três audiências e nunca a vira.) Moravam numa pequena casa num subúrbio pouco popular, depois numa casa ligeiramente maior, com Jonathan a trabalhar longas horas e Suzanne a trabalhar um pouco também, férias de verão curtas e pouco dispendiosas em lugares onde era possível ir de carro, Natais com a família dela na Virgínia ou com a família dele no condado de Westchester, as inevitáveis dificuldades de começar um negócio, o sucesso como constante do negócio, Claire a entrar na Universidade de Columbia e depois a assumir um cargo na empresa de corretagem do pai — a empresa legítima, Sethi faz questão de salientar, a empresa que nada tinha que ver com o crime — e depois Suzanne a ser diagnosticada com um cancro particularmente agressivo.

— Não estou a insinuar que estas coisas justificam os atos do meu cliente — disse o advogado. — Mas sou casado há trinta e cinco anos e, como marido, nem imagino o que terão sido esses dias para esta família. — Vincent também aparecera, e Olivia achava que isso revelava uma certa coragem da parte dela. Encontrava-se sentada escassas filas à frente e do outro lado da sala de audiências, sentada muito quieta e vestida com um fato cinzento.

— E, embora não haja sofrimento que justifique os seus atos, foi durante esse período — continuou o advogado — que a fraude começou. — Parecia estar a tentar passar a ideia de que o esquema Ponzi era algo que pura e simplesmente *aconteceria*, da mesma maneira que o clima acontece, em vez de um crime premeditado friamente, perpetuado com a conivência de funcionários dedicados. (Se ao menos os funcionários estivessem presentes! Olivia teria todo o gosto em matá-los pessoalmente. Começaria por Harvey

Alexander. Esse suplicar-lhe-ia pela vida. Seria implacável.) O juiz estava a escrever algo. Sethi continuava a falar sobre hospitais e operações e sessões de quimioterapia, sobre a ausência de Alkaitis do escritório durante semanas a fio, distraído e sem prestar a devida atenção. Investira fortemente em várias empresas «ponto com» e fora apanhado desprevenido quando elas implodiram. Houvera indícios de que a Bolha da Internet tinha os dias contados, mas estava distraído com a doença e com o subsequente falecimento da esposa e não interpretara corretamente esse sinais.

— E foi nesse momento — disse o advogado — que o meu cliente cometeu o seu erro fatal. — Quantas vezes iria introduzir a palavra «erro» no seu discurso? A sua estratégia seria tão transparente para o juiz como era para Olivia? Não tinha a certeza. O juiz parecia impassível. — O meu cliente sofreu uma perda e pensou: «Sou capaz de resolver isto». Cometeu um erro de discernimento absolutamente terrível. Decidiu cobrir as suas perdas com os rendimentos dos novos investidores. Sentia-se embaraçado. Achava que conseguiria equilibrar as contas no espaço de um ou dois meses e que ninguém iria descobrir. Por que motivo haveria de fazer tal coisa? Por que motivo haveria de cometer um erro desses? — Nesse momento fez uma pausa, para um efeito dramático. Veer Sethi fora incumbido de uma tarefa impossível. Estava a dar tudo o que tinha.

»Estou convencido, Meritíssimo, de que foi tudo uma questão de medo. A vida de todas as pessoas contém uma certa dose de momentos assustadores. O meu cliente tinha perdido a esposa. Estava desolado. A única coisa que lhe restava era o trabalho, o seu emprego. E então a fraude começou, esse erro terrível cometido por ele, porque não suportava a ideia de perder o seu trabalho, na altura a única coisa que lhe restava. — O que não era particularmente lisonjeador para Claire, pensou Olivia. Talvez devesse ter seguido os passos da sua irmã Monica e optado por Direito. Sentia que poderia fazer um trabalho melhor do que aquele tipo. A sala de audiências estava demasiado quente. Olivia permitiu-se divagar por breves instantes, recordando uma tarde em particular no estúdio do Soho, sentada no sofá com Renata durante um desses violentos

temporais de agosto, enquanto fazia um intervalo na pintura, escutando a chuva, bebendo vinho, e Renata dissera «Não era capaz de fazer parte do mundo laboral, mesmo que quisesse», mas num tom que soara como se estivesse a tentar convencer-se a si própria, e Olivia desconfiava de que era por isso que o momento lhe ficara gravado na memória. Renata aguentara até 1972 e depois sucumbira ao vício. Em 1973? Não, de certeza que fora em 1972, pois Olivia lembrava-se de ter visto notícias sobre Watergate e de se interrogar sobre o que Renata pensaria delas se ainda fosse viva, Renata, que deixara o pai político e a mãe secretamente alcoólica nos subúrbios de Maryland para vir para a cidade, Renata que alegava não ter qualquer interesse por esse mundo, mas que durante toda a vida acompanhara atentamente a política.

De volta à sala de audiências, Veer Sethi continuava a falar.

— Quando olhamos para o meu cliente — disse ele —, não estamos a olhar para um homem mau. Estamos a olhar para um homem profundamente imperfeito, um homem que, no momento em que foi necessário, no momento em que percebeu que sofrera perdas que jamais conseguiria cobrir, não descobriu a sua coragem. Estamos a olhar para um homem decente que cometeu um erro.

Era impossível não reparar, enquanto Seth agradecia ao juiz pela oportunidade de apresentar as suas alegações finais e retornava ao seu lugar à mesa, que os advogados do Ministério Público sorriam e abanavam a cabeça. Alkaitis tomava cuidadosamente apontamentos num bloco timbrado. Seth e os seus dois advogados assistentes conferenciavam e remexiam em papéis para evitar olhar para alguém, em especial para o Ministério Público. Este levantava-se da mesa da acusação, abotoava o botão do casaco, começava, com um desdém mal disfarçado, a desmontar a cronologia que a defesa acabara de apresentar. Era curioso, comentou o Ministério Público, alegarem que o esquema Ponzi começara por volta da queda da Bolha da Internet, quando um dos empregados de Alkaitis — um tal Harvey Alexander — confessara ter participado num esquema que começara em finais dos anos 1970. A mente de Olivia divagou. Não andava a dormir muito bem. Deixara o apartamento e mudara-se

para casa de Monica, e a cama no quarto de hóspedes de Monica era desconfortável. Mas de que servia continuar ali a ouvir aquilo?

Porém, Olivia deixou-se ficar até ao fim. A sentença, quando chegou, foi como um conto de fadas: era uma vez um homem que foi trancado num castelo durante 170 anos.

O arquejo coletivo na sala foi audível. «170 anos», repetiu alguém perto dela. Um assobio baixo. Vivas proferidos em surdina. Olivia permaneceu completamente imóvel e não sentiu absolutamente nada.

Saíra de casa antes de amanhecer, com a sensação de estar a embarcar numa missão, mas, depois de o veredito ter sido pronunciado, quase desejou ter ficado em casa. Não poderia ter desejado melhor sentença e, no entanto, experimentou uma curiosa sensação de anticlímax. Demorou a abandonar a sala de audiências e passou despercebida quando por fim saiu para a rua. Dessa vez o seu manto de invisibilidade não a incomodava. Não estava a sentir-se muito bem. Tempos houvera em que uma onda de calor na cidade de Nova Iorque jamais a teria afetado, mas esses tempos já lá iam. A imprensa cercara um grupo de investidores.

— Ouça, a verdade é que isto não muda nada — ouviu o dentista dizer. E tinha razão. Jonathan ficaria preso para sempre, mas Olivia continuaria a morar no quarto de hóspedes da irmã. Caminhou rumo à zona alta da cidade, atravessando o forno que era o sistema metropolitano, e observou a maneira como a vida na cidade continuava à sua volta, indiferente e interrupta. Nessa manhã, quando entrara no comboio em direção à Baixa, julgara estar a testemunhar algo histórico, mas a história lembrar-se-ia de Jonathan Alkaitis? Apenas mais um fato vazio numa época de colapso e devassidão, arquiteto de um esquema embaraçosamente rudimentar que resultara por uns tempos e depois implodira. O calor era demasiado. O metropolitano estava cheio de gente. Quando por fim saiu para o Upper East Side, a poucos quarteirões do apartamento da irmã, teve de caminhar muito devagar para não desmaiar. Um homem que caminhava na direção oposta quase

chocou com ela; franziu o sobrolho e desviou-se no último minuto, como se a culpa fosse inteiramente dela.

— Isto é puramente teórico — dissera o juiz —, mas, por motivos técnicos, sou obrigado a impor um período de liberdade supervisionada após o cumprimento da sua sentença. — Ideia para uma história sobre fantasmas: era uma vez um homem que passou três anos em liberdade supervisionada depois de ter cumprido uma pena de 170 anos. Ideia para uma história sobre fantasmas: era uma vez uma mulher que deambulou completamente invisível pela cidade de Nova Iorque até ter desaparecido na multidão e no calor.

O AVESSE DA VIDA

À uma da manhã, na ICF Florence Média 1, Alkaitis sai para o pátio e vislumbra uma mancha de cor entre a multidão. É vermelho, mas é impossível. Vermelho não é permitido ali. Não é apenas vermelho, trata-se de um fato completo vermelho, o tipo de fato que não vê numa mulher desde o início dos anos 1990, meados dos anos 1990, no máximo, vermelho-locomotiva com uns chumaços enormes. A mulher que o enverga parece deslocar-se demasiado depressa; em poucos passos, atravessou o pátio e está parada perto dele, a olhá-lo fixamente.

— *Madame Bertolli* — diz ele em surdina, tentando acalmar a voz.

— Disseste alguma coisa? — pergunta um tipo ao lado dele.

— Não, nada. — É claro que Yvette Bertolli não está realmente ali, seria impossível, além de que mais ninguém parece reparar nela. Seja como for, ali está ela. Começa a andar à volta do pátio, tremeluzindo de vez em quando. Parece muito mais nova do que da última vez que a vira. Será possível que seja o mesmo fato que usava quando a conheceu, algures em 1986, 1987? Um almoço em Paris. Começara a sua própria consultoria de investimentos financeiros e tinha uns clientes franceses e italianos de alto património líquido para ele. Na manhã da detenção de Alkaitis, aqueles clientes tinham um total combinado de 320 milhões de dólares no Ponzi. Yvette Bertolli morrera de ataque cardíaco nessa mesma tarde.

Agora anda às voltas pelo pátio de recreio, olhando de vez em quando de relance para Alkaitis. Este fecha os olhos, belisca-se, emprega todos os truques que lhe vêm à mente, mas uma hora depois, quando entra, ela continua lá, a conferenciar com Faisal debaixo de uma árvore.

— Gostaria de lhe perguntar sobre os seus empregados — diz-lhe a jornalista Julie Freeman durante uma visita.

— Eram boa gente — responde-lhe ele. — Leais.

— É interessante que os veja como boa gente, quando estiveram envolvidos no crime.

— Não, fiz tudo sozinho. — Decidiu manter a sua história até ao fim da vida, apesar de três dos cinco empregados do grupo de gestão de ativos terem sido condenados. Deteta uma certa irritação nela enquanto anota algo.

— Presumo que já saiba que Lenny Xavier perdeu o recurso — diz-lhe ela. — Foi considerado culpado em nove acusações, todas elas envolvendo o Ponzi.

— Preferia não falar sobre ele — responde-lhe Alkaitis.

— Mudemos de linha de pensamento, então. Gostaria de lhe perguntar sobre algo que um dos seus empregados disse no banco dos réus — diz ela. — Quando Oskar Novak foi interrogado pela acusação, questionaram-no em relação ao histórico de pesquisas no seu computador, ao que respondeu, e passo a citar: «É possível saber e ao mesmo tempo não saber algo.»

— Porquê, o que constava no histórico de pesquisas dele? — Alkaitis não tem perdido muito tempo a pensar em Oskar ou em qualquer um dos outros. Sustentou-os durante anos. Poderiam ter desistido em qualquer altura.

— Passou um total de nove horas e meia a pesquisar os requisitos de residência para países que não têm acordos de extradição com os Estados Unidos — responde Freeman.

— Ah. Desgraçado do miúdo... — Na sua mente, Oskar continua a ser o rapaz de dezanove anos que abandonara os estudos e lhe aparecera para uma entrevista de emprego envergando um fato demasiado grande. — Não lhe deve ter corrido muito bem.

— Pois não. — Espera uns segundos, mas ele não lhe pergunta nada. A verdade é que não está interessado no que aconteceu a Oskar, para que prisão foi enviado ou qual a duração da sua sentença. — Seja como for — continua ela —, tinha curiosidade em saber se esse conceito tem alguma relevância para si, a ideia de que a pessoa pode ao mesmo tempo saber e não saber algo.

— É um conceito interessante, Julie. Vou pensar no assunto.

Tem algo de relevante, decide mais tarde, parado na fila para jantar. É possível sabermos que somos um criminoso, um mentiroso, um homem sem grande caráter e no entanto *não* o sabermos, no sentido em que achamos que o nosso castigo é de alguma maneira injusto, que, não obstante os factos concretos, somos merecedores de afeto e de alguma espécie de tratamento especial. Podemos saber que somos culpados de um grande crime, que roubámos uma quantidade imensa de dinheiro a múltiplas pessoas e que isso levou à indignância de umas e ao suicídio de outras, podemos saber tudo isso e mesmo assim continuar convencidos de que fomos prejudicados aquando do nosso julgamento final.

Nos intervalos entre as visitas de Freeman, Alkaitis dá por si a matutar sobre o histórico de pesquisas de Oskar. É algo comovente, aliás, imaginar o miúdo a pesquisar a Internet à procura de países sem acordos de extradição, pesquisa sobre um projeto que não tem coragem de levar adiante. Ao contrário de Enrico, que continua à solta.

Está na fila para a loja quando vê Olivia. Esta passeia-se de um lado para o outro, tocando nos vários artigos expostos nas prateleiras, sem olhar para ele. Enverga um vestido azul que ele recorda do último verão antes de ter ido para a prisão; usara esse vestido no iate. Ele dá uns passos atrás e retira-se, sem comprar nada, profundamente abalado. Regressa à cela e deita-se com um braço sobre os olhos. Hazelton está noutra lugar qualquer, graças a Deus. Anseia por um pouco de tempo sozinho, mas o problema é que já não tem a certeza se estará realmente sozinho, seja onde for. Certas fronteiras estão a dissolver-se.

— Posso pedir-lhe que tente saber de uma pessoa por mim? — pergunta a Julie Freeman na visita seguinte. Decorreram dois dias desde que viu Olivia na loja. — Uma das investidoras era uma velha

amiga, uma pintora que também conhecia o meu irmão. Chama-se Olivia Collins. Queria pedir-lhe que tentasse saber o que é feito dela.

Quando torna a ver Freeman, duas semanas mais tarde, sabe o que ela vai dizer antes mesmo de ela o proferir.

— Tenho más notícias — diz-lhe ela, assim que se senta. — A mulher que me pediu para pesquisar, a Olivia Collins... morreu no mês passado.

— Ah... — exclama. Mas percebe que já o sabia. Já viu Olivia em duas ocasiões, uma vez na loja e outra no pátio, entretida à conversa com Yvette Bertolli.

— Lamento — diz-lhe Freeman, lançando-se de imediato ao interrogatório habitual.

— Posso perguntar-lhe algo? — diz ele algum tempo depois, interrompendo uma série de perguntas entediadas sobre extratos de conta.

— Força.

— O que a faz querer escrever sobre tudo isto?

— Sempre tive interesse na ilusão em massa — explicou ela. — A minha tese de final de curso foi sobre um culto no Texas.

— Não sei se estou a perceber...

— Bem, veja a coisa da seguinte maneira: penso que concordamos que deveria ter sido óbvio para qualquer investidor sofisticado que o senhor estava a gerir um esquema fraudulento.

— Sempre afirmei isso — responde-lhe Alkaitis.

— Nesse caso, uma vez que o seu esquema foi bem-sucedido durante tanto tempo, muitas pessoas tiveram de acreditar numa história que na verdade não fazia qualquer sentido. Mas toda a gente estava a ganhar dinheiro, por isso ninguém quis saber, à exceção da Ella Kaspersky.

— As pessoas acreditam em todo o tipo de coisas — retorquiu ele. — Só porque é uma ilusão, não significa que não pode render bom dinheiro às pessoas. Se quer falar sobre ilusões em massa, conheço imensos tipos que enriqueceram à custa de hipotecas *subprime*.

— Acha que fará sentido considerá-lo a personificação de uma era?

— Isso parece-me um pouco duro, Julie. Não causei um colapso económico global. Fui vítima de um colapso económico, como toda a gente. Quando o Lehman Brothers finalmente faliu, percebi que não poderia continuar por muito mais tempo.

— Gostaria de lhe perguntar sobre a Ella Kaspersky — diz-lhe Freeman.

— Não é a minha pessoa favorita no mundo.

— Recorda-se de quando a conheceu?

Conhecera Kaspersky em 1999, no Hotel Caiette. A viagem fora amaldiçoada logo desde o início. Suzanne já se encontrava doente nessa altura e por isso ficara em casa, em Nova Iorque, pelo que, quando chegara finalmente ao hotel, já se arrependera de ter ido e estava a pensar em encurtar a estadia. Mas precisava de investidores, por isso andava a passar uma semana por mês afastado da cidade de Nova Iorque, colecionando salas de estar de clubes e bares de hotel. Gostava do Hotel Caiette em particular, porque o facto de ser dono dessa propriedade conferia-lhe uma credibilidade imediata: «Veja bem, aqui estamos nós, à conversa debaixo de um teto que por acaso até é meu.» Não que tivesse qualquer papel na gestão do local, mas isso não era importante.

Na segunda noite dessa sua visita ao Hotel Caiette, desceu ao átrio e deparou-se com Ella Kaspersky, uma mulher elegante no início da meia-idade, sentada numa poltrona a beber uísque e a contemplar a luminescência crepuscular da enseada, o reflexo do átrio assomando à superfície do vidro. Alkaitis posicionou-se perto dela e acenou com a cabeça quando a mulher olhou na sua direção. Sobre que falaram? Itália, se não estava em erro. Era uma colecionadora de arte. Não trabalhava. Viajava, estudava línguas, ia a leilões e feiras de arte. Acabara de passar três meses a estudar italiano em Roma, e por isso entregaram-se a divagações sobre os prazeres de Itália antes de a conversa ter mudado para o que ele fazia na vida. Ficou interessada. Veio naturalmente à conversa que tinha dinheiro para investir; o pai dela, que morrera poucos meses antes, deixara a maior parte da fortuna à fundação de beneficência

da família, e Ella estava envolvida nas decisões de investimento da fundação.

— Fale-me sobre a sua estratégia de investimentos — pediu-lhe.

Ele assim fez, com algum detalhe. Contou-lhe que estava a empregar a estratégia de conversão *split-strike*, que implicava a aquisição de uma coleção de ações juntamente com contratos de opção, para vender essas mesmas ações a um preço fixo mais tarde e assim minimizar o risco. Afinava essas aquisições de acordo com as flutuações do mercado, explicou-lhe, às vezes recuava do mercado por completo para investir o dinheiro dos seus clientes em valores apoiados pelo governo, como, por exemplo, Títulos do Tesouro, reentrando no mercado quando o momento lhe parecesse indicado. Ela deu a impressão de estar a ouvir atentamente, mas por essa altura já bebera três copos, e ele julgara que não estivesse a reter grande parte do que dizia, mas umas semanas mais tarde chegou uma carta ao seu escritório em Nova Iorque. Fizera um pouco de pesquisa sobre a sua estratégia de negócio e os seus métodos. Analisara o desempenho de um fundo de investimento gerido por ele. Falara com dois peritos sobre a estratégia de investimento que alegara empregar, e nenhum deles conseguira explicar-lhe como os rendimentos de Alkaitis podiam ser tão elevados e sem grandes oscilações; estava a par de dois fundos mútuos que empregavam a mesma estratégia, mas os seus rendimentos eram muito mais voláteis do que os dele. Estava intrigada com a sua capacidade de negociar ações em tais quantidades, sem afetar o preço das mesmas. Os seus lucros pareciam exigir um conhecimento quase mediúnico em relação à possível queda do mercado. «Não quero de forma alguma insinuar», escreveu ela, «que não estou recetiva à possibilidade de mistério no universo ou que não estou preparada para aceitar a existência de talentos invulgares, geniais até, no que diz respeito a prever a movimentação dos mercados, e no entanto é impossível não reparar que a sua estratégia de negócio, praticada à escala que o senhor parece estar a praticar, exigiria mais opções OEX do que existem na Bolsa de Chicago». A título pessoal, talvez ele pudesse compreender o seu horror ao averiguar e descobrir que a fundação

particular da sua família — que, e ela não tinha a certeza se o mencionara em Caiette, fora fundada com o propósito de financiar a cura para o cancro do cólon, a doença que matara a mãe de Ella uma década antes — já investira fortemente no fundo de Alkaitis. «Naturalmente», escrevera, «levei o assunto ao diretor da fundação, que partilhou a minha preocupação e de imediato lhe enviou um pedido de retirada. Deste modo, evitou-se uma autêntica desgraça, mas é chocante quão perto a fundação da minha família esteve de ser completamente saqueada. Custa-me pensar no perigo que o legado dos meus pais correu». Tomara a liberdade de enviar uma cópia da carta à CTC.

Alkaitis chamara Enrico ao seu gabinete. Fora interessante observar Enrico enquanto este lia a carta de Kaspersky; o seu rosto permanecera inalterável, mas as mãos tremiam-lhe um pouco. Suspirara, ao mesmo tempo que lhe devolvia a carta.

— Ela não pode provar nada disso — respondera Enrico. — São só insinuações e especulações.

— Enviou uma cópia à CTC. Podem aparecer aqui a qualquer instante.

— Preocupamo-nos com isso quando a altura chegar, chefe. — Algo que só ocorrera a Alkaitis mais tarde, uns anos depois de ter iniciado a sua vida nova na ICF Média 1: por que motivo Enrico não se fora embora nessa altura? No inverno de 1999, tendo Ella Kaspersky descoberto tudo?

De qualquer modo, na versão que contou a Julie Freeman, aquando da entrevista na prisão, não tinha mostrado a carta de Kaspersky a ninguém.

— E o que aconteceu a seguir? — pergunta-lhe Freeman.

— Recebemos uma carta da CTC. Iriam abrir uma investigação.

— E por que razão não o apanharam?

— Não faço ideia, se quer que lhe diga. Porque eram incompetentes, porque não queriam saber, ou as duas coisas. Parti do pressuposto de que nos apanhariam. Bastaria um telefonema. Um telefonema teria literalmente sido suficiente, e poderiam ter confirmado que não existiam quaisquer transações.

— Quando diz «nós», refere-se a si e ao seu pessoal?

— Desculpe?

— «Parti do pressuposto de que nos apanhariam», foi o que disse.

— Foi sem querer. Referia-me apenas a mim.

— Estou a ver. Deve ter sido uma espécie de choque agradável, quando fecharam a investigação sem o apanharem.

— Absolutamente.

— E voltou a vê-la?

— À Kaspersky? Não.

Sim, mas não é uma noite que goste particularmente de recordar. Ele e Suzanne estavam a jantar no Le Veau d'Or, um restaurante que ambos adoravam. Quer dizer, ele estava a jantar. Suzanne bebericava um caldo de galinha. Tinham vindo do oncologista, e era como se tivessem entrado num túnel que desembocava na escuridão completa. Estavam a ser transportados a uma velocidade estonteante em direção à noite cerrada. Alkaitis tentava entabular uma conversa, mas Suzanne encontrava-se num túnel diferente, ainda mais escuro do que o dele, respondendo-lhe com monossílabos, e ele percebeu que a partir desse momento iriam viajar separados, que Suzanne iria ser levada cada vez mais depressa para longe dele. Estava convencido de que a noite não poderia piorar, mas todas as noites têm potencial para serem piores. A poucas mesas de distância, ouviu o som de vidro a partir-se e, quando se virou para olhar, viu Ella Kaspersky. Estava a jantar sozinha. Um empregado deixara cair o seu copo de vinho, e este partira-se em cima de um cesto de pão.

— Conhece-la? — perguntou Suzanne, percebendo algo na expressão dele.

— Não vais acreditar, mas aquela é a Elle Kaspersky.

(Uma diferença entre a vida dele com Suzanne e a vida dele com Vincent, uma de muitas, aliás: contava tudo a Suzanne.)

— Não a imaginava elegante. — Kaspersky não olhou na direção deles. Estava entretida a limpar vinho branco da lapela. — Imaginei-a sempre como uma fanática desgrenhada.

— Vais comer mais? — Queria que a esposa comesse algo, para manter a energia, mas também queria que parasse de olhar para

Kaspersky.

— Não, vamos pedir a conta.

Recebeu a conta e tratou de a pagar enquanto a esposa estudava Kaspersky, que entretanto desvalorizara os pedidos de desculpa do empregado de mesa e retomara a leitura de um documento qualquer, 2,5 centímetros de espessura de papel preso com um clipe. Não gostava da maneira como Suzanne estava a olhar para ela.

— Vamos embora — disse-lhe em voz baixa, depois de a conta estar paga, mas Kaspersky estava sentada da extremidade do restaurante, e teriam de passar muito perto da mesa dela para alcançarem a porta da rua. Assim que se aproximaram da mesa, o rosto de Suzanne esboçou um sorriso assustador. Kaspersky ergueu o olhar quando estavam praticamente ao seu lado. Exibia uma expressão imperturbável, mas semicerrou ligeiramente os olhos assim que o reconheceu.

— Boa noite, Ella — disse-lhe Alkaitis. A CTC fechara a investigação no início dessa semana. Não havia necessidade de deselegâncias na vitória.

Ela recostou-se na cadeira, avaliando-o, e bebeu um trago de vinho. Não disse nada durante tanto tempo que julgou que não fosse falar, e estava prestes a retirar-se quando ela disse:

— O senhor nem o meu desdém merece.

Alkaitis ficou paralisado. Não lhe ocorria nada para responder.

— Oh, Ella... — disse Suzanne. Um pequeno estilhaço do copo de vidro partido fora esquecido na base do cesto do pão. Suzanne pegou nele com a ponta dos dedos e largou-o delicadamente dentro do copo de água de Kaspersky. Os três ficaram a vê-lo descer ao fundo do copo.

Suzanne inclinou-se para a frente e disse, em surdina:

— E que tal engolires pedaços de vidro?

Seguiu-se um instante em que ninguém proferiu uma única palavra.

— Com certeza dizem-vos isto a toda a hora — respondeu Ella Kaspersky —, mas vocês foram feitos um para o outro.

Alkaitis pegou no braço da esposa e levou-a rapidamente para fora do restaurante, para a rua fria, onde o carro os esperava. Sentou-a e depois instalou-se ao lado dela.

— Para casa, se faz favor — disse ao motorista. Olhou de relance e viu que Suzanne chorava baixinho, as mãos a cobrirem o rosto. Puxou-a para si e abraçou-a com força, as lágrimas dela a caírem-lhe no sobretudo, e assim ficaram, sem falar, todo o caminho de regresso ao Connecticut.

Numa vida diferente, na biblioteca da ICF Média 1, o professor de visita faz uma pausa pouco característica no F. Scott Fitzgerald.

— Hoje quero falar-vos sobre alegoria — diz ele. — Alguém conhece a história do cisne no lago congelado?

— Sim, acho que conheço essa história — replica Jeffries. Foi agente da Polícia até ter mandado matar a mulher. — Aquela do cisne que não voa a tempo, não é?

Alkaitis dá por si a pensar na história do cisne mais tarde, parado na fila, à espera das batatas com carne mistério. A história era uma das favoritas da mãe, repetida com grande frequência durante a infância e a adolescência. Está um bando de cisnes num lago, num outono cada vez mais rigoroso. À medida que as noites arrefecem, todos eles voam para longe. À exceção de um, por razões que Alkaitis não consegue recordar: um cisne solitário que não tem noção do perigo que se avizinha ou que gosta demasiado do lago para partir, ainda que esteja claramente na altura de o fazer, ou que é demasiado arrogante — as motivações do cisne eram um pouco vagas e, desconfia Alkaitis, variáveis, dependendo da mensagem que a mãe estava a tentar passar em determinado momento —, mas depois o inverno instala-se, e o cisne fica congelado no lago, porque não saiu da água a tempo.

— Pensava que conseguiria resolver a situação — diz ele a Freeman quando torna a visitá-lo. — Sentia-me envergonhado. Não queria deixar ninguém ficar mal. Eram tão gananciosos, aquela gente, os lucros que esperavam obter...

— Acha que os investidores o forçaram a cometer uma fraude — diz ela, num tom malicioso.

— Não foi bem isso que eu disse. Assumo toda a responsabilidade pelos meus crimes.

— Mas parece achar que os investidores são parcialmente culpados.

— Eles esperavam um certo nível de rendimentos. E eu sentia-me na obrigação de corresponder. Foi um pesadelo, se quer que lhe diga.

— Para si, é isso que está a dizer?

— Claro que sim. Imagine o stresse — diz ele —, a pressão constante, sempre ciente de que a qualquer instante a coisa iria ruir, mas ainda assim tentando manter a coisa a funcionar. Na verdade, tenho pena de não ter sido apanhado antes. Quem me dera que me tivessem apanhado em 1999, nessa primeira investigação da CTC.

— E mantém que mais ninguém estava a par do esquema. — A voz de Freeman soa cautelosamente neutra. — Os extratos de conta, o logro, as transferências de dinheiro, tudo isso foi feito por si.

— Foi tudo feito por mim — responde-lhe ele. — Nunca contei a ninguém.

Noutro dia, Yvette Bertolli circunda o pátio de recreio, caminhando ligeiramente atrás e à direita de um mafioso idoso cujo nome em tempos inspirou medo puro em Lower East Side, mas que agora se arrasta desajeitadamente numa tentativa em câmara lenta de fazer *jogging*. Noutro sítio, Olivia e Faisal conversam com um homem que Alkaitis não reconhece, um homem que também não é prisioneiro, que presumivelmente também não está vivo, um homem de meia-idade envergando um bonito fato de lã cinzento.

Houve quatro suicídios relacionados com o esquema Ponzi de que Alkaitis tivesse conhecimento, quatro homens cujas perdas representaram demasiado. Faisal fora um deles; aquele homem será um deles também? Havia um homem de negócios australiano, se Alkaitis não estava em erro, e também um belga. Haverá mais fantasmas nesse preciso momento a caminho da ICF Média 1? Observa Olivia e é acometido por um acesso de fúria. Que direito

tem ela de o assombrar? Que direito tem *qualquer um* deles de o assombrar? Não é culpa sua que Faisal tenha escolhido fazer o que fez. Se for sincero consigo mesmo, o ataque cardíaco de Yvette Bertolli esteve possivelmente relacionado com o Ponzi, mas ela deveria ter percebido do que se tratava e poderia ter desistido em qualquer altura, tal como as outras pessoas, além de que o que aconteceu a Olivia não pode ser culpa sua, há anos que está preso, e ela só morreu há um mês. Quando Alkaitis pensa na quantidade de dinheiro que deu a ganhar, em todos os cheques que enviou ao longo dos anos, sente uma fúria oca.

«Não digo que o que fiz estava certo, mas, se analisarmos as coisas de uma forma racional, algum bem fiz ao mundo», escreve a Julie Freeman. «Com isto quero dizer que ganhei muito dinheiro durante muitas décadas para muitas pessoas, muitas instituições de beneficência, muitos fundos de riqueza soberana e fundos de pensões, etc., e sei que isso pode parecer uma autojustificação, mas os números falam por si, e, se comparar os investimentos com os rendimentos, a maioria dessas pessoas/entidades recebeu mais do que aplicou e fez muito mais dinheiro do que se tivesse investido na Bolsa; como tal, parece-me pouco correto referirem-se a essas pessoas como “vítimas”.»

— Bem — disse ele a Suzanne, na clínica —, pelo menos já não vais presa quando o esquema ruir.

— Pensa no que irás poupar só em despesas legais — respondeu-lhe ela. Eles comportavam-se assim nesses últimos meses, numa fanfarronice competitiva e numa tolice pegada, até que ela deixou de falar, e depois também ele deixou de falar, limitando-se a ficar em silêncio junto à cama, hora após hora, segurando a mão dela.

Quando por fim ruiu, quando foi finalmente encurralado, tinha a mulher errada consigo. Ainda que Vincent o tivesse impressionado no final, apesar de não ser Suzanne. A cena: o gabinete dele em Midtown, a última vez que estivera nesse espaço. Estava sentado à sua secretária, Claire sentada no sofá a chorar, Harvey fitando o

vazio, Vincent despindo o casaco e pousando o saco das compras, depois sentando-se e olhando-o fixamente, até que por fim ele teve de lhe dizer.

— Vincent — disse —, sabes o que é um esquema Ponzi?

— Sim — retorquiu Vincent.

Claire, do sofá, ainda a chorar:

— Como sabes o que é um esquema Ponzi, Vincent? Ele contou-te? Estavas a par disto? Juro por Deus que, se estavas a par disto, se ele te contou...

— É claro que não me contou — retorquiu Vincent. — Sei o que é um esquema Ponzi porque não sou uma idiota de merda.

E ele pensou: «Vê-se logo que és a minha miúda.»

No avesso da vida, atravessa um corredor de hotel — largo e silencioso, com apliques modernistas, o corredor de um hotel na Palmeira Jumeirah — e dessa vez opta pelas escadas, caminhando lentamente no ar fresco. Há uma planta envasada em cada patamar. O átrio está vazio, à exceção de Vincent. Ela está parada junto a uma fonte, a contemplar a água. Ergue o olhar assim que ele se aproxima; tem estado à espera dele. Dessa vez é diferente, tem a certeza de que não pode tratar-se de uma recordação porque demora algum tempo a reconhecê-la. Está muito mais velha e enverga uma roupa estranha, uma *T-shirt* cinzenta, calças de farda cinzentas e um avental de chefe. Tem um lenço a apanhar-lhe o cabelo, mas consegue ver que está muito curto, nada como o usava quando estavam juntos, e não tem maquilhagem. Tornou-se uma pessoa completamente diferente desde a última vez que a viu.

— Olá, Jonathan. — A voz dela parece soar muito distante, como se falasse ao telefone de um submarino.

— Vincent? Nem te reconheci.

Olha para ele e não diz nada.

— O que fazes aqui? — pergunta-lhe ele.

— Estou só de visita.

— E vens de onde?

Mas ela olha para lá dele, está distraída, e, quando ele se vira para trás, vê Yvette e Faisal, a passearem junto a uma das janelas

do átrio. Yvette está a rir-se de algo que Faisal disse.

— Eles não deveriam estar aqui — diz ele, verdadeiramente alarmado —, nunca os tinha visto aqui —, mas quando se vira para a frente, Vincent desapareceu.

Mais tarde, deitado na sua cama desconfortável no não avesso da vida, a não vida, ocorre-lhe a injustiça da situação. Se tem de ver fantasmas, porque não o da sua esposa verdadeira, a sua primeira companheira, em vez da segunda — a sua coconspiradora, a sua adorada Suzanne —, ou por que motivo não conseguirá ver Lucas? Não está certo. Agora passa mais tempo no avesso da vida do que na prisão e sabe que a realidade começa a escapar-se-lhe. Tem receio de esquecer o próprio nome e, caso se esqueça de quem é, obviamente terá também esquecido o irmão. Esse pensamento é deveras inquietante, pelo que escreve um pequeno L na mão esquerda, com a caneta de Churchwell. Sempre que vir o L, decide, fará um esforço consciente para pensar em Lucas, e dessa maneira pensar em Lucas tornar-se-á um hábito. Ouviu dizer que os hábitos são as últimas coisas a desaparecer.

— Um hábito, como escovar os dentes — diz Churchwell.

— Sim, exatamente.

— Pois, mas há uma diferença. Sempre que escovas os dentes, estes não estão a degradar-se progressivamente.

— Como assim?

— Não sou entendido na matéria, mas lembro-me de ter lido algures que, sempre que recuperamos uma memória, o próprio ato de a recuperar a danifica ligeiramente. Talvez a altere um pouco.

— Bem — responde-lhe Alkaitis —, lá terei de correr o risco. — Fica algo incomodado com essa nova informação (a informação será realmente nova? De certa maneira soa-lhe algo familiar), porque atualmente já só tem uma recordação de Lucas, a mesma recordação recuperada repetidamente, e é terrível pensar que, de cada vez que o faz, a possa estar a desgastar, que a recordação poderá estar a sofrer mutações de maneiras ainda por perceber. Quando não está no avesso da vida, gosta de recordar um campo verde que havia na sua terra natal, no lusco-fusco que se seguia ao

piquenique da família. Foi o último verão de Lucas. Jonathan tinha 14 anos. Lucas chegara a meio da tarde. Quatro comboios depois do planeado. Jonathan lembra-se de esperar na estação por um comboio, depois pelo seguinte, e ainda por um terceiro e quarto, com Lucas a descer finalmente para a luz do sol, muito mais magro do que Jonathan o recordava, um espectro com óculos de sol.

— Desculpa lá — disse ele —, perdi completamente a noção do tempo esta manhã.

— Já estávamos a ficar preocupados! — exclamou a mãe deles, com a risada nervosa que Jonathan só recentemente começara a notar. Passara a última hora a chorar dentro do carro, enquanto o pai andava de um lado para o outro, a fumar cigarro atrás de cigarro. — Pensávamos que já não vinhas. — O piquenique familiar fora ideia dela, claro.

— Jamais faltaria a uma coisa destas — respondeu-lhe Lucas, e o maxilar do pai deles ficou tenso. Como de costume, Jonathan não sabia se Lucas estava a ser sincero ou não. Era uma injustiça Jonathan ser tão mais novo do que o irmão. Nunca fora capaz de o acompanhar.

— Como está a correr a pintura? — perguntou, quando estavam sentados no banco de trás do carro, e décadas depois, na ICF de Florence Médio 1, ainda consegue sentir o prazer desse momento, o facto de lhe ter ocorrido fazer uma pergunta tão adulta.

— Está a correr bem, pá, obrigado por perguntares. Está a correr muito bem.

— Continuas a gostar de morar na cidade? — A mãe dizia sempre «a cidade» no mesmo tom com que um padre pronunciaria a palavra «Gomorra».

— A adorar. — A voz de Lucas soou algo dissonante, até o Jonathan de 14 anos conseguia perceber isso. Os pais entreolharam-se.

— Se alguma vez quiseres vir passar uns tempos a casa — disse-lhe o pai. — Para fazeres uma pausa de tudo, mesmo que seja só por uma ou duas semanas, apanhaves um pouco de ar fresco...

— O ar fresco é sobrevalorizado.

Mais tarde, pensando nessa recordação com um certo distanciamento, na ICF de Florence Médio 1, Alkaitis não se lembra de muita coisa do piquenique em si. Lembra-se, sim, do que aconteceu a seguir: a sensação de tranquilidade depois de um dia longo e estranho, uma paz temporária, sentado na sombra com a família reunida, e uma hora e tal depois, quando o sol se põe e os pais começam a falar em levar Lucas de volta à estação de comboios («A não ser que prefiras ficar cá hoje, querido, sabes que há sempre lugar...»), uma última e maravilhosa hora a jogar ao disco com o irmão no crepúsculo crescente, correndo e mergulhando na relva, o disco pálido a rodopiar na penumbra.

PAÍS-SOMBRA

Dezembro de 2008

1

Em dezembro de 2008, Leon Prevant trabalhava num Marriot, na extremidade sul do estado do Colorado, não muito longe da fronteira com o Novo México. Não era uma cidade grande, mas por alguma razão havia dois Marriot, refletindo-se mutuamente e separados pela rua larga e pelo parque de estacionamento. Os Marriot ficavam na periferia da Baixa, mas a Baixa em si era uma espécie de miragem. No primeiro dia de trabalho de Leon, fora até lá na sua hora de almoço, passando por um mural enorme e depois subindo uma rua onde encontrara o melhor café que vira nos últimos tempos, um espaço amplo e escuro ligado a um negócio de torrefação de café. Comprara um café para levar e depois continuara a subir a rua. Havia uma loja de excedentes militares que parecia ter-se estendido a três edifícios adjacentes, mas a maior parte das montras das restantes lojas encontrava-se vazia. Não se viam carros a passar. Estava parado numa esquina, com uma vista desafogada sobre duas ruas, e mesmo assim via apenas uma pessoa, um homem vestido com uma *T-shirt* laranja-néon sentado num banco a cerca de um quarteirão de distância, a fitar o vazio. As mesas na esplanada do café estavam vazias. Leon regressara rapidamente ao Marriot, picara o ponto e retomara o trabalho do dia, recebendo uma nova remessa de produtos de higiene pessoal no armazém e depois recolhendo insetos afogados e folhas da superfície da piscina.

— Estás a ver, é assim que se vê logo que és da zona costeira — dissera-lhe o colega de trabalho, Navarro, mais tarde, quando Leon mencionara o vazio da Baixa. — Vocês estão convencidos de que é preciso existir uma Baixa para a cidade ser considerada um sítio a sério.

— Não achas que uma Baixa deveria ter pessoas?
— Acho que não é obrigatório existir uma Baixa — retorquira Navarro.

Estava a trabalhar há seis meses quando Miranda telefonou. Estava na autocaravana, o veículo recreativo, VR, depois do turno, a fazer as palavras cruzadas com sacos de gelo em cima do joelho direito e do tornozelo esquerdo, sozinho, porque Marie arranjava um trabalho noturno a repor produtos no Walmart, do outro lado da autoestrada, e a chamada foi tão inesperada que, quando Miranda disse o nome, quase não o assimilou. Seguiu-se um estranho instante de silêncio, enquanto recuperava do choque.

— Leon?

— Sim, desculpa. Que surpresa tão inesperada — disse, sentindo-se um idiota, pois «surpresa» e «inesperada» eram absolutamente redundantes nesse contexto, mas quem poderia censurá-lo por isso?

— É bom ouvir a tua voz — disse ela —, ao fim de tantos anos. Tens um bocadinho?

— Sim, claro. — O coração dele batia furiosamente. Durante quantos anos ansiara por esta chamada? Dez. Uma década na natureza selvagem, deu por si a pensar. Dez anos a viajar além das fronteiras do mundo empresarial, a desejar em vão ser readmitido nesse meio. Os sacos de gelo escorregaram para o chão quando tentou alcançar papel e caneta.

— Infelizmente estou a ligar pelos piores motivos — disse-lhe Miranda —, mas antes de mais, deixa-me perguntar-te se estarias interessado em voltar como consultor. Seria uma coisa a muito curto prazo, somente uns dias.

— Adoraria. — Sentiu vontade de chorar. — Sim. Isso seria... sim.

— OK. Está bem, então. — Pareceu um pouco surpreendida com o fervor dele. — Houve... — Miranda pigarreou. — Ia dizer que houve um acidente, mas na verdade não sabemos se foi um acidente ou não. Houve um incidente. Uma mulher desapareceu de um navio da Neptune-Avramidis. Era a cozinheira.

— Isso é terrível. Que navio?

— É mesmo terrível. Foi o *Neptune Cumberland*. — O nome não soava familiar a Leon. — Escuta — continuou ela —, estou a criar um comité para investigar a segurança da tripulação nas embarcações da Neptune-Avramidis, em geral, e a morte de Vincent Smith, em particular. Se estiveres interessado, dava-me jeito a tua ajuda.

— Espera aí — disse ele —, ela chamava-se Vincent?

— Sim, porquê?

— De onde era?

— Era canadiana, sem morada permanente. A familiar mais próxima era uma tia em Vancouver. Porquê?

— Por nada. Conheci uma mulher chamada Vincent, há muito tempo. Quer dizer, conhecia-a mais ou menos. Não é um nome feminino muito vulgar.

— Lá isso é verdade. Aqui o que importa é que esta é a única investigação que alguma vez será feita à morte dela. Para ser sincera, se tivesse orçamento para isso, solicitaria uma investigação a uma firma de advocacia privada.

— Isso deve ser muito caro.

— Extremamente. Como tal, isto é a única coisa a que ela vai ter direito, uma investigação interna levada a cabo pela empresa para a qual trabalhava. E as empresas têm o hábito de se exonerarem, não concordas?

— Queres uma pessoa de fora — retorquiu ele.

— És uma pessoa em quem confio. Quanto tempo demoras a chegar a Nova Iorque?

— Muito pouco — respondeu. — Só preciso de deixar uns assuntos tratados. — Já estava a calcular a distância desde o Sul do Colorado. Conversaram mais um pouco sobre os preparativos da viagem e, quando desligou, deixou-se ficar sentado à mesa durante imenso tempo, a piscar os olhos. Verificou o registo de chamadas para confirmar que não imaginara tudo. NEPTUNE-AVRA, o indicativo 212, 21 minutos. O texto visível no ecrã parecia perfeitamente adequado; fora realmente como receber uma chamada de outro planeta.

2

Depois de Alkaitis, a vida passara a ser muito diferente. Leon e Marie aguentaram meio ano em sua casa após o colapso do Ponzi, seis meses de prestações atrasadas e um stresse desastroso. Leon investira toda a sua indemnização compensatória e as poupanças para a reforma de ambos no fundo de investimento de Alkaitis, e, embora os rendimentos não os tivessem enriquecido, não era preciso muito para viver bem no Sul da Florida. Tinham comprado a autocaravana pouco antes de Alkaitis ter sido preso. Nos meses que se seguiram, com Leon a tentar obter mais trabalho como consultor para a Neptune-Avramidis, que se encontrava a passar uma fase de despedimentos e de *lay-offs* dos consultores, e Marie desempregada por causa da ansiedade e depressão, o veículo recreativo parado no caminho de acesso à casa a princípio parecera malevolente, uma espécie de piada terrível, como se os seus erros financeiros tivessem assumido uma forma física e estacionado junto à casa.

Mas no início do verão, estavam eles a comer omeletas ao jantar, à luz das velas, as velas não como um gesto romântico mas como forma de poupar dinheiro em eletricidade, quando Marie disse:

— Tenho conversado com a Clarissa por *e-mail*.

— Clarissa? — O nome era-lhe familiar, mas demorou algum tempo a chegar lá. — Ah, a tua amiga da universidade, não é? Aquela que é médium?

— Sim, essa Clarissa. Jantámos com ela em Toronto, há uns anos.

— Eu lembro-me. Que é feito dela?

— Perdeu a casa, por isso agora mora na carrinha.

Leon pousou o garfo e levou a mão ao copo de água, na tentativa de aliviar o aperto que sentiu na garganta. Há dois meses que não conseguiam pagar as prestações da casa.

— Que chatice — retorquiou ele.

— Diz que até está a gostar.

— Pelo menos deve ter previsto a coisa — respondeu ele —, sendo médium.

— Perguntei-lhe em relação a isso — disse Marie. — Disse-me que tinha tido visões de autoestadas, mas que sempre julgou que fosse fazer uma viagem.

— Uma carrinha — disse Leon. — Parece uma vida complicada.

— Sabias que há certos trabalhos que podes fazer se tiveres mobilidade?

— Que tipo de trabalhos?

— Vender bilhetes nas feiras populares. Trabalhar em armazéns por altura do Natal. Tarefas agrícolas. A Clarissa disse que arranjou um trabalho agradável num parque de campismo por uns tempos, a fazer limpezas e a dar apoio aos campistas.

— Interessante. — Tinha de responder alguma coisa.

— Leon — disse ela —, e se partíssemos na autocaravana?

A primeira coisa que lhe veio à cabeça foi que se tratava de uma ideia disparatada, mas esperou uns instantes antes de lhe perguntar:

— Para irmos aonde, querida?

— Aonde quisermos. Podíamos ir aonde quiséssemos.

— Vamos pensar sobre o assunto — retorquiu ele.

A ideia parecera-lhe disparatada somente por umas horas, talvez menos. Passou a noite acordado, a transpirar debaixo dos lençóis — era difícil dormir sem ar condicionado, mas estavam a poupar nas contas, e Marie calculara que, se ligassem o ar condicionado nessa semana, não conseguiriam pagar os mínimos nos cartões de crédito —, e acabou por divisar a genialidade do plano; poderiam simplesmente partir. A casa que lhes tirava o sono de noite poderia passar a ser problema de outra pessoa qualquer.

— Estive a pensar na tua ideia — disse ele a Marie, ao pequeno-almoço. — Vamos a isso.

— Desculpa, mas vamos a quê? — Estava sempre cansada e sem energia de manhã.

— Metemo-nos na autocaravana e fazemo-nos à estrada — respondeu, e o sorriso dela foi como um bálsamo. Assim que a decisão ficou tomada, sentiu uma urgência peculiar. Em retrospectiva, não havia qualquer pressa, mas partiram quatro dias depois.

Quando atravessou as divisões pela última vez, Leon percebeu que a casa já os despachara, uma sensação de vazio a dominar o ar. A maior parte do mobiliário continuava lá, a maioria dos pertences, um calendário afixado na parede na cozinha, canecas no armário e livros nas prateleiras, mas as divisões já projetavam a ideia de abandono. Leon jamais teria imaginado que ele e a esposa se tornariam o tipo de pessoas que abandonariam uma casa. Imaginava que tal ato soterraria a pessoa sob camadas e camadas de vergonha, mas ali, na autoestrada, com a luz do início do dia, abandonar a casa pareceu-lhe inesperadamente um triunfo. Leon saiu do caminho de acesso, virou duas vezes e depois entraram na autoestrada, partindo para todo o sempre.

— Leon — disse Marie, com ar de quem ia partilhar com ele um segredo maravilhoso —, reparaste que deixei a porta da frente destrancada?

Leon sentiu uma alegria imensa quando ela o disse. E porque não? Não havia qualquer hipótese de conseguirem vender a casa. Todo o estado estava inundado de casas melhores e mais recentes, empreendimentos novos ainda por comprar nos subúrbios. Deviam mais em prestações do que a casa valia atualmente no mercado. Havia um certo prazer em imaginar a casa destrancada, à mercê da anarquia. Sabia que jamais regressariam ali, e havia uma imensa beleza nesse pensamento. Já não tinha de cortar a relva nem de podar a vedação. A humidade na casa de banho do piso de cima já não era uma preocupação para si. Não haveria mais vizinhos. (E aí surgiram os primeiros receios do plano, que objetivamente não era grande plano, mas parecia ser o melhor de todas as terríveis opções que se lhes apresentavam. Olhou de relance para Marie, sentada no lugar do passageiro, e pensou: «Agora somos só nós. A casa era nossa inimiga, mas mantinha-nos ligados ao mundo. Agora estamos à deriva.»)

Marie parecera um pouco distante nos primeiros dias, enquanto saíam da Florida e subiam rumo a sul, mas sabia que era a maneira de ela lidar com o stresse — escapava, evitava, ausentava-se —, e no final da semana começara a voltar para ele. Cozinhavam quase

sempre na minúscula *kitchenette* da autocaravana, tendo-se habituado a ela, mas, no dia em que fez uma semana desde que tinham partido, foram a um restaurante. Sentarem-se a comer uma refeição que nem ele nem Marie tinham cozinhado pareceu-lhes uma incrível extravagância. Brindaram à data com *ginger ale*, porque Leon tinha de conduzir e porque um dos medicamentos que Marie tomava fazia interação com o álcool.

— No que estás a pensar? — perguntou-lhe, enquanto comiam frango assado com molho.

— No escritório — respondeu ela. — No tempo em que trabalhava naquela seguradora.

— De vez em quando também penso no meu trabalho — disse ele. — Parece que foi noutra vida, para ser sincero.

Trabalhar na área dos transportes marítimos fizera-o sentir-se como se estivesse ligado a uma corrente elétrica que iluminava o mundo. Era o oposto de passar os dias na autocaravana, a conduzir sem qualquer destino em particular.

Passaram a maior parte desse primeiro verão num parque de campismo na Califórnia, perto da cidade de Oceano, na costa central. A sul da estrada de acesso à praia, as pessoas conduziam moto-quatros pelas dunas, e os motores das mesmas soavam como insetos na distância, uma espécie de zunido alto. Ambulâncias desciam à praia para recolherem condutores de moto-quatros cerca de três ou quatro vezes por dia. Mas, a norte da estrada, a praia era silenciosa. Leon adorava caminhar para norte. Não havia muita coisa entre Oceano e Pismo Beach, a cidade que se seguia na costa. Uma solitária extensão da Califórnia, linha da costa esquecida, areia manchada de preto. A terra aí era escura por causa do alcatrão. À noite viam-se bandos de maçaricos a correr pelo areal, a uma velocidade tal que davam a impressão de pairar a escassos centímetros do chão, as patas desfocadas como os animais nos desenhos animados do Papa-Léguas, cómico mas ao mesmo tempo comovente na maneira como todos sabiam quando mudar de direção em simultâneo.

Leon e Marie jantavam na praia quase todas as noites. Marie parecia mais feliz quando contemplava o oceano, e Leon também gostava muito desse lugar. Tentava mantê-la na praia o máximo de tempo possível, onde o horizonte era infinito e os pássaros corriam como desenhos animados. Não queria que ela sentisse que a sua vida era insuficiente. Cargueiros passavam no horizonte longínquo, e Leon gostava de imaginar as suas rotas. Gostava do caráter infinito do Pacífico do seu ponto de vista, não havia nada além de navios e água entre si e o Japão. Conseguiriam eles lá chegar? Claro que não, mas gostava da ideia. Visitara esse país em trabalho, na sua vida anterior.

— Em que estás a pensar? — perguntou Marie numa ocasião, numa noite limpa na praia. Nessa altura estavam em Oceano há dois meses.

— No Japão.

— Devia lá ter ido contigo — replicou ela. — Pelo menos uma vez.

— Foram viagens entediadas, se formos objetivos. Só reuniões. Nunca vi grande coisa do país em si. — Mas vira um pouco. E adorara o que vira. Numa ocasião, tirara mais dois dias para visitar Quioto na época da floração das cerejeiras.

— Ainda assim, pelo menos tinha ido e visto alguma coisa. — Um entendimento subentendido: nenhum deles voltaria a sair do continente onde se encontravam.

Um navio de carga estava a passar ao longe, um retângulo escuro no lusco-fusco.

— Não era bem assim que imaginava a nossa reforma — disse Leon —, mas podia ser pior, não é?

— Muito pior. E *foi* muito pior, antes de termos deixado a casa.

Esperava que alguém lhe tivesse feito o favor de queimar aquela casa até não restar nada. A escala da catástrofe era objetivamente enorme — «Éramos donos de uma casa e depois ficámos sem ela» —, mas havia um alívio imenso em não ter de pensar na casa, no pagamento das prestações exorbitantes e na manutenção constante da mesma. Houvera aliás momentos de pura alegria nessa vida errante. Adorava estar sentado na praia com Marie. Não obstante

tudo o que tinham perdido, sentia-se frequentemente um felizardo por estar ali com ela, nessa vida.

Mas eram cidadãos de um país-sombra do qual, na vida anterior, ele somente tivera uma vaga percepção, um país situado à beira de um abismo. Sempre tivera consciência dessa terra-sombra, claro. Vira os seus postos avançados óbvios: abrigos feitos a partir de cartão debaixo dos viadutos, casas com portas entaipadas, mas a luz acesa numa janela no piso superior. Sempre estivera vagamente consciente dos seus cidadãos, pessoas que tinham escorregado para debaixo da superfície da sociedade, para um território sem conforto ou margem para erros; andavam à boleia nas estradas com todos os seus pertences dentro de mochilas, recolhiam latas nas ruas da cidade, deambulavam pela avenida principal em Las Vegas com *T-shirts* onde se lia «Raparigas ao seu Quarto em 20 Minutos». Eram as raparigas no quarto. Vira o país-sombra, os seus arrabaldes e letreiros, só nunca imaginara vir a estar ligado a ele.

No país-sombra, era necessário ir para a cama todas as noites com um medo tão poderoso que Leon o sentia como uma presença física, uma criatura malevolente qualquer que absorve a luz. Deitado ao lado de Marie, vinha-lhe à mente que nessa vida não havia margem para qualquer tipo de erro ou azar. O que lhe aconteceria a ela se algo lhe acontecesse a ele? Há já algum tempo que Marie não estava bem. O medo de Leon era como um peso no peito, na escuridão.

3

— E que tal vai essa reforma? — perguntou-lhe Miranda. Estavam sentados no gabinete dela, que antes fora o gabinete do chefe de Leon. Era maior do que recordava. Havia decorrido vários dias desde que lhe ligara para o Colorado, durante os quais ele deixara o emprego no Marriot — um problema familiar urgente, explicara ao chefe, na esperança de voltar a ser readmitido — e conduzira a autocaravana rumo ao Connecticut, onde estacionaram no caminho de acesso à casa de uma das amigas de faculdade de Marie.

— Não me posso queixar — respondeu-lhe Leon. Miranda não parecia estar ao corrente de que ele fora um dos investidores de Alkaitis, embora a informação não fosse secreta. Havia uma declaração realizada na qualidade de vítima algures *online*, da qual não se arrependia propriamente, mas que talvez não tivesse escrito se soubesse que iria estar à disposição de qualquer pessoa que digitasse o seu nome no Google.

— Não tens queixas nenhuma?

Ele sorriu.

— Pareci-te assim tão excessivamente ansioso ao telefone?

— Digamos que não notei qualquer relutância em desistires da tua vida de descanso para assumires um cargo de consultoria.

— Bem — retorquiu Leon. — Reforma a mais também cansa.

— Por isso não tenciono reformar-me. — Miranda folheou uma pasta. «Eu também não planeava reformar-me», pensou Leon, mas não o disse, pois prometera a si mesmo que não se mostraria demasiado desesperado ou ressentido, que, se alguém lho perguntasse, passara a última década a morar numa autocaravana porque ele e Marie se tinham cansado das chatices inerentes a uma propriedade e sempre tinham desejado explorar o país. Miranda estendeu-lhe a pasta, identificada com o nome «Vincent Smith». Teria Miranda realmente sido sua assistente em tempos ou tratar-se-ia de uma recordação falsa? Lembrava-se vagamente da época em que passava a vida em trânsito e Miranda tratava dos preparativos para as viagens, mas era difícil conciliar essa jovem reservada com a executiva sentada do outro lado da secretária, impecavelmente vestida com um fato cinzento-aço, bebendo uma chávena de chá que outra pessoa preparara para ela.

— Demora o tempo que for preciso com os pormenores — disse-lhe ela. — Como é óbvio, é tudo altamente confidencial, mas podes levar essa pasta para casa, para leres esta noite. Sei que estiveste muito tempo afastado, por isso diz-me se surgirem algumas questões. Imagino que alguns dos nossos procedimentos tenham mudado desde que te foste embora.

Muito tempo afastado? «Sim», pensou, «é uma maneira de pôr a coisa». Era algo confuso voltar ali ao fim de tanto tempo. Passara a

última hora a atravessar corredores inquietamente familiares e a apertar a mão a pessoas que não faziam ideia de quão sortudas eram.

Pigarreou.

— Ao telefone, disseste que alguém do gabinete de segurança irá conduzir os interrogatórios — disse ele. — Qual é o meu papel nisto tudo?

— Sim, o Michael Saparelli irá conduzir os interrogatórios — respondeu-lhe Miranda. — Foi ele que falou com o comandante ao telefone na semana passada e que anotou esses apontamentos preliminares para nós. Quero que fique bem claro que tenho todo o respeito por ele. É um ex-agente da Polícia de Nova Iorque. Não que duvide de que faça um bom trabalho, mas penso que, sendo este um assunto tão melindroso, os interrogatórios deveriam ter mais do que uma testemunha.

— Tens receio de que haja um encobrimento?

— É mais uma questão de querer eliminar qualquer *tentação* para que haja um encobrimento. — Miranda bebeu um trago do seu chá. — Não que desconfie de que o Saparelli seja uma pessoa desonesta, longe disso. Mas as empresas são como Estados-Nação. Todas têm a sua própria cultura. — Leon suprimiu uma pontada de irritação («Será que a minha antiga assistente administrativa está a querer ensinar-me sobre cultura empresarial?»), mas a verdade era que não estava errada. — Dediquei a minha vida profissional a esta empresa — dizia Miranda —, mas, se tivesse de salientar uma falha cultural, diria que já reparei numa certa relutância em assumir a responsabilidade. Verdade seja dita que é algo que se deve aplicar à maior parte do mundo empresarial, mas, seja como for, é um tanto ou quanto frustrante.

— Portanto, se o que quer que aconteceu à Menina Smith foi algo que talvez pudesse ter sido evitado pela empresa...

— Nesse caso é algo que me interessa — respondeu-lhe Miranda. — Ouve, este é o tipo de firma em que, se solicitar um relatório sobre os nossos problemas de excesso de lotação, tenho a certeza absoluta de que receberei um documento com vinte páginas

sobre o contexto económico, sem uma única palavra que sugira que talvez pudéssemos gerir a frota de uma forma ligeiramente diferente.

— Serei os teus olhos e ouvidos — disse ele.

— Obrigada, Leon. Continuas a poder partir amanhã?

— Com certeza. Será um prazer voltar a sair do país. — Embora mais tarde se tivesse sentido embaraçado ao recordar ter empregado essa expressão. Nessa noite leu todos os pormenores do caso. Vincent Smith: 37 anos, canadiana. Cozinheira-auxiliar no *Neptune Cumberland*, um navio de contentores Neopanamax com 370 metros, na rota Newark-Cidade do Cabo-Roterdão. Definira um padrão de nove meses no mar, seguidos de três meses de folga, e não tinha morada permanente, o que não era de todo invulgar entre as pessoas que trabalhavam no mar e mantinham esse mesmo plano. Vivera assim, entre mar e terra, durante cinco anos, até ter desaparecido numa noite, ao largo da costa da Mauritània.

Em termos de suspeitos relacionados com o seu desaparecimento, o principal era Geoffrey Bell. Notas sobre Geoffrey Bell: proveniente de Newcastle, um nome que na mente de Leon Prevant invocou de imediato o continente errado e toda uma classe de embarcações — o Newcastlemax, com 50 x 300 metros, um dos maiores navios permitidos no porto de Newcastle, na Austràlia —, mas a Newcastle de Bell era a original, Newcastle upon Tyne. Filho de um mineiro reformado e de uma empregada de loja, obteve o seu certificado de primeiro-marinheiro e trabalhou alguns anos na Maersk, tendo mudado de empresa duas vezes antes de ter ido parar à Neptune-Avramidis, e, quando embarcou no *Neptune Cumberland*, já detinha o cargo de terceiro-imediato. A sua carreira era perfeitamente banal e teria passado despercebida se não namorasse com Vincent na altura em que ela morreu.

Duas pessoas tinham comunicado ao comandante terem ouvido uma discussão no camarote dela, na sua última noite a bordo. Pouco tempo depois da discussão, as câmaras de videovigilância captaram os seus movimentos desde que deixou o camarote, atravessou vários corredores e desceu um lanço de escadas,

reaparecendo depois no exterior no convés C, apesar de a tripulação ter sido alertada para permanecer no interior até que o tempo melhorasse. Havia um ângulo morto no navio, um canto do convés C onde não havia câmaras de videovigilância. Nas imagens de segurança, dobrou uma esquina e desapareceu de vista. As mesmas câmaras registaram o percurso de Geoffrey Bell, 35 minutos depois, a percorrer os mesmos corredores em direção ao mesmo canto do convés C, desaparecendo depois no ângulo morto. Esteve invisível durante cinco minutos, e depois as câmaras captaram o seu reaparecimento, mas Vincent não voltara a aparecer nas imagens de segurança, no navio ou noutra lugar qualquer na terra. Bell disse ao comandante que fora à procura dela, mas que não a encontrara. O comandante relatou não ter ficado convencido, mas não havia testemunhas, corpo ou provas. A primeira paragem após o seu desaparecimento fora Roterdão, onde Bell desembarcara.

— Escusado será dizer — dissera-lhe Miranda aquando do telefonema inicial — que nenhuma força policial irá investigar este assunto.

O país mais próximo por ocasião do seu desaparecimento era a Mauritânia, mas ela desaparecera em águas internacionais, pelo que não era um problema da Mauritânia. Vincent era canadiana, o comandante do navio era australiano, Geoffrey Bell era britânico, o resto da tripulação era alemão, letão e filipino. O navio tinha a bandeira do Panamá, o que significava que por lei era uma estrutura flutuante de território panamanense, mas é claro que o Panamá também não tinha o incentivo ou a mão de obra para investigar um desaparecimento na costa ocidental de África. É possível desaparecer no espaço entre países.

Leon só conheceu Michael Saparelli a bordo do avião com destino à Alemanha. Dois minutos antes de as portas da cabina se fecharem, um homem ruborizado e sem fôlego, perto da meia-idade, entrou com os últimos passageiros e deixou-se cair pesadamente no lugar ao seu lado.

— A segurança no aeroporto estava uma loucura — disse a Leon.
— Não digo uma loucura no sentido de dementemente rigorosa, digo loucura na verdadeira aceção da palavra. Estavam a inspecionar sandes manualmente. — Estendeu a mão. — Peço desculpa. Olá. Sou o Michael Saparelli.

— Prazer em conhecê-lo. Leon Prevant.

— Foi uma espécie de guerreiro da estrada, não foi?

— Fui, sim, nos meus tempos áureos. «Quase não chegava a reparar que tinha atravessado todo um oceano.»

— Pessoalmente, não era capaz de o fazer, pelo menos com regularidade. Sabe qual é o meu conceito de fim de semana perfeito? Não sair de casa. Bem. Qual lhe parece ser o seu papel em tudo isto?

Porém, uma hospedeira de bordo surgira para assentar os pedidos, pelo que se seguiu uma pequena pausa enquanto Saparelli encomendava um café e Leon, um *ginger ale* com gelo.

— Um mero observador, em resposta à sua pergunta. O senhor conduz os interrogatórios, e eu fico sentado a observar.

— Resposta certa — retorquiu Saparelli. — O único tipo de parceiro que aguento é o parceiro silencioso.

— Certo — respondeu-lhe Leon, no tom mais afável possível.

Saparelli estava a vasculhar o interior da sua mala. Trazia uma dessas sacolas de mensageiro que Leon associava a homens de vinte e tal anos, com ténis *Converse* e numa carruagem de metropolitano com destino a Brooklyn, mas depois ocorreu-lhe que não visitava a cidade de Nova Iorque há tanto tempo que os *hipsters* de vinte e tal anos que recordava seriam agora de meia-idade. Tinham-se transformado no Saparelli.

— Fiz um pouco de pesquisa sobre o Geoffrey Bell — disse-lhe Saparelli. Sacou de um bloco de notas cheio de uma minúscula caligrafia em letra de imprensa. — Parece que ninguém verificou os antecedentes dele antes de o contratar.

— A verificação dos antecedentes não é um procedimento obrigatório?

— Sim. Deveria ser. Alguém fez asneira. Seja como for, pedi a um contacto local que me sacasse os registos criminais, e parece que

há um historial de violência em Newcastle. Nada de terrivelmente sinistro, mas foi preso duas vezes por rixas em bares no ano anterior a ter embarcado.

— Parece ser algo que deveria ter sido identificado — retorquiu Leon.

— De preferência, não é? Esperemos que seja o pior que vamos encontrar.

Não falaram muito depois disso. Leon passou o resto do voo a reler a pasta, como se não a tivesse já memorizado.

Estudou a fotografia da placa de identificação de Vincent Smith. Não tinha a certeza absoluta. Parecia-lhe plausível que Vincent Alkaitis e Vincent Smith fossem a mesma pessoa, mas a jovem glamorosa de braço dado com Jonathan Alkaitis que aparecia em fotografias antigas na Internet tinha uma aparência apenas ligeira com a mulher de meia-idade, ar sério e cabelo curto que se via na placa de identificação. Era incongruente que tivesse passado de esposa de Alkaitis a cozinheira num navio de contentores, embora, caso fossem a mesma pessoa, o objetivo talvez fosse exatamente essa incongruência. Se tivesse sido casado com Alkaitis, Leon deu por si a pensar, o mais certo seria também querer ir para o mar. Aliás, teria desejado deixar o planeta. Depois de ter relido a pasta, virou a atenção para as revistas que comprara no aeroporto, em parte porque lhe tinham parecido genuinamente interessantes, em parte porque queria que Saparelli o visse como uma pessoa séria que lia *The Economist* e *Foreign Policy*. Podia dizer-se que se tratava de uma representação ou de uma maneira de se apresentar sob a melhor luz possível, em nada diferente de vestir um fato e pentear o cabelo. Saparelli passou o resto do voo a trocar mensagens no telemóvel e a ler Nietzsche.

Um carro preto esperava Leon e Saparelli no aeroporto de Bremen e levou-os em direção a norte, sob céus cinzentos e baixos e por entre os bonitos bairros de edifícios feitos de tijolo vermelho de Bremerhaven, rumo ao sítio a que toda a gente da indústria de transportes marítimos se referia quando dizia o nome dessa cidade: um terminal imenso entre a cidade e o mar, não propriamente na

Alemanha, mas também não noutra lugar, um desses espaços liminares que proliferaram nesta terra. Quando era novo, Leon passara imenso tempo nesses lugares e agora, caminhando com Saparelli e com a escolta de segurança em direção ao *Neptune Cumberland*, experimentou a sensação estranha de estar a assombrar uma versão anterior da sua vida. Sentia-se um impostor.

Era um choque ver o navio à sua frente, depois de uma semana a ouvir e a ler o nome dele. Lá no alto, as gruas faziam o seu trabalho, içando contentores de mercadorias do tamanho de salas das zonas de amarração e dos porões. O navio estava pintado no mesmo vermelho sensaborão típico das embarcações da Neptune-Avramidis, elevado na água, agora que metade da sua carga fora descarregada. Dois ajudantes de convés com um ar infeliz receberam Leon e Saparelli em terra e acompanharam-nos à ponte de comando.

O moral estava em baixo, confirmou o comandante. Era um australiano na casa dos sessenta, profundamente abalado pelo incidente. Partilhava a suspeita quase generalizada de que Geoffrey Bell tivera algo que ver com o desaparecimento de Vincent.

— Alguma vez vos causou dissabores? — perguntou-lhe Saparelli. Os três encontravam-se sentados à mesa do camarote de luxo do comandante, observando as movimentações das gruas e dos contentores através das janelas e definindo o modelo para cada interrogatório que se seguiria: Saparelli a falar com o interrogado e Leon a tirar apontamentos rápidos e a sentir-se incrivelmente deslocado.

— Não, nunca nos causou dissabores. Mas era uma pessoa invulgar, digamos assim. Um pouco antissocial. Não se dava com as outras pessoas. Fazia bem o trabalho dele, mas era uma pessoa reservada. Não me parece que os colegas simpatizassem muito com ele.

— Estou a ver. Segundo sei, estava mau tempo na noite em que ela desapareceu.

— Uma tempestade das valentes — replicou o comandante. — Ninguém estava autorizado a andar nos conveses.

Outras entrevistas:

— Uma vez vi-os de mão dada no convés — disse o primeiro-oficial. — Mas não aproveitavam a licença para ir a terra juntos. A Smith gostava de ir sozinha, os três meses seguidos. Umás vezes dava a ideia de que eram um casal, outras vezes, não.

— Eram relativamente discretos — disse o chefe das máquinas. — Quero dizer, toda a gente sabia que eles namoravam, porque quando estamos presos num navio toda a gente sabe tudo, mas não exibiam a relação.

— Sabia que ela era artista? — perguntou o outro terceiro-imediate, o que não era Geoffrey Bell. — Não sei se será a palavra certa. Ela fez uma cena artística em vídeo que achei muito interessante.

— Era competente — disse o despenseiro, o antigo chefe de Vincent. Chamava-se Mendoza. — Mais do que competente, aliás. Adorava o que fazia. Eu gostava de trabalhar com ela. Nunca se queixava, era boa profissional, dava-se bem com toda a gente. Talvez fosse um pouco excêntrica. Gostava de fazer vídeos de nada.

— De nada? — indagou Saparelli, a caneta suspensa acima do bloco de notas.

Mendoza acenou com a cabeça.

— Como, por exemplo?

— Punha-se no convés a filmar a merda do oceano — respondeu o despenseiro. — Peço desculpa pela linguagem. Nunca tinha visto nada assim. Apanhei-a uma vez, perguntei-lhe o que estava a fazer, mas...

— Mas...?

— Limitou-se a encolher os ombros e continuou. — Ele ficou calado por uns instantes, os olhos fixos no chão. — Na verdade, respeitava isso nela. Estava a fazer uma coisa estranha e achava que não tinha de me dar justificações.

— Alguma vez lhe pareceu deprimida? — perguntou-lhe Saparelli. Leon ouvira essa mesma pergunta em todos os interrogatórios nesse dia, pelo que já sabia qual iria ser a resposta. — É difícil saber como as pessoas reagem ao stresse, mas, se alguém lhe dissesse que ela tinha deixado o navio de livre vontade,

caso tenha saltado, isso seria plausível para si, tendo em conta o que pôde observar do temperamento dela?

— Não, era uma pessoa feliz — respondeu-lhe Mendoza. — Trabalhava nove meses, depois folgava três meses e, quando regressava, vinha sempre cheia de histórias fantásticas. Quase todos nós vamos para casa e esperamos que os nossos filhos ainda se lembrem de nós, mas ela não tinha família, por isso viajava imenso. Depois regressava, eu perguntava-lhe onde tinha ido, e contava-me que tinha ido fazer caminhadas na Islândia, passear de caiaque na Tailândia ou aprender a trabalhar o barro em Itália ou algo do género. Costumávamos brincar com isso. Perguntava-lhe quando tencionava casar e constituir família, e ela ria-se e respondia-me que talvez na sua próxima encarnação. — Um silêncio instalou-se em volta da mesa. Mendoza limpou os olhos. — Já lhe disse que gostava de trabalhar com ela? Adorava trabalhar com ela. Considerava-a uma amiga. Sabe quão raro é trabalhar com alguém que adora a vida que tem?

— Sim — retorquiu Saparelli em surdina. — Sei, sim.

O camarote de Vincent estava exatamente como ela o deixara. A cama estava por fazer. Os seus objetos pessoais eram poucos: alguns produtos de higiene pessoal, umas quantas peças de roupa, um portátil, alguns livros. Os livros diziam essencialmente respeito a um navio chamado *Columbia* (*Hail, Columbia; Voyages of the Columbia to the Northwest Coast*; entre outros). Saparelli enfiou rapidamente os seus pertences na sua mala de viagem e mochila, enquanto Leon folheava os livros e os sacudia por cima da cama. Nada caiu do interior dos mesmos. Leon não sabia muito bem o que procurava. Cartas incriminatórias da parte de Geoffrey Bell? Anotações ameaçadoras?

— Se puder levar a mochila — disse-lhe Saparelli —, eu levo a mala de viagem.

Leon pegou na mochila, e saíram ambos para o convés superior. As gruas baixavam novos contentores para as zonas de amarração. Ocorreu-lhe que talvez já tivesse lido algo sobre o *Columbia*. Um navio que partira de Boston, no século XVIII ou XIX. Mais tarde iria pesquisar sobre isso. Era o final da tarde, e as gruas projetavam

uma sombra complicada sobre o convés. Em retrospectiva, esses últimos minutos a bordo assumiram uma nitidez e um peso algo deslocado, porque foram também os últimos minutos imediatamente antes de Mendoza ter reaparecido. Com todo o ruído ambiente, o bater de metal e o arrastar de guias e caixas, além da vibração constante do motor, Leon só se apercebeu da presença do despenseiro quando este já se encontrava muito próximo dele.

— Acompanho-vos lá abaixo — disse-lhe. Estavam perto do cimo das escadas de embarque.

— Não há necessidade — retorquiu Saparelli, mas havia algo na maneira como o despenseiro os fitava, pelo que Leon acenou com a cabeça e deixou Mendoza ir à frente. Saparelli lançou um olhar irritado a Leon.

Mendoza falou baixinho por cima do ombro, enquanto desciam:

— Uma vez vi-o bater numa mulher.

Saparelli estremeceu visivelmente.

— Quem? O Bell?

— Foi há uns anos, quando estávamos a trabalhar noutra navegação. Havia uma mulher a bordo, uma engenheira, e ela e o Bell tiveram um caso. Uma noite estávamos a fazer um churrasco no convés e ouvi-os discutir, por isso virei-me de costas, para lhes dar alguma privacidade, entendem?

— Espere lá — interrompeu-o Leon —, estavam todos no convés?

— Sim, foi antes de terem banido o consumo de álcool nos navios. Dantes era possível beber um copo com os colegas à noite, depois de um dia de trabalho, como adultos normais. Portanto, viro-me de costas, finjo que estou interessado no horizonte e depois ouço um estalo.

— Mas não o viu — disse Saparelli.

— Sei qual é o som de um estalo. Viro-me rapidamente, e é óbvio que acabou de lhe bater. Ela está especada com a mão encostada à face, a chorar um pouco, estão os dois a olhar um para o outro, como se estivessem em choque ou algo do género. E eu pergunto «Mas o que é que aconteceu aqui, o que se passa?», e ela olha para mim e responde: «Nada. Estou bem.» Viro-me para ele e

pergunto: «Bateste-lhe?» E ela responde: «Não, ele não me bateu.» Entretanto, tem a marca de uma mão completa na face, uma marca vermelha cada vez mais visível.

— Certo. — Saparelli exalou. — E o que disse o Bell?

— Disse-me para não me meter onde não era chamado. Estou ali parado, a tentar perceber o que fazer, mas, se ela insiste que não aconteceu nada, quem sou eu para dizer alguma coisa? Nem sequer vi. — Mendoza descia as escadas muito devagar, por isso Leon e Saparelli também desciam devagar, esforçando-se para o conseguirem ouvir. — Ela olha para mim — disse Mendoza por cima do ombro —, ela olha para mim e diz: «Ninguém me bateu. Achas mesmo que iria deixar alguém bater-me?» E eu fico meio exasperado, ou seja, é tão *óbvio*, caramba, mas o que posso fazer? Por isso deixo-os sozinhos e afasto-me um pouco, e depois ouço-a dizer-lhe: «Voltas a fazer isso e atiro-te borda fora.»

— E depois, o que disse ele? — A voz de Saparelli soou uniforme.

— Disse: «Só se eu não te atirar primeiro.»

Alcançaram o fim das escadas. O coração de Leon batia demasiado depressa, e Saparelli parecia ter vontade de vomitar. Leon já estava a imaginar o relatório: «Após investigação, veio a lume que Geoffrey Bell tinha ameaçado anteriormente atirar uma mulher borda fora.»

— Quando foi isso? — indagou Saparelli.

— Há uns oito anos? Nove?

— Não houve mais incidentes desde essa vez?

— Não — retorquiu Mendoza —, mas não lhe parece que um incidente já é suficientemente mau?

— Reportou o incidente ao comandante?

— Falei com ele no dia seguinte. Disse-me que iria estar de olho no Bell, mas, se a mulher insistia em que nada tinha acontecido, o que podíamos nós fazer? Era um rumor, a minha palavra contra a palavra deles, com a agravante de que nem sequer vi aquilo acontecer.

— Certo — respondeu Saparelli. — E onde está essa mulher agora? A engenheira com quem ele namorava?

— A última vez que soube dela estava nas Filipinas, a criar os filhos. — Mendoza desviou o olhar. — Não refira o meu nome, está bem? Quando incluir isto no seu relatório.

— Assim farei — retorquiu Saparelli —, mas por que motivo não mo contou quando falámos antes?

— Porque simpatizava com o Geoffrey. Esta coisa que lhe contei agora não significa que o Geoffrey teve alguma coisa que ver com o que aconteceu à Vincent. Mas, depois de ter falado consigo há pouco, não conseguia parar de pensar nisso. Achei que deveria saber.

— Obrigado. Agradeço-lhe ter-me contado tudo.

Leon e Saparelli não olharam um para o outro no carro, mas ambos escreveram nos seus blocos de apontamentos. Leon estava a recontar a conversa, numa transcrição o mais fiel possível do que recordava, e partia do princípio de que Saparelli estaria a fazer o mesmo. No hotel junto ao aeroporto, fizeram o *check-in*, e Saparelli tirou-lhe a mochila de Vincent.

— Boa noite — disse Saparelli, quando receberam as chaves dos respetivos quartos. Foram as primeiras palavras que dirigiu a Leon desde que tinham saído do porto.

— Boa noite. — Em vez de subir ao quarto, Leon foi até ao bar, pois estava na casa dos setenta, não tinha dinheiro para viajar, e esta seria possivelmente a última vez que iria tomar um copo num bar na Alemanha, embora a influência do aeroporto ali perto implicasse que todos estavam a conversar em inglês. Desejou que Marie estivesse ali consigo. Terminou a bebida e subiu ao quarto, passou a ferro a sua outra camisa e viu televisão durante algum tempo. Tentando imaginar como essa última conversa apareceria no relatório: «Um dos interrogados reportou que Geoffrey Bell em tempos ameaçou atirar uma colega borda fora. Na altura, ele e essa colega estavam envolvidos romanticamente. O interrogado reportou o incidente ao comandante. No entanto, não há qualquer referência ao incidente nos registos de Bell, o que leva a concluir que a empresa não tomou qualquer medida.» Ficou acordado a noite inteira, levantou-se da cama às 04h30 e bebeu quatro canecas de

café antes de descer ao átrio e se encontrar com Saparelli para apanharem o carro em direção ao aeroporto.

— Esse é o mesmo fato que tinha vestido ontem? — perguntou-lhe Saparelli. Estavam sentados lado a lado na cabina de classe executiva, uma hora depois terem levantado voo. Saparelli tinha um aspeto tão terrível como Leon se sentia. Apetecia-lhe perguntar se Saparelli também passara a noite em branco, mas pareceu-lhe demasiado intrusivo.

— A viagem é curta — respondeu-lhe Leon. — Não pensei que fosse precisar de dois.

— Sabe no que estava aqui a pensar? — Saparelli olhava diretamente em frente. — Na maneira como uma mensagem desagradável projeta uma sombra no mensageiro.

— Isso é do Nietzsche?

— Não, é meu. Posso ver o seu bloco de apontamentos?

— O meu bloco de apontamentos?

— O que estava a utilizar no carro, ontem — disse-lhe Saparelli.

Leon extraiu-o do bolso da frente do saco e observou enquanto Saparelli folheou até às últimas páginas de apontamentos, os leu rapidamente e depois rasgou as duas últimas páginas, as dobrou e enfiou dentro de um bolso interior do seu casaco.

— O que está a fazer?

— Por acaso até temos interesses semelhantes — respondeu Saparelli. — Estava a pensar nisso ontem à noite.

— Em que beneficiam os seus interesses de arrancar páginas ao meu bloco de apontamentos? — Leon sentia que deveria estar furioso por causa do bloco, mas estava tão cansado que sentia apenas um temor dormente.

— Sei que não está reformado — disse-lhe Saparelli.

— Desculpe?

— Sei que mora em parques de campismo e que trabalha em armazéns de distribuição no Natal. Sei que passou o último verão a trabalhar num parque de diversões chamado Adventureland. Onde é que era, já não me recordo... no Indiana, certo? — Continuava a olhar diretamente em frente.

Leon ficou em silêncio por algum tempo.

— No Iowa — respondeu, em voz baixa.

— E, no verão antes desse, sei que o Leon e a sua esposa foram anfitriões de campismo no Norte da Califórnia. Sei que esteve há pouco tempo empregado no Marriot, no Colorado, a fazer trabalho subalterno. Sei que esse é o seu único fato. — Virou-se para olhar para Leon. — Não estou a dizer que a culpa é sua. Li sobre o esquema Ponzi quando me deparei com a sua declaração de vítima. Como é óbvio, muitas pessoas inteligentes foram enganadas.

— Então o que está a dizer, exatamente? Não sei bem o que o meu historial profissional tem que ver com...

— Estou a dizer que o Leon quer mais contratos de consultoria, e eu quero poder descer o corredor sem que toda a gente pense: «Ali vai aquele tipo que escreveu aquele relatório péssimo que foi parar às mãos da imprensa e fez com que várias pessoas fossem despedidas.» E o Leon também quer isso. Quer poder passar pelo corredor sem que olhem para si como se fosse uma espécie de avatar da desgraça ou algo assim.

— Está a pensar não incluir essa última conversa no seu relatório.

— Tudo o que esteja fora dos interrogatórios oficiais, ou seja, é tudo uma questão de memória, não é? Gravei os interrogatórios, mas não gravei nada para além disso.

Leon esfregou a testa.

— Podemos, ou não, ter ouvido uma história alarmante — disse Saparelli, em surdina. — Uma história alarmante que não prova nada. Os factos do caso permanecem inalterados. A verdade é que jamais saberemos o que aconteceu porque não estava ninguém presente.

— O Geoffrey Bell estava presente.

— O Geoffrey Bell desapareceu em Roterdão. O Geoffrey Bell vive fora do sistema.

— Não lhe parece suspeito que tenha deixado o navio na primeira paragem depois de...?

— Não tenho como saber por que razão deixou o navio, Leon, e ambos sabemos que nenhuma força policial alguma vez irá

interrogá-lo em relação ao incidente. Veja a coisa desta maneira — disse Saparelli —, independentemente do que eu escrever no meu relatório, a Vincent Smith vai continuar morta. O facto de incluir essa última conversa não terá qualquer efeito positivo. Iria apenas causar danos.

— Mas pretende-se um relatório fiel. — Estava tudo errado. A luz solar que entrava pelas janelas da cabina era demasiado luminosa, o ar estava demasiado quente, Saparelli, demasiado próximo. Os olhos de Leon doíam da privação de sono.

— Digamos que, teoricamente, o relatório inclui todas as conversas que tivemos naquele navio. Isso irá trazer a namorada do Jonathan Alkaitis de volta?

Leon olhou para ele. Observando-o melhor, estava certo de que Saparelli também não pregara olho. Tinha os olhos raiados de sangue.

— Eu não tinha a certeza — respondeu-lhe Leon. — Não tinha a certeza de que fosse a mesma mulher.

— Quantas mulheres conhece com o nome Vincent? Ouça, fui detetive — disse-lhe Saparelli. — Investigo tudo e todos, é um hábito profissional. Parece-me haver aqui um conflito de interesses, não acha? O Leon aceitar este contrato de consultoria que envolve a antiga companheira de um homem que roubou todo o seu dinheiro? A Miranda sabe?

— Nunca escondi nada — retorquiu Leon. — Está tudo disponível *online*...

— Disponível *online* não é o mesmo que recusar tomar parte de algo. Não lhe disse, pois não?

— Ela podia ter pesquisado. Bastava escrever o meu nome no Google...

— Porque haveria de fazer tal coisa? O Leon é um ex-colega de confiança. Quando foi a última vez que pesquisou no Google alguém da sua confiança?

— Meus senhores — disse a hospedeira de bordo —, posso trazer-vos mais alguma coisa para beber?

— Café — respondeu Leon. — Com leite e açúcar, por favor.

— Para mim também, obrigado. — Saparelli recostou-se no assento. — Se pensar bem — disse ele —, vai chegar à conclusão de que tenho razão.

Leon estava no lugar junto à janela; contemplou o Atlântico matinal, profundamente incomodado. Não se viam embarcações lá em baixo, mas vislumbrou outro avião ao longe. O café chegou. Decorreu imenso tempo até Saparelli voltar a falar.

— Vou dizer à Miranda que o Leon foi extremamente útil e que foi ótimo tê-lo por perto e irei recomendar que passem a contratá-lo para futuros trabalhos de consultoria.

— Obrigado — respondeu-lhe Leon. Foi tão simples como isso.

4

Depois da Alemanha, Leon recomeçou a ver o país-sombra, pela primeira vez em algum tempo. Nos últimos anos, não reparara nele; após o choque inicial dos primeiros meses na estrada, desaparecera nos recônditos da sua mente. Mas uns dias depois de ter regressado da Alemanha, numa paragem de camiões na Geórgia, calhou Leon espreitar pela janela no mesmo instante em que uma rapariga descia de um camião semirreboque ali perto. Estava vestida normalmente, com calças de ganga e uma *T-shirt*, mas percebeu o que ela era ao mesmo tempo que reparara no facto de ser muito nova. Desapareceu entre os camiões.

Numa estação de serviço, nessa mesma noite, viu outra rapariga descer de outro camião, dessa vez alguém que andava à boleia, com uma mochila às costas. Que idade teria? Dezassete. Dezasseis. Vinte anos, mas com um ar ainda mais jovem. Não podia precisar. Reparou nas olheiras dela sob a luz azulada dura. Ela apercebeu-se de que ele a olhava e avaliou-o com uma expressão vazia. Olhamos fixamente para a rua, e a rua retribui esse olhar. Leon sabia que ele e Marie tinham mais sorte do que a maioria dos cidadãos do país-sombra, tinham-se um ao outro, a autocaravana e dinheiro suficiente (à justa) para sobreviverem, mas o marcador essencial de cidadania era o mesmo para todos: todos haviam sido

abandonados, tinham-se esgueirado sob a superfície dos Estados Unidos, estavam à deriva.

As pessoas passavam a vida inteira a deslocar-se entre países, ou pelo menos assim parecia a Leon. Desde o colapso do Ponzi, muitas vezes dava por si a pensar num ensaio que lera em tempos, escrito por um homem com uma doença terminal, um homem que escrevera com gratidão sobre os técnicos de emergência médica que tinham aparecido quando acordara certa manhã e constatara estar demasiado doente para funcionar, homens bondosos que o tinham levado delicadamente para o país dos doentes. Essa ideia nunca mais saía da cabeça de Leon e, depois da Alemanha, durante as longas horas ao volante da autocaravana, começou a formular uma filosofia sobre países sobrepostos e em camadas. Se uma infelicidade médica nos manda para o país dos doentes — que tem os seus próprios rituais, costumes, tradições e regras —, então um Alkaitis manda-nos para um território instável, o país dos enganados. Coisas que se tornaram impossíveis depois de Alkaitis: reforma, uma casa sem rodas, confiar noutras pessoas além de Marie. Coisas que se tornaram impossíveis depois de ter visitado a Alemanha com Michael Saparelli: a certeza da sua própria moralidade, continuar a acreditar que era uma pessoa essencialmente incorruptível, telefonar a Miranda a perguntar sobre outras oportunidades de consultoria.

Uma semana depois de ter regressado da Alemanha, recebeu um *e-mail* de Saparelli com um *link* para um vídeo protegido com uma palavra-passe. O *e-mail* dizia: «Examinámos o portátil da Menina Smith e revimos horas de vídeos. Vários vídeos como este, outros gravados em péssimas condições atmosféricas. Achei que deveria vê-lo; corrobora a nossa convicção de que a morte dela muito provavelmente terá sido accidental. Lembre-se de que estava mau tempo na noite em que desapareceu.»

Tratava-se de uma gravação curta, mais ou menos cinco minutos, filmada de um convés traseiro, à noite. Vincent filmara o oceano por vários minutos, e depois o ângulo da câmara mudara: deu um passo em frente e espreitou por cima da amurada, que nesse convés em

particular não era muito alto. Debruçou-se sobre o mesmo de uma maneira alarmante, pelo que a imagem focava diretamente o oceano, lá em baixo.

Leon viu o vídeo mais duas vezes e depois fechou o portátil. Compreendia que Saparelli estava a ter uma atenção para com ele, enviando-lhe provas a fim de aplacar a consciência de Leon e de consolidar a narrativa do relatório. Leon e Marie encontravam-se no estado de Washington nessa noite, num parque de campismo privado praticamente deserto na época baixa. A noite caía lá fora, as silhuetas dos ramos dos abetos e dos cedros negras num fundo de céu esbatido. O vídeo não provava nada além de uma certa imprudência, mas ajudava a compor uma narrativa: mares revoltos, ventos fortes, uma mulher distraída num convés escorregadio, uma amurada baixa. Talvez Bell tivesse abandonado o navio por ter matado a namorada, mas, por outro lado, talvez tivesse abandonado o navio porque a mulher que amava desaparecera.

— Isto aqui é tão bonito — disse Marie certa noite, um ano depois de Leon ter regressado da Alemanha. Não tinha havido mais trabalhos de consultoria. Tinham acabado de fazer a época pré-Natal num armazém no Arizona, dez horas por dia de um lado para o outro num piso de betão, com um digitalizador manual, a baixarem-se constantemente para pegar em coisas pesadas, e tinham-se retirado para um parque de campismo nos arredores de Santa Fé, a fim de recuperar. Trabalho duro e que se tornava mais duro a cada ano que passava, mas tinham ganhado dinheiro suficiente para mandar arranjar o motor e acrescentar mais alguma coisa ao fundo de emergência, e agora estavam a descansar no deserto elevado. Do outro lado da estrada, via-se um pequeno cemitério com cruces de madeira e de cimento, com uma vedação de madeira branca meio solta a toda a volta do perímetro.

— Podia ser bem pior — respondeu-lhe Leon. Estavam sentados num banco de piquenique junto à autocaravana, a contemplar a vista composta por montanhas distantes assumindo uma tonalidade violeta ao pôr do sol, e nesse instante ele sentiu que tudo estava bem no mundo.

— Passamos por este mundo tão ligeiros — disse Marie, citando erradamente o verso de uma das canções favoritas de Leon, e por um afetuoso instante julgou que estivesse a referir-se, em geral, a toda a humanidade, a todas as vidas individuais que tocavam a superfície do mundo deixando poucos vestígios, mas depois compreendeu que se referia a eles em específico, a Leon e Marie, e o arrepio que sentiu não se deveu à noite que chegava de mansinho. Quando tinham trinta e muitos anos, decidiram não ter filhos, o que na altura lhes parecera uma maneira sensata de evitar complicações e desgostos desnecessários, e essa decisão conferira um certo sossego à vida de ambos, algo pelo qual sempre fora muito grato, a sensação de um bem-aventurado desimpedimento. Mas um impedimento também podia ser entendido como uma âncora, e a verdade era que nos últimos tempos dava por si a pensar que não se importaria nada de estar mais ancorado a este mundo.

Ficaram sentados a ver o sol desaparecer atrás das montanhas, deixando-se ficar na rua até muito depois de ter escurecido, até o céu se iluminar de estrelas, mas tinham de voltar para dentro, pelo que se levantaram algo doridos e regressaram ao calor da autocaravana, dando início a todo o ritual de se prepararem para ir dormir e de darem um beijo de boas-noites. Marie apagou a luz e adormeceu no espaço de poucos minutos. Leon deixou-se ficar acordado na escuridão.

O CORO DO ESCRITÓRIO

Dezembro de 2029

— O emprego mais digno de memória? — Ouve-se Simone dizer numa festa em Atlanta, onde mora com o marido e três filhos e trabalha numa empresa que vende roupa na Internet. — Ah, essa é fácil. — Está num círculo de amigos e é o centro das atenções. — Alguém se lembra do Jonathan Alkaitis? Aquele esquema Ponzi, em 2008?

— Não — responde-lhe a assistente. Chama-se Keisha. Tinha três anos quando Alkaitis fora preso.

— *Esse Jonathan Alkaitis?* — Um colega mais velho. — Roubou todas as poupanças da reforma dos meus avós.

— Oh, meu Deus, isso é terrível — responde Keisha. — O que fez ele?

— O meu avô? Passou os últimos dez anos de vida enfiado no quarto de hóspedes da minha mãe. Nunca conheci ninguém tão amargo como ele. Simone, tinha alguma ligação com o Alkaitis?

— Fui a última secretária dele antes de ter sido preso.

— Não me diga!

— Oh, meu Deus — exclama Keisha, olhando para a chefe com o ar típico das assistentes administrativas que acabam de perceber que a chefe também já foi assistente administrativa.

— Tinha acabado de me mudar para Nova Iorque — explica Simone —, portanto, devia ter uns doze anos, e a cidade tinha um certo brilho. Arranjei trabalho em menos de nada, num gabinete financeiro em Midtown, tarefas de receção com um pouco de trabalho de secretariado à mistura. Três semanas depois, estou eu prestes a morrer de tédio, quando um dia entro numa reunião com um tabuleiro de cafés...

— Tinha de servir cafés? — Keisha tem de servir cafés duas vezes por dia.

— E isso não era a coisa mais aborrecida que tinha de fazer — responde-lhe Simone, optando por ignorar o tom de voz de Keisha.

— Bem, o Alkaitis estava a ter uma reunião com o pessoal e pede cafés, por isso levo-lhos num tabuleiro. Assim que entro na sala, sinto o ambiente muito carregado. Como se toda a gente estivesse assustada. Não sei bem como explicar, era como se... Ajuda-me lá, Keisha, tu é que tiraste uma licenciatura em Poesia.

— Um ambiente de receio?

— Obrigada, era exatamente isso. Um ambiente de receio, como se alguém tivesse acabado de dizer algo terrível. Estou eu a sair com o tabuleiro e, quando vou a fechar a porta, ouço o Alkaitis dizer: «Todos sabemos o que se faz aqui.»

— Ena. E isso foi antes de ter sido preso?

— No dia anterior, precisamente. Uma hora depois, vai ter comigo e pede-me para ir comprar máquinas destruidoras de papel. — Tem vindo a apurar a história ao longo dos anos, tornando-a cada vez mais interessante e divertida, e agora, como sempre, tem de eliminar cuidadosamente a imagem de Claire na traseira do monovolume preto que a levou para casa nessa noite. O que será feito de Claire? Não quer saber.

— Mas o que era, exatamente? — pergunta-lhe Keisha, perto do fim da história. — Secretária ou rececionista?

— Fazia um pouco das duas coisas — responde-lhe Simone. — Talvez mais a segunda. Isso interessa?

— Bem, provavelmente apenas do ponto de vista semântico — diz Keisha com a hesitação típica das pessoas que sabem que mais ninguém está tão interessado nesse assunto como elas, e a conversa continua. Simone esquece-se de perguntar o que ela quer dizer, mas depois pesquisa-o, no silêncio do seu quarto, com o marido a dormir ao seu lado. Nunca foi secretária de Alkaitis, apercebe-se agora, depois de pesquisar a palavra. Uma secretária é uma guardiã de segredos.

Por essa altura, quando Simone se encontra na casa dos quarenta e muitos, já o resto das pessoas cumpriu as respetivas penas — quatro anos, oito anos, dez anos — e foi libertado da prisão, embora Oskar tivesse sido desencarcerado e mais tarde readmitido por um crime diferente. Somos libertados em anos distintos e de estabelecimentos prisionais também muito diferentes. Emergimos para um mundo alterado em vários estádios de desordem, com os nossos pertences nos braços. Harvey é o primeiro, pois, face à preciosa ajuda que prestou à acusação, foi-lhe subtraído o tempo passado em prisão preventiva — quatro anos decorridos entre o inferno ordeiro do Centro Correccional Metropolitano, na zona baixa de Manhattan, e os opulentos escritórios do agente de execução nomeado pelo tribunal, na zona alta, quatro anos como guia turístico do Ponzi durante o dia e deitado sozinho na cela à noite e aos fins de semana — e, após o cumprimento da sentença, obtém autorização do seu oficial de liberdade condicional para deixar o estado e mudar-se para Nova Jérсия, onde a irmã tem uma gelataria. Vende gelados perto da praia e mora na cave dela.

Ron evitou a condenação, mas não o divórcio. Mora com os pais em Rochester, no Norte do estado de Nova Iorque, e trabalha na bilheteira de uma sala de cinema.

Oskar e Joelle são deixados em centrais rodoviárias, em anos e estados diferentes: Joelle viaja da Florida a Charlotte, na Carolina do Norte, onde espera imenso tempo sentada na sala de espera da Greyhound, enquanto observa as mães com os filhos, até que por fim a irmã chega, atrasada como de costume, a tagarelar sobre o trânsito e o estado do tempo e sobre o quarto de hóspedes, onde Joelle poderá ficar o tempo de que necessitar até voltar a endireitar a sua vida, seja o que for que isso signifique. Oskar fica parado algum tempo diante do painel de informação da estação de autocarros de Indianápolis, até que por fim entra num autocarro com destino a Lexington, o destino escolhido porque o autocarro vai partir em breve e ele tem dinheiro para esse bilhete. Adormece e acorda nas montanhas, sob um céu carregado de nuvens, os pinheiros a trespassarem a neblina em colinas íngremes, e a beleza

pura do mundo traz-lhe as lágrimas aos olhos. É uma paisagem à qual se agarra quando é detido por consumo de drogas, um ano mais tarde, algemado no passeio às duas da manhã e empurrado para o interior do carro-patrulha, onde fecha os olhos a caminho da esquadra e regressa a esse momento no autocarro, a caminho do Kentucky, uma visão de encostas íngremes, pinheiros e neblina.

Enrico tem duas filhas pequenas e uma esposa que julgam que o seu nome é José. Não é um casamento particularmente feliz, mas têm uma boa casa junto à praia. As restantes pessoas vivem obcecadas com Enrico. Nas nossas imaginações, tornou-se uma figura heroica, levando uma vida de entusiasmo e mistério do outro lado da fronteira sul. Mas, na vida real, observa as filhas e a mulher a perseguirem-se na praia, à luz do crepúsculo, e pensa como irão desenrascar-se se — não «se», «quando», com toda a certeza é uma questão de «quando» — for finalmente detido e levado para longe. Não consegue livrar-se desse receio. Em tempos sentira-se orgulhoso por ter escapado ao destino, mas nos últimos tempos sente-o aproximar-se, o seu destino cada vez mais iminente, vindo de uma longa distância. Está sempre à espera de ver um carro de vidros fumados passar lentamente, de um toque no ombro, de alguém a bater à porta.

O HOTEL

1

Numa noite no final da primavera, no Hotel Caiette, em 2005, a noite em que o empregado da limpeza estava a varrer o átrio quando uma hóspede lhe dirigiu a palavra.

— Falhou aquele sítio ali — informou-o ela. Paul forçou uma espécie de sorriso e amaldiçoou a sua vida.

— Estou a brincar — disse a hóspede. — Peço desculpa, foi uma piada parva. Mas agora a sério: pode chegar aqui um instante? — A mulher estava parada junto à janela, com um uísque na mão. Já tinha alguma idade, ou pelo menos assim pareceu a Paul na altura — em retrospectiva, provavelmente tinha apenas 40 anos —, mas havia algo de atraente nela. Passava a imagem de quem tinha a vida completamente organizada, algo a que Paul somente poderia aspirar. Pegou na vassoura num gesto meio desajeitado e aproximou-se dela.

— Posso ajudá-la com alguma coisa? — Estava satisfeito consigo próprio por se ter lembrado de o perguntar. Soava a algo que um mordomo diria, o que era mais ou menos o que pretendia. De vez em quando, captava um vislumbre, se não exatamente dos prazeres da indústria da hospitalidade, pelo menos dos prazeres da competência profissional. Percebia que podia haver uma certa satisfação em ser-se competente no trabalho que se fazia, do mesmo modo que Vincent era competente no seu trabalho. Fora sempre um empregado indiferente. Nesse momento, Vincent encontrava-se na outra extremidade do átrio, a rir-se com um hóspede que lhe contava a história de uma viagem de pesca que corraera hilarantemente mal.

— Seria possível falar consigo em privado? — perguntou-lhe a mulher. Paul olhou por cima do ombro para a receção, onde Walter empregava os seus consideráveis poderes apaziguadores com um

casal norte-americano furioso porque o quarto com jacúzi pelo qual tinham pagado revelara ser exatamente um quarto com jacúzi e não uma *suite* com banheira de hidromassagem de casal. — Sou a Ella Kaspersky — disse ela. — Como se chama?

— Paul. Prazer em conhecê-la.

— Paul, há quanto tempo trabalha aqui?

— Não muito. Uns meses.

— E tenciona continuar por muito mais tempo?

— Não. — Não pensara antes de o dizer, mas a resposta soava-lhe verdadeira. Era claro que Paul não iria ficar ali. Deixara Vancouver e viera com o intuito de se afastar de amigos com maus hábitos e porque Vincent já lá estava e lhe dissera que era um sítio agradável onde trabalhar, mas logo no final da sua primeira semana de trabalho percebera que cometera um erro. Detestava estar de volta a Caiette. Detestava morar no mesmo edifício que os colegas de trabalho; parecia-lhe algo claustrofóbico. O empregado de mesa que morava no quarto ao lado fazia sexo com uma subchefe de cozinha todas as noites, e Paul, que era extremamente solteiro, ouvia todos os sons que eles faziam. Não gostava do chefe, Walter, nem do chefe de Walter, Raphael. Sentia falta do pai, que morrera havia uns meses, mas que, por alguma razão, Paul estava sempre à espera de ver quando ia até à aldeia. — Aliás — disse-lhe —, ando a pensar ir-me embora em breve. Talvez muito em breve.

— O que gostaria de fazer em vez disto?

— Sou compositor. — Julgara que, ao proferi-lo em voz alta, o tornaria mais real, mas dizê-lo em voz alta apenas o fez sentir-se uma fraude. Andava a compor música que não mostrava a ninguém. Situava-se algures entre a música clássica e a eletrónica, e não tinha qualquer confiança no seu trabalho.

— Imagino que seja uma área complicada de conquistar.

— Muito — retorquiu ele. — Vou continuar a trabalhar em hotéis ao mesmo tempo que trabalho na minha música, mas quero voltar para a cidade.

— Uma coisa é descansar e carregar baterias no meio de nenhures — disse Ella —, mas imagino que morar aqui seja bem diferente.

— Exato, sim, é isso mesmo. Detesto. — Ocorreu-lhe que talvez não devesse falar dessa maneira com um hóspede — Walter ficaria furioso —, mas, se tencionava ir-se embora, que diferença fazia?

— Gostaria de lhe contar uma história — disse Ella —, que acabará numa proposta de negócio, algo que implicaria o Paul ganhar algum dinheiro. Está interessado?

— Sim.

— Deixe-se estar aí, e olhamos os dois pela janela. Se aquele seu gerente reprimido lhe perguntar alguma coisa mais tarde, eu estava a perguntar-lhe sobre pesca e geografia local. Combinado?

— Combinado. — O mistério era maravilhoso e consolidava a sua vontade de partir, pois, mesmo que ela se calasse nesse instante e não voltasse a abrir a boca, ainda assim, seria a coisa mais interessante que acontecia em várias semanas.

— Há um homem chamado Jonathan Alkaitis que mora na cidade de Nova Iorque — explicou ela. — Temos uma coisa em comum, ou seja, ambos somos clientes habituais deste hotel. Ele virá para cá dentro de dois dias.

— É detetive ou algo do género?

— Não, só dou gorjetas extravagantes a funcionários de receção exaustos. Enfim. Quando ele chegar, quero deixar-lhe uma mensagem.

— E quer que eu lha entregue?

— Sim, mas não estamos a falar de enfiar um envelope por baixo de uma porta. Quero que seja entregue de uma maneira inesquecível. Quero que ele fique abalado com a mensagem. — Os olhos dela brilhavam. Apercebeu-se, pela primeira vez, de que estava muito embriagada.

— Conheci uma rapariga que uma vez escreveu um graffiti numa janela da escola com um marcador fluorescente — disse ele. — Algo desse género?

— O Paul é perfeito — respondeu ela.

Quando Paul escreveu a mensagem, parecia que tinha estrelas a explodirem-lhe dentro do peito. Foi como dar uma corridinha debaixo de uma tempestade de verão. Na noite combinada, saiu

para ir jantar e contornou silenciosamente o exterior do edifício, onde escondera uma camisola com capuz de um tamanho excessivamente grande e com um marcador fluorescente no bolso. De seguida, posicionou-se perto do terraço da frente, longe da poça de luz que jorrava do interior do hotel. Havia uma brisa nessa noite, o que permitia que os seus movimentos passassem despercebidos, os passos abafados por todos os pequenos ruídos da floresta, o estalar de galhos e o roçar do vento. O porteiro da noite permaneceu imenso tempo junto à porta, demasiado perto dele, e Paul quase não conseguiu completar a missão, mas depois Larry consultou o relógio de pulso e tornou a entrar, desaparecendo no interior do átrio, caminhando na direção da sala dos funcionários. Era a pausa para café. Uma nuvem encobriu a lua, e isso pareceu-lhe um sinal, a noite a conspirar para o esconder. Tirou a tampa do marcador e saiu rapidamente para o terraço, o coração a bater furiosamente, a cabeça baixa. «E que tal engolires pedaços de vidro?» Escreveu a mensagem ao contrário, tal como praticara no quarto, e depois escapuliu-se novamente para a floresta, e, qual coreografia, a nuvem descobriu a lua, e a mensagem ficou iluminada. Contornou a parede lateral do hotel e regressou ao edifício reservado aos funcionários. Era impossível deslocar-se sem fazer barulho, mas a floresta noturna estava cheia de ruídos. No edifício dos funcionários, decorria uma espécie de festa, luz e música jorrando da *suite* no segundo andar, o pessoal do dia a embriagar-se para adormecer a angústia do atendimento ao público.

Despiu a camisola com capuz e descalçou as luvas, enrolou tudo numa bola e enfiou-a dentro dos arbustos, na base de um pedaço de tronco. Em seguida, saiu para o caminho de acesso que ligava o edifício dos funcionários ao hotel e emergiu da floresta para a luminosa poça de luz proveniente do hotel, para que, caso alguém estivesse a vê-lo do hotel, parecesse que regressara momentaneamente ao seu quarto. Consultou o relógio de pulso e optou por uma caminhada lenta até à porta lateral, nada fora do normal, somente o desfrutar de um pouco de ar puro, estimulado pelo prazer duplo da ação e do secretismo, e essa elação durou até ao momento em que ele entrou no átrio e viu o cenário: o hóspede

parado no meio do átrio, abalado; o gerente da noite a sair de trás do balcão da receção; a irmã a erguer o olhar do copo que estava a polir atrás do bar; todos fitavam as palavras na janela, e a expressão no rosto de Vincent era insuportável, um olhar de tristeza e horror viscerais. O hóspede virou-se, e Vincent desviou o olhar, ao mesmo tempo que Walter se aproximava numa onda de eficiência e tranquilização — «Permita-me que lhe traga mais uma bebida, é por conta da casa, claro, lamento imenso que tivesse de ver isto», etc. —, enquanto Vincent olhava fixamente para o copo que estava a polir e Paul permanecia no interior da porta, invisível. Por algum motivo, não lhe ocorrera que outras pessoas iriam ver a mensagem. Saiu novamente para o ar frio da noite e deixou-se ficar na rua por algum tempo, os olhos fechados, a tentar controlar-se, antes de fazer uma segunda e mais óbvia entrada, fechando a porta ruidosamente atrás de si, procurando comportar-se de uma forma descontraída, mas com o olhar a incidir de imediato sobre o rododendro que alguém — possivelmente Larry — empurrara para a frente da janela.

Walter observava-o detrás do balcão.

— Aconteceu alguma coisa à janela? — indagou Paul. Aos seus próprios ouvidos, a sua voz soara errada, demasiado aguda e desafinada.

— Infelizmente, sim — respondeu-lhe Walter. — Um grafiti extremamente desagradável.

«Ele pensa que fui eu», pensou Paul, sentindo-se inesperadamente ofendido.

— O Sr. Alkaitis viu-o?

— Quem?

— O Walter sabe. — Paul acenou com a cabeça na direção do hóspede, o homem na casa dos cinquenta que fitava a própria bebida.

— Aquele não é o Sr. Alkaitis — retorquiu Walter.

Santo Deus. Paul arranjou uma desculpa para se retirar e dirigiu-se para o bar, onde Vincent acabara de polir os copos e passara a limpar o pó imaginário das garrafas.

— Então? — perguntou-lhe e, quando ela ergueu o olhar, ficou chocado por lhe ver lágrimas nos olhos. — Estás bem?

— Aquela mensagem no vidro... — sussurrou ela.

Apeteceu-lhe ir-se embora nesse preciso instante, deixar todos os seus pertences para trás, chamar um táxi aquático do átrio, caminhar até ao cais, apanhar uma boleia até Grace Harbour e continuar a andar.

— Deve ter sido um miúdo com os copos.

Ela limpou sub-repticiamente as lágrimas com um guardanapo de *cocktail*.

— Desculpa — disse-lhe —, mas estou demasiado perturbada para conseguir falar.

— Claro — replicou ele, atolado nesse tipo de autodepreciação contra o qual fora avisado aquando do processo de desintoxicação. Apercebeu-se de uma concentração de atenção no átrio; Walter saía detrás do balcão da receção, e Larry retirava um carrinho portamalas do armário discreto junto ao piano. Vincent bebia um café rápido. Na parede de vidro do hotel, o átrio encontrava-se refletido com a fidelidade exata de um espelho, mas agora o reflexo fora interrompido por uma luz branca na água, um barco que se aproximava. Jonathan Alkaitis estava a chegar.

2

Três anos depois, em dezembro de 2008, Walter leu a notícia sobre a detenção de Alkaitis na receção, e o sangue esvaiu-se-lhe todo da cabeça. Khalil, o empregado de bar de serviço nessa noite, viu-o desaparecer de vista e, no espaço de segundos, estava ao seu lado, com um copo de água fria.

— Walter, aqui tem, respire fundo...

E Walter tentou respirar, tentou beber a água, tentou não desmaiar, com uma série de estrelas a nadarem-lhe no campo de visão. Os colegas de Walter estavam ajoelhados à volta dele, a perguntar-lhe o que se passava e a falar em chamar o táxi aquático e em levá-lo para um hospital, e depois Larry reparou na notícia do *New York Times* no ecrã do computador e exclamou:

— Ah...

— Eu era um dos investidores — disse Walter, tentando explicar.

— Do Alkaitis? — indagou Larry.

— Ele esteve cá no verão passado, lembraste? — Walter tinha a sensação de estar prestes a vomitar. — Ele e a Vincent. Conversei com ele certa noite, começámos a falar sobre investimentos, disse-lhe que tinha umas poupanças...

— Meu Deus — exclamou Larry. — Walter. Lamento.

— Ele agiu como se me estivesse a fazer um favor — respondeu Walter. — Deixando-me investir no fundo dele.

Larry ajoelhou-se e pousou-lhe a mão no ombro.

— Não pode ter *desaparecido* — disse Walter. — Não pode ter simplesmente desaparecido. Eram as minhas poupanças de uma vida inteira.

Aqui, uma falha de memória: como regressou Walter ao seu apartamento? Em retrospectiva é um pouco confuso, mas, algum tempo depois, estava deitado em cima da cama, a fitar o teto, completamente vestido, à exceção dos sapatos, um copo de água em cima da mesa de cabeceira.

Foi mais ou menos por volta das 20h00 que Walter foi falar com Raphael ao gabinete deste.

— Não sei de nada — respondeu-lhe Raphael. Fazia rodar uma caneta nos nós dos dedos da mão esquerda, um movimento nervoso e rápido cuja mecânica escapava a Walter. Como é que a caneta não caía? — Temos de esperar que nos digam alguma coisa dos Estados Unidos.

— Alguma coisa sobre o quê? — Walter olhava fixamente para a caneta.

— Bem, alguma coisa sobre qual vai ser o nosso destino, correndo o risco de soar um pouco melodramático. Acabei de falar ao telefone com o escritório central, e pelos vistos há um agente de execução em Nova Iorque, um advogado qualquer nomeado por um juiz, para gerir toda a confusão do Alkaitis, por isso presumo que o destino do hotel seja uma decisão desse agente.

Quis o destino que o *suspense* fosse de pouca dura. Perto do final da semana seguinte, chegou a informação ao hotel de que o

agente de execução decidira vender a propriedade, de forma a recuperar o máximo possível para os investidores no menor período possível. Por uns tempos, houve rumores de que a empresa gestora do hotel pudesse comprar a propriedade, mas Raphael estava algo cético em relação a isso.

— Vou contar-te um segredo — disse Raphael a Walter. — Há quatro anos que este hotel não tem lucro. Se houver realmente um comprador, não será um hoteleiro.

— Quem mais o iria comprar?

— Exatamente — respondeu-lhe Raphael.

Quando o seu destino se tornou evidente — a propriedade para venda sem perspectiva de compradores no imediato, o hotel com encerramento de portas agendado para dali a três semanas —, Walter foi acometido por uma ideia estranha. Toda a gente partiria, mas isso significaria necessariamente que Walter também teria de partir? Numa das manhãs mais calmas na receção, pouco antes da mudança de turno, fez a quarta tentativa de contactar o agente de execução pelo telefone, até que conseguiu finalmente passar pela secretária de Alfred Selwyn.

— Daqui fala Selwyn.

— Sr. Selwyn, daqui Walter Lee. Espero que perdoe a minha insistência — disse-lhe Walter —, mas esperava poder falar consigo sobre um assunto bastante urgente, pelo menos para mim...

— Em que posso ajudá-lo, Sr. Lee?

Walter não sabia bem o que esperara. Algo saído de um drama jurídico, pensava ele, um tubarão traiçoeiro com uma pronúncia desagradavelmente norte-americana, mas Alfred Selwyn era cortês e falava num tom calmo, dando a impressão de escutar atentamente enquanto Walter vendia o seu peixe.

— Tanto quanto me é dado a entender — respondeu-lhe Selwyn —, a propriedade fica num lugar muito remoto, não é verdade?

— Não totalmente — retorquiu Walter. — Posso estar em Grace Harbour no espaço de uma hora, se chamar um táxi aquático.

— E Grace Harbour é um centro populacional com uma dimensão normal? Peço desculpa, dê-me só um segundo... — Uma ligeira agitação enquanto Selwyn tapava o bocal com a mão. — Sr.

Alexander — ouviu-o Walter dizer, a voz abafada pela mão —, sente-se, por favor, que falo já consigo. Lorraine, traz-me um café, por favor, para mim e para o Harvey. — Mais um roçagar, e a voz de Selwyn recuperou a nitidez normal. — Peço desculpa. O que estou a tentar perceber, correndo o risco de soar demasiado brusco, é se o senhor não irá enlouquecer ficando a morar sozinho num hotel no meio do nada.

— Compreendo a sua preocupação — replicou Walter —, mas a verdade é que adoro morar aqui. — Ouviu-se falar sobre o prazer de morar num sítio tranquilo e de uma beleza natural imensa e sobre a simpatia dos habitantes da aldeia mais próxima, Caiette (um exagero, pois a maioria detestava as pessoas de fora), e a única coisa em que conseguia pensar era: «Por favor, por favor, por favor, deixa-me ficar.» Seguiu-se um instante de silêncio do outro lado do monólogo.

— Bem — disse Selwyn —, está a conseguir convencer-me. Pode enviar-me algumas referências até ao final da semana? Incluindo a do seu atual supervisor, se possível?

— Com certeza — retorquiu Walter. — Obrigado por ter a minha proposta em consideração. — Quando desligou, sentia-se mais leve do que em muito tempo, desde a noite em que lera a notícia sobre a detenção. Olhou para o átrio e imaginou toda a gente fora dali.

— Queres fazer o quê? — perguntou Raphael quando Walter o abordou. Tinha um dossiê aberto em cima da secretária. Walter viu uma tabela intitulada RevPAR 2007–2008, que ocupava duas páginas. Receita por quarto disponível. Raphael ia mudar-se para um hotel em Edmonton e passava os dias a ler sobre a sua nova propriedade.

— O hotel precisa de um zelador — respondeu-lhe Walter. — O Selwyn concordou comigo que não é do interesse de ninguém deixá-lo ficar a cair aos bocados.

— Ouve, tenho todo o gosto em dar-te uma excelente referência, Walter, mas custa-me a acreditar que queiras ficar aqui sozinho. Tens alguma data limite em vista?

— Oh, sim, é claro que não ficaria aqui para *sempre* — respondeu-lhe Walter, de forma a tranquilizá-lo, mas não seria a pior coisa do mundo, pensou ele no caminho de regresso ao edifício dos funcionários. Caiette fora o primeiro lugar que alguma vez amara verdadeiramente. Não havia outro sítio para onde preferisse ir. «Deem-me sossego», pensou ele, «deem-me florestas e oceano e nada de estradas. Deem-me uma caminhada até à aldeia pelo meio dos bosques no verão, deem-me o som do vento nos ramos dos cedros, deem-me a neblina que se ergue do mar, deem-me a vista sobre ramos verdes da minha banheira todas as manhãs. Deem-me um lugar sem pessoas, pois jamais voltarei a confiar verdadeiramente em alguém».

3

Uma década depois, em Edimburgo, Paul recebeu o copo de vinho do empregado de bar, virou-se para regressar à multidão, e lá estava ela à sua frente.

— Tu — disse ele, porque não se lembrava do nome dela.

— Olá, Paul. — Era exatamente como a recordava: uma pessoa pequena e esbelta, com um corte de cabelo muito preciso, envergando um elegante fato completo e um colar que parecia envolver um mosquito preso num pedaço de âmbar do tamanho de uma noz. Mas quem era ela? Estava sob o efeito do *jet lag* e ligeiramente embriagado e, além disso, era tão mau a recordar rostos e nomes que ultimamente começara a interrogar-se se seria alguma *coisa* ou uma sociopatia *borderline* («Serei tão egocêntrico que não vejo as outras pessoas?») ou uma variação ligeira de cegueira facial, um problema neurológico em que não reconhecemos a nossa própria mulher se ela cortar o cabelo, não que fosse casado. Pensou em tudo isso enquanto a mulher-mistério esperava pacientemente, de uísque na mão.

— Não te quero apressar — disse ela, por fim —, mas ia agora fumar um cigarro para o terraço. Talvez queiras vir comigo, enquanto pensas mais um bocadinho?

Tinha uma pronúncia norte-americana, mas de pouco serviu para o ajudar a identificá-la. A festa chamara uma parte do público do Festival de Edimburgo, e uma boa percentagem dos convidados tinha pronúncia norte-americana. Murmurou algo pouco eloquente e seguiu-a por entre a multidão, mas a sua identidade só lhe veio à mente quando já estavam sozinhos no terraço há algum tempo e ela acendeu o próprio cigarro.

— Ella — disse Paul. — Ella Kaspersky. Peço imensa desculpa. Estou com um pouco de *jet lag*...

Ella encolheu os ombros.

— É normal, vemos a pessoa fora do contexto... — Deixou o resto do pensamento no ar. — Além de que já passou imenso tempo.

— Treze anos?

— Sim.

Estava frio no terraço, e ele queria voltar para dentro. Não, para dentro não, para o hotel. O frio não era o verdadeiro problema. Em termos práticos, viajar na classe económica de Toronto para Edimburgo significava que estava acordado há dois dias, o que se incluía na categoria cada vez mais vasta de coisas que era possível fazer aos dezoito anos, mas não agora que estava a entrar na meia-idade. Ver Ella Kaspersky só o fazia sentir-se pior. E isso devia ser algo perceptível na sua expressão, pois Ella pareceu amansar, ainda que ligeiramente, e tocou-lhe no braço ao de leve.

— Há treze anos que ando para te pedir desculpa — disse-lhe ela. — Estava muito zangada em Caiette e tinha bebido de mais. Deixei que esses sentimentos levassem a melhor. Não devia ter-te pedido para fazeres aquilo.

— Eu podia ter recusado.

— Devias ter recusado. Mas eu é que nunca to deveria ter pedido.

— Bem — retorquiu ele —, pelo menos tinha razão em relação ao Alkaitis. — Nunca estivera particularmente interessado nas notícias, mas lera um livro sobre o Ponzi que saíra uns anos depois, à procura de notícias sobre a irmã. No livro, Vincent era uma personagem insignificante, estando as suas citações limitadas a

excertos retirados da transcrição de um testemunho. Era evidente que o autor não conseguira assegurar uma entrevista com ela, embora houvesse imensa especulação sobre a opulência material da sua vida com Alkaitis.

— Sim. Eu tinha razão.

— Sabia que ele vivia com a minha irmã? — Estava a fumar um cigarro, embora não se lembrasse propriamente de Kaspersky lho ter dado. Ultimamente, o tempo parecia andar aos soluços.

— Estás a falar a sério?

— Ela era empregada de bar no Hotel Caiette — explicou. — Um homem entra num bar, uma coisa leva à outra e...

— Incrível. Vi fotografias dele com uma mulher jovem, mas nunca a associei ao hotel.

— Lembra-se de uma empregada de bar muito bonita com o cabelo escuro e comprido?

Ela franziu o sobrolho.

— Talvez. Não. Não, para ser sincera, não me lembro nada dela. O que foi feito dela depois do que aconteceu?

— Não estamos em contacto — disse Paul. Para Paul, Vincent existia numa espécie de animação suspensa. Na primeira noite da série de concertos que dera na Brooklyn Academy of Music, em 2008, vira-a assim que entrara no palco. Estava sentada na fila da frente, numa das extremidades; os olhos dele fixaram-se nela, e o seu coração acelerou. Conseguiu aguentar-se durante a primeira música e, quando tornou a olhar, cerca de dez minutos depois, ela já lá não estava, um lugar vazio a bocejar na escuridão. Nessa noite, procrastinou durante duas horas antes de deixar a sala de espetáculos, mas ela não estava à sua espera na porta dos bastidores. E também não apareceu na noite seguinte ou na outra; todas as noites esperava vê-la à saída da sala de espetáculos, e ela nunca lá estava, mas imaginara o confronto tantas vezes que começou a parecer-lhe algo que de facto tinha acontecido. «Ouve, nesses anos em que moraste em Vancouver, deixaste a caixa de vídeos no teu quarto de infância», dir-lhe-ia. «Era óbvio que não tencionavas fazer nada com eles. Nem sequer deste pela sua falta.» «E achaste que isso queria dizer que podias ficar com eles?»,

responder-lhe-ia ela. «Pelo menos fiz alguma coisa com os vídeos», dir-lhe-ia ele e ao fim de tantos dias a imaginar essa conversa que quase começara a ansiar por ela. Afinal, o facto de nunca ter tido essa conversa com Vincent significava que, em certa medida, estava condenado a ter essa conversa com Vincent para *sempre*. Decorrera exactamente uma década desde os concertos no BAM, e ele continuava a conversar com ela, a Vincent imaginária que nunca se materializara à porta dos bastidores. «Estás a dizer-me», dir-lhe-ia ela, «que construístes uma carreira inteira à custa dos meus vídeos?» «Não foi a carreira inteira, Vincent, mas compor bandas sonoras para os teus vídeos levou a colaborações com artistas de vídeo, a atuações ao vivo em feiras de arte em Basileia e em Miami, à série de concertos na BAM, à minha bolsa de estudos, ao meu emprego como professor, a todo o sucesso que tive nesta vida.» «E achas que isso é justificação?», perguntar-me-ia ela. «Não sei, Vincent, nunca soube o que é razoável e o que não é. Mas, para que conste, depois dos concertos na BAM, não voltei a fazer atuações públicas com os teus vídeos.» «E achas que isso é uma maneira de te redimires?» «Não, sei que não é. Sei que sou um ladrão.»

— Ainda aqui estás? — perguntou-lhe Ella, e ele apercebeu-se de que talvez estivesse a fitar o vazio há algum tempo.

— Sim, desculpe. Estou um pouco esgotado por ter viajado a noite inteira.

— As festas são um pouco complicadas nessas condições — retorquiu Ella. — Vamos embora daqui, pago-te um copo noutra sítio qualquer. — Dez minutos depois, estavam num *pub* ao virar da esquina, um espaço à moda antiga com uma porta vermelha-viva e uma floresta inteira a revestir as paredes.

— Bem — disse Ella enquanto se sentavam a uma mesa. — Desculpa dizer-te isto, mas estás com péssimo aspeto.

— Estou acordado há dois dias.

— Então deve ser por isso. — Mas estava a olhá-lo de uma certa maneira. Ele tinha as suas limitações com nomes e rostos, mas não tinha qualquer dificuldade em reconhecer a pergunta que ela estava a evitar fazer-lhe.

— Como foste parar àquela festa? — perguntou ele, para a distrair. Estava profundamente ciente do saquinho de plástico que tinha dentro do bolso interior do casaco.

— O meu marido é encenador.

— O mundo é pequeno.

— A pequenez do mundo nunca deixa de me espantar.

Uma empregada de mesa recebeu os seus pedidos, e Paul desculpou-se e foi à casa de banho injetar-se, não muito, apenas o suficiente para extinguir um pouco do caos do mundo. Deixou-se ficar muito quieto dentro do cubículo durante cinco inalações profundas e depois regressou à mesa. Estava mais calmo agora, com a intensidade do *jet lag* um pouco menos evidente. Tudo estava bem. Não era preciso dormir *todas* as noites. Poderia poupar imenso tempo daí em diante, se apenas dormisse em noites alternadas.

— Bem — disse ela —, tens andado bastante ocupado desde a última vez que te vi.

— Muito. Tem sido extraordinário. — Não esperara ter sucesso, e era algo que ainda o deixava algo perplexo. — Passei para o outro lado do espelho e entrei num mundo novo e estranho onde as pessoas ouvem realmente a minha música — respondeu ele. «Nunca imaginaria tal coisa», disse a Vincent na sua mente, «simplesmente agarrei as oportunidades que se me ofereceram. Andava aos atropelos, como toda a gente...» «As oportunidades que se te ofereceram, como se não tivesses escolha?» «Jamais poderia ter antecipado esta vida», disse-lhe ele, e, na verdade, por que motivo não tentara entrar em contacto com ela depois de ambos terem deixado o hotel? Por causa do seu sentimento de culpa por a ter magoado com o grafíti e por lhe ter roubado os vídeos, obviamente, mas talvez devesse tentar encontrá-la agora. Talvez já tivesse passado tempo suficiente. Dar por si numa vida inimaginável era algo com o qual achava que ela talvez se identificasse.

— Foi uma abordagem muito interessante, essa que arranjaste — disse Ella. Estivera apenas meio atento enquanto ela lhe dizia que gostava do seu trabalho. — Vê-se tanta arte audiovisual por aí, mas essa colaboração que fizeste, a consola com a banda sonora

programável, foi altamente inovadora. — Para dois trabalhos distintos de arte audiovisual, Paul compusera vinte e quatro horas de música, apresentada sob a forma de uma coleção de peças com trinta minutos cada, que podiam ser programadas para tocar pela ordem que o comprador entendesse: um amante da noite poderia preferir algo mais rápido e contundente às três da manhã, por exemplo, passando para uma música calma por volta da ida para a cama, às cinco da manhã, ao passo que os madrugadores talvez preferissem entrar na sala de estar e ouvir algo revigorante ao nascer do sol.

— Para ser sincero, alguns desses projetos de vídeo precisam de uma banda sonora para serem minimamente interessantes — disse Paul. A cerveja à sua frente era uma péssima ideia. Se a bebesse, deitaria a cabeça em cima da mesa e adormeceria.

— Tinha alguma curiosidade em relação às tuas influências musicais — disse ela.

— Baltica — retorquiu ele. — Tudo o que faço é parecido com o som de um grupo de música eletrónica chamado Baltica que existiu em Toronto, em finais dos anos noventa.

— Ah, não fazia ideia de que tinhas feito parte de uma banda.

— Tento compor coisas que tenham um som diferente — retorquiu ele —, quero dizer, tento-o de uma forma concentrada e depois, quando termino, ouço a gravação e por alguma razão soa-me sempre como... — Cala-se e olha por cima do ombro para disfarçar o desconforto. — Acha que eles aqui têm café? — Sentia-se profundamente abalado. Nunca falara a ninguém dos Baltica e agora acabara de desabafar tudo, sem hesitação.

— Calculo que sim. — Ella acenou com a mão, e uma empregada de mesa aproximou-se.

— Um café, por favor.

— O nosso café é terrível — respondeu a empregada de mesa. — Estou só a avisar.

— Ainda assim, quero.

— De certeza que não o consigo fazer mudar de ideias? — disse ela. — Bem, se faz muita questão... Mas garanto-lhe que o vai mandar para trás.

— Tem chá preto?

— Estamos na Escócia.

— Algo extraforte — pediu-lhe Paul. — O chá mais forte que tiver. E muita quantidade. Quanto mais cafeína, melhor.

— Vou trazer-lhe um bule, então — respondeu a empregada de mesa —, e poderá deixá-lo apurar o tempo que quiser. — Paul teve a mesma sensação que costumava ter no Reino Unido, a de ter sido subtilmente ofendido e de uma maneira tão obscura que seria necessária demasiada energia para o analisar, além de que, como de costume, não sabia se o insulto era real ou um caso tipicamente canadiano de insegurança pós-colonial. «Caramba, sei como se faz chá», apeteceu-lhe responder, mas era demasiado tarde, a empregada de mesa já se afastara, e estava sozinho com Ella, que o olhava novamente com a tal expressão.

— Ainda tocas com essa banda? Os Baltica, é isso? — Entendera-o mal, mas ele também não tinha maneira de se explicar.

— Cada um seguiu a sua vida — respondeu-lhe. — Só os vejo no Facebook. A Annika anda sempre em digressão com cerca de cinco bandas diferentes. O Theo dedica-se à família. O hotel ainda existe? — ouviu-se perguntar, ansioso por mudar de assunto.

— Fechou depois de o Alkaitis ter sido preso — retorquiu ela.

4

Oito fusos horários em sentido oeste, Walter encontrava-se parado junto à janela do seu quarto, no velho edifício dos funcionários do antigo Hotel Caiette. Continuava a não haver serviço de telecomunicações nessa região, mas uns anos antes investira num telefone sem fios, para poder deambular pelo apartamento enquanto conversava com o mundo exterior.

— Nem acredito que já se passaram quase dez anos — disse a irmã. — Santo Deus. Continuas a não te sentir sozinho?

— Não sei se «sozinho» será a palavra certa. Não, não lhe chamaria «sozinho».

O último hóspede deixara o Hotel Caiette no início de 2009, dois meses após a detenção de Jonathan Alkaitis, e o resto do pessoal

partira pouco tempo depois. Sem hóspedes, um hotel continuaria a ser um hotel? Walter estava no cais quando Raphael partira.

— Vai dando notícias — disse a Walter, e os dois homens deram um aperto de mão com o entendimento mútuo de que jamais voltariam a falar. Raphael entrara no barco com um pequeno saco de viagem — os seus pertences já tinham sido enviados para Edmonton —, e a motorista, Melissa, ligou o motor. Estava a ser paga até ao final desse dia, mas nem se dera ao trabalho de vestir a farda. Iria deixar a embarcação em Grace Harbour e regressaria a casa num táxi aquático.

— Para a semana dou cá um salto — disse a Walter. — Só para ver como estás.

— Obrigado — agradeceu ele, comovido e ao mesmo tempo algo surpreendido com o gesto. Ela desprendeu as amarras do cais, e o barco lançou-se à água, desenhando um arco em torno da península e desaparecendo de vista. Estava um dia algo escuro, o mar a refletir um céu cinzento-claro, a floresta escura e a pingar com os restos da chuva da manhã. Walter ficou no cais até deixar de ouvir o barco e então virou-se e fitou o hotel vazio. Subiu o caminho de acesso e abriu as portas de vidro do átrio, trancando-as atrás de si. Raphael apagara cerimoniosamente as luzes ao sair, mas agora Walter tornou a acendê-las. A madeira escura do balcão do bar emanava um brilho ténue. Os seus passos faziam eco. O mobiliário fora todo vendido, à exceção do piano de cauda, cuja deslocação era demasiado dispendiosa. Walter tocou algumas notas, o som estranhamente alto no silêncio. Tratava-se de um silêncio real, percebeu, em nada semelhante a estar na floresta, que, mesmo no dia mais silencioso, vibrava com pequenos sons. Passou pela receção e pelo bar, em direção à escadaria.

Na *suite* maior, a Coast Royal, ficara sempre Jonathan Alkaitis. Walter pensara em mudar-se para aí — tinha um esplendor que faltava aos aposentos dos funcionários, e, como era óbvio, o zelador do hotel deveria morar no próprio hotel —, mas a ideia de dormir na cama onde Alkaitis dormira era repugnante, e Walter gostava do seu apartamento. Deambulou por todos os quartos de hóspedes, deixando as portas abertas atrás de si.

O mais estranho era não se sentir nada sozinho nesse espaço imenso, com tantos corredores e quartos vazios. Era como se o hotel estivesse assombrado, mas no sentido mais benigno possível: os quartos continuavam a ter um ar de presença, uma sensação de ocupação, como se a qualquer instante o barco pudesse chegar com hóspedes novos, e Raphael pudesse emergir do seu gabinete, a queixar-se dos problemas mais recentes com funcionários, Khalil e Larry a chegarem também para o turno da noite. Saiu para o terraço. A vista dava para o cais vazio, ensombrado no crepúsculo do início de inverno. Deixou-se ficar por algum tempo, até que se apercebeu de que estava à espera, por uma questão de hábito mas agora sem lógica nenhuma, da chegada de uma embarcação.

— Até eu tenho dificuldade em acreditar — respondeu à irmã ao telefone, em 2008 —, mas esta manhã acordei e ocorreu-me que em fevereiro fará dez anos que estou aqui como zelador. Era difícil de acreditar, mas assim era: dez anos a morar sozinho no edifício dos funcionários e a fazer de guia turístico aos pouco frequentes compradores potenciais que chegavam de táxi aquático, uma década de viagens semanais a Port Hardy para comprar mantimentos, de limpezas do hotel, de cortes de relva, de receber técnicos de reparação sempre que necessário, de leituras à tarde, de aprendizagem de piano no *Steinway* abandonado no átrio, de caminhadas à aldeia de Caiette para tomar café com Melissa; dez anos de passeios solitários na floresta, a observar as primeiras flores pálidas a brotarem da terra escura na primavera, de banhos junto ao cais nos dias mais quentes de verão, de leituras na varanda debaixo de mantas, sob a luz clara do outono, de estar sozinho no átrio com as luzes apagadas pelo prazer de assistir às trovoadas de inverno.

— Mas pelos vistos continuas a gostar — disse-lhe ela.

— Sim. E muito.

— Isolado, mas não sozinho?

— Sim, é uma boa descrição. Quem haveria de dizer — disse ele —, depois de ter trabalhado em hotéis toda a minha vida adulta,

mas a verdade é que me sinto mais feliz quando estou longe das outras pessoas.

Quando desligou, saiu do edifício dos funcionários e seguiu pelo curto trilho que atravessava a floresta em direção ao matagal atrás do hotel. Entrou pela porta das traseiras, fazendo uma nota mental para varrer e lavar o átrio nesse dia. Sem mobiliário, o átrio mais parecia um salão de baile cheio de sombras, um espaço vazio imenso com vista para a natureza selvagem do outro lado do vidro: águas interiores, linhas de costa verdes, um cais sem barcos.

5

No *pub* de Edimburgo, o chá de Paul não estava a resultar muito bem.

— Sempre fui ambicioso — ouviu-se dizer —, mas nunca pensei que alguma vez desse frutos. — Ella acenou com a cabeça, observando-o. Há quanto tempo estaria a falar sobre si mesmo? Teria adormecido por breves instantes? Não tinha a certeza. Era difícil permanecer acordado. — Os vídeos são todos ou belos ou interessantes, mas não são suficientemente belos ou interessantes sem a música a acompanhá-los. — Não o teria dito já?

— Pareces cansado — disse-lhe Ella. — Ficamos por aqui?

Olhou de relance para o relógio de pulso e ficou surpreendido ao constatar que era quase uma da manhã. Ella estava a pagar a conta.

— Bem, então boa noite — despediu-se ela — e boa sorte, Paul.

— Tenho ar de quem está a precisar de sorte? — indagou ele, com uma curiosidade sincera, mas ela limitou-se a sorrir e tornou a dar-lhe as boas-noites. Detestou-a nesse instante, enquanto se levantava e a deixava sozinha no bar (a presunção insuportável dos não viciados), mas ela não estava propriamente errada, Paul sabia que precisava de sorte, sofrera uma sobredosagem há um mês e acordara nos Cuidados Intensivos. («Bem-vindo seja, Lázaro», dissera-lhe o médico.) Fora um viciado em heroína perfeitamente funcional durante quase uma década, não só funcional como também milagrosamente produtivo, era uma questão de conhecer

os seus limites e de não correr riscos, mas o problema agora era o facto de às vezes a heroína não ser heroína, às vezes era fentanil, infiltrando-se no mercado por correio e por navio, cinquenta vezes mais potente do que a heroína e mais barato de produzir. Ouvira rumores sobre carfentanil no circuito de abastecimento, o que o aterrorizava: cem vezes mais forte do que o fentanil, aprovado para uso exclusivo como tranquilizante de elefantes. Na outra noite, lera sobre uma nova clínica de reabilitação em Utah e passara algum tempo a estudar a respetiva página *online*, vendo fotografias de edifícios brancos e baixos sob o céu do deserto. Valendo-se de um certo distanciamento e lógica, sabia que voltar a fazer uma desintoxicação não era a pior das ideias. Era fazê-lo, e pronto. Lá fora, na rua, a chuva exibia essa característica difusa que Paul associava tanto ao Reino Unido como também à Colúmbia Britânica, uma certa delicadeza, vinda de todas as direções em simultâneo.

Tinha quase a certeza de que o seu hotel ficava na direção do Royal Mile, o qual tinha quase a certeza de que ficava à esquerda, ao fundo da próxima rua. Estava a pensar novamente no Hotel Caiette, que por sua vez levou a pensamentos sobre Vincent. A rua onde se encontrava parecia-lhe agora vagamente familiar, mas não tinha a certeza se era por estar perto do hotel ou porque estava a andar às voltas. Parou e sentou-se à entrada de uma casa, porque estava cansado, e, no seu estado atual, a chuva não era um problema. Sentou-se no degrau e pousou a cabeça nos braços. Deveria tentar encontrar Vincent, entrar em contacto com ela de alguma maneira, oferecer-se para partilhar um pouco da sua sorte? Não, precisava do dinheiro. Todo. «Nunca percebi exatamente quais são as minhas responsabilidades», disse-lhe ele. Às vezes, quando falava com Vincent agora, era só ele quem falava, enquanto ela observava e o escutava. A entrada pareceu-lhe inesperadamente confortável. Faria uma pequena sesta, decidiu, descansaria por um minuto e depois iria à procura do hotel e dormiria como deve ser.

Mas não estava sozinho. Sentia alguém a observá-lo. Quando ergueu o olhar, estava uma mulher parada do outro lado da rua estreita. Envergava uma espécie de farda, com um avental branco comprido e um lenço a prender-lhe o cabelo. Devia ser a cozinheira

de um restaurante local, pensou, talvez alguém que saíra para fazer uma pausa depois de ter terminado os jantares, mas, se era uma pausa, estava a passar o tempo de uma forma muito estranha, a olhá-lo fixamente em vez de ir buscar algo para comer ou de fumar um cigarro. Parecia-lhe familiar. Não poderia ser Vincent, mas...

— Vincent? — perguntou, e talvez a tivesse imaginado. Fosse como fosse, desaparecera, mas passaria o resto da vida a contar essa história como se ela tivesse estado realmente lá, sacava dessa história como um truque de cartas sempre que a temática dos fantasmas vinha à baila — «Estava sentado num degrau em Edimburgo e vi a minha meia-irmã parada do outro lado da rua, mas depois desapareceu, como se se tivesse dissipado. Comecei a procurá-la, e semanas mais tarde descobri que ela tinha morrido exatamente nessa noite, talvez até nesse instante, a milhares de quilómetros de distância...» — e contava-a como se fosse verdade, como se não tivesse alucinado e a mulher que vira fosse realmente Vincent, e Vincent fosse realmente um fantasma, e o fantasma tivesse realmente estado na rua com ele — o que significa ser um fantasma, quanto mais estar *ali* ou *aqui*? Há tantas maneiras de assombrar alguém ou uma vida —, mas a incerteza massacrava-o, e nunca tinha a certeza; mais tarde perguntar-se-ia se a teria realmente visto de avental ou se teria acrescentado o avental à recordação em retrospectiva, depois de ter descoberto que trabalhara como cozinheira; e sempre a pergunta que não o largava, nem mesmo nesse instante, sentado numa entrada debaixo da chuva, à beira de adormecer: vira-a mesmo, parada na rua? Ou estaria embriagado e pedrado, desorientado numa cidade desconhecida, longe de casa, a delirar de cansaço e a ver coisas na escuridão?

VINCENT NO OCEANO

1

Começar pelo fim:
Mergulhar da amurada do navio
O horizonte a rodopiar uma vez, duas, a câmara a voar-me das
mãos
Foi como mergulhar em fragmentos de gelo.

2

Não, começar vinte minutos antes:
— Onde estiveste ontem à noite? — pergunta-lhe Geoffrey. — Fui
à tua procura no fim do meu turno. — É dezembro de 2018, e
estamos juntos há dois anos, numa relação intermitente; juntamo-
nos e depois separamo-nos. Existem algumas fricções: em tempos
queria casar comigo, mas há muito que decidi que jamais me
casarei e que jamais voltarei a estar dependente de outro ser
humano; fala de deixar o oceano e de morarmos juntos algures, mas
não tenho vontade nenhuma de voltar para terra. Esta noite estamos
juntos, embora tenhamos discutido há pouco, e ele está deitado do
meu lado na cama. Temos estado a observar a minha mala de
viagem deslizar de um lado para o outro no camarote. É a terceira
noite de temporal.
— Fui dar uma volta.
— Aonde? À casa das máquinas?
— No convés.
— Não estamos autorizados a ir ao convés — diz-lhe ele —,
sabes isso. Estamos confinados ao interior até o tempo melhorar.
— Vais dizer ao comandante, é? — Sorrio, mas depois percebo
que está zangado.
— É perigoso — diz-me. — Por favor, não voltes a fazê-lo.
— Só queria filmar o oceano.

— O quê? Vincent. Por favor, não me digas que estiveste debruçada na amurada a filmar coisas com este temporal.

— Importas-te de não falar tão alto, Geoff? As paredes são finas. Ouve, eu sei que ter ido ao convés foi questionável, mas valeu bem a pena. Estava lindíssimo. — Sentira-me algo imoral, lá em cima, no convés. Havia tanto poder e magnificência na tempestade. Apenas na convergência de uma tempestade com o oceano poderia um navio como o *Neptune Cumberland* parecer pequeno.

Ele senta-se na cama e começa a vestir a roupa, ainda a falar demasiado alto.

— «Questionável» não é propriamente o termo que eu empregaria, Vincent. Por amor de Deus, não voltes a fazer isso.

Se há coisa que sempre detestei na vida, de entre uma longa lista de coisas, foi darem-me ordens. Tolero-o numa cozinha, mas não no quarto, e digo-lhe isso mesmo.

— Não te estou a dar ordens. Estou a dizer-te para não ires lá para fora em plena tempestade porque não quero que morras.

— Não vou morrer. Estás a ser melodramático.

— Não, estou a ser sensato e gostava que retribuísse a porra do favor — diz, batendo com a porta ao sair do meu camarote.

Deixo-me ficar deitada durante imenso tempo, a ferver, vendo a minha mala de viagem deslizar de um lado para o outro com o balouçar do navio. O problema dos temporais é que é impossível dormir, pelo menos para mim, porque é impossível estarmos deitados na cama sem nos mexermos; quando o navio balouça, balouço com ele, o que faz da noite uma inquietude crepuscular. Por fim, levanto-me da cama e visto-me, pego na câmara e saio para o corredor. Depois dirijo-me para o convés C, ao encontro da tempestade.

O ar fresco é um bálsamo, até a chuva é maravilhosa, depois de um dia inteiro de interiores industriais bafientos. Relâmpagos rasgam os céus, e o navio fica iluminado. É difícil caminhar — tropeço e vou contra a amurada —, mas sinto esse velho estímulo que me acomete sempre que se avizinha um plano belo. Filmarei apenas uns minutos, decido, depois voltarei para dentro. Avanço até

ao canto recuado do convés C, onde a churrasqueira bate contra as próprias correntes. Ligo a câmara assim que ouço o trovão e gravo a coisa mais bela que alguma vez vi, relâmpagos a desenharem-se sobre o oceano revolto. Numa tempestade, as ondas assemelham-se a montanhas. Chuva fria no meu rosto, e sei que está na lente também, mas também isso é belo, será belo, o desfocado e as gotas de chuva. Permaneço junto à amurada, mas com a mão apoiada na amurada não consigo manter a câmara direita, por isso largo-a — por breves instantes apenas —, e num momento de calmaria, entre ondas grandiosas, debruço-me para que o plano desenhe um arco do céu até à água, o plano a apontar diretamente para o oceano.

A luz na parede atrás de mim começa a piscar. Quando olho por cima do ombro, percebo que está ali alguém comigo, do outro lado do convés.

— Está aí alguém? — pergunto, mas não obtenho resposta.

Não, estava enganada. Estou sozinha. De certeza que estou sozinha, pois pareceu-me ver uma mulher, mas sou a única mulher a bordo.

Não, ela está ali. Estou a vê-la, quase. A luz continua a piscar, o convés intermitentemente iluminado. O estranho é que essa pessoa também é intermitente, não tanto uma figura humana, mais uma perturbação no ar, uma sombra que aparece na amurada e depois desaparece, uma presença que se aproxima. Agora está muito perto. Vejo a impressão de uma mão na amurada, uma silhueta, e depois Olivia Collins está parada ao meu lado, na proa, a contemplar a água lá em baixo. Parece muito mais nova do que da última vez que a vi e também menos palpável. A chuva atravessa-a. Continuo a segurar a câmara por cima da amurada. Não consigo respirar. Ela vira-se como se fosse dizer algo, e a câmara escorrega-me da mão; num gesto reflexo, tento apanhá-la, debruçando-me demasiado, o navio dá um solavanco

Caio borda fora

Não tenho peso

a câmara a voar em direção à chuva,

o quadrado azul do visor a rodopiar na escuridão...

3

O frio é aniquilador...

4

Estou de mãos dadas com a minha mãe. Sou muito pequenina. Estamos em Caiette, a apanhar cogumelos na floresta. Uma recordação, mas é uma recordação tão intensa que tenho a sensação de viajar no tempo, de visitar esse momento. Que prazer estar aqui de novo! «Oh, olha aqui, meu amor», diz ela, baixando-se para apanhar uma coisa cor de laranja estriada da terra escura, «este aqui é um cantarelo».

5

É como o instante antes de adormecermos, quando já não estamos completamente conscientes — estamos suficientemente acordados para saber que estamos a adormecer —, mas os nossos pensamentos e as nossas recordações começam a projetar-se numa narrativa e percebemos que já começámos a sonhar: um último momento desperto, a sufocar na água do mar, vindo à tona por breves segundos num vale entre ondas, sem fôlego, sem tempo, o navio como uma massa indistinta de sombras e luzes, e depois Olivia chama-me à parte, para pedir desculpa. Estava a pensar em mim, diz-me, como acontece tantas vezes, e a pensar no oceano, na viagem no iate do Jonathan, por isso procurou-me e encontrou-me ali no navio, a filmar a tempestade. Não pensou que eu a visse. Chamou-me à parte para me dizer isso, mas chamou-me de onde? Estamos num espaço intermédio qualquer, ou pelo menos assim me parece, entre o oceano e algo em que não quero pensar...

6

Arrebata-me: palavras escritas na janela da escola quando eu tinha treze anos, as letras pálidas no vidro...

7

Uma recordação onde gostaria de me demorar mais tempo: beijar o Geoffrey no convés C, ao lado de uma parede de contentores de transporte na traseira do navio. A mão dele na minha face.

— Amo-te — sussurrou-me, e eu sussurrei-lho também. Já o dissera antes, mas parecia-me que nunca soubera o significado dessas palavras até esse instante...

8

Mas agora o Geoffrey Bell e o Felix Mendoza estão parados no convés junto às escadas de embarque, sob uma chuva miudinha, as gruas cor de laranja do Porto de Roterdão lá no alto. O Geoffrey tem a barba por fazer e umas olheiras enormes. Não é uma recordação.

— Sabes que isto te faz parecer culpado — diz-lhe o Felix.

— Juro por Deus que não sei o que lhe aconteceu. — A voz do Geoffrey falha-lhe; engole em seco e fecha os olhos por breves instantes, enquanto o Felix o olha fixamente. — Mas receio que, caso fique, seja acusado de homicídio. — Felix assente com a cabeça, dão um aperto de mão, e depois Geoffrey dá meia-volta e desce as escadas, os ombros erguidos sob a chuva. Parece tão só e desolado. Quem me dera poder ir ter com ele, tocar-lhe no ombro e dizer-lhe que estou bem, que agora estou em segurança e que nada me poderá magoar, mas há alguma confusão, alguma distância, ele dissipa-se...

9

Estou num hotel que reconheço. Acho que é no Dubai, mas este sítio não é como os outros lugares e recordações que tenho estado a visitar. Tem algo de irreal. Estou parada junto a uma fonte, no átrio.

Ouçõ passos e, quando ergo o olhar, vejo o Jonathan. Estamos num não lugar, num lugar-sonho, um lugar cujos pormenores estão em constante mudança. Não há mais ninguém. Sinto-me mais real aí do que noutro lugar qualquer; o Jonathan consegue ver-me, percebo-o na expressão de surpresa que exhibe, e é possível falar.

- Olá, Jonathan.
- Vincent? Não te reconheci. O que fazes aqui?
- Estou de visita.
- Vens de onde?

«Venho do oceano», quase lhe respondo, mas nesse momento distraio-me porque tenho a impressão de ver o Faisal passar junto à janela com uma mulher que me parece vagamente familiar — será a Yvette Bertolli? — e, seja como for, não estou propriamente no oceano, ou se estou, também estou noutro lugar ao mesmo tempo...

10

Passou-se algum tempo. Tenho estado à deriva entre memórias. Visito uma rua numa cidade distante onde o meu irmão se encontra sentado à entrada de uma casa, porque o ouvi falar comigo, mas, quando ergue o olhar e me vê, não tem nada para me dizer; deambulo durante algum tempo por Vancouver, caminhando pelo bairro onde morei quando tinha dezassete anos, embora «caminhar» não seja a palavra certa para descrever a forma como me desloco agora; procuro a Mirella e encontro-a sentada sozinha e pensativa num interior bonito, uma espécie de águas-furtadas, a olhar fixamente para o telemóvel; ergue o olhar e franze o sobrolho, mas não parece ver-me...

11

Na recordação, estou de volta ao Le Veau d'Or, nesse interior vermelho e dourado, a ouvir o investidor do Jonathan com quem menos simpatizo falar sobre uma cantora. Não, não é uma cantora, é um esquema Ponzi.

— Não reconheceu uma oportunidade — disse Lenny Xavier, falando sobre a cantora. — Já eu, quando conheci o teu marido... Assim que percebi como funcionava o fundo de investimento dele... Era uma oportunidade, e agarrei-a.

Vi o ar alarmado do Jonathan, a maneira como se inclinou para a frente quando falou, o seu desespero evidente para evitar que o Lenny desse com a língua nos dentes:

— Não entediemos as nossas esposas maravilhosas com conversas sobre investimentos.

E o esgar do Lenny quando ergueu o copo:

— Só estou a dizer que o meu investimento se revelou melhor do que esperava.

Ele sabia, mas eu também sabia, senão os pormenores do esquema, pelo menos a *existência* de um esquema, porque já andava a fingir ser a esposa do Jonathan há vários meses, simplesmente escolhi não compreender...

12

Procuro novamente o Paul e encontro-o no deserto, no exterior de um edifício branco e baixo que parece cintilar no crepúsculo. Acaba de transpor a porta e está a acender um cigarro com as mãos trémulas. Ergue o olhar e vê-me, deixa cair o cigarro e depois apanha-o do chão.

— Tu — diz ele. — És tu, não és? Estás mesmo aqui?

— Não sei como responder a qualquer uma dessas perguntas — digo-lhe.

— Ainda agora falei de ti — diz-me —, na minha sessão. Estava a contar ao meu orientador todas as coisas que nunca contei a ninguém. — Não lhe vejo o rosto com clareza por causa da luz que esmorece, mas parece ter estado a chorar. — Vincent, antes que voltes a desaparecer, posso dizer-te?

— Dizer-me o quê?

— Que lamento — diz ele. — Lamento imenso, tudo.

— Eu também fui uma ladra — respondo-lhe —, ambos fomos corrompidos. — E vejo que ele não compreende, mas não quero ficar ali a explicar-lho, há outro lugar onde prefiro estar, por isso afasto-me do deserto e para longe do Paul, em direção a Caiette.

Estou na praia, não muito longe do cais onde o barco dos Correios costuma atracar, e a minha mãe está ali. Está sentada a alguma distância, em cima de um pedaço de madeira flutuante, as mãos cruzadas sobre o colo, com o ar de quem aguarda pacientemente um encontro marcado. Ainda tem o cabelo

entrançado, ainda tem 36 anos, ainda enverga o casaco vermelho que tinha vestido no dia em que desapareceu. Foi um acidente, é claro que foi, jamais me teria deixado de propósito. Esperou tanto tempo por mim. Esteve sempre ali. Esta foi sempre a minha casa. Está a contemplar o oceano, as ondas na praia, e ergue o olhar em surpresa quando digo o nome dela.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à boa gente da Lloyd's List, por me terem permitido uma subscrição experimental de modo a poder ler mais sobre expedição, e também gostaria de agradecer a Rose George, pelo seu livro fascinante sobre essa indústria, *Ninety Percent of Everything*. Embora todas as personagens deste livro sejam totalmente fictícias, o crime financeiro na narrativa baseia-se no esquema Ponzi de Bernard L. Madoff, que entrou em colapso em dezembro de 2008. Devo muito a dois excelentes livros sobre o assunto: *Too Good to Be True*, de Erin Arvedlund, e *The Wizard of Lies*, de Diana B. Henriques.

Obrigada à minha maravilhosa agente, Katherine Fausset, e às suas colegas da Curtis Brown, em Nova Iorque; às minhas editoras — Jennifer Jackson, Sophie Jonathan e Jennifer Lambert — e aos seus colegas da Knopf, em Nova Iorque, da Picador, em Londres, e da Harper-Collins Canada, em Toronto; à Anna Weber e aos seus colegas da United Agents, no Reino Unido; à Laurel Cerand e ao Kevin Mandel, por terem lido os primeiros esboços do manuscrito; e à Michelle Jones, a antiga ama da minha filha, por ter tomado tão bem conta dela durante o tempo que demorei a escrever este livro.

